

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Faculdade de Ciências  
Campus de Bauru  
Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência**

**Viviane Clotilde da Silva**

**NARRATIVAS DE PROFESSORAS QUE ENSINAM  
MATEMÁTICA NA REGIÃO DE BLUMENAU (SC): SOBRE  
AS FEIRAS CATARINENSES DE MATEMÁTICA E AS  
PRÁTICAS E CONCEPÇÕES SOBRE ENSINO E  
APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA**

**BAURU**

**2014**

**Viviane Clotilde da Silva**

**NARRATIVAS DE PROFESSORAS QUE ENSINAM  
MATEMÁTICA NA REGIÃO DE BLUMENAU (SC): SOBRE  
AS FEIRAS CATARINENSES DE MATEMÁTICA E AS  
PRÁTICAS E CONCEPÇÕES SOBRE ENSINO E  
APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA**

Tese apresentada a Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência como requisito à obtenção do título de Doutor em Educação para Ciência (área de concentração: Ensino de Ciência) sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica.

**BAURU**

**2014**

Silva, Viviane Clotilde da.

Narrativas de Professoras que Ensinam Matemática na Região de Blumenau (SC): sobre as Feiras Catarinenses de Matemáticas e as práticas e concepções sobre ensino e aprendizagem de matemática / Viviane Clotilde da Silva, 2014  
321 f.

Orientador: Antonio Vicente Marafioti Garnica

Tese (Doutorado)- Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2014


1. Educação Matemática. 2. Concepções e Práticas. 3. Anos Iniciais da Escola Formal. 4. Feiras Catarinenses de Matemática. 5. Formação de Professores. 6. História Oral I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE VIVIANE CLOTILDE DA SILVA,  
DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, DO(A)  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU.**

Aos 14 dias do mês de abril do ano de 2014, às 14:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-graduação da Faculdade de Ciências, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. ANTONIO VICENTE M GARNICA do(a) Departamento de Matemática / Faculdade de Ciências de Bauru, Profa. Dra. IVETE MARIA BARALDI do(a) Departamento de Matemática / Faculdade de Ciências de Bauru, Profa. Dra. MARIA EDNEIA MARTINS SALANDIM do(a) Departamento de Matemática / Faculdade de Ciências de Bauru, Prof. Dr. FÁBIO DONIZETI DE OLIVEIRA do(a) Departamento Jurídico/Caixa Econômica Federal, Profa. Dra. ROSINETE GAERTNER do(a) Departamento de Matemática/Fundação Universidade Regional de Blumenau, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da TESE DE DOUTORADO de VIVIANE CLOTILDE DA SILVA, intitulada "Narrativas de professoras que ensinam matemática na região de Blumenau (SC): sobre as feiras catarinenses de matemática e as práticas e concepções sobre ensino e aprendizagem de matemática". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

  
Prof. Dr. ANTONIO VICENTE M GARNICA

  
Profa. Dra. IVETE MARIA BARALDI

  
Profa. Dra. MARIA EDNEIA MARTINS SALANDIM

  
Prof. Dr. FÁBIO DONIZETI DE OLIVEIRA

  
Profa. Dra. ROSINETE GAERTNER

**Dedico aos meus pais,  
exemplos de amor e determinação.**

## AGRADEÇO

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica, pela confiança, disponibilidade, paciência e apoio em todos os momentos. Muito obrigada pelo aprendizado!

Ao Prof. Dr. Marcelo Carbone Carneiro, por me aceitar como orientanda no início do doutorado.

Aos professores que aceitaram participar das minhas bancas de qualificação e defesa. Suas contribuições foram muito importantes para minha pesquisa.

A cada uma das professoras colaboradoras – Maria Adélia Bento Schmidt, Mirian Vivan de Oliveira, Rose Mary do Nascimento Agostini, Loriane Furrbringer Dalcastagne, Luiza Maria Felippi Antônio, Sandra Maria Buchmann, Elnor Jennrich Teske, Íris Tuty Dalcanle Araújo, Alcírís de Oliveira Zabel, Lúcia Margarida Braun Guckert, Sandra Terezinha Sartori Martini, Gisela Bononomi, Guilhermina Campos Mattedi, Salete de Oliveira e Catleen May Gumz Fink –, pelo carinho e disponibilidade em me receber e compartilhar comigo seus depoimentos.

Aos membros do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), pelo acolhimento, pelo apoio e pelas contribuições ao meu trabalho e pelas leituras sugeridas.

Aos participantes da Comissão Central Organizadora Permanente (CCO) das Feiras de Matemática, aos professores das secretarias de educação que me auxiliaram a encontrar algumas professoras colaboradoras e à equipe do Laboratório de Matemática da FURB (LMF) (bolsistas e professores), em especial ao professor Vilmar José Zermiani, que não mediram esforços para me auxiliar na busca por dados sobre as Feiras de Matemática.

Às amigas Thais, Geisa, Ivete, Liz, Juliana, Henriette, Luciane, Janaína e Neusa, que sempre estiveram presentes.

A Rosinéte, que sempre me apoiou, desde quando este doutorado era apenas uma intenção.

Aos professores, funcionários e colegas da Universidade Regional de Blumenau (FURB), pelo incentivo, apoio e auxílio. Em especial, a Márcia e a Maria Adélia.

À minha família, meu porto seguro. Agradeço pelo carinho, por entender minhas ausências e crises de mau humor. Enfim, pelo apoio incondicional!

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar e analisar narrativas que, em seu conjunto, permitiram atribuir significado a concepções e práticas atualmente vigentes, relacionadas ao ensino e à aprendizagem de Matemática nos Anos Iniciais, em escolas do estado de Santa Catarina. Ressalta-se, nesse panorama, as Feiras Catarinenses de Matemática. Valendo-se da metodologia conhecida como História Oral, foram coletados, editados e estudados depoimentos de quinze professoras atuantes no início da escolarização formal que têm ou tiveram envolvimento com as Feiras de Matemática ao longo dos vinte e cinco anos de desenvolvimento desse evento e (b) de um dos criadores e atual coordenador das Feiras, além de documentos (relatórios, atas, anais e livros) específicos sobre elas. Com esse enfoque, pudemos compreender – ainda que parcialmente, como ocorre necessariamente nos estudos que têm “concepções” como tema central – aspectos das concepções sobre a Matemática e como se desenvolve seu ensino e aprendizagem nas escolas e, ao mesmo tempo, traçar uma Historiografia das Feiras Catarinenses de Matemática. Ampliando a noção de Historiografia, essa narrativa sobre as Feiras não apenas enumera e reedita informações disponíveis em fontes escritas, mas incorpora as experiências relatadas pelas depoentes, fundamentais não apenas para compreender o evento, mas como possível contribuição para sua avaliação.

**Palavras-chave:** Educação Matemática. Concepções e Práticas. Anos Iniciais da Escola N  
Formal. Feiras Catarinenses de Matemática. Formação de Professores. História Oral.



## **ABSTRACT**

This research aims to present and analyze narratives that, as a whole, allowed assigning meaning to conceptions and practices related to the teaching and learning of mathematics in the elementary schooling system in the State of Santa Catarina. In this scenario, the Mathematics Fairs of Santa Catarina are noteworthy. Drawing on the methodology known as Oral History, were collected, edited and studied depositions of (a) fifteen active teachers at the beginning of formal schooling, all of them involved with mathematics fairs and (b) one of the creators and current coordinator of the fairs. It was also used as sources to our study specific documents (reports, minutes, proceedings and books) about the fairs. With this approach, we can understand - even if only partially, as necessarily occurs in studies that have "conceptions" as their central theme - aspects of conceptions of mathematics and how teaching and learning of Mathematics is effectively occurring in schools, how these conceptions materialize in practices and how practice works to create conceptions. We also draw a Historiography of Mathematics Fairs of Santa Catarina, taking such historiography as a narrative. Extending the notion of historiography, this narrative not only lists and reissue information available in written sources, but incorporates the experiences reported by our respondents, important not only to understand the event, but as a possible contribution to its review.

**Keywords:** Mathematics Education. Conceptions and Practices. Initial Years of Formal Schooling. Mathematics Fairs of Santa Catarina. Teachers Formation. Oral History.

## LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

ACAFE	-	Associao Catarinense das Fundaoes Educacionais
ACT	-	Admissão em Caráter Temporário
APAE	-	Associao de Pais e Amigos dos Excepcionais
APP	-	Associao de Pais e Professores
CADES	-	Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário
CAPES	-	Coordenao de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAEC	-	Campanha de Aperfeiçoamento e Expansão do Ensino Comercial
CNPq	-	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CCO	-	Comissão Central Organizadora
CEFAM	-	Centro Específico de Formao e Aperfeiçoamento do Magistério
CETISA	-	Centro Educacional Timbó S.A.
CRE	-	Coordenadoria Regional de Educao
FAPESC	-	Fundao de Amparo  Pesquisa e Inovao do Estado de Santa Catarina.
FEBE	-	Centro Universitário de Brusque
FEDAVI	-	Fundao Educacional do Alto Vale do Itajaí
FUB	-	Fundao Universitária de Blumenau
FURB	-	Universidade Regional de Blumenau
GEAD	-	Grupo de Estudos e Aperfeiçoamento Docente
GERED	-	Gerência Regional de Educao

GEREI	-	Gerência de Educação e Inovação
GHOEM	-	Grupo de História Oral e Educação Matemática
HEM	-	Habilitação Específica para o Magistério
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFC	-	Instituto Federal Catarinense
LDB	-	Lei de Diretrizes e Bases
LMF	-	Laboratório de Matemática da FURB
MCS	-	Modelo dos Campos Semânticos
MEC	-	Ministério de Educação
NAES	-	Núcleo Avançado de Ensino Supletivo
NEEM	-	Núcleo de Estudos de Ensino da Matemática
NEL	-	Núcleo de Estudos Linguísticos
PADCT	-	Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
PCN	-	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROPEX	-	Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão
SEMED	-	Secretaria Municipal de Educação
SESI	-	Serviço Social da Indústria
SOAC	-	Sistema on line de Acompanhamento de Conferências
SPEC	-	Subprograma Educação para a Ciência
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UCRE	-	Unidade de Coordenação Regional de Educação
UFSC	-	Universidade Federal de Santa Catarina

UFSX	-	Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário
UNASP	-	Centro Universitário Adventista de São Paulo
UNESP	-	Universidade Estadual Paulista
UNIASSELVI	-	Centro Universitário Leonardo da Vinci
UNIDAVI	-	Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
UNIFEBE	-	Centro Universitário de Brusque
UNISUL	-	Universidade do Sul de Santa Catarina.
UNIVILLE	-	Universidade da Região de Joinville
UNOESC	-	Universidade do Oeste de Santa Catarina

## SUMÁRIO

1. EU, O PESQUISADOR; A PESQUISA E SEU RELATO .....	14
2. PROFESSORAS COLABORADORAS .....	19
2.1. Maria Adélia Bento Schmidt .....	19
2.2. Mirian Vivam de Oliveira .....	30
2.3. Rose Mary do Nascimento Agostini .....	37
2.4. Loriane Furrbringer Dalcastagne .....	45
2.5. Luiza Maria Felippi Antônio .....	53
2.6. Sandra Maria Buchmann .....	60
2.7. Elnor Jennrich Teske .....	76
2.8. Íris Tuty Dalcanle Araújo .....	86
2.9. Alciris de Oliveira Zabel .....	93
2.10. Lúcia Margarida Braun Guckert .....	104
2.11. Sandra Terezinha Sartori Martini .....	119
2.12. Gisela Bononomi .....	130
2.13. Guilhermina Campos Mattedi .....	138
2.14. Salete de Oliveira .....	148
2.15. Catleen May Gumz Fink .....	155
3. EXPERIÊNCIAS, NARRATIVAS E HISTÓRIA ORAL: aspectos metodológicos desta investigação .....	162
4. FEIRAS CATARINENSES DE MATEMÁTICA .....	185

4.1. Feiras de Matemática de Santa Catarina .....	187
4.2. Outras questões referentes às Feiras Catarinenses de Matemática .....	213
4.3. A Avaliação das Feiras pelas Professoras Colaboradoras .....	216
5. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS .....	220
5.1. Um pouco sobre a Origem e Evolução da Escola e da Formação de Professores na Europa no Período do séc. VIII ao séc. XIX .....	220
5.2. A Escola e a Formação Docente no Brasil .....	225
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	280
7. REFERÊNCIAS .....	285
8. APÊNDICES .....	291
8.1. APÊNDICE 1: Roteiro das Entrevistas .....	291
8.2. APÊNDICE 2: Carta de Apresentação .....	293
8.3. APÊNDICE 3: Cartas de Cessão das Professoras Colaboradoras .....	295
8.4. APÊNDICE 4: Entrevista do Professor Vilmar José Zermiani .....	310
8.5. APÊNDICE 5: Carta de Cessão do Professor Vilmar José Zermiani .....	319
8.6. APÊNDICE 6: Quadro com os Números das Feiras Catarinenses.....	320

## 1. EU, O PESQUISADOR; A PESQUISA E SEU RELATO

Meu nome é Viviane Clotilde da Silva. Nasci em Blumenau, Santa Catarina (SC), no ano de 1971. Como a maioria das professoras que colaboraram com este meu trabalho de doutorado, cursei o Magistério como curso secundário. Em 1989, ingressei na Licenciatura em Matemática, na Universidade Regional de Blumenau, e, em 1997, terminei o Mestrado em Educação Matemática, no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), *campus* de Rio Claro, São Paulo. Durante a graduação, lecionei alguns anos na Educação Básica (Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio) e, após o Mestrado, ao retornar para Blumenau, iniciei minha carreira no Ensino Superior, na mesma Universidade na qual havia me graduado.

Como professora de Matemática e pesquisadora no campo da Educação Matemática, meu olhar está – sempre esteve – atento às questões do ensino e da aprendizagem de Matemática. Porém, por algum motivo que não consigo precisar de modo objetivo, orbito, particularmente e sempre, o mundo do professor dos Anos Iniciais da escolarização e lanço a ele, com muita atenção, meu olhar, ainda que, atualmente, esteja imersa em cursos superiores e nem sempre formando professores que atuarão com as crianças da Educação Básica. Essa preocupação com os Anos Iniciais levou-me a incorporar aos meus afazeres acadêmicos alguns projetos e estudos relacionados à formação de professores desse nível de ensino. Em 1999, por exemplo, comecei a trabalhar com mais afinco em um projeto do qual já havia participado durante os anos da graduação: o das Feiras de Matemática no estado de Santa Catarina.

A participação nesses eventos me possibilitou verificar que, apesar das variadas críticas ao trabalho dos professores dos Anos Iniciais em relação ao ensino de Matemática, há muitos deles que, malgrado suas condições de formação e atuação – nem sempre condizentes com a importância de sua tarefa de educar – desenvolvem trabalhos significativos e diferenciados nessa área, e muitos, ainda, manifestam abertamente seu comprometimento e esforço em relação a uma disciplina um tanto quanto negligenciada nas instâncias iniciais de sua formação.

Com o tempo, essa minha preocupação com o ensino da Matemática nos Anos Iniciais, os meus trabalhos voltados à formação (que, por um lado, mostravam a grande dificuldade de alguns docentes no ensino de Matemática) e a participação nas Feiras de Matemática (que, por outro lado, me permitia conhecer professores muito envolvidos com a Matemática) desencadearam, paulatinamente, um desejo de desenvolver uma pesquisa mais sistemática sobre as práticas e as concepções dos professores desse nível de ensino.

Assim, no ano de 2008, entrei em contato com o professor Antônio Vicente Marafioti Garnica para conversarmos sobre a possibilidade de, juntos, desenvolvermos a referida pesquisa. A impossibilidade de participar, em Rio Claro, das reuniões do Grupo de Pesquisa<sup>1</sup>, devido aos meus compromissos profissionais em Blumenau, dificultou um pouco o início dos estudos. Passei, no entanto, todo o ano de 2008 realizando leituras e construindo o projeto. Nesse mesmo ano, fiz minha inscrição para o exame de seleção ao Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP, em Rio Claro, mas não fui aprovada. No ano seguinte, fiz a inscrição para o processo de seleção ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, da UNESP de Bauru. Aprovada nesse segundo exame, iniciei meus estudos de doutorado no ano de 2010, com a intenção de desenvolver uma pesquisa sobre as concepções e as práticas de professores dos Anos Iniciais de escolarização do estado de Santa Catarina e propor a utilização da metodologia da História Oral.

Não estavam ainda claros, entretanto, muitos dos pontos que eu pretendia abordar na investigação: mesmo minhas apreensões sobre a História Oral eram vagas, como também eram lacunares minhas compreensões ou elaborações teóricas sobre concepções, narrativas, práticas, experiência e muitos outros termos e expressões que, aos poucos, foram se mostrando vitais para encaminhar melhor minhas expectativas a respeito do que deveria ser um trabalho de doutorado cujo tema eu havia inicialmente fixado.

Dediquei-me, então, a leituras e discussões que pudessem me auxiliar a constituir o solo no qual eu assentaria essa investigação que agora apresento. O que consegui, com todo esse meu esforço humano, é ainda certamente lacunar e provisório, mas é segundo esta perspectiva

---

<sup>1</sup> O Grupo de Pesquisa “História Oral e Educação Matemática” (GHOEM) é o grupo que acolhe todas as pesquisas orientadas pelo professor Antônio Vicente Marafioti Garnica, além de outras pesquisas de membros do mesmo Grupo. Seus encontros mais frequentes ocorrem na UNESP de Rio Claro, ainda que haja encontros esporádicos na UNESP de Bauru, onde o GHOEM tem uma sala de estudos específica, com o acervo de livros antigos do Grupo.



que apresento as compreensões que me foram possíveis ao tentar vincular concepções, práticas, experiências, Ensino Básico, Matemática e as Feiras de Matemática do Estado de Santa Catarina.

A partir deste momento, passarei a escrever na terceira pessoa do plural, uma vez que esta tese não é resultado de um trabalho que desenvolvi sozinha, mas resultado de esforços compartilhados com meu orientador e com os demais membros do GHOEM.

Quando, em seu trabalho de doutorado, o professor Carlos Vianna (2000) assume que o que importa são as vidas, entendemos que não afirma que apenas as vidas são importantes, ou que as vidas são mais importantes que as compreensões que temos delas ou o esforço de apreendermos o modo como as vidas se manifestam e como, a partir dessa apreensão, constituímos saberes para enfrentar nossos fazeres e constituir possibilidades de ação e de pesquisa. Entendemos, sim, que as vidas e as circunstâncias dessas vidas são vitais para o frescor de uma elaboração pautada na História Oral e que as vidas narradas são o material sempre inédito – talvez o mais inédito entre os inéditos – que uma pesquisa pode apresentar. Isso porque, a partir das narrativas das vidas, a partir das narrativas das experiências que são de outros, mas que, querendo conhecê-las, incorporamos ao nosso acervo de vivências (passando, de certo modo, a vivê-las), construímos uma cadeia de compreensões à qual estão atreladas as vidas dos outros, a nossa vida, a nossa vida com os outros e toda a trama de leituras e discussões que vão se constituindo no esforço de compreender o que não compreendíamos. Desse modo, o importante são as vidas, os relatos das vidas, pois esses relatos disparam, de um modo inédito, uma cadeia infinita de possibilidades, uma sequência na qual outros elementos – tão importantes quanto as vidas – surgem e permitem que nos constituamos a nós mesmos do mesmo modo como os narradores se constituem a si próprios no exercício de narrar, pois narrar é, sempre, constituir-se.

Pelo motivo exposto, este trabalho, depois desta breve introdução, apresenta vidas: relatos de 15 professoras da Educação Básica do estado de Santa Catarina que, por terem participado ativamente das Feiras de Matemática, foram convidadas a colaborar conosco nesta empreitada, e que, com suas narrativas, tentaram ultrapassar o incomunicável que habita todo movimento de comunicação. Essas professoras nos contaram suas expectativas quanto à carreira, seus envolvimento com as Feiras, aspectos de suas formações acadêmicas, de suas infâncias e de sua atuação como professoras e tantas outras coisas. Dessas coisas todas – que

ouvimos atentamente e registramos cuidadosamente nas textualizações que abrem este trabalho – constituímos sentidos possíveis para o que nos impusemos como tema. A vinculação entre concepções, práticas, experiências, Feiras de Matemática e Ensino Básico pode até parecer um tema fluido, mas é pensando nesse sistema de conceitos, termos e expressões que esta pesquisa se materializa, que se torna o que ela é.

Depois das textualizações, iniciamos a apresentação das questões metodológicas e as elaborações teóricas sobre os procedimentos de coleta de informações para esta pesquisa e sobre termos e expressões que ocorrem em todo este trabalho.

Essas elaborações teórico-metodológicas foram desenvolvidas tendo como aporte os trabalhos desenvolvidos no mesmo Grupo do qual fazemos parte, o GH OEM, assim como textos de Walter Benjamin, António Bolívar Botía e Jorge Larrosa Bondía. Esse material nos serviu de ponto de partida e alimentou nosso movimento de compreensão sobre as vidas, as circunstâncias dessas vidas e o que nos seria possível aprender com essas vidas e circunstâncias.

Na sequência, iniciamos nosso exercício de análise. O que chamamos de análise, aqui, é a trama de elaborações que nos foi possível tendo à nossa frente as textualizações e, em mente, aquele sistema de termos e expressões que constituem o tema de minha pesquisa. Buscamos captar o que nos pareceu estar – ora latente, ora explicitamente – nas narrativas das professoras: buscamos articular recortes discursivos para detectar eixos de estabilidade nas várias “coisas” que ouvimos e entre as infinitas “coisas” que poderiam ser buscadas nas narrativas de que dispúnhamos. As Feiras de Matemática, por certo, constituem um desses eixos, já que toda a busca às colaboradoras (e boa parte das conversas com as quais mantivemos) teve as Feiras como personagem central. Buscando entender os significados que eram atribuídos às Feiras, o modo como as avaliações nelas acontecem e o que as motiva a participar desses eventos, fomos elaborando um olhar sobre as Feiras, as quais vimos como lugares praticados e, portanto, lugares em que concepções sobre o ensino e a aprendizagem de Matemática se insinuavam. A essas compreensões julgamos apropriado – seguindo uma sugestão da banca de qualificação deste trabalho – agregar um estudo sobre a história dessas Feiras, suas características, seus objetivos declarados nos vários documentos que delas tratam, sua cronologia e seus resultados mais objetivos. Elaboramos, então, algo semelhante a uma

historiografia das Feiras, ao mesmo tempo em que nos detivemos a criar sentidos para a Feira a partir das experiências narradas pelas professoras que entrevistamos.

Os outros passos do que aqui chamamos de análise entram mais especificamente na sala de aula dessas professoras colaboradoras (um espaço pelo qual, de um modo ou outro, já transitamos, também, quando tratamos, no eixo anterior, das Feiras) e tentam atribuir sentido, inicialmente, às práticas educativas “menos específicas”, ou seja, da educação escolar “mais geral”, dado que, nas instâncias da educação inicial – em que atuam essas professoras – não há propriamente uma divisão em disciplinas, ao modo do que ocorre em outras séries dos Ensinos Fundamental e Médio. Não se trata, então, de investigar propriamente as práticas (e concepções) relativas ao ensino de Matemática, mas as práticas (e concepções) relativas ao ensino em geral. Tratar desse nível de ensino, entretanto, implica lembrar que as colaboradoras desta pesquisa não necessariamente têm formação em cursos de Licenciatura em Matemática. Elas são o que a literatura atual tem chamado, não de “professoras de Matemática”, mas de “professoras que ensinam Matemática”. Isso nos levou a focar, nesse momento da análise, a formação prévia dessas professoras. Num momento posterior, entretanto – ou seja, no que se configurou como um terceiro eixo de análise – tentamos investigar as práticas relativas ao ensino de Matemática, isto é, ao modo como, nas salas de aula, são criadas estratégias para tratar conteúdos matemáticos. Novamente nesse caso, aspectos da formação inicial dessas professoras voltaram à cena, haja vista que a presença da Matemática nesses cursos de graduação é um fator importante nesse contexto em que tentamos compreender como professoras que ensinam Matemática pensam os conteúdos e as estratégias para discuti-los em sala de aula, ou seja, como pensam o ensino desses conteúdos mais específicos ou, ainda, como, efetivamente, “ensinam Matemática” ou pensam ensinar Matemática. Certamente, voltam também à cena as Feiras, posto que esse lugar praticado se constitui em uma entre as estratégias desenvolvidas por essas professoras para educar matematicamente seus alunos. Isso implica, por fim, que os três eixos de análise – Feiras de Matemática, Sala de Aula e o Ensino em Geral e Práticas Relativas ao Ensino da Matemática – estão intimamente relacionados e que, talvez, só tenham sido divididos em três eixos, aqui, devido à nossa limitação humana de analisá-los ao mesmo tempo e em conjunto.

## 2. PROFESSORAS COLABORADORAS

### 2.1. Maria Adélia Bento Schmitt

Entrevista realizada em 07 de outubro de 2010, na Universidade Regional de Blumenau onde trabalha a depoente, na cidade de Blumenau<sup>1</sup> (SC). Duração da gravação: aproximadamente, 35min.

A professora Maria Adélia foi a primeira entrevistada da minha pesquisa, pois a mesma trabalha comigo na FURB<sup>2</sup>. A entrevista foi marcada para o dia sete de outubro de 2010, às dezesseis horas, na sala I-501 da universidade. Maria Adélia nasceu na cidade de Blumenau, em 1952. cursou o Magistério e fez as faculdades de Ciências do Primeiro Grau e Matemática na FURB, em Blumenau (SC). Também fez pós-graduação (*lato sensu*) em Alfabetização Matemática e Mestrado em Educação. Começou a lecionar nas Séries Iniciais com 16 anos, quando estava no segundo ano do Magistério. Participou das primeiras edições das Feiras Catarinenses de Matemática e, desde então, está envolvida seja avaliando trabalhos ou auxiliando professores que estão desenvolvendo trabalhos com seus alunos, pois leciona no Curso de Pedagogia da Universidade Regional de Blumenau. Durante a entrevista, respondeu a todas as questões com o máximo de detalhes possível.

*“A Matemática apareceu por acaso na minha vida. Porque eu quis vencer, por mim mesma, os traumas que eu tive quando criança em relação à Matemática. Foi isso que aconteceu.”*

A minha família era só eu e minha irmã, Maria Teresa. Quando meu irmão Saul nasceu, eu já tinha 10 anos, e minha irmã mais nova, Maria Crescência nasceu quando eu já tinha 13 anos. No começo, era sempre eu e Teresa. E a gente não podia brincar com as outras crianças, era só entre nós. Só eu e minha irmã é que podíamos brincar. Lá onde nós morávamos, se eu lembro, a educação era muito rígida: a gente só podia sair com o pai e a mãe, e a gente ia à

---

<sup>1</sup> Blumenau, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 129 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>2</sup> FURB: Universidade Regional de Blumenau, situada em Blumenau (SC).

missa, basicamente. Ia à missa e voltava. Às vezes, tinha uma festa, a gente gostava de ir, mas não podia porque o pai não deixava. Minha educação foi muito... às vezes, fazia umas travessuras, eu e minha irmã, mas nós apanhávamos bastante por isso. Mas, assim, algumas travessuras a gente inventou, eu e minha irmã. Quando tinha 10 anos, veio meu irmão, eu estava na quarta série. A minha mãe era professora. Ela foi diretora da Escola Alice Thiele<sup>3</sup>, onde eu estudei e depois também fui professora por 18 anos. Ela foi a primeira professora da Escola Alice Thiele, lá da rua Araranguá, e trabalhou 36 anos como professora.

Eu entrei na aula com 6 anos porque eu queria. Sempre quis ser professora; desde que me conheço por gente, eu sempre quis ser professora. Na escola, eu era a filha mais velha, e a minha mãe era professora; então eu não podia fazer nada de errado, tinha que ser exemplo. Sempre tive que ser o exemplo de todas as coisas, principalmente na escola.

No primeiro ano, minha professora era Dona Ondina: era alta, bonita, usava sempre aquelas saias bem compridas, bem rodadas; era uma mulher bem bonita. A minha primeira professora, eu me lembro muito bem dela. Mas só que, como é que eu aprendi? Tudo na base do medo, e eu tinha dificuldade. Na primeira série não, porque eu entrei com 6 anos. Com seis anos, a minha mãe me colocou porque eu tinha vontade, mas não podia. Aí, ainda com seis anos, passei para o segundo ano. Depois, no segundo ano, quando tinha 7 anos, a minha mãe foi minha professora. E eu reprovei em Matemática.

Com a minha mãe como professora. E ela conta (até às vezes eu digo pra ela: *'Por que contar estas coisas para a gente?'*) A gente não tem que saber disso, né?) que o inspetor escolar queria me passar, porque, na realidade, eu tinha passado em todas as matérias, em História, Geografia, em Língua Portuguesa, eu era muito, muito boa na escrita, não tinha quase erros, mas nos problemas, tinha feito os problemas errados. E ele até perguntou se queria que me passasse. Ela falou que não, que não queria que passasse, que eu ficasse mais um ano. Porque eu tinha 7 anos, então eu fiquei mais um ano, com ela de novo como professora. Foi um trauma grande. Durante muito tempo na minha vida, teve essa coisa da Matemática, essa coisa da burrinha, eu sempre era considerada a burrinha da família, porque nunca passei direto, sempre ficava em exame. Os meus irmãos, minhas irmãs e meu irmão nunca ficaram em exame, e eu sempre fiquei. Toda vida encontrei sempre muita dificuldade assim na disciplina. Minha educação era rigorosa.

---

<sup>3</sup> Escola Básica Municipal Professora Alice Thiele, Blumenau (SC).

Meu pai me levava na sala de aula para estudar porque a gente morava no primeiro andar do prédio da escola nessa época. Eu lia o problema ou ele lia pra mim, não lembro agora, mas só que eu dizia que o problema era “de mais” e eu acabava fazendo “de menos”... Então eu apanhei muito com a minha cabeça no quadro. Várias vezes, por conta de eu não saber e ele querer me ensinar, eu falava e não fazia. Muito desatenta eu era nessa época também.

A professora da quarta série também me marcou muito. Ela tinha 18 anos, iniciando como professora do Magistério. A primeira turma que ela pegou foi a gente. Era uma pessoa assim, bem inovadora. Trouxe coisas, álbuns seriados que ela tinha feito. Não eram álbuns seriados; eram aqueles álbuns de recortes, de coisas das regiões brasileiras, coisas que ela aprendeu. Ela não estudou em Blumenau. Não me recordo agora de onde ela era, mas ela não estudou aqui. Ela trouxe de onde ela tinha feito o Magistério dela. Então, inovadora, coisas novas, isso me marcou bastante. Então, duas que me marcaram: do primeiro ano, pela postura dela, e a do quarto, pela maneira como ela inovou a coisa. A maneira como ela trouxe novidades, coisas diferentes de trabalhar então o conteúdo.

Depois, quando eu entrei no quinto ano, tinha Exame de Admissão<sup>4</sup>. Então, eu fiz Exame de Admissão, vinda de uma escola pública, da rua Araranguá, e fui para o Sagrada Família<sup>5</sup>. Fiz o exame da admissão e passei. Então, eu não precisei fazer aquele tal... não sei como é que era. Se a gente não fazia admissão não podia ir para a quinta série, era isso? É, isso, isso, isso. A gente só passava para ir para o quinto ano, não era série, era quinto ano mesmo. Pro quinto ano, tinha que fazer o Exame de Admissão; se não passasse tinha que esperar mais um ano para fazer. Eu fui, e lá então dei de cara com o quê? Com a Matemática Moderna. Porque era época dessa transição da Matemática Moderna. Então, o que tinha lá, só conjuntos, totalmente diferente do que eu tinha na quarta série, lá na rua Araranguá. Porque lá se trabalhava mais problematização, problemas... Não tinha essa parte da Matemática

---

<sup>4</sup> De acordo com a LDB 4024/61, na sequência do Ensino Primário, o aluno seguia para o Ensino Médio, composto pelo ginásial (de 4 anos) e o colegial (de 3 anos). Para cursar o ginásial, ele precisava ser aprovado em uma prova denominada Exame de Admissão. Quem não era aprovado nessa prova tinha que cursar um ano complementar, espécie de curso preparatório ao Ginásio. A LDB 5.692/71 estendeu a obrigatoriedade escolar para oito anos, fundindo os antigos Cursos Primário e Ginásio e, com isso, foi extinto o Exame de Admissão.

<sup>5</sup> Colégio Sagrada Família, tradicional colégio particular católico da região de Blumenau (SC), dirigido pela Congregação das Irmãs da Divina Providência.

Moderna como teve lá no Colégio Sagrada Família. Conjuntos, teoremas, era um horror; eu achei assim uma coisa horrorosa. Mas eu consegui passar, sempre com muita dificuldade.

Só fui passando na quinta, na sexta... Eu me lembro que a gente tinha, na sétima série, que decorar aqueles teoremas. Era uma coisa horrorosa, teoremas, teoremas mesmo! Era muita coisa que a gente tinha; nem na Matemática a gente teve que fazer isso. Lá na sétima série, a gente tinha que decorar aqueles teoremas todos. E aí, para fazer as provas, tinha uma guria, Marina Renault, ela era excelente na Matemática, e ela me passava a cola dos teoremas, principalmente dos teoremas. Aprendi a colar lá, com ela. Ela me ajudava nessa época. Assim, eu não reprovei em Matemática. Só que minha média sempre era 5, sempre passava raspando. Eu fiquei em segunda época, mas foi em Inglês.

Depois, no Magistério, no Normal, já foi melhor. O professor Brancher<sup>6</sup> era o professor de Matemática. Mas nunca eu tive atração por fazer Matemática, ou '*Eu quero Matemática*'. A Matemática apareceu por acaso na minha vida. Porque eu quis vencer, por mim mesma, os traumas que eu tive quando criança em relação à Matemática. Foi isso que aconteceu.

Eu estava trabalhando lá na rua Araranguá, como professora; depois eu casei. Até então, nunca tinha pensado em fazer faculdade porque não tinha como fazer, meu pai não tinha dinheiro. Depois que eu casei, eu estava casada, eu acho, uns dois anos, eu pensei: '*Não, eu sou obrigada a fazer alguma coisa*'. Porque a gente sabia que tinha que mexer, não podia ficar como estava. Aí eu fui fazer Ciências do Primeiro Grau porque eram dois anos, era mais fácil... E, nesse meio, apareceu o meu filho; ele nasceu. E depois que eu terminei Ciências do Primeiro Grau, aí começaram os projetos na FURB, com o professor Floriani<sup>7</sup> e ele me chamou. Quando eu fiz Ciências do Primeiro Grau, já começou o movimento de Educação Matemática aqui, então eu comecei a participar com o professor Floriani, do primeiro projeto de melhoria do ensino da Matemática. Eu me lembro bem: eu estava nesse grupo de 1980 a 1986, eu acho. Depois surgiu o Movimento de Feiras... então eu acho que foi anterior. Esse projeto foi anterior ao Movimento de Feiras. Aí eu já estava trabalhando com 5ª a 8ª séries também nas escolas municipais. É, porque eu fiz minha faculdade, 1978, 1976, eram dois anos. Depois que eu terminei o Curso de Ciências do Primeiro Grau, eu fui fazer esse curso aí.

---

<sup>6</sup> Almerindo Brancher. Hoje aposentado, foi professor de Matemática do Colégio Sagrada Família e do Departamento de Educação da Universidade Regional de Blumenau.

<sup>7</sup> José Valdir Floriani. Hoje aposentado, foi professor do Departamento de Matemática da Universidade Regional de Blumenau, e um dos precursores do Movimento de Educação Matemática em Santa Catarina.

Por que eu fui fazer Ciências do Primeiro Grau? Aí era pouca Matemática, nós tínhamos muita Zoologia, a gente fez viagens, mas Matemática era pouca. Depois é que eu fui convidada a trabalhar na prefeitura<sup>8</sup>. Eu estava neste projeto de Matemática, que entrei por conta de querer fazer coisas diferentes. Eu gostei dos projetos, aí fui começando. Comecei com o professor Floriani e depois com o Vilmar<sup>9</sup> também. Quando eu entrei na faculdade para fazer a Matemática mesmo, eu já estava na prefeitura, coordenando Matemática. Por conta desse projeto que eu participei na FURB e por conta de eu estar participando desse Movimento de Feiras, eu fui convidada a trabalhar na Secretaria de Educação. Eu também me forcei para terminar a Matemática porque fui convidada a trabalhar aqui (na FURB), e eu não tinha terminado a Matemática. Foi uma loucura. Só para poder finalizar, eu fazia de final de semana. Fiz junto também o curso de Especialização em Educação Matemática... Não. De Alfabetização Matemática. O Tafner<sup>10</sup> e o Davi<sup>11</sup> que organizaram. Fiz uma pós-graduação (*lato sensu*), e fui fazer minha graduação em Matemática para terminar então. A graduação foi de final de semana, de sexta e sábado, porque eu precisava terminar. Como é que eu ia trabalhar em um curso sem ter a graduação terminada em Matemática? Eu fui convidada a trabalhar aqui, junto com o professor Floriani, na época, com a Pedagogia, por conta de que eu estava no projeto e do que eu tinha feito no mesmo. Aí, claro, a Matemática já era vista diferente. Claro que tinha disciplina ali que eu nem lembro mais o nome, mas teve muitas disciplinas que já deram essa visão. As do professor Floriani, as que a gente tinha com o Vilmar, depois apareceu uma com o Nelson<sup>12</sup>... Depois apareceu a Salett<sup>13</sup>... Bem, a Salett já era na pós-graduação. Mas a professora Neda<sup>14</sup> também, algumas coisas assim já começaram a serem vistas diferente, mas quem mais marcou nesta minha mudança foi o professor Floriani. Foi ele quem me convidou para vir para cá. A professora Heca<sup>15</sup> também, que era da Pedagogia, me convidou e me deu abertura pra eu poder começar todas as mudanças. Nessa

---

<sup>8</sup> Trabalhou na Secretaria Municipal de Educação de Blumenau (SC).

<sup>9</sup> Vilmar José Zermiani. Professor do Departamento de Matemática da Universidade Regional de Blumenau, um dos idealizadores das Feiras de Matemática, hoje seu coordenador.

<sup>10</sup> José Tafner. Hoje aposentado, foi professor do Departamento de Educação da Universidade Regional de Blumenau.

<sup>11</sup> David Hülse. Hoje falecido, foi professor do Departamento de Ciências Naturais da Universidade Regional de Blumenau.

<sup>12</sup> Nelson Hein. Professor do Departamento de Matemática da Universidade Regional de Blumenau.

<sup>13</sup> Maria Salett Biembengut. Hoje aposentada, foi professora do Departamento de Matemática da Universidade Regional de Blumenau.

<sup>14</sup> Neda de Melo Altemburg. Hoje aposentada, foi professora do Departamento de Matemática da Universidade Regional de Blumenau.

<sup>15</sup> Helga Hemmel Koch. Hoje aposentada, foi professora do Departamento de Educação da Universidade Regional de Blumenau.



época, também na prefeitura, veio a professora Luiza Gobbi<sup>16</sup>, que era de Joaçaba. Ela também tinha um movimento para melhoria então das Séries Iniciais<sup>17</sup>. Eu aprendi um monte de coisas com ela também. Então Luiza Gobbi foi uma pessoa que movimentou também bastante coisa aqui, no município de Blumenau.

Naquela época em que estudei, a gente podia iniciar a lecionar no segundo ano do Magistério, do Normal. Eu estava no Normal. Estudava no Colégio Sagrada Família, segundo ano. Minha mãe era diretora da escola e eu lembro muito bem, como se fosse hoje, ela me levou lá no seu Alírio<sup>18</sup>, que era o inspetor escolar daquela época. Funcionava como se fosse um Secretário de Educação, mais ou menos isso. Ela me levou e disse que queria que eu começasse então a trabalhar. Eu tinha 16 anos, estava fazendo o Normal e sempre quis ser professora mesmo. E aí comecei em março, a aula começava em março, né? Março de 1969.

Quando eu comecei a trabalhar, lá com 16 ou 17 anos, nós éramos chamados para cursos, como nos cursos de formação continuada, e eles vinham ensinar como era para trabalhar com essa Matemática Moderna. Mas nada prático, era tudo só o conteúdo que a gente tinha que trabalhar. Depois, nos anos 1980, antes do Movimento de Feiras, eu sempre era chamada, e aí foi diminuindo muito conteúdo, muito conteúdo, muito conteúdo. Porque foi uma época em que se dizia que as crianças não sabiam mais, que elas não tinham facilidade em fazer as coisas. Então traduzindo: acho que começou a reduzir conteúdo, começou a se reduzir o que se era para trabalhar por conta de dizer que a criança não sabe mais. Acho que era a época da Escola Nova, que veio isso de repetição, da cópia, né? Como é que era mesmo? Modelo: siga o modelo! *‘Siga o modelo’*. Foi um horror pra mim também, como professora. Depois, quando acabou isso e começou, então, a vir a coisa nova, aí eu fui fazendo. Então, eu participo do Movimento de Feiras, do movimento do professor Vilmar até hoje.

Aí, as mudanças foram muito grandes em relação ao que eu fazia, ao que eu fiz. Quando eu comecei, na primeira vez que eu participei de Feiras, o primeiro ano que teve Feiras foi em 1985, né? Então, eu estava lá na rua Araranguá trabalhando e já participava desse

---

<sup>16</sup> Luiza Gobbi. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Joaçaba (SC). Uma das precursoras do Movimento de Educação Matemática no estado de Santa Catarina.

<sup>17</sup> Projeto desenvolvido pela professora Luiza Gobbi que visava, especificamente, à melhoria do ensino de Matemática nas Séries Iniciais por meio do uso de Materiais Instrucionais, baseado no Construtivismo de Piaget.

<sup>18</sup> Alírio Luiz de Almeida, na época, era inspetor escolar na Escola Básica Municipal Alice Thiele.

movimento<sup>19</sup>. Cada coisa que eu participava, já fazia também, não ficava esperando para ver se dava resultado. Eu aprendia uma coisa, já passava para os alunos. As mudanças comigo aconteceram de acordo com os projetos, com o professor Floriani, para melhoria da Educação Matemática. Estávamos saindo da Matemática Moderna, né?

Com o professor Floriani, as coisas sempre estavam mudando, sempre estavam se aperfeiçoando. Fazendo curso e fazendo leituras... A professora Luiza Gobbi também foi fantástica em relação à minha mudança. Depois eu fui coordenadora também da Secretaria e aí tinha que ajudar esse pessoal a também fazer essa mudança.

Quando voltei para a sala de aula, em 1994, lá no Santo Antônio<sup>20</sup>, como professora de 1ª a 4ª série, botando em prática as coisas que eu fazia quando eu estava na Pedagogia, vi realmente que não tem outra maneira de trabalhar Matemática a não ser construindo, desafiando a criança, fazendo pensar, não deixando só copiar, deixando tempo pra ela fazer os problemas, não explicando e, sim, fazendo ler e aí fazer. Então, eu acho que as mudanças foram muitas em relação ao que fiz até agora.

Na realidade, não tive professores de Matemática marcantes, não. Eu não me lembro da professora do 4º ano como professora de Matemática. Eu lembro essa professora pela inovação, mas não em relação à Matemática, porque de Matemática eu não lembro nada. Depois, quando eu reprovei em Matemática, lá na segunda série com a minha mãe, por conta de não saber fazer problemas, eu estudei. Na sexta série, eu reprovei, mas foi em Inglês, não em Matemática. Mas, professores de Matemática que me marcaram, eu não posso dizer.

Eu acho que uma aula marcante minha foi na quarta série, quando comecei a trabalhar os tais números 10, 100, 1000. Fazer a formação dos números e aí trabalhar com as crianças, não só a formação, fazer elas entenderem as operações. Acho que aquilo foi muito marcante pra mim. De ver o que eles estavam fazendo, entendendo e aí vendo o porquê da divisão, o porquê da multiplicação, não só o número por si. Mas eu acho que o material que a professora Luiza Gobbi veio trazer pra nós não teve coisa melhor até agora. O livro dela, os materiais que ela fazia, as fichas, os objetos físicos, as figuras móveis, para fazer, para montar a

---

<sup>19</sup> Projeto que visava à melhoria do Ensino da Matemática e Ciências na Educação Básica.

<sup>20</sup> Colégio Santo Antônio. Colégio particular católico pertencente à Congregação de Padres Franciscanos, situado em Blumenau (SC).

multiplicação, a divisão: que era o material didático, o Material Instrucional que a gente usava. Acho que é isso aí.

Quanto à relação das alunas da Pedagogia com a Matemática, acho que está muito ruim. Cada vez pior. Teve uma época em que elas tinham prazer em fazer as coisas. Não sei se é porque agora eu tenho só um semestre com elas, e aí é muito corrido tudo o que eu tenho que passar, mas a cada semestre que eu venho, eu vejo... Eu tenho 40 alunas este semestre na Pedagogia. Das quarenta alunas, se eu tirar umas dez que se interessam por fazer e querer, é muito. O resto não se interessa. E o pior: trabalham todas com Educação Infantil. Então, eu fiz com elas a leitura do Referencial Curricular da Educação Infantil, fiz a leitura dos livros da Kátia Smole, a *Criança e o Número*, da Constance Kamii. Fiz atividades com elas... Mas é tudo só por fazer, não para aprender, entendeu? É muito triste mesmo a relação que eu vejo dessas meninas com a Matemática, e agora elas têm a disciplina Prática de Ensino de Matemática e tem gente que não falou comigo ainda. Aí eu peguei os nomes e disse: *‘Fulana, fulana e fulana, o que vocês vão fazer de Matemática?’* *‘Ah, professora, eu não quero fazer Matemática, eu só quero falar sobre clima.’* Eu disse: *‘Vão fazer cinco intervenções na escola para falar sobre clima? As crianças não vão ficar enjoadas de vocês? O que é que vão falar do clima? Ah, vão falar de clima, mas o quê? Vocês vão me dizer, e aí eu vou ver se eu consigo enxergar, fazer uma matematização, fazer uma expressão numérica, fazer alguma coisa relacionada, para a gente poder então trabalhar essa parte.’*

Mas elas se escapam de trabalhar. No outro semestre, anterior (eu tenho sempre um semestre sim e um não), a própria professora de Estágio me disse que elas não fizeram Matemática porque elas estavam com medo de fazer. E aí quando eu vi, a coisa já tinha passado. Agora, este semestre, eu vou ficar em cima, e elas vão fazer. Porque é a única oportunidade que elas têm de fazer, de aprender (se vão aprender), de testar alguma coisa na Matemática. É agora, senão elas não vão fazer mais, nunca mais vão fazer. Então, eu não vejo com bons olhos. Claro que tem gente boa ali, mas é muito pouco, muito pouco mesmo as que se interessam por fazer, se interessam em procurar aprender, se interessam em ver. Uma ou outra assim: *‘Ah, professora, agora que a Matemática tem outra visão pra mim’*... Eu fico

triste. Eu as levo para o NEEM<sup>21</sup>, mostro aquela sala maravilhosa, faço coisas com elas. Elas acham aquilo tudo..., elas nem olham, elas nem se interessam.

A minha primeira participação nas Feiras foi quando... Agora não me lembro se foi no primeiro ano..... O primeiro ano da Feira já começou aqui, né? Então, foi no primeiro ano, porque a Luiza Gobbi estava aqui. A Luiza Gobbi veio até a prefeitura. Ela fez, dentro do projeto do professor Vilmar e do professor Valdir Floriani, atividades, e a gente fez curso com ela. Eu participei como professora, não como coordenadora, como professora de sala, fazendo o curso, e muita coisa que eu aprendi com ela, eu passei para os alunos e eles foram para a Feira Regional, se classificaram, e foram para Catarinense também<sup>22</sup>. Então, eu acho que eu tenho muitos anos, desde que ela começou, eu estou nesse Movimento de Feira. Participei bastante com alunos de escola municipal, depois como professora do Colégio Santo Antônio também, com alunos da universidade, alunas minhas da Pedagogia também participaram, eu como professora orientadora de trabalho.

Porque, primeiro, nesse projeto, a gente tinha que fazer alguma coisa. Tinha que trabalhar. Você vai, assim, mostrar na realidade o que você está fazendo. Só, eu acho... Eu sempre gostei de trabalhar em Feiras. Tanto que em todas as escolas em que eu ia, (fui pra Timbó<sup>23</sup>, fui trabalhar no CETISA<sup>24</sup>), em todos os anos que eu estive lá, a gente levou trabalhos para as Feiras. Lá na Alberto Stein<sup>25</sup>, na Alice Thiele, também levei trabalho para Feira. Quando eu fui para o Santo Antônio também. Eu gostava de participar do Movimento da Feira, levar os alunos... pois eles também aprendem e se motivam para fazer as coisas. Eu acho que (se bem que tem tanta gente que critica até hoje a tal premiação, o movimento) a premiação é uma coisa que a gente tem que se perguntar mesmo. Mas o Movimento de Feiras eu acho muito bom.

Que eu lembro, o objetivo das Feiras sempre foi mostrar trabalhos que foram feitos na sala de aula. Só que, às vezes, isso não acontece, né? A gente sabe que isso passa a ser um trabalho extraclasse. Não é que eu condene isso, porque, às vezes, tem alunos que se

---

<sup>21</sup> NEEM: Núcleo de Estudos de Ensino da Matemática. Laboratório onde se desenvolvem atividades de ensino e de extensão universitária, relacionadas ao ensino e à aprendizagem da Matemática, na Universidade Regional de Blumenau.

<sup>22</sup> As Feiras Regionais reúnem trabalhos das várias cidades que compõem cada região do estado. Os Trabalhos Destaque das Feiras Regionais são classificados para a etapa estadual, a Feira Catarinense.

<sup>23</sup> Timbó, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 159 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>24</sup> CETISA: Centro Educacional Timbó S.A., Timbó (SC).

<sup>25</sup> Escola Básica Municipal Alberto Stein, Blumenau (SC).

sobressaem mais e que têm interesse de fazer alguma coisa. Isso eu acho ótimo também. Que faça, que vá atrás, que esse professor vá como mediador, providenciando trabalho, isso eu acho também que é válido. Agora, o que eu não acho válido é fazer um trabalho específico para a Feira. Isso sai totalmente do objetivo da Feira. O trabalho tem que ser de sala de aula, um reflexo, para aprender. Tanto para os que vão visitar, porque é mais para os outros também poderem aprender, quanto aos que vão para apresentar, porque vão olhar o trabalho dos outros e porque têm que mostrar o que eles aprenderam também.

Os primeiros trabalhos foram assim mesmo, de sala de aula. Depois é que começou assim, porque tinha premiação. Aí tinha categoria de tudo quanto é coisa, tinha premiação. Tinha gente que fazia Pesquisa em Educação ou Matemática Moderna e inscrevia como Matemática Pura, mas não tinha nada a ver com Matemática Pura, pois era classificado porque era o único que tinha, vamos dizer assim. Muitas coisas eu acho que se perdeu por causa de classificação. Agora que fizeram um seminário e juntaram as modalidades, eu acho que melhorou um pouco neste sentido. Porque, muitas vezes, eu observei que foram premiados trabalhos que realmente não tinham nada de trabalho de criança e nem de aluno, e muito menos daquela modalidade em que estava inscrito. Mas, acredito eu que, com os seminários que estão sempre acontecendo e o que está sendo feito, isso já tenha ajudado um pouco. Eu acho que os trabalhos que a gente tem visto, principalmente os das Séries Iniciais, são mesmo trabalhos de sala de aula. Claro, tem um ou outro que a gente encontra ainda isso. Eu fui avaliar, esses dias, um trabalho de uma professora de Itajaí<sup>26</sup> e aí eu vi que era uma coisinha que foi feita só para apresentar em uma Feira. Então, eu não posso dizer que não tenha mais, mas eu acho que já melhorou neste sentido, quando se agruparam as modalidades. Acho que deu uma melhorada.

Quanto à relação entre as Feiras e o ensino, eu acho que ela contribuiu bastante. Eu, como professora, vejo alunos que foram comigo a uma Feira. Depois eles entram no Ensino Médio e lá estão eles na Feira de novo. Eu sempre dizia pra eles: *‘Quando tu vais a uma coisa, quando tu tomas gosto, então aquela coisa acontece’*. Então eu acho que, para o ensino, a avaliação geral é que ela tem contribuído. Sempre contribuiu. Só que não, claro, não 100% como a gente quer. Mas eu acho que uns 60%, até um pouco mais. Eu acho que elas têm contribuído, sim, com o ensino, apesar de ter tanta gente que critica. Ainda hoje eu tava lá

---

<sup>26</sup> Itajaí, cidade situada no litoral leste de Santa Catarina, a 88 km de Florianópolis, capital do estado.

em Timbó, e tinha gente que dizia que não quer mais participar porque não gosta do Movimento de Feiras. Mas por causa do quê? Por causa da tal avaliação, da premiação. Do que eu tenho visto, tem anos em que elas são fracas, conteúdos repetidos, teve época que teve muito mais. Teve época que só tinha Teorema de Pitágoras, só tinha Pitágoras. Agora isso já diminuiu um pouco. Têm uma conscientização melhor em relação aos trabalhos, por conta, eu acho, da graduação dessas pessoas. Muitos vêm da graduação em Matemática, que também já mudou, já tem outra visão de tudo isso aí. Até do próprio trabalho de sala: leva o aluno a fazer algo diferente, de Matemática, né?

## 2.2. Mirian Vivan de Oliveira

Entrevista realizada em 14 de dezembro de 2011, na escola onde trabalha a depoente, na cidade de Joinville<sup>1</sup> (SC). Duração da gravação: aproximadamente, 20min.

A professora Mirian nasceu no município de Chopinzinho<sup>2</sup> (PR). Coursou o Magistério, fez licenciatura em Administração Escolar na UNASP<sup>3</sup>, em São Paulo (SP), e pós-graduação (*lato sensu*) em Séries Iniciais. Ao se formar, em 1987, foi trabalhar como preceptora de alunas em um colégio interno, mas, no segundo ano, já começou a lecionar no Magistério. Após alguns anos, transferiu-se para o Colégio Adventista<sup>4</sup>, em Joinville, e passou a lecionar para os Anos Iniciais. Hoje, atua na equipe diretiva do colégio. O contato para encontrar a professora foi feito via telefone, no colégio onde ela trabalha, que consta de um dos Anais das Feiras Catarinenses de Matemática. Por telefone, a secretária me forneceu o *e-mail* da professora. Ao contatá-la, forneci todas as informações sobre a pesquisa, os procedimentos adotados pelo grupo e convidei-a para participar. A professora prontamente aceitou. A entrevista ficou marcada para o dia nove de dezembro de 2011, a partir das dezesseis horas, no Colégio Adventista, em Joinville. O dia marcado, uma sexta feira, amanheceu chuvoso. Saí de Blumenau<sup>5</sup> cedinho, pois nunca havia ido até Joinville sozinha e não queria que nenhum imprevisto acontecesse. Passei o dia na cidade e, perto do horário marcado, me dirigi ao colégio. Chegando lá, me apresentei para a recepcionista e perguntei pela professora. Ela entrou, chamou uma professora que veio me atender e informou que, infelizmente, a professora Mirian havia passado mal e ido para casa. Pedi que eu ligasse na semana seguinte. No início da outra semana, liguei novamente para Mirian e agendamos a entrevista para o dia quatorze de dezembro de 2011, às nove horas e trinta minutos, no mesmo local. Dessa vez, o dia amanheceu bonito. Acordei cedinho e me encaminhei novamente para Joinville. Chegando ao colégio, encontrei a professora Mirian. A conversa foi muito agradável.

*“Eu procurava sempre pesquisar, nunca fiquei sempre dentro só de um livro, procurava exercícios em outros livros e coisas, e, com o decorrer do tempo, a gente vai amadurecendo e a gente mesmo vai criando alguns exercícios também [...]”*

<sup>1</sup> Joinville, cidade situada no norte de Santa Catarina, a 170 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>2</sup> Chopinzinho, município do Paraná, situado a 405 km de distância de Curitiba, capital do estado.

<sup>3</sup> UNASP: Centro Universitário Adventista de São Paulo.

<sup>4</sup> Colégio Adventista D. Pedro II de Joinville, colégio particular, dirigido pela Igreja Adventista.

<sup>5</sup> Blumenau, cidade situada no Vale do Itajaí em Santa Catarina, a 129 km de Florianópolis, capital do estado.

Eu sou paranaense. Eu nasci no município, não foi na cidade, foi no município de Chopinzinho, do Paraná, no interior.

Chopinzinho é perto de Pato Branco<sup>6</sup>, Cascavel<sup>7</sup>, ali naquela região. Aí eu vivi todo o tempo da minha infância, no sítio. No sítio, a gente brincava de tudo, inventava de tudo. Até rolar pedra no morro e daí apanhar depois, porque podia machucar o gado. Também jogava pedra de estilingue. Eu era menina, mas brincava com os meninos também, e a gente brincava muito de casinha. Como a gente não tinha brinquedo, a gente pegava cacos de louça quebrada para ser a louça da casa, fazia o quarto, a sala, a cozinha, fazia todas as divisões com pedra, porque onde eu morava era um lugar que tinha muita pedra. E assim era. Eu brinquei bastante, mas eu também trabalhei bastante, desde pequena. Bem cedo, eu comecei a trabalhar, a ajudar a mãe em casa, tinha mais cinco irmãos abaixo de mim e um acima. Eu estava ali neste meio, a mais velha das meninas, e tinha que trabalhar muito. Lavar roupa, passar, limpar a casa, ajudar nas tarefas dos irmãos, além de fazer as minhas.

Eu sempre estudei em Escola Multisseriada<sup>8</sup>, até a quarta série, ou o quinto ano que era na época. Aí eu fiz o quinto ano duas vezes porque, quando eu mudei para a cidade, para voltar a estudar, eu fiquei, não me lembro, uns dois ou três anos sem estudar, aí eu tive que fazer o quinto ano, a quinta série então, porque mudou a lei. Era a Lei 4024<sup>9</sup> e passou para a Lei 5.692<sup>10</sup>, aí eu tive que fazer de novo. Aí eu já estava com dezesseis anos, quinze para dezesseis anos. Então eu retornei ao estudo e só parei quando me formei na faculdade.

Eu fui alfabetizada com seis anos. Aprendi a ler e a escrever, com cinco para seis anos, seis anos completos. Não podia, na época, porque a lei não permitia, mas, como eu ia para a escola com uma prima, a professora falou para a minha mãe: “*Ela já sabe um monte de coisa*”. Daí eu entrei. A rotina da escola era normal. A gente chegava de manhã, tinha as aulas, daí tinha o recreio, depois então a aula novamente e terminava. Não era como hoje que tem assim merenda servida. Não tinha nada disso. Quando era muito frio, muito gelado mesmo, eu lembro que uma vez o professor, tava muito frio, com geadas, a gente ia de chinelo para a escola, todo mundo com aquele frio. Eu tinha, não sei se eu tenho ainda, eu tinha tirado

---

<sup>6</sup> Pato Branco, cidade situada no sudoeste, do Paraná, a 437 km de Curitiba, capital do estado.

<sup>7</sup> Cascavel, cidade situada no oeste do Paraná, a 491 km de Curitiba, capital do estado.

<sup>8</sup> Escola multisseriada. Escola onde há várias turmas do Ensino Primário estudando na mesma sala de aula, com um único professor.

<sup>9</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação: LDB 4.024/61.

<sup>10</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação: LDB 5.692/71.



num dia desses, sabe aquele binóculo que tinha aquela foto? Eu tava roxa, por causa do frio. Aí o professor, um dia que estava muito frio, fez fogueira, esperou a gente com fogueira. Fez a gente correr e aquecer bem para aí poder ir ter as aulas. Era bem precário o negócio, não era fácil, mas...

Eu me lembro de todos os professores até dessa Escola Multisseriada. Todos foram bem marcantes. Eu lembro de todos. De alguns, da maioria deles, eu sei o nome ainda também. Eu tive professor homem; mesmo sendo Primário, ainda tinha, né? Hoje é raro se ver. Tem ainda, mas é bem mais raro que naquela época. Então, eu tive dois professores homens que eu me lembro bem: Anísio era nome de um; o outro era Guido. E tive também uma professora chamada Helena, e a minha primeira professora se chamava Nilva. Nilva Joana Grandó, eu lembro até agora<sup>11</sup>.

Eu nuuunca fui muito boa em Matemática, nunca. Eu gosto muito da Matemática que vai até ali pelo quinto, sexto, sétimo ano. Depois, já começa a ficar bem abstrata, no meu ponto de vista, então eu já não gosto muito. Talvez porque os professores não passaram aquele entusiasmo para a gente. Não sei, mas até o quinto ano eu gosto bastante da Matemática. Sou apaixonada por essa Matemática, porque é essa Matemática do dia a dia, da vivência da gente; a gente vive esta Matemática. Tudo o que você faz, né? Agora mesmo, a gente tá aqui contando o tempo, e é Matemática. É da vida, né?

Quando eu era menina, na escola, me lembro um dia que a professora chamou lá na aula dela, tinha feira ou alguma coisa assim, e ela chamou lá na frente e perguntou para a gente o que a gente queria ser. E eu me lembro bem desse dia como se fosse assim, na memória. Eu falei que eu gostaria de ser enfermeira, mas depois, com o decorrer do tempo, eu fui vendo que não era bem isso, e decidi fazer... na cidade onde eu morava também, meu pai não queria que a gente estudasse à noite, então eu tinha que estudar o Segundo Grau de dia, e de dia era Magistério. E eu comecei a fazer Magistério, sempre fui apaixonada, fiz os meus estágios, aí terminei o Magistério, já em seguida fiz o vestibular. Eu estudei em São Paulo<sup>12</sup>.

Eu sou formada em Pedagogia e fiz universidade; fiz lá no colégio na UNASP. Hoje UNASP é a Universidade Adventista. E daí então, prestei o vestibular, já passei e fiz os quatro

---

<sup>11</sup> A professora não apresentou maiores detalhes sobre seus professores, apenas o nome.

<sup>12</sup> Cidade de São Paulo, capital do estado com o mesmo nome.

anos. Fiz quatro anos de Pedagogia, licenciatura plena em Administração Escolar. E, como é que se chama? Especialização em Séries Iniciais.

Iniciei o Magistério em... tá difícil de lembrar... 1987.

Dando aula foi assim... Eu acabei de me formar e, no dia da minha formatura, eu recebi um convite para trabalhar no Colégio Interno Adventista, em Maringá<sup>13</sup>, onde eu trabalhei por três anos. Lá, no primeiro ano, eu só trabalhei como preceptora de alunas, cuidar de alunas que tinham de 12 até 30 anos às vezes, de faixa etária, e que eram internas. Aí no primeiro ano, eu só fiz isso, mas, no segundo e terceiro ano em que eu estive lá, eu lecionei pro Magistério. Eu dava aula de Estatística. Não, Estatística não: Estrutura e Funcionamento da Escola de Primeiro Grau e Sociologia, para os alunos do Magistério. E daí, de lá é que eu fui convidada para trabalhar aqui (no Colégio Adventista de Joinville). Vim e ingressei com crianças, na quarta série.

Quando eu comecei a dar aula, tinha. Eu lembro que tinha livro. Para a quarta série, tinha livro. Então, eu, como iniciante que já tinha terminado a faculdade uns três anos antes e tinha feito Magistério anos antes, então eu, no começo, fui seguindo os livros. Eu procurava sempre pesquisar. Nunca fiquei sempre dentro só de um livro, procurava exercícios em outros livros e coisas, e, com o decorrer do tempo, a gente vai amadurecendo e a gente mesmo vai criando alguns exercícios também. Aí eu comecei a fazer cursinhos, minicursinhos, pequeninos cursos que eram oferecidos pelos autores dos livros, da Ática, principalmente, aqui em Joinville. E tudo que era cursinho que tinha a diretora me enviava. Eu tinha um tempinho, eu ia. E eu fui crescendo, fui crescendo e fui tendo uma nova visão sobre o ensino da Matemática. Depois, até que então começaram a surgir essas ideias de projetos, e então eu gostei mais ainda. Começamos a fazer projetos, e todos os projetos a gente fazia, mesmo que ele tivesse um tema, mas assim, porque projeto é interdisciplinar, mas tem uma matéria, vamos dizer, uma disciplina, que move o projeto, né? E aí, mesmo ela sendo Ciências, como o caso de alguns, a maioria que eu fiz, eu sempre puxava a Matemática. Porque eu gostava. Gostava muito de fazer assim. E fiz enquanto estive na sala de aula. No ano passado, em junho, eu saí da sala de aula. Faz só um ano e um pouquinho que eu estou fora da sala de aula. Aí eu deixei um projetinho encaminhado sobre a doação de órgãos. Um projeto que eu fiz e

---

<sup>13</sup> Maringá, cidade situada no noroeste do Paraná, a 438 km de Curitiba, capital do estado.

que está lá nos anais<sup>14</sup> (até porque foi Destaque<sup>15</sup> naquela época), e aí eu retomei anos depois. Agora eu tinha voltado a fazer com essa turma que eu estava, e a menina até que ficou no meu lugar quando eu saí deu continuidade e foi para a Feira de Matemática, inclusive para a Estadual.

Eu sempre gosto de coisas práticas, do dia a dia mesmo. Então, utilizava muita pesquisa com os alunos, de eles mesmos formularem situações-problema e resolverem. Fazia dos dois jeitos: às vezes, eu colocava a situação, e eles tinham que resolver; às vezes, eu colocava números, e eles tinham que criar a situação e resolver. Utilizava, também, muitos dados estatísticos, no caso dos projetos, e gráficos e toda essa coisa aí. Mas também utilizava muito panfletos, coisas da propaganda de mercados, para fazer operações, criar problemas, tudo assim do prático, do dia a dia. Receitas... eles traziam receitas... então, em cima daquilo... Principalmente em relação a frações, e mesmo no projeto que a gente fez naquela vez de doações de órgãos e tecidos, a gente conseguiu colocar medidas, a gente conseguiu colocar toda Matemática do 5º ano no projeto.

É um pouco difícil falar de uma aula marcante, mas... tem aula assim, tem muitas aulas assim... mas tinha aula, principalmente quando eram relacionadas com projetos, que a gente colocava os alunos para explicarem lá na frente. Então, a gente pedia pra eles estudarem bem sobre o assunto, e eles mesmos explicarem, e essas aulas eram muito boas. Eu lembro bastante. Aula que eu tenha dado, eu lembro bastante de aulas de frações. Eu levava chocolate para a sala de aula, dividia com eles pra eles entenderem o conceito de inteiro e a divisão e daí aquela história de fração mista, né? Então, dois inteiros e daí dois quartos, dois terços ou sei lá, do outro pedaço. Enfim, estas coisas assim, práticas.

A primeira Feira que eu fui foi aqui em Joinville. Eu fui na Regional, que foi na UNIVILLE<sup>16</sup>. Agora, qual foi o ano? Eu sei que participei como professora em treze Feiras. É, entre as Regionais aqui de Joinville e mais as Estaduais. E geralmente eu ia para as Estaduais. Eu não fui para a Estadual, a última, aliás. Por isso ficou treze, se não seriam quatorze, né? Agora, esse ano, eu levei uma professora nossa aqui. Nós levamos, e ela até foi

<sup>14</sup> Anais da XX Feira Catarinense de Matemática, realizada no município de Pomerode (SC), em 2004.

<sup>15</sup> Premiação Destaque: aos trabalhos apresentados nas Feiras de Matemática do Estado de Santa Catarina é dado o prêmio de Menção Honrosa ou Destaque. Os trabalhos que recebem o prêmio de Destaque são selecionados para a próxima etapa das Feiras, ou seja, o Trabalho Destaque de uma Feira Municipal é aprovado para a Feira Regional, e os Destaques da Feira Regional são aprovados para a Feira Estadual.

<sup>16</sup> UNIVILLE: Universidade da Região de Joinville, em Joinville (SC).

para a Estadual também: a professora Célia do primeiro ano. A gente foi com um projeto sobre família. Então, eu participei só da Regional daqui, porque, na Estadual, eu dei oportunidade para a diretora ir, porque ela disse que nunca tinha participado de Feira de Matemática. Aí eu disse: ‘*Ah, então você vai.*’ Aí ela foi com a professora e os alunos.

Meu envolvimento com as Feiras foi assim: veio trabalhar aqui conosco uma professora que era... ela trabalhou um tempo em Rio do Sul<sup>17</sup>, e ela tinha ligação com essa área aí. Ela não era formada em Matemática, nada; ela era nossa coordenadora aqui. Mas ela tinha conhecimento, pois Rio do Sul já tinha participado. E, quando ela soube que começou a ter a Regional<sup>18</sup> aqui em Joinville, foi nesse ano que eu comecei a participar. Deve fazer uns, não sei, uns treze ou catorze anos. E aí ela inscreveu a gente. Ela falou: ‘*Vai, Mirian, vai.*’ O meu primeiro projeto na Feira foi “Casa Própria: Sonho ou Realidade?” E esse projeto não foi classificado nem para a Regional daqui. Não, ele não foi classificado para a Estadual. E a Estadual aquele ano foi aqui, mas mesmo assim, o pessoal da Feira me convidou para expor só como convidado. Eu fui com os alunos, tudo direitinho, a gente foi. E aí, depois, todo ano eu ia, todo ano eu ia, todo ano... A diretora já dizia: “*Mirian, qual é o projeto este ano?*”. Porque aí, cada ano ia surgindo. E eu sempre gosto de pegar temas sociais. Então, meus projetos eram relacionados também com a sociedade. Meus projetos eram sempre assim, como “Doação de Órgãos e Tecidos”. Esse foi o projeto que teve maior repercussão na época. Aí “Casa Própria, Sonho ou Realidade”; teve um também, “A Matemática, o Corpo”, que era relacionado com a saúde. Aí a gente estudou esse negócio dos biotipos, estudou também massa corpórea. Até isso eu ensinei para o quinto ano, a calcular todas essas coisas assim. Agora não vou me lembrar de todos assim... sobre adoção... eu aprendi tudo sobre adoção com os alunos, além de aprender Matemática. Aí... qual foi o outro que eu tinha feito? Agora não lembro... não vou me lembrar.

Eu trabalhava o ano todo um projeto só. Esse projeto era trabalhado o ano todo, em todas as disciplinas, inclusive Matemática, já me preparando porque eu sabia que em setembro, por aí, já seria a Feira e já ia preparando os alunos. E tinha alguns que esperavam ansiosos pelo dia de participar da Feira. E como só pode dois alunos (em princípio eram três,

---

<sup>17</sup> Rio do Sul, cidade do Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, situada a 162 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>18</sup> Feira Regional de Matemática. As Feiras Regionais reúnem trabalhos de várias cidades que compõem cada região do estado.

depois passou a ser dois), então a gente procurava escolher, é claro, aqueles que se destacavam, nas pesquisas do projeto, porque sempre tem aqueles que se destacam. Então, como só podia escolher dois, a gente escolhia aqueles que mais tinham se destacado para levar para a Feira de Matemática também.

Eu sempre gostei das Feiras. A gente para ir, como escola particular, no caso, vai e fica em hotel, etc. e tal, mas a primeira vez que eu fui para fora daqui de Joinville, foi em Pomerode<sup>19</sup>. Lá gente dormiu nas salas da igreja, da nossa, da Igreja Adventista lá de Pomerode, e a gente tinha que andar uns dois quilômetros para ir tomar banho na casa de uma pessoa, porque lá não tinha chuveiro. Tudo bem difícil. Mas valeu a pena, foi Destaque aquele ano, naquela vez. Eu sempre via as Feiras muito bem organizadas, sempre. Uma falha e outra sempre vai acontecer, isso é natural, normal, né? E sempre gostei das Feiras, da abertura, do fechamento, da entrega dos brindes, tudo. E, pra mim, como professora, e eu também trabalhava isso nos alunos: não importa se for Destaque ou se for Menção Honrosa. O que seja. O importante é que nós chegamos aqui, viemos aqui, e a gente pode transmitir o que a gente aprendeu, e está aprendendo outras coisas também. É claro que tiveram Feiras mais suntuosas, vamos dizer assim, muito lindas, e a organização mais, vamos dizer assim, chique. Mas todas elas têm o seu valor, todas elas foram importantíssimas pra mim, porque eu cresci observando todos os trabalhos que tinha lá. Eu não tenho a tendência de copiar, nem a ideia assim, a ideia, o título, estas coisas não. Mas ali surgem ideias na cabeça da gente. Por isso é que é importante o professor participar. Eu notei aqui em Joinville, na Regional nossa aqui, que muitos professores não participam porque eles, é... parece que eles querem aquele prêmio, aquela coisa assim, né? E não deve ser essa a motivação. A motivação é a participação. E os alunos que participam de Feiras de Matemática, eles ficam diferentes, eles nunca serão os mesmos mais. Porque falar para todo aquele público que passa ali, explicar, é uma mudança total no aluno, é importantíssimo para o currículo dele, na minha opinião. E do professor também. Eu cresci muito com as Feiras.

---

<sup>19</sup> Pomerode, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 155 km de Florianópolis, capital do estado.

### 2.3. Rose Mary do Nascimento Agostini

Entrevista realizada em 15 de dezembro de 2011, na escola onde trabalha a depoente, na cidade de Ascurra<sup>1</sup> (SC). Duração da gravação: aproximadamente, 25min.

A professora Rose Mary nasceu em Blumenau<sup>2</sup> e cursou o Magistério apenas depois de casada. Começou como professora ACT<sup>3</sup> em escolas da Rede Estadual de Ensino, prestou concurso para professora da Secretaria Municipal de Ensino de Timbó<sup>4</sup>, onde ficou até se aposentar. Hoje atua como professora do Colégio Salesiano<sup>5</sup> de Ascurra. Iniciei a busca pela professora por meio do telefone da escola de Timbó em que ela atuava, que constava em um dos Anais das Feiras Catarinenses de Matemática. A secretária da escola me informou que ela havia se aposentado, mas me forneceu o *e-mail* da professora. Enviei uma mensagem me apresentando e a minha pesquisa e convidando-a para participar. A professora logo respondeu, e marcamos a entrevista para o dia quinze de dezembro de 2011, às nove horas e trinta minutos, no Colégio São Paulo, em Ascurra, onde ela trabalha atualmente. O dia amanheceu ensolarado, e me dirigi para a entrevista. Chegando lá, fui até a secretária e me apresentei. Esperei alguns minutos e, logo em seguida, a professora veio me atender. Antes de iniciar a entrevista, fui apresentada à diretora do Ensino Fundamental do Colégio e conversamos alguns minutos sobre a pesquisa que eu estava desenvolvendo e assuntos referentes ao trabalho desenvolvido no colégio. Rose Mary é o tipo de professora que deixa as pessoas que a ouvem encantadas com a profissão.

*“Matemática, para mim, nas Séries Iniciais, como estudante, foi sofrida [...] para os meus alunos não passarem a mesma situação, eu comecei a envolver a Matemática em tudo. Então, foi a Matemática na natureza, a Matemática na construção de uma casa, Matemática... até no crescimento de planta, Matemática na Educação Física. E foi, foi indo, foi dessa forma que eu ensinei Matemática para os meus alunos, até hoje”.*

<sup>1</sup> Ascurra, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 169 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>2</sup> Blumenau, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 129 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>3</sup> ACT: Admissão em Caráter Temporário, sistema de contratação de professores em caráter temporário para substituir um professor efetivo que esteja em licença ou preencher uma vaga que não possua professor efetivo.

<sup>4</sup> Timbó, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 159 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>5</sup> Colégio São Paulo. Colégio particular católico da cidade de Ascurra, administrado pela Rede Salesianas de Escolas.

A minha família... a minha infância foi muito feliz. Foi na época de não ter televisão, energia elétrica sim, computador nem pensar, né? A nossa infância era de brincar, de subir no pé de ameixa, comer bastante ameixa, dar congestão de ameixa... O pé de goiaba, o milharal... A gente corria atrás das galinhas, foi uma infância assim... em Blumenau, por incrível que pareça. Naquela época era assim Blumenau. Muito feliz, muito feliz. Sempre muitos irmãos, e sempre participando.

Fui alfabetizada num colégio em Blumenau também, estadual, uma escola estadual... Nossa, a minha professora do primeiro ano foi a que me marcou e eu não vou esquecer jamais. Eu só vou contar uma aula dela rapidinho, porque, naquela época, a gente não tinha os recursos que têm hoje em dia, e o que ela fazia pra nós usarmos o semáforo de acordo! Ela pegava casacos verde, amarelo e vermelho dos alunos e fazia uma bola com aqueles casacos, e ela ficava lá na frente. Ela mostrava o amarelo, gente vinha tudo em fila assim; aí ela mostrava o vermelho e mostrava o verde, e aquilo era uma aula inesquecível. Não tinha quem não aprendesse. Passaram os anos, ela se aposentou, certo, e eu trabalhando como professora em Timbó. Eis que um dia ela aparece na minha sala de aula. Eu vou dizer uma coisa pra você (ó, até me arrepio): foi emocionante. Gente, olhei para a Rita Leite (era o nome dela), eu olhei assim: *'Eu não acredito!'*. Foi uma coisa assim muuuuito marcante. Nós conversamos, ela entrou na minha sala, conversou com meus alunos e na hora que eu disse para os meus alunos que ela foi minha professora do 1º ano, o encantamento foi geral.

Assim, eu peguei aquele método, passei pela Lei 5692<sup>6</sup>: ia todo mundo e ficava dependente de uma matéria e, se não conseguia, ficava dependente de outra. Se você me perguntar, como estudante, eu não sei o que aquilo me beneficiou ou não me beneficiou. Eu não sei, tá? Porque daí, depois, eu peguei o Ensino Médio. Aprendi daquela forma, mas aprendi. Aprendi, né? Tanto que estou aqui.

Agora vou falar... Matemática, pra mim, nas Séries Iniciais, como estudante, foi sofrida. Ela foi muito sofrida, e eu acho que, por isso, para os meus alunos não passarem pela mesma situação... era só os números lá na frente, eram aquelas regras a seguir, você não tinha um apoio, uma coisa no que se basear. Se tornava muito abstrato, o porquê daquilo tudo. Porque não se contemplava a Matemática que, hoje, é um todo: tudo é Matemática. E nós não

---

<sup>6</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação: LDB 5.692/71.

tínhamos aquele conceito, naquela época. E era muito difícil de entender o porquê daqueles cálculos todos.

Sou pedagoga. Sempre quis ser professora. Sim, essa decisão eu tinha. E eu digo assim ó: hoje em dia eu fico como professora por vocação, quem não tem vocação não fica. Na minha família, todos são professores. Eu tenho marido professor, tenho dois filhos, um é professor, (trabalha na FURB<sup>7</sup>, Daniel Agostini Neto, trabalhava na reitoria, agora ele tá aqui em Timbó trabalhando no nível superior), e o outro seguiu a mesma profissão do pai, na disciplina Educação Física. Além de trabalharem na educação, eles também têm treinamento esportivo, trabalham numa empresa na parte de esporte. Todos professores. Aí eles te perguntam, e tu vais dizer assim: *‘Ai, meu filho, tu vais ser professor?’* Eu jamais disse isso. Eles dizem assim: *‘Mãe, mas a gente ganha tão pouco.’* Aí eu digo: *‘A mãe também ganha pouco, mas eu estou muito feliz naquilo que eu faço. Eu me realizo como professora, continuo me realizando, meus filhos, mas se você gosta, faz. Porque o sucesso vai aparecer se você faz alguma coisa com gosto, e hoje em dia não é só dinheiro, você tem que trabalhar, pensar em trabalhar para o bem da humanidade. Você trabalhando para o bem da humanidade, o que vai acontecer? O sucesso vai aparecer, o teu progresso vai acontecer, e o dinheiro, financeiramente também vai surgir, com certeza. Agora, não pense em trabalhar pelo dinheiro. Pense em trabalhar pelo povo, em fazer bem para o povo.’* Aí então todo mundo optou pela profissão de professor e tá todo mundo junto e feliz, pelo menos até agora.

Iniciei no Magistério tarde, não comecei cedo. Só depois de casada eu fui fazer Magistério. Eu tenho 54 anos e, depois de casada, fui fazer Magistério, gostei tanto, me aprofundei tanto e hoje estou no nível que estou: aposentada pela Rede Municipal de Timbó. E nem tinha ainda me aposentado e já recebi a proposta da Rede Salesiana daqui do Colégio São Paulo para continuar aqui, trabalhando com 5º ano. Por incrível que pareça é uma coisa... Eu digo assim: foram tantos anos de profissão! 25 de profissão, contados, se fosse o caso. Tenho mais agora: 5 anos nas outras séries, 20 só no 5º ano. E não por opção nada, porque era coisa assim, não podia escolher, era 5º ano e pronto, não tinha como.

Comecei como substituta de professoras gestantes, que entravam em licença de maternidade, comecei a substituir assim. Então, em um ano, por exemplo, eu substituía seis meses, quatro meses, e assim foi... naquela época, estava na Rede Estadual, e naquela época

---

<sup>7</sup> FURB: Universidade Regional de Blumenau, Blumenau (SC).



também tinha aquelas vagas vinculadas<sup>8</sup>. Daí você trabalhava o ano todo, sem continuar no outro ano. Ainda continua, pois eu vejo escolher aula. Até que eu prestei concurso para professor, que apareceu em Timbó, não lembro a data, eu prestei concurso e continuei na Rede Municipal até me aposentar. Mas sempre assim, picadinho... eu chegava a chorar, no início do ano, se eu não conseguia aula. Eu chegava em casa desesperada: *‘Eu não consegui aula’*. Aí meu marido dizia: *‘Calma que vai aparecer, geralmente as vagas melhores aparecem depois, durante o ano... não te precipites.’* E realmente aparecia. Porque eu queria trabalhar, eu queria estar em sala de aula. Propostas eu recebi bastante, para trabalho em coordenação, na Secretaria de Educação, mas o meu negócio é sala de aula com os alunos, é estar aí, em contato com eles.

Quando eu comecei na educação, eu acho que, para os meus alunos não passarem a mesma situação, eu comecei a envolver a Matemática em tudo. Então foi a Matemática na natureza, a Matemática na construção de uma casa, Matemática... até no crescimento de planta, Matemática na Educação Física. E foi, foi indo, foi dessa forma que eu ensinei Matemática para os meus alunos, até hoje. Interessante é que eles entendem, eles percebem ainda hoje a minha preocupação em ensinar Matemática. Então eles logo se tocam sobre o que eu também passei. Porque as crianças nessa idade, elas têm uma percepção e perguntam assim ó: aconteceu da professora... porque os professores não sabiam ensinar, mas naquela época era diferente do que é hoje, as oportunidades, o que oferece hoje...

Em Matemática, na minha opinião, para haver uma aprendizagem, para poder dizer *‘Eu aprendi a Matemática’*, tem que relacionar a Matemática com o todo. Relacione a Matemática com tudo de forma interdisciplinar: Matemática na Língua Portuguesa, Matemática na Geografia, Matemática na História (é a linha do tempo, são os séculos), tudo envolva. Teve época em que eu não chegava a falar em Matemática pra eles, mas os cálculos estavam todos ali, todo conteúdo, tudo, tudo ali dentro. E eles entendem bem melhor. Bem melhor que: *‘Ah, agora vamos fazer uma conta, vamos calcular esta conta aqui no quadro’*. E bota lá a continha, a sentença matemática. Não funcionava. Tem que pegar, vamos lá no supermercado, vamos aqui, vamos fazer uma viagem de estudos (nós fizemos muita viagem de estudos), vamos numa loja, num supermercado, né? Vamos lá ver o valor da compra daquela pessoa.

---

<sup>8</sup> Vagas Vinculadas são as vagas de professores efetivos que assumiram cargos comissionados ou de direção escolar.

Então, tem que pedir o que estava sendo somado, é ali que os cálculos entram. Na minha opinião, o segredo para lecionar Matemática está aí.

Eu comecei a lecionar desta forma e me aposentei com a tecnologia. Como eu te falei, me aposentei com a tecnologia. O que eu faço? Abandonei aquilo que eu fazia antes da tecnologia? Não. Fiz uma adaptação entre os dois. Nós temos a tecnologia para a pesquisa, para a informação e temos a natureza e o dia a dia para explorar Matemática, explorar a Matemática na tecnologia, unir os dois, e formar uma coisa só que dá certo. Pode fazer, é só você criar: *‘Não, vou adaptar isso com isso’*. E o próprio aluno, ele vem... O nosso aluno hoje, nasce com o computador dentro de casa. Então, temos que aproveitar esse lado. E o próprio aluno sugere: *‘Professora, ó, eu vi isso aqui’*. E às vezes me surpreende: *‘Meu Deus!’* Porque a verdade é a seguinte: eles nos dão um show de tecnologia. Então, eu entro com a parte prática, a escrita, a oralidade... e eles entram com a parte da tecnologia. E olha que é uma parceria que deu certo.

Sempre utilizei materiais de apoio didático. Sempre. Preparar as aulas e tirar as dúvidas. Gente, jamais posso ir para a sala de aula, vamos dizer assim, despreparada. É o caos. Eu tenho tantos anos de profissão, as pessoas dizem: *‘Ah você tem tanta experiência’*. Ainda não faço isso, não consigo fazer isso. Eu acho assim: professor que já tem tudo aqui na cabeça, pra mim já não... se ele consegue, tudo bem. Mas eu, com tantos anos de experiência, não consigo. Eu tenho que preparar a minha aula. Eu tenho que ver o material que vai ser utilizado. Eu tenho que ver: *‘Será que os objetivos vão ser alcançados com isso que eu preparei? Será que o aluno vai entender?’* E também conto com o que o aluno vem, com a bagagem que ele vem em relação à questão da tecnologia. Tem que ver esse lado também, para ver se vai dar certo. Vamos dizer assim: *‘Agora tá tudo aqui na minha cabeça. Não, eu tenho um plano e eu tenho que seguir este plano. Eu planejei este plano, eu tenho que seguir’*. Se ele não deu certo, foi planejado, mas não deu certo, retorno, replanejo, faço tudo de novo. O objetivo mesmo, o que eu quero, são as habilidades que eu vou desenvolver no meu aluno, e se eu não planejar eu acho difícil conseguir. O planejamento é fundamental. O plano anual, o plano semanal, o plano mensal...é fun-da-men-tal. E nunca: *‘Ah! Eu quero exigir isso’*. Não. Sempre tem os materiais à disposição para serem usados. É bem mais proveitoso. É até economia de tempo. Aí você vê lá na hora. *‘Ah! O que é que eu vou usar para isso?’*

Também nunca deixei de fazer curso. Sempre estar a par das novidades, das coisas que estão aparecendo. Não podemos deixar de nos aperfeiçoar. Professor não pode... hoje em dia, nenhuma profissão pode deixar de se aperfeiçoar. Tem que saber das novidades... e mudar... inovar... não ficar na mesmice, porque o nosso aluno, com a tecnologia, ele não aceita, ele não vai aceitar... Aí nós temos alunos, na sala de aula, distraídos... A gente, geralmente, diz assim: ‘*Oh, menino, pára de ser distraído! Vamos prestar atenção na aula*’. Na verdade, a culpa é nossa, porque eu tenho que mostrar coisa diferente pra ele. Porque se não for diferente, dificilmente se consegue. Então, estar sempre a par das novidades, dos materiais didáticos que estão aparecendo, dos jogos na *internet*, jogos matemáticos, enfim, tudo... eu descobri o *site* do IBGE<sup>9</sup>, alguns *sites* interessantes que envolvem a formação dos continentes, entra questão de Matemática, de tudo. Eles exploram, eles vão e eles fazem. Só basta você “jogar”. Mas você tem que estar a par do que está acontecendo na vida deles. Não é dizer: “*Alunos, tá*”. Você tem que estar a par para depois orientar. Mas é fantástico sempre estar descobrindo novidade.

Você me pede para descrever uma aula de Matemática que lecionei... Todas as aulas de Matemática ultimamente são boas pra mim. No tempo em que eu era estudante, não eram, mas, hoje em dia, são boas pra mim. Eu gosto muito de estudar; por isso eu estudo com os alunos a questão temporal. O tempo, depois de Cristo e antes de Cristo. Os alunos da idade dos meus, de dez, nove ou dez anos, eles têm dificuldade de entender essa questão. Então é retornar o tempo. E como é que eu vou retornar no tempo? Eu vou usar a tecnologia que eu consigo retornar no tempo para descobrir o que é o antes de Cristo e o depois de Cristo e a linha do tempo. E ali a linha do tempo vai nos direcionar para onde nós estamos hoje. E interessante, o que entra ali? As mudanças que acontecem. O povo tal viveu de que forma? Então, é a História junto com a Matemática e a Ciência, né? E atrai bastante os alunos. Então, eu gosto muito de desenvolver essa aula. O antes de Cristo e o depois de Cristo, desenvolvendo a história dos povos que é interessante. Chama a atenção dos alunos porque são descobertas que a gente vai fazendo, e a gente: ‘*Puxa, mas se os Maias naquela época...*’ Até a própria questão dos muçulmanos. E assim vai, as regiões diferentes.

Participei das Feiras de Matemática, mas não consigo me lembrar de quantas...

---

<sup>9</sup> IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Particpei bastante, mesmo. E comecei em 1999... 1998... Foi antes do ano 2000. Foi bem antes, foi por essa época. E o que me levou a participar das Feiras foi a possibilidade de levar o trabalho, levar para outros alunos uma forma diferente de aprender Matemática. E nisso aí, olha, a Feira de Matemática é sensacional. E não só os meus alunos levarem (porque aí nós fizemos assim, ó: um aluno vai apresentar o projeto, mas a sala toda vai participar da Feira visitando, também para descobrir a ideia, a criatividade dos outros alunos, não só a nossa). Então, havia essa troca. Aconteceu essa troca. Eu posso dizer que aconteceu porque era uma coisa que eu exigia. *‘Eu vou participar, mas, por favor, eu quero todos os alunos visitando a Feira de Matemática’*. Mas eles iam lá só olhar? Não, eles iam com uma folha... E eu os deixava anotarem sozinhos? Não. Eu fazia uma folha com perguntas e coisas para verem, e realmente a construção era boa.

Eu sempre adorei participar das Feiras de Matemática, não com aquele objetivo de: *‘Ah, você vai ter que ...’* Nada disso. E as pessoas que trabalhavam comigo também participavam. Para levar para os outros alunos, para levar, para disseminar; *‘olha nós trabalhamos assim, nosso projeto foi esse aqui. As formas geométricas nas coisas da natureza, nas árvores, a gente trabalhava assim, pegava umas folhas lá e olha aqui, ali. Trabalhava polígonos, as folhas têm quantos lados vamos contar...’* nem falava em soma de lados de polígonos, contava os lados via qual era a soma dos lados. A questão da área, isso é que é complicado, né? A questão da área, de medir, sempre dentro da natureza, sempre levando, aí o aluno entende bem, bem melhor. Seria essa a prática.

Tem muita gente que é contra a Matemática... Sabe o que acontecia? A garota: *‘Ai porque eu não fui classificada’*. *“Ai eu achava isso’*. *‘Pra mim isso não.’* *‘Ai não fui classificada.’* *‘Porque meu trabalho tá melhor do que o outro’*. Não tem trabalho melhor, todos são bons, todos são ótimos. O importante é que você levou lá, que você mostrou para outras pessoas, para outros alunos, para outros educadores, e houve aquela troca de ensino de Matemática. Isso é fundamental, aconteceu e foi bom. Se houve classificação, se não houve classificação, pouco me interessa. Ela tem que ter classificação, eu concordo. A classificação faz parte. Se você quer tocar adiante, você tem que classificar, não dá para levar todos, tem

que classificar.<sup>10</sup> Mas se o meu foi desclassificado, não significa que o meu não foi bom, né? Com certeza.

As Feiras de Matemática possibilitam uma troca de habilidades muito boa. Sempre melhorando, sempre melhorando, em todas as Feiras de Matemática que eu fui nunca pude dizer: *'Ah, essa aqui foi pior que a do ano passado.'* Sempre veio inovando. Não participei mais porque aqui o nosso sistema é diferente: colégio. Eles fazem interno, uma de ciências, mas se eu tiver oportunidade de voltar, eu vou estar lá. Com certeza, eu vou estar lá.

---

<sup>10</sup> As Feiras de Matemática são desenvolvidas em três etapas. A primeira é formada pelas Feiras Municipais. Os trabalhos que recebem a premiação Destaque nessa fase são classificados para a segunda etapa: as Feiras Regionais. As Feiras Regionais reúnem trabalhos das várias cidades que compõem cada região do estado. Os Trabalhos Destaque das Feiras Regionais são classificados para a etapa estadual, a Feira Catarinense.

## 2.4. Loriane Furrbringer Dalcastagne

Entrevista realizada em 19 de dezembro de 2011, na residência da depoente, na cidade de Brusque<sup>1</sup> (SC). Duração da gravação: aproximadamente, 20min.

A professora Loriane nasceu em Brusque, em 1980. No Segundo Grau cursou Científico, mas fez a faculdade de Pedagogia e pós-graduação em Metodologia da Educação, na UNIFEBE<sup>2</sup>, em Brusque (SC). Começou a trabalhar em 1999 com turmas de Educação Infantil e, após três anos, passou a lecionar nas Séries Iniciais (hoje, Anos Iniciais). Consegui o *e-mail* de Loriane por meio de um dos anais das Feiras Catarinenses em que ela apresentou trabalho. Mande um *e-mail* com todas as informações sobre a pesquisa que estou realizando, convidando-a para participar. Após algumas semanas, a professora me respondeu, fornecendo seu telefone para eu entrar em contato para marcar a entrevista que ocorreu no dia dezanove de dezembro de 2011, às quinze horas e trinta minutos na casa da professora, em Brusque, numa rua bem tranquila, cercada por uma área verde. Loriane é uma pessoa que facilmente toma o controle da situação. Fala muito rápido e de forma determinada, transparecendo muita energia. A entrevista durou em torno de vinte minutos e, quando saí, ela foi ao encontro dos filhos.

*“Uma coisa eu acho também é que não dá para ser radical e dizer que ‘Não, o tradicional não dá mais para fazer’. Tem coisas que eu sei que, tabuada, por exemplo, a gente faz joguinho, faz a construção toda, mas chega uma hora que eles têm que sentar e estudar mesmo.”*

Minha infância foi bem tranquila, porque eu moro num lugar que me possibilita brincar. Tem bastante natureza, não é muito movimentado, então a gente sempre foi muito simples, e de brincar mesmo. Meus pais... meu pai é um pouco mais sério, mais severo; minha mãe já é mais moderna e conversava mais com a gente.

Nasci em Brusque, cresci em Brusque, continuo em Brusque. É uma cidade que eu gosto, calma. Hoje em dia já está bem evoluída, tem bastantes habitantes já e também é bastante moderna.

<sup>1</sup> Brusque, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 91 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>2</sup> UNIFEBE: Centro Universitário de Brusque (SC).

Comecei a estudar no SESI<sup>3</sup> e, em seguida, fui para um colégio particular, um dos que têm bastante nome aqui na cidade. Foi uma coisa que meus pais sempre se esforçaram para dar para gente. Não era uma coisa fácil, porque uma escola particular a gente sabe que custa um pouquinho mais caro, mas sempre se dedicaram neste sentido. E eu sempre gostei muuuuuuito da escola, muuuuuuito. Quando começava o ano, eu queria que acabassem logo as férias, nem dormia direito quando iam começar as aulas. Sempre gostei.

De professores de Matemática teve uma que me marcou bastante. Nas primeiras séries, é sempre a mesma professora que dá todas as disciplinas, né? Agora, na Matemática mesmo, teve uma professora que eu conheço até hoje, a partir da sexta série eu acho que foi. Ela era bem exigente, mas sempre explicava muito bem. Eu não tinha dificuldades na matéria, mas eu era muito... às vezes, eu achava que eu não era de raciocínio rápido, eu era muito do papel. Tinha que fazer, tinha que montar; quando ia estudar, tinha que fazer um monte de exercício. Mas, hoje, eu acho que não, porque, hoje, eu até me considero mais rapidinha. É que a gente vê que tem pessoas que, meu Deus, calculam tão rapidinho, e eu ficava lá... Mas acho que era só impressão, hoje em dia me dou muito bem. E essa professora foi comigo até o Segundo Grau. Eu até cantava e, então, a gente tinha uma relação por fora. Cheguei a tirar umas notas mais ou menos quando as matérias eram mais difíceis, mas ela sempre me marcou assim, de tirar dúvidas... Teve uma, eu não me lembro em que série (acho que foi na sétima), que aquela era, digamos assim, um terror. Era aquela professora assim, bem severa, mais estilo tradicional. Nós tínhamos medo até de perguntar, de levantar a mão. Ela passava do lado da nossa mesa, eu fazia de conta que tinha caído apontador, qualquer coisinha, pra ela nem me ver, para não me mandar ir para o quadro. Porque se você errava ela já dava aquela bronca, então ela intimidava a gente, né? Coisa até bem diferente do que a gente vê hoje.

No Ensino Superior, eu fiz Pedagogia, e tinha uma disciplina chamada Fundamentos e Metodologia da Matemática, e a gente também fazia muitas coisas no papel. São coisas assim, eu até acho que poderia ter sido um pouquinho melhor; a gente ficou muito nessa assim de, eu acho importante também, né? Relembrar todas as coisinhas, como é que se fazia, a gente trocava algumas experiências, mas eu acho que poderia ter ido um pouco além. Não tive dificuldade.

---

<sup>3</sup> A professora estudou em uma escola mantida pelo Serviço Social da Indústria (SESI).

Fiz o curso na UNIFEBE, terminei em 2001. Aí em seguida eu já emendei a pós-graduação (*lato sensu*) em Metodologia da Educação, que foi um ano e meio, quase dois, aí desde lá só faço cursos de vez em quando ...

Em relação à escolha profissional, eu tinha algumas ideias, mas principalmente relacionadas ao Magistério, porque eu sempre gostei muito de criança. Aonde eu ia, na família... *‘Ah, deixa as crianças com a Lori que ela cuida.’* E até hoje eu gosto de brincar. Eu brinco com os meus filhos, eu vou na areia, eu entro no matinho, eu brinco no parque, essa coisa toda. Me divirto muito com isso. Então, eu fiz uma orientação profissional, deu algumas profissões relacionadas, mas ser professora era o que sempre me chamava mais atenção. Então eu resolvi fazer. Tentei o vestibular, passei na primeira vez já, e... não me vem assim... às vezes eu penso: *‘será que eu não poderia fazer uma outra coisa ou, até, uma coisa complementar ou, até mudar um pouco?’* Mas eu vou dizer bem a verdade: eu gosto. A gente sabe que professor tem uma profissão que, às vezes, não é muito valorizada, aquela coisa toda, mas eu me divirto. Isto é que é importante. Não me vejo trabalhando dentro de uma fábrica, num escritório fechado, não me vejo fazendo outras coisas... Às vezes, a gente vai visitar com os alunos outros locais, aí eu penso: *‘Não, eu não sirvo para isso’*. Porque daí tu vais lá, às vezes tu fazes um teatro, às vezes tu fazes uma apresentação ou, mesmo, lá na sala, quando tu ensinas, eles te devolvem alguma coisa, produzindo um texto ou conseguem fazer determinada coisa, resolver determinado problema, aí tu pensas: *“Poxa, é gratificante”*. Então eu acho muito divertido. Claro que é estressante também, mas toda profissão tem seu lado de *stress*, né?

No Segundo Grau, eu não fiz Magistério. Eu me formei no Científico, na época. E aí, depois, entrei direto na faculdade de Pedagogia. Às vezes, eu achava que isso faltava um pouquinho pra mim, porque eu via que, no Magistério, o pessoal fazia muitas práticas. Mas, assim, a faculdade abre a mente, mas onde tu vais aprender mesmo é depois, lá na prática. É porque é ali que tu vais adquirir experiência, a partir do estágio a gente já começa a ter uma ideia.

Iniciei em turmas de Educação Infantil, durante uns três anos e, depois, fui para as Séries Iniciais, terceira série na época; depois mudei para a quarta e acabei ficando geralmente nesse ciclo ali, terceira e quarta série, hoje quarto e quinto anos.



Comecei a trabalhar numa escola e, depois, fui para esse Cultura<sup>4</sup> e fiquei bastante tempo. Agora troquei. Já estava 10 anos no mesmo lugar. Não tenho o que reclamar, aprendi muito lá. Mas daí aquela coisa, assim: aos poucos, não tinha muita novidade, e eu não gosto quando a coisa fica muito igual. Por mais que, às vezes, te dê mais trabalho, tu encarares um desafio novo, mas eu cheguei a um ponto assim que eu percebi: *‘Não, eu preciso de algo novo’*. Aí eu mudei. Fiz um concurso aqui para o SESI, que também é beeeeem disputado assim, né? E aí eu consegui passar e comecei este ano. Estou gostando muito, embora não esteja com a Matemática.

A Matemática eu sempre via que era, muitas vezes, a pedra no sapato dos alunos. Embora Português também seja de vez em quando. É que eu via assim: o aluno que era... que ia “excelementemente” bem, passava a operação e não precisa mais de ti. Mostrava uma vez, e ele faz a conta e ajuda os outros. E tem outros sempre se arrastando, sempre com uma baita dificuldade. O que era bastante comum. Então, assim, as provas de Matemática eram as últimas que eu fazia no bimestre. Eu começava com uma de Português, depois uma de Ciências. A de Matemática eu ia deixando para sempre ter mais tempo de trabalhar e exercitar, até chegar o momento de cobrar na avaliação. Já que a escola cobrava através de prova. Então, sempre tive um cuidado maior com a Matemática. E uma coisa que eu sempre tentei mostrar pra eles foi a utilidade da Matemática, porque às vezes eles perguntavam: *‘Mas para que aqueles exercícios de ‘escreva por extenso’? Aquela coisa de ‘escreva como se lê’?’* *‘Mas, gente, vai preencher um cheque. Se o cheque estiver preenchido muito errado, corre o risco do banco nem aceitar’*. Então, aí eu percebia que isso era muito bom porque daí eles diziam: *‘Ah, mas tem isso, né?’* Porque a Matemática a gente usa para tudo, né? Todos os dias, vinte e quatro horas por dia, estás calculando, estás fazendo uma geometria, faz parte da nossa vida. Só que, às vezes, eles não conseguem reportar isso, pensar: *‘Não, realmente, a gente precisa.’* Ou, às vezes, nem nota que tá fazendo Matemática. Vai no posto de gasolina e olha lá a bomba: *‘Ah tá, isso, vou pagar tanto.’* Tá dentro da Matemática, e a pessoa, às vezes, não percebe.

Para ensinar, eu usava material didático, mas não era o livro fechado. Naquela época, a gente produzia o próprio material, com base em muitos outros. Então, a gente ia construindo a própria apostila. Depois, até essa apostila foi patenteada pela escola. Este ano eles mudaram,

---

<sup>4</sup> Centro Educacional Cultura, colégio particular de Brusque (SC).

adotaram a apostila do Energia<sup>5</sup>. Mas eu não cheguei a trabalhar com esse Energia. A apostila sempre era muito flexível, tinha aquelas páginas que eram produzidas a cada ano, mas você tinha liberdade de colocar, porque ela não era encadernada. Então se eu quisesse acrescentar alguma coisa, no final do bimestre é que a gente mandava encadernar e daí ficava o livro do aluno. Então assim, sempre, aliás eu estou sempre na *internet* pesquisando alguma coisa ou livro mesmo ou, assim, o que era bom era que percebias que estavas trabalhando alguma coisa, mas a turma teve dificuldade mais nisso, porque cada turma é diferente. Então, eu vou trabalhar mais em cima disso, mais exercícios, de repente, mais recursos sobre tal assunto.

A gente tinha sempre o Material Dourado<sup>6</sup>. Além disso, a quarta série sempre era responsável pelo Grêmio Estudantil. Então, a gente fazia muita atividade prática, tanto de confecção de coisas quanto de venda. Porque aí a gente vendia picolé na escola, a gente fazia brigadeiro e vendia, a gente fazia cachorro-quente e vendia. Sempre era um determinado grupo de alunos: *‘hoje vocês vão calcular quantos [...] precisa fazer para gente vender cachorro-quente, desde os ingredientes, quantas salsichas,... quantos pães,... quanto a gente vai vender,... que valor,... e no dia da venda, tu vais ficar no caixa, tu vais ficar...’*, então eles participavam muito também dessa coisa da “vendinha”. Isso porque, às vezes, as crianças grandes já não se interessam muito pelos joguinhos, né? Mas isso era muito bom pra eles, essa parte da prática mesmo. A gente fazia desde a eleição das chapas, no começo do ano, e o ano todo fazia atividades para arrecadar dinheiro para, no final, eles fazerem a viagem para Floripa<sup>7</sup>. Pra eles poderem as coisas. Aí então era sempre assim: a gente fazia eventos, às vezes cobrava... vamos fazer “cineminha”, cada um vai pagar um real. Então, tinha muita situação prática assim.

Teve um projeto que me marcou muito. Até pra eu te falar de uma aula boa, esse projeto ficou muito marcado na minha vida, porque a gente fez “O Banco e a Escola”. Nós

---

<sup>5</sup> Sistema de Ensino Energia: sistema de ensino que possui colégios desde a Educação Infantil até Ensino Médio e cursos Pré-vestibulares, em Santa Catarina. Desenvolve também material didático (apostilas) utilizado por escolas particulares desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

<sup>6</sup> Material Dourado: Material idealizado por Maria Montessori para representar os números sob a forma geométrica. As unidades são representadas por pequenas contas amarelas; a dezena (ou número 10) é formada por uma barra de dez contas enfiadas num arame bem duro. Esta barra é repetida 10 vezes em dez outras barras ligadas entre si, formando um quadrado, “o quadrado de dez”, somando o total de cem. Finalmente, dez quadrados sobrepostos e ligados formando um cubo, “o cubo de 10”, isto é, 1000. Esse material também é muito utilizado na forma que cubinhos de madeira no lugar das “contas amarelas”. Esse material destina-se a atividades que auxiliam o ensino e a aprendizagem do sistema de numeração decimal-posicional e as operações fundamentais.

<sup>7</sup> Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

trabalhamos tudo relacionado ao banco. Fomos ao banco, abrimos uma conta e, na minha época, eu cuidava do Grêmio Estudantil; então foi o presidente do Grêmio quem abriu a conta. Nós fizemos “o bancário por um dia”, e a gente foi na Caixa Econômica<sup>8</sup> e deixaram eles participarem assim, né? Atuar como caixa, lá na mesa do gerente. Daí a gente viu lá dentro, quem trabalha lá nos “envelopinhos”, a moça abriu também os caixas eletrônicos para gente olhar. Nossa, aquilo ali pra eles foi muito marcante. Aí a gente trabalhou dentro da parte da documentação: “*Para abrir uma conta, o que é que precisa?*” Precisa de identidade. Aí fui levar eles para fazer carteira de identidade. Porque é um projeto assim... A Feira acontece geralmente em setembro, a primeira etapa. Mas, nas férias de janeiro, quando a gente voltava, a gente já tinha as ideias. Já colocava alguma coisa no papel, porque não dá para trabalhar só dois meses, e, se tu trabalhares só para a Feira, acho que perde um pouquinho da riqueza. Então, assim, como eu trabalhava muitas vezes na terceira e quarta, a gente tinha lá os conteúdos programáticos: ‘*Vou ter que dar conta disso, disso e disso.*’ Só que aí tentava colocar isso dentro do projeto, para ficar mais interessante. Eu preferia assim porque aí eu ficava muito empolgada e acabava empolgando eles também. Assim preparava para a Feira, mas a gente estava trabalhando as coisas que precisava dentro do projeto. E isso chama a atenção deles. E esse do banco, no dia da Feira, a gente fez até uma porta giratória (eu pedi para o meu marido fazer). Sempre experiências positivas assim, independentemente do troféu, que também foram vários, mas o fato de tu poderes estar participando, levar os alunos para participar...

Eu comecei a participar da Feira porque a escola incentivou. Ela pediu que todas as professoras montassem um projeto. Depois era analisado o número de vagas; se dava para ir todos, a gente levava. Antes, a gente fazia uma Feira interna na escola para avaliar se todos estavam dentro dos padrões e critérios que a Feira exigia. Se tivessem poucas vagas, a gente decidia dentro da escola mesmo quais iriam, mas sempre em espírito de equipe; ninguém deixava de ajudar, todos nos ajudávamos, mesmo que nem todos fossem.

A minha escola sempre valorizou o negócio da Feira, e eu sempre gostei muito de participar. Eu gostava sempre muito de trabalhar com ideias diferentes. Se fosse para fazer um projeto que sempre tinha, eu não queria. Eu queria sempre aquela coisa diferente. Então, o meu primeiro projeto foi sobre a calculadora. A intenção com que eu trabalhei é se a

---

<sup>8</sup> Caixa Econômica Federal.

calculadora poderia estar sendo trabalhada em sala de aula ou definitivamente não. Aí, se eu não me engano, depois eu já fui para o celular. Foi bem na época que o celular surgiu. Aí, eu já peguei e fui trabalhar o celular.

Eu acho que participei de umas dez edições da Feira. Se for contar Regional e Catarinense. Não dez anos, porque são várias etapas<sup>9</sup>. A primeira vez eu acho que foi em 2003, a minha primeira terceira série ou minha segunda terceira série. Aí, a gente já ganhou Destaque<sup>10</sup> na primeira para poder partir para a Estadual. Pra mim, foi tudo muita novidade. Nós conseguimos trazer o troféu, foi bem importante. E a escola que eu trabalhava sempre alcançou muitas premiações, sabe? Porque, com o tempo que você vai participando das Feiras, às vezes vão mudando também as orientações, as exigências... como é que tem que ser o relatório, tem que apresentar isso... A gente vai seguindo e vai adquirindo uma certa experiência. Certas pessoas eu conhecia só de encontrar na Feira, alguns professores. ‘Ó, aquela lá eu conheço, é de tal cidade...’. Mas ia visitar: deixava meus alunos lá, claro, dava todo apoio, mas eu também ia conhecer os projetos dos outros. Isso é muito legal. Porque, às vezes, uma outra pessoa fez uma coisa que eu jamais imaginava e ali trabalhou a Matemática de uma forma tão diferente... E aí que eu te falo da importância da troca. Às vezes, tu tens uma ideia e, quando eu começava o projeto, às vezes eu queria pensar, eu tenho que fazer uma coisa diferente... mas o quê, mas o quê?... Aí me esforçava e não vinha. Mas de repente, quando vinha a ideia, vinha um turbilhão de ideias. E aí o que acontecia? Geralmente eu que montava, a princípio. Tinha que delimitar também qual era o foco. Porque, por exemplo, celular: meu Deus, quanta coisa dá para trabalhar, só que também uma coisa muito extensa também não dá porque tem os minutos de apresentação lá, né? E tinha que fazer um trabalho fechadinho. Depois disso, quando eu conseguia fechar mais ou menos, eu apresentava para as crianças. ‘O que vocês acham?’ Coletava sugestões também, porque eles já sabiam que a escola participava, já era uma rotina a cada ano, e tem crianças que gostam muito desse tipo de trabalho... é muito legal. Algumas gostam muito e te ajudam... ‘Vamos caprichar, né?’ E aí fica um trabalho mais legal ainda.

---

<sup>9</sup> As Feiras de Matemática são desenvolvidas em três etapas. A primeira é formada pelas Feiras Municipais. Os trabalhos que recebem a premiação Destaque nessa fase são classificados para a segunda etapa: as Feiras Regionais. As Feiras Regionais reúnem trabalhos das várias cidades que compõem cada região do estado. Os Trabalhos Destaque das Feiras Regionais são classificados para a etapa estadual: a Feira Catarinense.

<sup>10</sup> Premiação Destaque: aos trabalhos apresentados nas Feiras de Matemática do Estado de Santa Catarina é dado o prêmio de Menção Honrosa ou Destaque. Os trabalhos que recebem premiação Destaque seguem para a próxima etapa das Feiras.

Nas Feiras, por exemplo, a gente vê o que dá para fazer de criatividade para ensinar Matemática. Não precisa ser sempre daquele jeito tradicional. Uma coisa eu acho também é que não dá para ser radical e dizer que *‘Não, o tradicional não dá mais para fazer’*. Tem coisas que eu sei que, tabuada, por exemplo, a gente faz joguinho, faz a construção toda, mas chega uma hora que eles têm que sentar e estudar mesmo. Até falando de uma experiência pessoal, com o meu filho mais velho, eu jogava muito com ele, jogava cartas, tudo inventando a tabuada. Claro que isso ajudou. Mas ele sempre estudou. E eu cobrava, porque a tabuada não adianta, tem que saber por que, senão cada vez mais ele vai se atrasando nas outras coisas que vai entender. E a Feira em si, eu acho muito boa, só que eu tenho pena porque me parece, não sei se é só impressão, mas aqui, na nossa região, parece que tem cada vez menos trabalhos. Não sei. Só que também, assim, depende de quantas vagas eles disponibilizam. Porque no ano passado, se eu não me engano, eles foram para Campos Novos<sup>11</sup>, era uma cidade menor. Então, eu escutei as minhas amigas dizerem que menos trabalhos participariam. E isso também interfere, né? E, assim, a escola que eu trabalhei sempre apoiou muito. Precisa ir, sei lá, para Videira<sup>12</sup>, uma cidade bem longe de Brusque, eram dez horas de viagem, o que a gente fazia? Fazia rifa, alguma coisa os pais tinham que pagar, é uma escola particular, algumas mães às vezes iam junto... Então, não é um trabalho fácil de fazer, e também, dependendo da escola, se a escola não te apoiar não consegue mesmo ir longe. Isso eu acho que também interfere na parte da participação. Mas eu vejo assim: no ano passado, eu fui visitar, ali na Feira Regional, muitos projetos do Cultura mesmo, não tinha muuuuito. Tinha, mas eram das Séries Finais e Ensino Médio, porque aí o pessoal também já é grande, mais autônomo, né? Mas a quantidade sempre vai ficando menor, menos trabalhos, e isso é ruim.

---

<sup>11</sup> Campos Novos, cidade situada no meio oeste catarinense, a 332 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>12</sup> Videira, cidade situada no oeste de Santa Catarina, a 364 km de Florianópolis, capital do estado.

## 2.5. Luiza Maria Felippi Antônio

Entrevista realizada em 13 de março de 2012, na escola onde trabalha a depoente, na cidade de Timbó<sup>1</sup> (SC). Duração da gravação: 19min35s.

A professora Luiza tem 45 anos. Começou a lecionar, em 1986, em uma Escola Isolada<sup>2</sup>. É formada em Pedagogia na FURB, em Timbó<sup>3</sup>, e possui pós-graduação *lato sensu* em Séries Iniciais e Gestão Escolar. Trabalha em educação há 26 anos e, nesses últimos quatro anos, está fora de sala de aula: atua como diretora da escola. Ao procurar os professores colaboradores para a pesquisa, encontrei, em um dos trabalhos apresentados por Luiza e seus alunos, o nome da escola onde ela trabalhava. No final de 2011, conversei com ela por telefone, enviei a ela o material por *e-mail* e fiquei aguardando. Como não obtive resposta, algumas semanas mais tarde, ao vir de uma entrevista realizada em uma cidade próxima, passei por Timbó (cidade onde mora a professora), deixei, na escola, pessoalmente, o material da pesquisa e conversei novamente com ela, que me explicou que aquele era um momento difícil, porque estavam finalizando o ano letivo e já se preparando para o próximo. No início de 2012, entrei novamente em contato com Luiza para ver se ela participaria ou não da pesquisa. A professora aceitou, e marcamos a entrevista para o dia treze de março de 2012, no período matutino, na Escola Municipal Padre Martinho Stein, em Timbó, aonde cheguei por volta das nove horas e trinta minutos, quando as crianças estavam na hora do recreio. Às dez horas, quando os alunos já estavam em sala de aula, e tudo já estava organizado, sentamos, eu e a professora, para gravarmos seu depoimento.

*“Os projetos que eu desenvolvia dentro da área, não especificamente para as Feiras, mas para desenvolver os conceitos matemáticos. Eu buscava sempre o que a criança já sabia. Relacionava com o dia a dia dela e ia buscando os conceitos que têm que ser trabalhados em cada série.”*

---

<sup>1</sup> Timbó, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 159 km de Florianópolis, capital do Estado.

<sup>2</sup> Escola Isolada. Escola que possui uma única turma do Ensino Primário, com alunos em diversos níveis de aprendizagem.

<sup>3</sup> Durante o período de 1999 a 2002, a FURB possuiu um *campus* universitário na cidade de Timbó, oferecendo o Curso de Pedagogia.

Minha infância foi bem tranquila. Eu morava no interior, bem família mesmo, onde pai e mãe eram base de tudo. Em casa, nós éramos seis, e eu era a neném, a ‘popa’. Vim de família italiana.

Eu nasci em Rodeio<sup>4</sup> e fui morar no interior de Indaial<sup>5</sup>. Minha infância transcorreu lá. Meus pais sempre valorizaram a escola; então a gente sempre visualizou isso em casa. Em casa, a educação era bem tradicional, mas não rígida. Eu sempre lembro de meus pais muito amorosos. Brigas com os irmãos existiam, sim, mas sempre dentro da normalidade de uma família que se amava e se ama ainda.

A escola onde eu estudava era uma Escola Isolada e tinha uma sala única, uma cozinha, dois banheiros, uma professora para as quatro turmas...

Eu sou da época em que o professor era o centro, tinha razão, e a gente tinha que respeitar. A gente tinha até medo de chegar em casa e dizer que aconteceu alguma coisa na escola, porque sabia que ia sobrar pra nós. Apesar de que eu sempre fui uma criança tranquila, então nunca tive muitos problemas na escola.

Na escola, o ensino era tradicional, aquela coisa de cartilha, livro. Até por ser escola do interior, também não tinha supervisão de ninguém. O professor vinha de manhã e voltava. Era bem tradicional mesmo. A única coisa que eu lembro é que, na terceira série, eu tive um professor e, na época, eles começaram a ensinar tabuada na terceira série. Quando a criança não sabia a tabuada, ele fazia ir pela estrada dizendo: *‘Eu não estudei a tabuada, eu não estudei a tabuada’*. Esses dias até comentei com as meninas (professoras): *‘Se hoje em dia a gente faz isso, a gente vai para a cadeia, né?’* A única coisa que eu lembro, que me marcou, foi isso.

Fatos marcantes da Matemática, enquanto aluna? Não tem nada que eu me lembro. O que eu me lembro é que eu sempre gostei da Matemática. Não que eu tivesse facilidade, mas eu gostava da Matemática, eu gosto da Matemática. Sempre foi uma área que me chamou a atenção, mas não tem nada de marcante, que eu lembre. Como eu te falei, dificuldades eu tinha na área de Matemática, mas, por eu gostar, eu sempre ia atrás e buscava.

---

<sup>4</sup> Rodeio, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 170 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>5</sup> Indaial, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 149 km de Florianópolis, capital do estado.

Sou formada em Pedagogia, fiz pós (*lato sensu*) em Séries Iniciais e Gestão Escolar, aqui em Timbó. A FURB fez uma extensão aqui em Timbó, mas pela FURB.

Sempre quis ser professora. Desde que eu me conheço por gente, nunca quis ter outra profissão.

Eu ingressei no Magistério em 1986, numa escola também do interior de Indaial, Escola Neise Central. Eu tive que sair da casa de meus pais e morar no local porque só tinha ônibus que ia às segundas-feiras de manhã e voltava nas sextas, no final da tarde. Eu morava na casa de uma senhora perto da escola, que cedeu um quarto. Era uma Escola Isolada, duas turmas de manhã, duas turmas à tarde, onde eu era tudo: professora, faxineira, merendeira... Fiquei lá três meses e daí surgiu uma vaga aqui em Timbó, perto da minha casa. Os meus pais já moravam aqui em Timbó, e era uma Escola Básica<sup>6</sup>. Assim eu comecei no Magistério. De lá para cá, não parei mais.

Eu gosto muito de Matemática, então sempre procurei trabalhar com meus alunos. As crianças vêm com o estigma de medo, de não entender, de não saber Matemática. Então, o que eu procurava fazer em sala de aula era trazer sempre para a realidade, para o cotidiano da criança. Os projetos que eu desenvolvia dentro da área, não especificamente para as Feiras, mas para desenvolver os conceitos matemáticos, eu buscava sempre o que a criança já sabia. Relacionava com o dia a dia dela e ia buscando os conceitos que têm que ser trabalhados em cada série. Eu trabalhei sempre com quarta série, quinto ano, maiores, que já estavam alfabetizados, porque alfabetização não é comigo.

Eu nunca fui muito de usar livro didático. Usava quando ele cabia dentro daquilo que eu precisava. Trabalhava bastante com o concreto. Como é quinto ano, não usava muito o Material Dourado<sup>7</sup>, porque é mais na base da alfabetização. Mas concreto assim, por exemplo, o metro quadrado. Nós construíamos o metro quadrado, trabalhávamos com jornal... pesos, medidas, íamos ao mercado, calculávamos... então, era bem prático.

---

<sup>6</sup> Escola Básica: onde funciona o Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) ou o Ensino Fundamental e Médio, seriado.

<sup>7</sup> Material Dourado: Material idealizado por Maria Montessori para representar os números sob a forma geométrica. As unidades são representadas por pequenas contas amarelas; a dezena (ou número 10) é formada por uma barra de dez contas enfiadas num arame bem duro. Esta barra é repetida 10 vezes em dez outras barras ligadas entre si, formando um quadrado, “o quadrado de dez”, somando o total de cem. Finalmente, dez quadrados sobrepostos e ligados formando um cubo, “o cubo de 10”, isto é, 1000. Esse material também é muito utilizado na forma que cubinhos de madeira no lugar das “contas amarelas”. Esse material destina-se a atividades que auxiliam o ensino e a aprendizagem do sistema de numeração decimal-posicional e as operações fundamentais.



Enquanto professora, nesses vinte e poucos anos, eu observo que a educação mudou bastante. A sociedade também mudou bastante. Existe um lado muito bom que, hoje, a gente está trabalhando com os alunos: a autonomia, a liberdade de expressão... Mas tem, também, o outro lado. Alguns valores, respeito, educação acabaram se perdendo. Melhorou muito no sentido de que a nossa criança, hoje em dia, está mais autônoma, mais expressiva, mais criativa, mas a gente percebe que um pouco de família, de valores, acabou se perdendo nessa evolução da sociedade. Hoje em dia, a escola tem que resgatar esses valores, tentando fazer esse equilíbrio, para incutir nas nossas crianças, mas também não perder o foco, desenvolver o aluno criativo. Eu me lembro da minha época que, até para levantar o dedinho, a gente tinha medo. Hoje em dia, a criança vem, ela conversa, ela se expressa.

Dos projetos que eu desenvolvia e que depois culminavam em ir para a Feira, muitos eram com relação à qualidade de vida, até porque aqui, nesta escola, a gente trabalha muito com esta questão de qualidade de vida, com projetos interdisciplinares e com o apoio da professora de Educação Física.

Dos trabalhos que a gente fez, um me chama bastante a atenção. Eu fiz um trabalho sobre qualidade de vida, alimentos, e trabalhei rótulos. Nós fomos ao mercado. Temos mercado aqui próximo e trabalhamos leitura de rótulos, todas as informações que têm nos rótulos. Até hoje, tem mãe que diz: *‘Meu filho ainda não perdeu a mania de quando vai ao mercado ficar olhando quanto tem de lipídio, quanto tem de carboidrato, qual é a data de validade. Se tem promoção, se vale a pena... Porque a professora ensinou pra eles que se tem ‘leve quatro por dois’, você vai ver a data de validade, se é próxima e daí não dá tempo para consumir...’* Então, essa questão de trabalhar com os rótulos foi bem significativa, pra eles e pra mim, porque é uma coisa que eu sempre lembro. Uma coisa que eu vi que teve retorno.

Outro projeto eu fiz, em parceria com a professora de Educação Física: ela trabalhou a questão da pedalada da bicicleta e eu, a tipagem sanguínea. A gente fez uma campanha informativa. Fomos até as ruas e questionamos os adultos ciclistas: *‘Você sabe o seu tipo sanguíneo? Se acontecer um acidente e você precisar...’* A maioria não sabia. Na escola, nós tínhamos crianças na sala de aula que também não sabiam. Eu consegui que um laboratório, com a autorização dos pais, viesse à escola e coletasse o sangue para fazer a tipagem sanguínea de todos. Eu acho que é uma coisa que fica para a vida deles. E é isso que acho

importante, senão não tem sentido. Eu só vejo sentido quando a pessoa leva isso pra ela. Senão não adianta.

A primeira vez que eu participei de uma Feira de Matemática eu acho que foi em 1992. Depois, até 2008, eu participei direto. Nesses últimos quatro anos, eu estou fora de sala de aula, mas sempre acompanhando, porque eu acompanho os projetos das meninas que vão, e a SEMED<sup>8</sup> me convidou para ajudar a organizar as Feiras Municipais. Então, eu continuo em contato, mas com projeto, direto, de 1992 a 2008. Ia para a fase Municipal, quando passava, ia para Regional e para Catarinense<sup>9</sup>, quando passava; senão ficava em uma das etapas. Sempre nesse vai e vem.

Quando eu fui a primeira vez aqui em Timbó, eu lembro que era uma programação que a gente tinha desenvolvido para o Dia das Mães. A gente acabou fazendo docinho para mãe e deu para trabalhar peso, medida... e acabou culminando que foi para a Feira. Lá eu vi o quanto é importante para a criança trabalhar a Matemática de forma significativa. Olhar no olho de teu aluno que está lá expondo e notar que ele sabe, que ele tem ciência daquilo que ele está expondo. A única coisa que eu sinto é que a gente tem que selecionar dois alunos, não pode levar a turma toda. Mas eu sei que o trabalho é feito em sala, e que todos têm condições de representar. Eu sempre procurei levar crianças ou que tinham medo da Matemática (mas que tinham condições de apresentar) ou crianças muito expressivas (mas que tinham dificuldade em aprendizagem na Matemática). E os pais até diziam: *‘Meu, mas ele não fala, como é que vais levar meu filho?’; Mas ele vai falar, porque ele sabe do que ele vai falar’*. Iam lá e se saíam muito bem. Então, essa realização da criança, esse retorno que a gente vê na criança, isso estimulou. Às vezes, as meninas [professoras] dizem pra mim: *‘Ah, Luiza, eu estou cansada de ir para a Feira!’* Porque, pra nós, é todo ano a mesma coisa, mas, para o aluno não; é sempre uma turma diferente. E o que você consegue trabalhar a mais com eles, o que eles assimilam, é muito bom. Eu amo.

Eu vejo as Feiras de Matemática não como um objetivo de sala de aula. Pra mim, nunca foi. Tanto é que os meus alunos, quando iam para a Feira, nunca sabiam que eles estavam

---

<sup>8</sup> SEMED: Secretaria Municipal de Educação.

<sup>9</sup> As Feiras de Matemática são desenvolvidas em três etapas. A primeira é formada pelas Feiras Municipais. Os trabalhos que recebem a premiação Destaque nessa fase são classificados para a segunda etapa, as Feiras Regionais. As Feiras Regionais reúnem trabalhos das várias cidades que compõem cada região do estado. Os Trabalhos Destaque das Feiras Regionais são classificados para a etapa estadual, a Feira Catarinense.

competindo. Então, quando eles chegavam lá: *‘Profe, mas vai ter avaliação?’*, *‘Vai, mas vocês vão explicar normal o que vocês sabem. O que vocês não sabem vocês não precisam ter vergonha de dizer que não sabem; vocês não têm obrigação de saber tudo’*. A Feira, pra mim, não é o foco principal. Ela é uma consequência de um projeto bem desenvolvido, de um trabalho bem feito em sala de aula, mas não é, nunca foi, o meu objetivo. Eu gosto de participar das Feiras, mas se não der para ir, meu objetivo é sala de aula.

O que eu sentia muito era quando ia para as Feiras e os avaliadores não tinham experiência, no sentido de que olhavam mais o estético, aquela coisa bonitinha, prontinha. Isso ainda tem hoje. A gente vê bastante, apesar de os avaliadores serem selecionados, de passarem por um processo de cursos. Mas a gente sabe que ainda tem aquele que vai pela estética, que não tem experiência. Eu participei como avaliadora, mas, antes de ser avaliadora, eu já estava uns dez anos participando de Feira. É um processo complicado, você está lidando com criança, então tem que cuidar muito com o que você vai fazer, pois querendo ou não, depois que a criança sabe que ela está em uma competição, ouvir que o teu trabalho não foi Destaque dói para aquela criança e para gente também. Só que, como adulto, a gente consegue trabalhar com isso. Por isso que eu nunca disse: *‘Oh! Vocês vão competir’*. Eu nunca exigi resultado deles. É uma consequência. Se veio, ótimo, se não, a gente sabe que o trabalho foi feito em sala e que eles assimilaram. Por isso, a Feira de Matemática era uma coisa que me estimulava a trabalhar em sala, mas não com a obrigatoriedade de que a criança tinha que participar e ganhar. Não era por aí.

Eu acho que a Feira é uma coisa boa, e eu gosto de participar. Mas eu ainda sinto que, na parte de avaliação, existem falhas. É difícil arrumar pessoal para avaliar, a gente sabe. A maioria que já foi avaliador acaba se envolvendo em outros compromissos; é difícil. Aí você vê, às vezes, aquelas meninas que estão começando, que tão entrando... Elas têm que entrar para aprender, mas para quem já está mais tempo, você pensa assim: *‘Poxa!’*.

Por outro lado, a gente sabe que existe, também, nas Feiras, a criança muito ensaiada. Aquela coisa decorada, que se você faz uma pergunta fora daquilo, a criança se desespera, porque ela não foi ensaiada para isso. Por isso, eu acho que a Feira de Matemática não deve ser o objetivo principal da sala de aula: ela é uma consequência. Eu dizia para as crianças: *‘Se o avaliador vier pedir um conceito ou conteúdo que vocês não sabem, digam: Oh! isso nós não sabemos! Não tentem inventar uma coisa que não foi trabalhada’*. Porque, às vezes, você

não consegue desenvolver todos os conceitos. Então é complicado. Uma pessoa que vem avaliar tem que saber o que ela está fazendo. Ela está lidando com criança, e é muito complicado.

Mas, sem avaliação, não tem como ir adiante porque tem as outras, começa na Municipal, tem a Regional e tem a Catarinense. A gente sabe que tem que existir a avaliação, mas o que eu colocava nas escolas com as professoras e com as coordenadoras era que eu não ia sacrificar o meu aluno, eu não ia cobrar dele se ele não passasse. Porque, na verdade, eu também tinha uma parcela ali dentro. E a avaliação a gente sabe que é uma coisa muito subjetiva. Cada um analisa de uma forma. De repente a direção que eu peguei na sala de aula não é aquilo que o avaliador enxergou. Se ele começar a questionar o outro lado, as crianças se perdem. Então, a situação da avaliação é uma coisa delicada, em todos os sentidos, não só na Feira. Mas eu acho que vale a pena, sim, você aprende muito com isso. Você vê, eu sempre ficava ouvindo o trabalho dos outros. Pegava muita coisa do que tinha. *‘Ah! Isso aqui deu certo, posso adaptar na minha escola, acho que vale a pena.’* Para a criança que participa é uma experiência que eles não esquecem. Muito bom!

## 2.6. Sandra Maria Buchmann

Entrevista realizada em 19 de março de 2012, na escola onde trabalha a depoente, na cidade de Gaspar<sup>10</sup> (SC). Duração da gravação: 57min38s.

A professora Sandra cursou o Magistério, o Curso de Pedagogia na FURB, em Gaspar<sup>11</sup>, e pós-graduação em Interdisciplinaridade no Ensino Fundamental. Começou a lecionar em 1990, logo que começou o Magistério, com dezenove anos. Sempre trabalhou em uma mesma Escola Multisseriada<sup>12</sup> (a mesma em que estudou). Hoje, é diretora meio período e professora no outro turno. Consegui o contato da professora Sandra por meio da representante da SEMED<sup>13</sup> de Gaspar, que me repassou o *e-mail* da escola. Mande uma mensagem informando todos os detalhes da pesquisa e convidando-a para participar. Uma semana depois, recebi dela uma resposta aceitando. A entrevista foi marcada para o dia dezenove de março de 2012, no período matutino, na Escola de Ensino Fundamental Professora Ana Lira, em Gaspar. Cheguei à escola por volta das nove horas e trinta minutos. É uma escola pequena, em um bairro<sup>14</sup> no interior do município de Gaspar, que funciona junto a uma Unidade Básica de Saúde. Encontrei a professora junto a uma turma que estava na aula de Educação Física. Imediatamente, ela veio me receber, e fomos até a sua sala para iniciarmos a entrevista.

*“Eu trabalho sempre interdisciplinar. Nunca consigo ver a Matemática solta das outras disciplinas.”*

Passei a minha infância toda aqui no bairro. Nasci, cresci e pretendo continuar, porque eu gosto muito. É um lugar bem calmo.

Na minha infância, meus pais plantavam fumo, eram fumicultores, e o nosso dia a dia de criança (eu tenho mais um irmão) também era estar trabalhando junto, na roça. Mas meus pais sempre primavam muito pela escola. A gente não podia faltar. Eles tinham isso como

<sup>10</sup> Gaspar, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 116 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>11</sup> Durante o período de 1998 a 2002, a FURB possuiu um *campus* universitário na cidade de Gaspar, oferecendo o Curso de Pedagogia.

<sup>12</sup> Escola Multisseriada. Escola onde há várias turmas do Ensino Primário estudando na mesma sala de aula, com um único professor.

<sup>13</sup> SEMED: Secretaria Municipal de Educação.

<sup>14</sup> O bairro citado pela professora faz parte da zona rural da cidade de Gaspar (SC).

meta. A escola tinha que ter, mas a gente vinha para a escola e, quando chegava em casa, tinha os afazeres da casa para fazer. Eu lembro que eu chegava e tinha que botar o almoço na mesa. Ele já estava pronto. Depois, tinha que tratar as criações, aquela rotina normal. À tarde, quando o pai ia para roça, eu tinha que levar o café pra ele e, à noite, eu fazia as tarefas de casa. Então, o brincar a gente tinha, mas era junto com o trabalho, quando dava um tempinho. Quando o pai não estava olhando, a gente brincava. Brincava de subir em árvore, de correr no meio do fumo...

Nas Séries Iniciais, eu tive uma professora só, que deu aula da primeira a quarta série, a Zilma Sansão Benvenuti<sup>15</sup>. Eu gostava muito da escola, sempre gostei muito. Gostava de ler, de escrever... foi bem tranquilo, eu tinha bastante amigos... Na Escola Multisseriada, por ter menos crianças, a gente é mais amigo, mais companheiro, existe cooperação um com o outro. Então, eu lembro da escola como uma coisa boa.

Quando eu terminei a quarta série, não era comum as meninas estudarem no centro, porque só era possível estudar no Ivo de Aquino ou no Honório Miranda<sup>16</sup>, que eram os colégios da época. Eu queria estudar, mas a minha mãe não permitiu, porque nenhuma menina ia. Os meninos estavam começando a ir. Meu irmão foi, mas eu não podia. Daí eu parei e voltei a estudar com quatorze anos, quando iniciou o NAES<sup>17</sup> em Gaspar. Eu escutei na rádio. Abriu a oportunidade para as pessoas que não tiveram oportunidade de estudar e queriam terminar o primeiro grau. Eu fui e me inscrevi. Fui a primeira matrícula que teve. Sou da primeira turma do NAES, porque meu sonho sempre foi voltar a estudar. Na época, o NAES era diferente do que é hoje, a gente tinha que terminar uma disciplina primeiro, depois era outra, e não era só ir lá e fazer prova. A gente ia lá todos os dias. Eu sou uma veterana do NAES, como eles dizem, e volta e meia me chamam porque eu fui da primeira turma que se formou em Gaspar. Depois eu segui com o Magistério; com dezenove, eu comecei o Magistério.

A experiência de voltar a estudar depois de um tempo foi muito boa! Não só por estar voltando a estudar, mas por sair de casa. Porque eu ficava sempre aqui. Imagina! Catorze

---

<sup>15</sup> Zilma Sansão Benvenuti, professora dos Anos Iniciais da Rede Municipal de Ensino de Gaspar (SC).

<sup>16</sup> Escola de Educação Básica Ivo de Aquino e Escola de Educação Básica Honório Miranda, escolas estaduais na cidade de Gaspar (SC).

<sup>17</sup> NAES: Núcleo Avançado de Ensino Supletivo. Escola para Jovens e Adultos da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina.

anos, sempre só aqui na área rural. Eu tinha medo de gente. Então, eu tive que aprender a tomar ônibus sozinha, ir para o centro e lá me virar, ver onde pegar o ônibus para vir de volta, enfim, socializar, viver em sociedade sozinha. Até ali eu não sabia, eu vivia só aqui no bairro mesmo.

Eu entrei no Magistério não por sonho, tá? Eu nunca sonhei ser professora. Eu sempre queria trabalhar como auxiliar de escritório, secretária, alguma coisa assim.

Quando eu fui fazer o Segundo Grau, o primeiro ano se chamava Científico, e esse Científico todos tinham que fazer. Quando chegava no segundo ano, abria para fazer [no Colégio Frei Godofredo] o único que tinha Segundo Grau, Secretariado, Magistério ou Contabilidade. A Contabilidade me assustava. Então eu pensei: *'Eu vou fazer Secretariado'*. Aí houve só doze inscritos, e não abriu turma. Eles ligaram pra mim dizendo que não tinha aberto turma, que eu teria que optar entre Contabilidade ou Magistério. Eu optei por Magistério, porque eu não queria parar e eu não tinha outra opção, pois ir para Blumenau não dava, porque não daria pra eu trabalhar e estudar. Não teria como. Então, eu comecei no Magistério.

Em relação à Matemática, eu tinha dificuldade na Matemática mais ousada. A Matemática, a Física... Tanto é que eu não escolhi a Contabilidade por causa da Matemática. Não que eu não dominasse. Eu tinha receio. Eu domino os conteúdos até, como é que eu vou dizer, até o oitavo ano tranquilo, mas daí em diante, usar essas regras de três, essas equações, isso não... não me atrai. Me viro, mas eu fui sempre uma aluna oito, oito e meio na Matemática. Nunca fui uma aluna dez.

Quanto ao Ensino Superior, eu fui da primeira turma de Pedagogia daqui de Gaspar. Era um *campus* da FURB que teve aqui em Gaspar. Tiveram duas turmas. A primeira turma era de 50 alunos, e a gente tinha a Maria Adélia<sup>18</sup> como professora de Matemática. Muito boa! Foi muito bom! Ali eu já estava trabalhando há 15, 16 anos, então era uma troca, sabe? Quase como, de igual para igual: dentro da teoria, onde é que a tua prática se encaixa? Então, ter feito a Pedagogia, depois, foi bem legal porque eu via: *'Poxa, eu trabalho assim e tal autor*

---

<sup>18</sup> Professora Maria Adélia Bento Schmitt, professora do Departamento de Educação da FURB, Blumenau (SC). Uma das professoras entrevistadas nesta pesquisa.

*defende aquilo que eu trabalho.* Então foi bem gostoso. Depois, eu fiz pós-graduação (*lato sensu*), eu fiz Interdisciplinaridade no Ensino Fundamental.

Os professores marcantes foram a minha professora de Didática e de Matemática, do Magistério, porque a gente tinha muita aula prática. Muito de confeccionar material e de como trabalhar com aquele material. Tipo assim, quadro valor de lugar: como tu vais trabalhar? Vamos fazer esse quadro e, depois, como é que vocês vão dar aula. E a gente tinha que dar aula, tinha que fazer estágio, levar aquele quadro e tinha que dar aula em cima daquilo. Sabe, aquilo me encantava. A gente tinha que criar as nossas aulas. Eu sempre me encantei, tanto pela Matemática quanto pelo Português, com tudo assim. Então, meus professores do Magistério foram muito importantes na minha formação, muito mesmo. É uma pena que, hoje, a Pedagogia não tenha isso. Porque isso falta, eu acho. Eu vejo os professores que vêm aqui. Hoje, eu estou meio período na direção e meio em sala de aula e vejo que isso falta pra eles. Eles não têm isso. Eles não sabem como, tirando o livro, se virar. Pegar um material concreto e montar uma aula em cima daquele material.

Eu sempre trabalhei aqui, sempre numa Escola Multisseriada. Essa também é a escola onde eu estudei quando eu era pequena. Não esse prédio aqui, um outro, que é esse de madeira ali, que está no quadro da parede. Nesse ali, eu estudei e comecei a dar aula, em 1990.

Antes de eu dar aula, eu trabalhei três anos e meio nas Linhas Círculo<sup>19</sup>, em Gaspar, como operadora, mas detestava. Eu detestava a rotina. Uma coisa que eu sempre detestei na minha vida foi a rotina. Eu não suportava mais, vivia doente.

Daí a professora que era efetiva aqui casou e foi morar em outro bairro, aqui em Gaspar também. Assim, abriu essa vaga, e eles não achavam ninguém. Olha como as coisas são, né? Uma professora que dava aula pra mim no NAES sabia que eu ia continuar estudando e ligou lá no Frei Godofredo<sup>20</sup> para ver onde eu estava inscrita. Como eu estava matriculada no Magistério, ela me convidou para dar aula. Eu trabalhava na Círculo ainda, mas não gostava. A minha mãe foi uma pessoa muito importante na minha vida para tomada de decisões e de me apoiar no estudo. Meu pai também, mas a minha mãe era mais atuante. Então eu disse:

---

<sup>19</sup> Linhas Círculo: fábrica de linhas situada na cidade de Gaspar (SC).

<sup>20</sup> Escola de Educação Básica Frei Godofredo, situada na cidade de Gaspar (SC).



*‘Sair de uma fábrica e dar aula, como é que é isso? Como é que eu vou fazer isso? Mãe, me ajuda. Que decisão eu tomo, que eu tenho que tomar uma decisão logo’.* Aí ela disse: *‘Tu querias mudança na tua vida, não querias? Então a mudança está aí.’* Aí eu disse: *‘Mãe, tu não me ajudou em nada’.* Ela disse: *‘Essa decisão é tua’.* Eu tinha dezenove anos e fiquei com aquilo...

Eu trabalhava das cinco à uma e meia e fazia o Magistério à noite. Eu tinha iniciado o Magistério, uma semana de aula só, mas tinha ficado encantada, sabe? Apesar de a gente ter tido pouco conteúdo, o que os professores apresentavam que a gente ia ver durante o ano me encantou. Aí eu acordei, o relógio despertou de madrugada pra eu pegar o ônibus para ir trabalhar, e a frase da minha mãe veio na cabeça. Aquela frase que diz tudo, mas não diz nada. Aí eu disse: *‘Se tu queres mudança na tua vida, ela está ali.’* Aí eu acordei, o relógio despertou, e a mãe disse: *‘Oh, Sandra, tu vais ou não vais?’* E eu disse: *‘Não, mãe, eu vou mudar a minha vida’.* E realmente mudei.

Eles haviam me falado em uma quinta-feira. Na sexta, eu tinha que dar a resposta para na segunda já pegar. Eles tinham que começar logo, porque já tinha começado o ano letivo em Gaspar, e a gente já estava uma semana atrasado. Quando eu olhei aquelas cabecinhas chegarem: *‘Bom dia, dona Sandra’.* Eu disse: *‘Meu Deus, dona Sandra.’* E aquelas cabecinhas todas olhando pra mim. *‘Nós vamos escrever? O que nós vamos fazer?’* Eu pensei: *‘Meu Deus do Céu, onde é que eu vim?’* Daí a frase da minha mãe veio na cabeça de novo: *‘Tu querias mudança, ela tá ali.’* Eu pensei: *‘Bom, eu quis isso, agora eu tenho que dar conta.’* Eu vou me virar. E assim foi...

Eu ganhei muito apoio da Secretaria da Educação, muito mesmo. Qualquer dúvida eu estava lá, e eles estavam aqui. Muito apoio da Zilma também, porque a Zilma, que foi a minha professora, morava e mora ainda aqui no bairro, um pouco mais para baixo da minha casa. No final de semana, eu sempre ia lá tirar minhas dúvidas. Às vezes, dúvidas simples, como usar o mimeógrafo, por exemplo, porque aquilo era um objeto estranho pra mim, né? *‘Como é que usa?’*, *‘Usa assim, Sandra. Tu fazes assim, tu fazes desse jeito’.* Plano de aula... tudo. E como eu estava fazendo o Magistério, eu tirava as minhas dúvidas na aula de Didática, e assim tudo casava. A minha dúvida da sala de aula durante o dia, eu levava para a escola à noite, e aí a gente partilhava junto com as outras professoras, porque tinha professoras que já estavam faz tempo na sala de aula, mas não tinham Magistério, porque, naquela época, não precisava.

Então, tudo ajudou. Lógico que eu sempre ia em busca das coisas, porque eu queria aprender, eu queria que aquilo desse certo, já que eu tinha mudado.

Eu trabalhava com duas turmas diferentes dentro de uma sala. Duas turmas que estão aprendendo coisas diferentes e que tinha que trabalhar diferente, não podia sempre trabalhar igual. A introdução até podia dar igual, mas, depois, tinha que cobrar coisas diferentes, porque são níveis diferentes, para uma não avançar demais ao ponto de uma não dar conta, do mesmo modo que a outra que está mais adiante não podia ficar para trás. Tinha que tomar esse cuidado.

Hoje dar aula é uma gostosura. Eu adoro, sempre adorei, sempre gostei de dar aula. Em relação à Matemática, eu sempre trabalhei material concreto, sempre. Tudo, tudo que eu começo, começo com material concreto. O que eu puder aproveitar, eu aproveito para Matemática. Desde uma pedrinha até um livro. Primeiro ano, por exemplo, para iniciar números: *‘Vamos lá fora, vamos trazer uma coisa para a professora’*. Eles saem da sala, eles vão procurar esta uma coisa, mostram pra mim e eu uso essa uma coisa que eles trouxeram. Se é uma coisa que dá para colar a gente cola, se é uma coisa que não dá para colar, a gente deixa na exposição de um dia para o outro, pra eles verem que lá foi o um. Então, eu sempre uso material concreto no começo de tudo: na adição, na subtração, na multiplicação, na divisão. Sempre busco do cotidiano. Outra coisa que eu trabalho sempre, com todas as turmas, é a interdisciplinaridade. Eu não consigo trabalhar as coisas soltas. Se me pedir pra eu dar uma aula de adição, na Matemática pura, eu vou dar a introdução, mas depois eu vou buscar, dentro de Ciências, de Geografia, de História, o que eu estou trabalhando, ou dentro da realidade deles, o que eles estão vivenciando naquele momento no bairro, ou se tem uma festa em que todo mundo participa. É de lá que eu vou fazer problemas, é de lá que eu vou trazer desafios.

Eu trabalho muito com gráficos também, muita pesquisa de casa. Eles fazem pesquisa e, dessa pesquisa, já vai sair um gráfico, de uma questão ou duas. Isso é tão automático pra eles e pra mim que, quando eu vou fazer uma pesquisa, o plano de aula já está pronto na minha cabeça, o que eu vou explorar de Matemática, de Português... Então, eu sempre trabalhei interdisciplinarmente, nunca a Matemática solta. Só para introduzir, para introduzir, sim, material concreto: *‘Isso na Matemática funciona assim e assim. Mas agora vamos procurar a Matemática dentro de outras situações’*. Também não trabalho problemas de livro; no

máximo, eu posso dar para deveres um problema de livro. Mas, se a gente está estudando a utilidade da água, eu vou trabalhar a estimativa: *‘Quantos litros de água você acha que consome por dia na sua casa?’* Eu dou a questão para casa, para todo mundo pensar. Todo mundo traz porque, dali, nós vamos fazer um gráfico, do que todo mundo pensou. Depois, em cima disso eu questiono: *‘Na casa do fulano, se gasta, aproximadamente, tantos litros de água; na casa do outro aluno, gasta-se tanto. Então, quanto se gasta, no total, nessas duas casas aproximadamente?’* É gostoso trabalhar assim. Os alunos sempre se saíram bem, nunca tive muita dificuldade. Tenho um aluno ou outro que tem dificuldade na Matemática, mas eles acabam aprendendo. E uma coisa que eu nunca faço é desistir de um aluno. O aluno que tem dificuldade é o meu foco, é para esse que eu tenho que dar mais atenção e é desse que eu tenho que ir atrás. Então, eu sempre trabalho com atividades extras. O aluno não está conseguindo, eu busco outros modos, outro jeito de estar trabalhando com ele, para que ele dê conta.

Eu também tenho sempre bastante ajuda dos pais. Os pais estão sempre comigo. Não está dando certo, o aluno não está conseguindo, a gente conversa. Mas eu não chamo o pai na escola; não preciso disso. Como eu moro aqui no bairro, se eu vou na missa ou em uma festinha na casa de alguém, no ônibus ou quando ele vem trazer o filho na escola, eu encontro esse pai, e a gente conversa. É difícil eu chamar um pai na escola. Procuro falar assim, fora de sala mesmo. Os pais já estão habituados com isso e, volta e meia, eles vêm na escola, sem ser chamados, para saber como é que o filho está indo. Essa relação já se criou e é natural. Todo dia tem pai aqui na escola, mas porque eles querem saber do filho, não porque a gente chamou por problema de disciplina ou coisa assim, a não ser que eu precise, porque aí eu já fico caçando onde ele está e converso. Mas, pelo fato de eu estar tantos anos aqui, já se criou essa relação gostosa com os pais, harmoniosa, porque eu preciso deles, e eles precisam de mim. Isso é fato. Eu também sempre trabalhei com tarefinha de casa. Os pais sabem que todo dia tem a tarefinha de casa. Uma ou duas. E os pais são tão acostumados com pesquisa que, às vezes, eu fico um tempinho sem mandar e questionam: *‘A dona Sandra não deu mais nada pra perguntar?’* Essa troca com a família é muito importante. Os pais sempre respondem os questionários, as perguntas, as pesquisas. Se a pesquisa é com o avô ou com a avó, a gente sabe que eles participaram. Às vezes, as vizinhas vêm: *‘Oh, dona Sandra, tava certo como eu respondi?’* São bem queridas assim. Elas me chamam de dona Sandra. Eu acho tão estranho uma vizinha me chamar de dona Sandra, mas é respeito pelos anos que eu já estou aqui.

Eu acho que as aulas que dão mais certo, que eu vejo mais resultado são as aulas de pesquisa, montagem de gráfico e trabalhar em cima. Eu trabalho sempre interdisciplinar, nunca consigo ver a Matemática solta das outras disciplinas. Não só a Matemática, mas o Português também. Dizer que eu trabalho o Português só em texto, em livro ou fazer redação, não. Eu tenho sempre esse olhar interdisciplinar. Eu sempre caso as coisas e, às vezes, eu me surpreendo como saiu legal a aula que eu fiz, porque eu trabalho muito com projeto. Todo ano, um ou dois projetos eu trabalho com os alunos.

Esse ano, eu estou trabalhando com o primeiro e com o terceiro ano e estou fazendo um projeto em cima do bairro. As vivências do bairro, como vive o bairro hoje e como ele foi. Então eu vou trabalhar Geografia e História, eu já fiz pesquisa, já fizemos os gráficos e já estamos trabalhando a Matemática em cima disso. As aulas de gráficos são as aulas mais interessantes, problemas, desafios... Sempre que eu trago a vivência deles para a sala de aula em situações-problema dá certo. Se tu trabalhas um problema que tu tiras de um livro: *‘Joaquim...’*, que ninguém sabe quem é, *‘tinha tantas bolinhas de gude, e Pedro tinha tantas bolinhas, quantas bolinhas eles tinham’*. Parece que eles têm dificuldades de coisas longe deles, principalmente os menores. Em relação à Matemática mesmo, eu gosto de trabalhar com o quinto ano. Porque o quinto ano já te desafia. Eu coloco um problema, por exemplo, de medidas: *‘Numa caixa d’água, havia 25 litros, já se gastaram a metade. Quanto que gastaram?’* O aluno vem e diz: *‘Porque que você não botou 26 ou 24 litros? Porque 25, que agora vai dar quebrado?’* Isso é o gostoso da Matemática, de o aluno perceber. Enquanto o mais avançadinho já sabe qual é a conta, os outros fazem mil contas para descobrir o que é: *‘Poxa, sacanagem tua, né, dona Sandra. Porque é que você não botou 24 ou 26?’*. É gostoso isso, quando o aluno te traz. Quando tu trabalhas gráfico, e ele pega uma revista e te diz: *‘Que gráfico é esse aqui que nós não aprendemos?’ ‘Porque que eles colocaram desse jeito? Como é que se lê quando é desse jeito?’* O quinto ano é quando eles trazem de volta, quarto e quinto ano. É quando tu vê o que tu deste, e agora eles estão te trazendo.

Quanto às Feiras, eu não me lembro de quantas participei. Eu acho que eu participei (eu estava até olhando as datas) de 1998 a 2002. Na época, começou a ter em Gaspar a Feira Interdisciplinar, e eu fui participar. Eu sempre participei, sempre levei meus alunos para participar fora, porque, como a escola fica aqui no interior, a gente tem que levar eles para fora, para não dar esse choque depois, porque eles têm que continuar os estudos deles, depois,

lá fora. Então eu os levo para concurso de poesia, festival de dança, festival da canção... Quem tem vontade: *'Tu tens vontade de ir? Então vamos.'* Eu vou junto com eles, sempre vou junto. Da Matemática, de 1998, quando começou aqui, em Gaspar, até 2002. Aí depois as Feiras Científicas, Culturais e Interdisciplinares aqui em Gaspar se acabaram. Como em Gaspar não teve mais, eu não fui mais. Mas eu participava todo ano, e a gente chegava lá na Estadual<sup>21</sup>. Eu acho que só uma que eu ganhei Menção Honrosa, o resto foi Trabalho Destaque<sup>22</sup>.

O que eu considero o melhor trabalho foi o apresentado na Feira de Itajaí<sup>23</sup>. Me deixa ver o troféu. Esse é de Timbó<sup>24</sup>, Tubarão<sup>25</sup>; esse aqui é de Pomerode<sup>26</sup>... Aqui, esse aqui, de 2000. Foi a nota mais alta da Feira. Eles começaram a chamar para a premiação de trás para frente. Aí eu pensei: *'Meu Deus, será que eu não ganhei nada?'* Aí eles disseram depois, é claro, que eles não falaram publicamente. Eu fui chamada, e a diretora de ensino de Gaspar, a dona Leonida Hostins, disse: *'Sandra, a tua nota foi 9,9 pelos avaliadores. Tu quase tiraste 10 em tudo. Eu só acho que eles não deram 10 em tudo para não dizer assim, deram 10 em tudo, mas tirasse 9,9'*. Ela disse: *'Poxa, foi o melhor trabalho da feira.'* E, naquela época, eu também trabalhei o Bairro. Eu fiz, com as crianças, o censo do bairro. Até, esse ano, eu vou fazer de novo para comparar com esse ano ali, para ver quanto cresceu, por isso que eu estou trabalhando o bairro de novo.

Foi assim: eu trabalhei gráfico, medidas, a distância das ruas, quantos quilômetros tem cada um da escola. Também foi interdisciplinar. Entraram todas as áreas, mas o foco era Matemática. Então, para ir para a Feira, eu levei só a parte da Matemática que eu trabalhei. Só que eu tinha que levar o projeto todo para explicar como é que foi a Matemática ali dentro. Foi o trabalho que me deu maior satisfação. Os alunos dominaram aquilo. A gente tinha que levar três alunos para explicar o trabalho, e os três alunos explicaram com muita facilidade,

---

<sup>21</sup> As Feiras de Matemática são desenvolvidas em três etapas. A primeira é formada pelas Feiras Municipais. Os trabalhos que recebem a premiação Destaque nessa fase são classificados para a segunda etapa, as Feiras Regionais. As Feiras Regionais reúnem trabalhos das várias cidades que compõem cada região do estado. Os Trabalhos Destaque das Feiras Regionais são classificados para a etapa estadual, a Feira Catarinense.

<sup>22</sup> Premiação Destaque: aos trabalhos apresentados nas Feiras de Matemática do Estado de Santa Catarina é dado o prêmio de Menção Honrosa ou Destaque. Os trabalhos que recebem premiação Destaque seguem para a próxima etapa das Feiras.

<sup>23</sup> Itajaí, cidade situada no Litoral Leste de Santa Catarina, a 88 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>24</sup> Timbó, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 159 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>25</sup> Tubarão, cidade situada no Sul de Santa Catarina, a 131 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>26</sup> Pomerode, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 155 km de Florianópolis, capital do estado.

porque era a vivência deles, era o bairro deles. Eles fizeram todos aqueles gráficos e, no final, a conclusão foi uma trabalhadeira, porque: quantas mulheres têm no bairro? Quantos homens têm? Eu não dividi em crianças e adolescentes, porque não ia dar conta, ia ficar muito grande. Aí eu disse: *‘Não, então vamos só classificar em homens e mulheres.’*

Chegou o final do ano, não era bem final do ano, outubro ou novembro que aconteceu a Feira Estadual. Então tinha morrido algumas pessoas e algumas nasceram, e eles queriam que a gente visse quantos tinham nascido em cada rua. Eu disse: *‘Meu Deus do céu! Tá, mas como é que nós vamos fazer isso?’*, *‘Vamos pensar Dona Sandra, vamos ver... Na rua tinha tanto, não morreu ninguém?’*; *‘Não, não morreu ninguém.’*; *‘Será que nasceu alguém?’*; *‘Não, não nasceu ninguém.’*; *‘Ah, aqui nasceu.’*; *‘Aqui não nasceu e nem morreu, mas veio uma família nova’*. Aí, na conclusão, a gente acrescentou isso, e foi muito gostoso. O pessoal que assistiu ficou encantado!

Eles se envolveram, iam atrás, queriam saber, afinal de contas, quanta gente tem no nosso bairro. Esse material eu tenho guardado e agora eu vou de novo fazer e comparar com aquela época para ver quanto nosso bairro cresceu. Eu acho que vai ficar bem legal também. Até final do ano, espero conseguir.

Esse ano, eu tenho o primeiro ano junto com o terceiro. Então o primeiro ano vai junto, só que eu não posso esquecer que o primeiro ano eu estou alfabetizando, mas eu vou alfabetizar em cima do bairro. Vou fazer assim: nós vamos conhecer uma rua, a rua João Buckmann, por exemplo, que é uma rua que a gente vai e lá os alunos vão registrar, da forma deles, o que eles vão vendo, seja por desenho, por risquinho. Depois, eles vão me dizer, e a gente vai estar fazendo o registro. Pegamos animais e, daquela lista de animais, vamos escolher um e vamos trabalhar o som de uma letra. Pretendo fazer assim, sabe? É um desafio pra mim, mas eu gosto. Não gosto de dar sempre a mesma aula. Estou voltando para o estudo do bairro, mas com outro foco agora: para o antes e para o agora. Na época, era ver como é que estava porque a gente não sabia. Já tinha dez anos que tinha sido feito o censo, e a gente não sabia quantas pessoas tinha no nosso bairro, quantas famílias, e aí a gente ficou sabendo. Daí nós colocamos para os pais, e eles se espantaram: *‘Meeeeuuu!!!! Vocês fizeram tudo isso?’*; *‘Fizemos, fizemos tudo isso.’*

Foi trabalhoso, mas foi uma turminha que eles saíram daqui e quatro alunos foram estudar num colégio particular, e eles deram conta numa boa assim, sem dificuldade nenhuma. Depois, eles vieram trazer os boletins para me mostrar, e eu até me emocionei. As notas eram nove e dez. E até as freiras daqui de Gaspar, para onde esses alunos foram, um colégio religioso das freiras, me deram os parabéns: ‘*Oh, seus alunos são muito bons.*’ Então, é gratificante para a gente, pra eu ver que esse é o caminho, que está certo, porque se eles estão aprendendo, é por ali mesmo. E isso está servindo pra eles, para a vida, porque a gente está construindo o saber deles. Não só aplicando a Matemática, o Português, ensinando regras e a escrever sem erro de Português, mas também para a vivência. Então, eu sempre volto lá trás onde tudo começou: se eu saí da Círculo porque eu não gostava de rotina, eu continuo não gostando. Por isso eu sempre começo coisa nova. Cada Feira em que eu fui era um projeto diferente, com coisas diferentes que eu trabalhava. Eu não consigo ver, como eu te disse, não consigo ver as coisas soltas. Eu consigo ver tudo junto. Assim sempre deu certo, os alunos sempre saem sabendo.

Eu comecei nas Feiras aqui em Gaspar, que eram interdisciplinares, não eram de Matemática. Então, em 1998, eles disseram que era para a gente focar a Matemática, porque quem quisesse ir para a Feira de Matemática teria chance. Eu disse: ‘*Vamos.*’ Acho que a Regional era em Timbó, em 1998, e, depois, a gente foi para Tubarão. Eu fui com “Figuras Geométricas” e, para tudo que os alunos olhavam, viam figuras geométricas. Eu peguei da Revista Nova Escola<sup>27</sup>. Sempre assinei a Revista Nova Escola, eu adoro essa revista e acho que todo professor devia de ter. Peguei um quadrado em que tu botavas pregos<sup>28</sup>. Eu lembro que foi um pai que era pedreiro que fez pra mim. Eu pedi pra ele bater os pregos; é um tipo de tabuleiro com pregos que tinham tantos centímetros na horizontal e tantos na vertical, e com elástico (desses de amarrar dinheiro) a criança criava a figura geométrica e tinha que descobrir o que era. Até eu me surpreendi que dava para fazer tanta coisa em cima daquele tabuleiro, porque tu ias brincar e saía uma figura estranha: ‘*O que será essa figura? Ela tem quantos lados?*’ A única coisa que não dava para fazer ali era uma circunferência. O resto eles criavam. Quando os avaliadores foram lá, tinha uma menina que era muito faladeira. Ela era italiana. Aqui, a maioria é italiano. Então falava, falava, falava... E ela fazia as coisas com bastante facilidade. Tu perguntavas, ela já entendia e fazia. Eu sei que dois avaliadores

<sup>27</sup> Revista Nova Escola, revista destinada a professores que atuam na Educação Infantil e Escola Básica.

<sup>28</sup> O quadrado de madeira com pregos, citado pela professora, é o Geoplano.

ficaram lá quase uma hora para ver se ela errava alguma coisa. Eles montavam com elastiquinho a figura mais difícil, e ela tinha que dizer o que é que era aquilo. E ela dizia. Aí eles disseram: *‘Meu Deus, que menina, dá vontade de roubar.’* E aí ele disse: *‘E a outra?’* Tinha três crianças. A outra menina foi lá e explicou também. Foram as três, e aí depois voltou a primeira que estava. O trabalho não era só isso, mas era o que chamava mais a atenção. Aí eles disseram: *‘Muito bom!’* E ela disse assim: *‘Eu gostava de fazer com vocês um para ver se vocês sabem.’* Aí um avaliador olhou para o outro e disse: *‘Ela está nos desafiando.’* A gente não podia interferir. O professor tinha que ficar ali só olhando. Eles olharam pra mim, e eu fiz um sinal de que não sabia de nada, eu não pedi pra ela fazer aquilo. Aí ele disse: *‘Tá bom, vamos lá.’* A danadinha fez as mais complicadinhas, e eles tinham que responder o que era. É claro, em dois: *‘Será que é isso, será que é aquilo...’* Eles conseguiam responder, mas, pra ela, aquilo foi o máximo. Aí eu disse pra ela: *‘Meu Deus Jéssica, de onde que tu tiraste isso? Como é que tu fosses perguntar isso pra eles?’*; *‘Ah, dona Sandra, eles perguntaram as piores coisas pra mim e acharam que eu não sabia. Então eu fiz com eles também.’* Conseguimos o prêmio Destaque.

Vimos para a escola, e todo mundo soube que a gente tinha chegado na Estadual. Saiu até no jornal da cidade. Para a escola foi muito legal. O outro ano, quem disse que tu não irias? Porque aí tinha a outra turma, e eles também, porque eles estavam na terceira série quando eu levei para a Estadual e, depois, eles foram para a quarta série e queriam ir de novo. Aí eu disse: *‘Tá bom, mas nós temos que montar um outro projeto. O que nós vamos trabalhar, nós temos que fazer um projeto.’* Eu peguei deles: *‘O que é que nós vamos trabalhar?’* Eu nem lembro mais o que foi, só olhando os anais da Feira, porque isso também já faz bastante tempo. E foi assim, todo ano, os que vinham para a escola já sabiam: *‘É a nossa turma que vai para lá? É o primeiro ano? Qual é o ano que a senhora vai levar?’* Eu dizia assim: *‘Aquele que se sair melhor.’* Então eu trabalhava com todos, e a turma que se saía melhor era a turma que eu levava para a Feira. Um ano eu fiz uma Feira aqui na escola, para mostrar para os pais, porque ficou difícil eu escolher quem levar e porque senão fica aquela coisa: *‘Ah ela só gosta de levar o terceiro ano. Só gosta de levar o quarto.’* Eu era a única professora, na época não tinha outra, tinha a de Educação Física. As outras matérias era eu que dava, por ser Multisseriada. Hoje já tem todas as áreas. Aí os pais vinham e votavam, e eu chamava o pessoal da Secretaria da Educação para vir para avaliar qual trabalho levar. É lógico, a gente já sabia quem ia, mas precisava ter avaliação de fora, pois só faltava os pais



não penderem para o lado do filho, né? Mas assim era gostoso. O trabalho ia para a Feira de Gaspar, e daí, em Gaspar, a gente sempre passava para a Regional e da Regional para a Estadual. Das quatro vezes que eu fui, três foram Destaque e uma Menção Honrosa. Mas todas se saíram bem. Pena que se perdeu. Eu só não participei mais porque não teve mais em Gaspar.

Eu acho as Feiras muito interessantes, porque elas trabalham em cima de práticas. Os alunos iam conhecer as Feiras, visitar, porque os professores podiam levar as turmas. Quando a Feira era em Timbó, por exemplo, naquele dia, quem era daquela cidade levava os alunos para a Feira. Eles ganhavam o ônibus que ia buscar as turminhas e levar para a Feira, então todos os alunos iam ver a “Matemática dos outros”. Era bem rico.

A Feira de Matemática é um incentivo para o professor, porque, se o professor não se abastecer de vez em quando, ele também fica para trás; também se perde no tempo se não for buscar. E, na Feira, são coisas práticas. Ali está o projeto, são coisas que a gente fez. Teve uma escola, uma vez, que me chamou atenção: fez um trabalho sobre o piolho. A escola trabalhou tudo em cima, porque teve uma infestação, e o que foi trabalhado tudo em cima do piolho tu não tens ideia. A outra trabalhou o borrachudo. Era lá de São Miguel d’Oeste<sup>29</sup>. Eles desenvolveram toda a Matemática em cima do borrachudo, porque tinha muito borrachudo lá na época. Que fatores levam a isso tudo? O que foi gasto? Porque eles conseguiram que a prefeitura desse um jeito de acabar com o borrachudo. Quanto remédio ou veneno foi botado no rio? Eu sei que eles fizeram um trabalho de Matemática excelente. Levaram o borrachudo, levaram um copinho com os casulos (os “negócios” dos borrachudos), como eles se procriam. Então, para a criança, aquilo era riquíssimo, e, para o professor, também. Até eu, eu ia para a Feira e ia olhar o trabalho dos outros. E ficava olhando: *‘Poxa, como é que ela conseguiu tirar a Matemática dali de dentro? Eu também posso’*. Então a Feira abre caminhos pra ti. Eu gostava muito, eu voltava enriquecida. E os alunos então, nem se fala, porque tinha um momento em que os expositores saíam e iam conhecer os outros também. Então eu acho bem legal. Hoje em dia, tem as Olimpíadas da Matemática. Se perguntar para os alunos que participam dessa Olimpíada, vai ver que é o mesmo gosto dos que iam para a Feira. É a mesma coisa, isso é um incentivo. E tem professores, a maioria, eu posso falar da minha

---

<sup>29</sup> São Miguel d’Oeste, cidade situada no Extremo Oeste de Santa Catarina, a 615 km de Florianópolis, capital do estado.

classe, a maioria vê isso como uma coisa para dar nota. Só por isso eles vêm: *‘Ah, meu aluno, nossa escola, foi com um trabalho tão bom e não se classificou, isso é injusto.’* Então, o professor só vê a nota, ele não vê mais nada. Um ano, a prefeitura fez e não classificou para ir para a Regional. Ninguém foi. Olha só, o próprio professor pensa errado. Ele não pensa no lado bom, o que é que aquilo vai trazer pra ele e para os alunos. Não vão lá ver que a Matemática é uma coisa gostosa, boa, que se pode trabalhar, que não é um bicho de sete cabeças. E o que a gente mais escuta de reclamação na escola é aluno com problema em Matemática. E não era para ser assim. Mas, também, ninguém busca. O professor, se vai buscar uma coisa, ele vai comprar um livro novo, ele vai na *internet* buscar. Por que não vai ver a aula prática? Por que que não há essa troca? Isso é tão difícil, fica cada professor na sua sala, dando a sua aula, e ninguém troca nada. Então, esse era um momento assim de troca. Eu lembro que eu ia e sempre pegava os resumos de trabalho e, no outro ano, quando eu fazia meu planejamento: *‘Poxa, eu vou trabalhar por esse caminho; aquela professora trabalhou assim e deu certo. Eu vou trabalhar assim também’*. Mesmo se não fosse para a Feira, mas eu tinha botado isso em sala de aula para ver uma situação diferente. E isso se perdeu. É uma pena, eu acho uma pena que isso acabou. Não é que se acabou, ela existe ainda, mas Gaspar não participa mais.

Avaliar as Feiras... Eu não sei como está agora, mas o problema sempre era a avaliação. Acho que ainda continua sendo, né? Deve de ser porque, até na escola, o problema sempre é a avaliação. Como avaliar esse aluno? Como avaliar o trabalho? Eu acredito, também, que é complicado para avaliar, porque cada professor, se ele chegou na Feira de Matemática é porque o trabalho dele foi bom, mas vocês não conseguem ter essa visão da sala de aula, como foi lá. De repente, lá foi muito bom, mas não chegou para quem está vendo. De repente, o aluno, naquele dia, ficou nervoso, não conseguiu falar o que ele entendeu porque tem medo do avaliador. Eu lembro que, às vezes, chegava alguém com uma pasta na mão: *‘Será que é avaliador, dona Sandra?’* Eles diziam pra mim.

Eu procurava levar os alunos que tinham calma e tinham facilidade de, se alguém perguntasse e ele não entendesse, de dizer para a pessoa: *‘Eu não entendi a sua pergunta.’* Ser humilde de dizer: *‘Eu não entendi o que você quer saber.’* Então a gente também tinha que fazer uma seleção, na escola, de quais alunos iam expor o trabalho. O trabalho foi feito com

todos, e a gente tinha de dizer na escola que esses três vão para representar o trabalho de nós todos, mas a professora só pode levar três. Daí eu fazia um sorteio simulado.

Teve um aluno que foi aqui em Gaspar, e aí ele disse: *‘Eu não quero mais ir’*. Então eu respeitei: *‘Se você não quer mais ir, não tem problema, vamos ver quem quer ir’*. E aí foi uma menina no lugar. Uma menina que era tímida, e eu pensei: *‘Meu Deus, o que que essa menina vai fazer’*. E eu disse pra ela: *‘Quando você não entende o que uma pessoa quer, não entendeu a pergunta da pessoa que está lá pra assistir, diz que não entendeu. Não tem problema nenhum você não entender o que a pessoa quer.’* E ela fazia isso. Eu lembro que era um trabalho sobre material escolar. Começou quando a gente foi trabalhar estimativa e, em cima da minha mesa, tinha um pote, com um monte de lápis que, quando os alunos esquecem, a gente coloca lá. Eu fui trabalhar, na sala de aula, estimativa e disse: *‘Quantos lápis vocês acham que tem aqui dentro?’* Cada um deu o seu chute de quantos achava que tinha. Nós contamos, e a gente fez o gráfico. Depois, a gente perguntou para os pais também, e teve o gráfico com a estimativa dos pais. Depois, em cima daquilo ali, a gente trabalhou figuras geométricas e, dos lápis (eram lápis redondinhos), tinha que dizer quantos cilindros tinha. A gente disse quantos cilindros tinha. Todo mundo fez a estimativa. A gente já tinha até acabado esse assunto, e um dia, essa aluna estava pintando e apertou o miolo do lápis. Isso saiu para cima. Ela pegou, puxou fora e ficou olhando. Aí eu disse: *‘Ih, Júlia, saiu fora.’* Nem tinha me tocado também: *‘Saiu fora, pega outro’*. *‘Oh, dona Sandra’*. Ela disse: *‘A nossa estimativa dos lápis estava errada.’* Aí eu disse: *‘Mas por quê?’* *‘Olha aqui, tem outro cilindro aqui dentro.’* Eu disse: *‘É mesmo né, Júlia. Tá, quantos cilindros a gente disse que tinha lá?’* Voltamos lá para a pesquisa: *‘Ah. Tinha cinquenta cilindros.’*; *‘Então não são cinquenta, são cem. Porque tem mais um dentro’*. E se for olhar também o que ficou ali oco, também formou outro cilindro. Quando ela foi para a Feira, eu perguntei assim: *‘Qual é a parte do trabalho que você quer apresentar?’* Ela disse: *‘Dona Sandra, eu quero aquela parte da estimativa’*. E ela levou aquilo ali. Ela queria ir para a Feira, porque queria mostrar a descoberta dela. Ela era uma menina tímida, e eu me surpreendi, porque a alegria dela era perguntar quantos cilindros tinha para as pessoas. A pessoa dizia, e aí ela já respondia: *‘Tá errado’*. Aí ela pegava, puxava aquela ponta fora e dizia: *‘Viu, aqui tem mais um e aqui ficou mais um’*.

E essa menina me surpreendeu. Aquela menina tímida não existia mais. Ela desabrochou. Ela falava com uma naturalidade com as pessoas, mas por causa daquilo ali. E

hoje ainda, hoje, ela é uma moça e trabalha no comércio... Esses tempos, ela falou pra mim: *‘Dona Sandra, lembra da estimativa que nós fizemos com o lápis?’* Eu disse: *‘Lembro’*. Essas coisas ficam marcadas para a gente, né? Eu disse: *‘Eu lembro. Júlia tu ainda lembras?’*; *‘Meu, dona Sandra, eu nunca me esqueço. Quando eu vejo um lápis eu sempre lembro.’* Ela disse: *‘Olha, que legal!’*

Então, quando eu estava nas Feiras, o problema sempre foi a avaliação mesmo. Eu também não posso te dizer como é que poderia ser essa avaliação, porque eu também me questionava. Claro que eu sempre chegava na Estadual, chegava lá e como Destaque, mas eu escutava o trabalho dos outros e, às vezes, o aluno passava uma coisa, e tu conversavas com o professor, e ele dava o olhar dele de como foi. Eu acho que isso era uma coisa importante: o avaliador também escutar o professor, não só o aluno. Assim como eu estou falando pra ti agora, como é que foi isso, escutar o professor também. Eu não sei se vocês leem o resumo do trabalho antes, como é que funciona, mas ouvir o professor também. Eu acho que ele também tem muito a dizer. Tirar esse tempinho para ouvir o professor, não só o resumo, porque, às vezes, no resumo, tu não queres esmiuçar muito e colocas só o necessário, a essência daquilo, como foi na sala de aula o envolvimento. Que nem esse do lápis ali: ninguém soube que foi ela que descobriu que tinha um cilindro ali dentro. Eu sei que foi ela e que foi em uma descoberta. Essa descoberta foi dela, mas, na hora que ela apresentava, ela só queria saber da pessoa errar e ela mostrar o correto. Ela dizia: *‘Fui eu que descobri. Eu descobri que aqui dentro tem...’* *‘Ah, mas não foi a turma?’* Os avaliadores diziam. E ela dizia: *‘Não, é que eu estava brincando e descobri.’* Eu não sei como é que o avaliador via essa questão, se ele acreditava...

## 2.7. Elnor Jennrich Teske

Entrevista realizada em 19 de março de 2012, na escola onde trabalha a depoente, na cidade de Indaial<sup>30</sup> (SC). Duração da gravação: 29m47s.

A professora Elnor, 44 anos, terminou o Magistério em 1985 e começou a lecionar em 1986, em uma Escola Isolada<sup>31</sup> onde permaneceu por treze anos. Em 2002, formou-se no Curso Normal Superior e Educação Infantil e fez duas pós-graduações (*lato sensu*), em Educação Infantil e em Séries Iniciais. Consegui o contato (telefone da escola) da professora por meio da representante da GERED<sup>32</sup> de Timbó<sup>33</sup>. Na primeira vez em que liguei para a escola, Elnor estava em sala, mas consegui o horário em que estaria em hora-atividade para que pudesse falar diretamente com ela. Na hora marcada, liguei novamente, e conversamos. Muito determinada, assim que expliquei sobre a pesquisa, ela disse imediatamente que iria participar, era só marcarmos a data da entrevista. Encontramo-nos no dia dezenove de março de 2012, às dezessete horas, na Escola Básica Municipal Professor Mario Bonessi, em Indaial. A sala em que fizemos a entrevista ficava em um canto isolado da escola, cercada por um pátio gramado e com algumas árvores, muito bem decorada, com cantinho de leitura e vários trabalhos dos alunos expostos, assim como trabalhos desenvolvidos pela professora.

*“[...] eu, professora, tenho que gostar. Se eu gostar, eu vou conseguir ensinar. Agora, se eu não gostar, não vou conseguir ensinar.”*

Sou de uma família humilde, somos em 11 irmãos. Fui uma criança bem serelepe, daquelas que aprontava tudo que tinha direito: subia em árvore, descia... tudo que tinha direito a gente aprontava na infância. A educação da família era muito rígida, pai principalmente. Ele só olhava, a gente já sabia pelo olhar o que era. A mãe já não. Ela era muito diferente. Quando precisava, batia, e batia mesmo, só que na hora certa. Aprontou, levou. A gente aprendeu assim.

<sup>30</sup> Indaial, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 149 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>31</sup> Escola Isolada. Escola que possui uma só turma do Ensino Primário, com alunos em vários níveis de aprendizagem.

<sup>32</sup> GERED: Gerência Regional de Educação do Estado de Santa Catarina.

<sup>33</sup> Timbó, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 159 km de Florianópolis, capital do estado.

Nasci e cresci aqui em Indaial. Morei 20 anos no bairro Arapongas e, hoje, já estou morando há 23 anos no bairro Warnow.

A minha escola foi a Escola Isolada Arapongas 2. Era uma Escola Multisseriada, mas já era dividida em turmas. Então estudavam o primeiro e o quarto; segundo e terceiro eram outra sala. Já tinha merendeira na época. A gente só ajudava a lavar a louça de vez em quando, quando a professora deixava; senão, não. Quando eu entrei na escola, isso eu me lembro muito bem, eu ainda falava só o alemão, eu não sabia nem uma palavra em português. Foi a minha professora da primeira série que me ensinou a falar o Português.

Nos Anos Iniciais, as professoras não trabalharam o lúdico: era tudo ali, preto no branco. Até eu lembro que, na segunda série, teve uma prova de Matemática e, como eu era humilde, pobre, eu não tinha borracha e fui olhar para trás para pedir a borracha do amiguinho. Ela tirou a minha prova e me deu zero. Ela nem quis argumento. Ela simplesmente puxou a prova e deu zero. Essa foi uma das marcas que eu tenho até hoje. Então eu tenho muito medo de fazer provas. Ficou um trauma bem grande em mim.

No Ginásio, eu não gostava muito de Matemática, porque era aquela coisa tradicional. Passava no quadro, a gente tinha que aprender, fazer, e se não conseguia captar naquela hora a mensagem do professor... eu lembro que tirava muitas vezes notas baixas.

No Segundo Grau, eu fiz o Magistério, em Timbó. Deixa eu me lembrar quem era a minha professora de Matemática. Eu tive duas: no segundo Magistério, foi uma e, no terceiro, foi outra. A do segundo Magistério, eu lembro muito bem, trabalhava muito com o material concreto. Ela trabalhava com tudo o que a gente podia aproveitar. E, depois, na época do meu Magistério, nós íamos muito para a sala de aula. Faltava um professor, de manhã a direção já vinha perguntar quem poderia ficar à tarde para estar substituindo esse professor. A gente sempre tinha um planejamento mais ou menos engatilhado para entrar. Então, o Curso de Magistério era muito rígido e eu agradeço até hoje por essa rigidez porque a gente só lucrou com isso. No terceiro Magistério, a gente teve uma outra professora que trabalhou muito com Material Dourado<sup>34</sup>. Esse Material Dourado trouxe uma abrangência muito grande para a

---

<sup>34</sup> Material Dourado: Material idealizado por Maria Montessori para representar os números sob a forma geométrica. As unidades são representadas por pequenas contas amarelas; a dezena (ou número 10) é formada por uma barra de dez contas enfiadas num arame bem duro. Esta barra é repetida 10 vezes em dez outras barras ligadas entre si, formando um quadrado, “o quadrado de dez”, somando o total de cem. Finalmente, dez

gente. Então eu digo assim, foi mesmo no Magistério que eu comecei a gostar um pouquinho de Matemática, porque até a oitava série eu não suportava Matemática. No Magistério, foi trabalhada bastante, então, a parte lúdica.

No Ensino Superior, eu me formei em Normal Superior e Educação Infantil em 2002, aqui na UNIASSELVI<sup>35</sup>. A professora de Matemática era a dona Eleide Mônica<sup>36</sup>, e ela trabalhava muito o concreto. No Normal Superior e Educação Infantil, foi trabalhado bastante o lúdico porque era para os pequenos mesmo.

Logo em seguida, eu fiz a pós em Educação Infantil. Assim que eu terminei a pós em Educação Infantil, eu pensei: *‘Não, mas o meu concurso me dá a liberdade de um dia, se eu não gostar dos pequenos, voltar para os maiores’*. Em seguida, eu fiz a outra pós para Séries Iniciais. Então, eu tenho duas pós e, graças a Deus, o meu concurso me dá essa viabilidade. Na pós também foi trabalhado o concreto, mas não era tanto. Ele já foi mais assim para o tradicional; teve uma boa bagagem. Mas foi mesmo a dona Ondina<sup>37</sup>, da prefeitura (de Indaial), que, com as formações dela, deslanchou o povo. Ela foi uma mulher fantástica, fantástica, nessa questão.

Eu escolhi o Magistério porque, desde pequena, eu adorava ver uma professora carregar os livros. Eu achava isso fantástico: ser professora! E, querendo ou não, eu tinha um pequeno, não sei se eu chamo isso de dom ou o que, eu adorava crianças. E foi onde eu escolhi o Magistério, por eu realmente gostar da profissão.

Eu trabalhei treze anos só com Escolas Multisseriadas. Treze anos onde eu era professora, merendeira, faxineira, fazia de tudo. O dia a dia na sala de aula era complicado, porque eu tinha primeira, segunda, terceira e quarta séries, tinha merenda e toda papelada da escola para fazer. Esse dia a dia era complicado, só que, no entanto, tinha uma vantagem, porque todos ficavam numa mesma sala; então, geralmente, os maiores ajudavam os menores. Quando os maiores terminavam as atividades deles, eles já sabiam que poderiam ajudar os

---

quadrados sobrepostos e ligados formando um cubo, “o cubo de 10”, isto é, 1000. Esse material também é muito utilizado na forma que cubinhos de madeira no lugar das “contas amarelas”. Esse material destina-se a atividades que auxiliam o ensino e a aprendizagem do sistema de numeração decimal-posicional e as operações fundamentais.

<sup>35</sup> UNIASSELVI: Centro Universitário Leonardo da Vinci. Centro Universitário Privado de Santa Catarina.

<sup>36</sup> Eleide Monica Jacques. Professora de Matemática da UNIASSELVI, Indaial (SC).

<sup>37</sup> Ondina Poffo. Professora Coordenadora da Área de Matemática da Secretaria de Educação de Indaial (SC), no período citado pela depoente.

menores. Era uma brecha que eu dava. Então ali funcionava muito trabalho de grupo. E esse trabalho de grupo acontecia mesmo porque eles tinham a liberdade de sentar lá, de explicar um para o outro o que acontecia. E, às vezes, se eu não alcançava aquela criança, o amigo conseguia ajudar e obter o resultado que eu não conseguia. Teve esse lado também.

Quando eu estava trabalhando na Escola Isolada Alto Warnow, a dona Ondina Poffo, que dava formação para a gente, trabalhou sobre as Feiras de Matemática, e eu me apaixonei, por causa do material concreto. Foi ali que eu tive o ingresso e o gosto pelas Feiras de Matemática. Aquela coisa de você trabalhar o real para a criança, ela vivenciar o real, e essa vivência real fazer com que ela aprendesse muito mais rápido do que aquela coisa que ela tinha, de sentar e aprender ali o que estava escrito e tinha que ler. Isso, pra mim, foi um fato muito marcante: trabalhar o concreto com as crianças. Foi superimportante pra mim. Desde então, a minha prática de ensinar Matemática mudou. Quando eu comecei a trabalhar como professora, eu era muito rígida, muito rígida, trabalhava muito assim só no papel, e tinham que entender no papel. Foi a partir daquela época, 93, 94, já em 92 também, que eu comecei a trabalhar de outra forma e ver que as crianças aprendiam muito melhor da outra forma. Mas eu tive que aprender primeiro para, depois, passar isso para as crianças. E, graças a Deus, eu consegui. Essa parte realmente eu consegui fazer e fazia com gosto. E ainda faço hoje em dia, porque, hoje em dia, eu trabalho muito com material concreto. A parte lúdica eu não deixei mais de trabalhar a partir dali. Sempre estou voltada para o lúdico, trabalhando com as coisas concretas, fazendo eles entenderem primeiro para, depois, ir para o papel, para, depois, eles internalizarem, senão eles não conseguem internalizar.

Um das coisas assim mais marcantes de todo esse processo foi ensinar multiplicação para as crianças com material concreto, com coisas da natureza mesmo, coisas do cotidiano, de onde eles estavam, porque, no interior, a gente não tinha muito material à nossa disposição. A prefeitura trazia aquele tanto de material, mas o resto a gente tinha que dar um jeito, correr atrás, procurar, pesquisar. Então em muitas “aulas-passeio” que a gente fez, a gente ia catando as coisas da natureza e começando a estudar. E foi a partir dali que vi que, ao trabalhar a multiplicação com coisas naturais, eles aprendiam bem mais rápido, do que ficar ali ‘*duas vezes dois, duas vezes três...*’ que não adiantava para nada, era pura decoreba. E eles fazendo com o concreto era bem mais rápido pra eles entenderem, muito mais prático.



Uma aula de Matemática que eu lembro que eu lecionei com gosto e que, querendo ou não, agora eu estou vivenciando novamente, foi quando, na Escola Isolada Warnow Alto, a gente fez um trabalho sobre os ovos. Nesse trabalho sobre ovos, a gente colocou uma galinha para chocar, e eles queriam saber se todos os ovos eram do mesmo tamanho, né? Foi quando a gente fez uma pesquisa. A gente foi visitar as casas deles mesmos, e eles foram descobrindo que tinha vários tipos de ovos e que quase todos tinham tamanhos diferentes. A partir dali, a gente trabalhou dúzia e meia dúzia, no concreto, eles tendo que repartir, eu lembro como se fosse hoje, teve uma hora que eu pedi pra eles: *‘Então tá, como é que eu vou fazer para repartir uma dúzia em cinco partes’*. Um aluno teimava que não dava, não dava, porque não dava. Aí eu dizia: *‘Vamos pensar de novo. Cinco partes. Chegamos até quatro, e cinco? Mas porque não dá?’* Aí mostrava: *‘Mas se cortar aqui e cortar aqui aí fica quatro de novo...’* Aí eu dizia: *‘Mas vamos lá, vamos pensar de novo. Se cortou aqui, cortou aqui deu quatro, mas eu quero cinco. Como vou fazer? Vamos tirar todos os ovos, vamos ver agora.’* Aí começou: *‘Tá, se eu cortar no meio...’*; *‘Sim. E daí, cortou no meio, reto. E agora. Como você vai fazer?’* Ele ficou, pensou, pensou... *‘Ah sim, bota dois, dois, dois, dois, aí...’* E eu disse: *‘Ih! Será que dá? Vamos ver se vai dar certo mesmo...’* Então essa parte foi bem marcante pra mim, até ele sozinho chegar no resultado, pois eu não deixei os outros interferirem. Ele teve que descobrir, porque ele era um aluno que tinha dificuldade e, a partir do momento que ele descobriu essa fração, foi um avanço muito grande na vida dele. Porque ele tinha muita dificuldade na leitura também, e foi a lógica da Matemática que ajudou ele a ler melhor. Quando ele foi para o sexto ano, quinta série antigamente, uma professora me chamou e disse: *‘Elner, mas ele ainda tem alguns problemas na fala’*. *‘Sim’*, eu disse, *‘Ele tem problemas na hora de juntar palavras, mas se você deixar o tempo dele você vai ver que ele vai conseguir’*. E foi isso o que aconteceu. Ele não reprovou na quinta e nem na sexta; na sétima, porém ele ficou. Mas ele deu um avanço muito grande porque ele teve que descobrir sozinho.

Essa aula, eu estou revivendo agora. Eu fiz uma sondagem com as crianças para, a partir de uma curiosidade que eles tinham, de alguma coisa que eles queriam aprender, chegar a um projeto. Eles tinham que contar um segredo, e surgiu justamente a questão de como se forma o ovo; coincidiu. Então a gente está hoje trabalhando com o primeiro ano, e eu vejo um potencial muito maior nas crianças de hoje do que nas daquela época, que eram do interior também, mas não tinham tantas condições. As crianças de agora já conseguiram, em dois

toques, trabalhar como se separa a dúzia em até quatro partes. Os de lá tiveram muito mais dificuldades. Essa, pra mim, foi uma das aulas marcantes.

Outra aula muito marcante foi quando eu fiz um trabalho sobre uma pessoa, do Warnow Pequeno, que sofreu um acidente aos dezoito anos de idade e se tornou cadeirante, tetraplégica. Foi trabalhada toda parte matemática em cima da família e da história de vida dessa pessoa. E foi fantástico, porque, com esse trabalho, a gente conseguiu trazer de volta a família pra ela, porque tinha uma família muito grande e, depois do acidente, ela não queria mais algumas pessoas por perto. E isso foi muito marcante também naquela comunidade porque, no final, convidei o padre para vir rezar uma missa, e a família toda veio participar. Então, foi um resgate de uma união e de um laço que havia se quebrado, só através de trabalhos de Matemática. Reestruturando, refazendo e trazendo pra ela ver o diferencial, pra ela ver que ela também podia mudar, não só os irmãos, mas ela também tinha que ceder. E isso aconteceu. Então foram aulas muito marcantes.

A primeira vez que eu participei de Feira de Matemática foi com o incentivo da dona Wilma Von Gilsa<sup>38</sup>, e o trabalho foi sobre Warnow Alto. Estava bem naquela época que se desmatava tudo, só se pensava em desmatar, mato verde mesmo, que era natural, que não era reflorestamento. Eles simplesmente pegavam e desmatavam. Daí a gente fez um trabalho de Feira de Matemática. Eles foram a uma serralheria para saber: para que eles cortavam essa madeira, porque eles cortavam em tanta quantidade, se eles viam que mais tarde isso não ia prejudicar, se não ia faltar. E foi onde também depois se viu a mudança dessa serralheria, porque eles começaram a fazer reflorestamento. Ali também houve um grande progresso. Hoje, essa serralheria ainda existe, e eles têm vários lugares de reflorestamentos que eles fizeram e agora estão cortando os reflorestamentos, não estão mais cortando as áreas verdes. Isto foi em 1993 ou 94. A gente foi para Timbó e depois de Timbó, a gente foi para São Bento do Sul<sup>39</sup>. Meu filho era pequeno, eu o deixei, e a gente foi com as crianças. Para conseguir autorização com os pais foi difícil, primeiro porque eles não viam esse trabalho como um trabalho que fazia parte dos estudos. Eles achavam apenas que era só por fazer. Até fazer toda aquela comunidade entender que se trabalhava a Matemática de forma diferente, foram várias idas e vindas dos pais à escola, deixando a criança também explicar, pra eles

---

<sup>38</sup> Wilma Von Gilsa. Professora dos Anos Iniciais da rede municipal e estadual de ensino em Indaial (SC).

<sup>39</sup> São Bento do Sul, cidade situada no Planalto Norte de Santa Catarina, a 224 km de Florianópolis, capital do estado.

entenderem que a criança também tinha o valor e que ela também sabia, não só eles. Então foi nessa época. Eu participei de muitas Feiras...

A última eu lembro que eu fui com dois trabalhos. Teve a de Indaial, depois a gente foi para Timbó e, de Timbó, para Rio do Sul<sup>40</sup>, que era a Catarinense<sup>41</sup>. Fui com um trabalho do pré-escolar em que a gente trabalhou as datas de aniversários, se eu não me engano, e os funcionários da escola Gustavo Barroso<sup>42</sup>.

Quando a gente chegou em Timbó para montar, eu trabalho muito com coisas simples, reaproveito muito material, a nossa maquete da escola era toda de papelão, as crianças tinham confeccionado, eles tinham pintado... E do meu lado tinha um trabalho: ele era lindo! Meu Deus, eu olhava para aquele trabalho: ele era fantástico!! Eu dizia para a diretora, que também era a dona Wilma Von Gilsa: *'Ih, olha só!'* eu dizia, *'Meu Deus, é tudo cacareco que a gente fez. O que a gente vai fazer aqui, com um trabalho tão lindo?'* Eu dizia. Daí ela dizia: *'Calma, não é assim. Depende o conteúdo que tu trabalhasses, lembra sempre disso. Como tu explorasses a Matemática'*. Aí eu disse: *'Não, isso tudo teve. Eu fiz várias coisas com a Matemática.'* *'Pois é, calma. Quando começar, você escuta o trabalho de lá e analisa o que você fez.'* Quando eu escutei o trabalho daquela moça que achei fantástico, eu fiquei analisando, não tinha quase nada de Matemática. Era só visual, uma coisa que chamava a atenção, mas o conteúdo em si não foi trabalhado. Aí me deu uma aliviada. Quando foi a premiação, eu fui com uma angústia muito grande, porque os alunos do Warnow Pequeno estavam muito bem preparados, porque o aluno que estava lá já tinha participado de uma outra Feira, já tinha conhecimento. Eu deixei os maiores, porque tinha levado um do primeiro ano, um do terceiro e um do quarto, e o do quarto eu sabia que daria conta dos outros dois. Agora, com os pequenos do pré-escolar, eu fiquei porque eles eram muito pequenininhos. Quando foi para a premiação, eu ainda estava com aquela angústia: *'Será que eles vão conseguir? Será que, se os grandes conseguirem, os pequenos não vão ficar frustrados?'* Porque eles tinham se tornado amigos. Quando chegou a premiação, os dois foram premiados. Nossa, eu chorei tanto, chorei tanto, porque foram dois trabalhos que, tanto numa escola como

---

<sup>40</sup> Rio do Sul, cidade do Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, situada a 162 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>41</sup> As Feiras de Matemática são desenvolvidas em três etapas. A primeira é formada pelas Feiras Municipais. Os trabalhos que recebem a premiação Destaque nessa fase são classificados para a segunda etapa, as Feiras Regionais. As Feiras Regionais reúnem trabalhos das várias cidades que compõem cada região do estado. Os Trabalhos Destaque das Feiras Regionais são classificados para a etapa estadual, a Feira Catarinense.

<sup>42</sup> Escola de Ensino Fundamental Gustavo Barroso, na cidade de Indaial (SC).

na outra, eu me dediquei ao máximo, em todos os sentidos, para que toda a turma aprendesse. Foi suado mesmo. Hoje em dia, eu não sei se eu conseguiria fazer dois trabalhos para levar para a feira. Não sei se eu teria pique. As crianças têm, mas a gente, com o tempo, vai perdendo um pouco. Essa eu acho que foi a última Feira que eu participei. Sse eu não me engano, foi essa a última.

Os troféus, da Escola Isolada, que fechou em 96, eu tenho todos em casa expostos. Às vezes, quando as pessoas veem, elas olham: *‘Nossa, mas quanto’*. Aí eu digo: *‘Tá, mas não é só meu. É daquela escola, é daquelas crianças.’* Eu tenho marcado embaixo as crianças que foram, e tenho algumas fotos, poucas porque, na época, eu não tinha condições e não tinha máquina. A prefeitura batia; ela deve ter mais registros do que eu. Eu tenho poucas fotos registradas.

Tenho muita saudade de Feiras de Matemática, inclusive porque eu estava afastada da sala de aula por oito anos. Nesses oito anos, eu fiquei quatro anos e meio como coordenadora de uma unidade. Ali eu via várias coisas que as professoras faziam e que eu achava errado, porque, hoje em dia, as professoras vêm com uma formação, não é que elas não sabem, elas até sabem, mas o comodismo não faz elas procurarem uma coisa simples para trabalhar no dia a dia. Então tive muito “arranca rabo” com várias professoras, pra elas entenderem que trabalhando com o concreto a criança ia aprender, mas demorou. Depois, eu voltei para a sala de aula, voltei também com o NAES<sup>43</sup>, com Educação Infantil, com a turma de 3 anos. A minha auxiliar dizia: *‘Elner, calma, eles têm só 3 anos.’* Porque eu puxava muito. Cada projeto que eu fazia, eu tirava tudo da sala e começava o próximo que eles escolhiam. Mas tudo muito no concreto, no lúdico.

No ano passado, eu pedi para sair, porque eu me encenquei com a coordenação. Não deu mais certo porque a minha visão era uma, e a dela era outra. Daí eu voltei para cá, peguei o quinto ano e aí eu vi como eu me perdi um pouco. Porque eu tive que voltar a estudar, mas isso não deixo de fazer por nada! Eu voltei a trabalhar com esse quinto ano e também fiz várias coisas com eles no lúdico, porque teve uma hora que eu vi que eles tinham muita dificuldade na multiplicação e na divisão. Então, para conseguir primeiro um pouco de base, eu fiz brincadeiras: *‘E agora vamos dividir. Quantos deram? Vamos dividir, quantos vai dar*

---

<sup>43</sup> NAES: Núcleo Avançado de Ensino Supletivo. Escola para Jovens e Adultos da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina.

*para tantos... E agora a metade... Quanto que é três partes deste tanto?*’ E eu consegui melhorar a nota de várias crianças que estavam péssimas em Matemática. Essa parte de trabalhar com o lúdico, eu carrego comigo, desde que eu aprendi com a dona Ondina, a gostar da Matemática. Porque eu, professora, tenho que gostar. Se eu gostar, eu vou conseguir ensinar; agora, se eu não gostar, eu não vou conseguir ensinar.

Eu adorava as Feiras de Matemática pelo seguinte: eu podia passar em outros estandes e aprender coisas diferentes, que eu levava para sala de aula depois. As Feiras foram reensinando, reaprendendo e me motivando para cada vez entrar em outra Feira, porque, querendo ou não, elas me motivavam a entrar em outra. A troca de ideias é muito grande. O que você traz de conhecimento, de bagagem, de coisas novas... *‘Nossa, mas eu trabalhava aquilo e não imaginava que pudesse fazer da maneira que aquela professora fez.’* Essas trocas são fundamentais para o professor.

Eu nunca tive reclamação das Feiras. Eu tenho saudades, muitas saudades de Feiras de Matemática. Muita, muita mesmo. É uma pena que não tenha a primeira Feira<sup>44</sup> aqui em Indaial, porque Indaial tem profissionais muito bons nessa área. Eu sei que tem. E estão escondidos. Apesar de tudo isso, a gente vê, as que participaram comigo de Feiras, vendo o trabalho delas ainda hoje em dia, a gente fez uma caminhada bem grande de trabalhar muito o material concreto. E a gente, quando se encontra: *‘Ah, mas lembra daquela Feira?’*, *‘Sim. O que a gente aprontava, né, de noite, o que era gostoso também.’* A gente tem saudades, saudades mesmo. Quem sabe, de repente, no próximo ano, a prefeitura não abre para a gente voltar para as Feiras.

As Feiras fazem falta, eu sinto muita falta. É aquela correria, aquele corre-corre, aquele agito, você primeiro trabalhar com todos os alunos para de repente você tirar apenas três... No começo, eu também apanhei porque, na primeira Feira, eu escolhi os três apresentadores. Quando eu participei da segunda, a gente fez um sorteio e quem não queria se retirava. Tudo isso eu fui aprendendo, não foi mais aquela coisa dedocrática: *‘Você, você e você’*. Fui me abrindo, realmente, e foram conquistas e mais conquistas que a criança conseguiu. Isso, eu

---

<sup>44</sup> Quando a entrevistada fala em primeira Feira de Indaial, não significa dizer que em Indaial nunca houve, antes, Feira da Matemática. A depoente refere-se à Feira Municipal. Muitos municípios não realizam as Feiras Municipais e não incentivam os professores a participarem das Feiras Regionais, enviando trabalhos para a avaliação dos coordenadores. Esse incentivo é importante devido aos cuidados que existem no fato de se levar alunos da escola para outras cidades, da autorização necessária e do custo que isso acarreta.

garanto aqui, valeu um monte. Tanto para o professor quanto para a criança e para a vida dela, o cotidiano dela, o social dela. Isso tudo ajudou.

## 2.8. Íris Tuty Dalcanale Araujo

Entrevista realizada em 26 de março de 2012, na escola onde trabalha a depoente, na cidade de Rio do Sul<sup>1</sup> (SC). Duração da gravação: 23min32s.

A professora Iris iniciou sua carreira no Magistério com 18 anos, em 1981, tendo hoje 31 anos de atividade. Espera aposentar-se ainda este ano, quando completar a idade mínima. Ela cursou o Magistério, Pedagogia de pré, primeira a quarta série, na antiga FEDAVI<sup>2</sup>, hoje a UNIDAVI<sup>3</sup>, em Rio do Sul. Também fez uma complementação de Educação Especial e pós-graduação *lato sensu* em Psicopedagogia. Atualmente, está cursando Matemática (Licenciatura). O nome da professora Iris apareceu entre os selecionados para cooperar na pesquisa quando consegui os anais da vigésima quinta edição das Feiras Catarinenses de Matemática, pois ela havia participado dessa e das duas edições anteriores. Para encontrá-la, liguei para a escola e a própria professora que estava em uma hora-atividade, veio me atender. Expliquei-lhe o trabalho que estava desenvolvendo e convidei-a para participar. Ela prontamente aceitou, e marcamos a entrevista para o dia vinte e seis de março de 2012, às treze horas e trinta minutos, na Escola de Educação Básica Paulo Zimmermann, durante sua hora-atividade, enquanto os alunos estavam na aula de Educação Física. Na escola, fizemos a entrevista no setor de atendimento aos alunos portadores de necessidades especiais (deficientes auditivos), um local onde há menos barulho. Após a entrevista, a professora me levou para conhecer a sua sala de aula e a equipe diretiva da escola.

*“[...] eu acho que a gente passa pra eles que gosta da Matemática. Isso influenciava bastante. Até hoje influencia”.*

Minha infância foi bem feliz. Eu morava no interior, perto de Rio do Sul. A escola ficava próximo à minha casa, era só atravessar a rua. Só tinha um irmão, eu, a minha mãe e o meu pai. Meus pais ajudavam nas festas da comunidade. Então, eu ficava assim bem próxima

<sup>1</sup> Rio do Sul, cidade situada no Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 162 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>2</sup> FEDAVI: Fundação Educacional do Alto Vale do Itajaí, situada na cidade de Rio do Sul, que em 2011 transformou-se em UNIDAVI.

<sup>3</sup> UNIDAVI: Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, tem unidades em Rio do Sul (*campus* principal), Ituporanga, Presidente Getúlio e Taió.

da escola, bem próxima dos professores. Inclusive, os professores que eram de outras cidades e moravam na minha casa.

A questão de querer ser professora já começou aí. Eu queria ser muito igual a elas. Tinha uma professora que eu adorava ver as suas mãos. Eu queria ter igual. Eram todas gordinhas, e era assim que eu queria ser: professora e com a mão igual. Mas não deu certo, não foi.

Da quinta à oitava série estudei em colégio particular e, depois, iniciei o Magistério na Escola Estadual Henrique da Silva Fontes<sup>4</sup>. A Matemática sempre estava em primeiro plano quando eu ia fazer alguma coisa, algum trabalho de Magistério: a Matemática era primeiro. Era onde eu me identificava melhor; os trabalhos eram sempre de Matemática. Parece que puxava. Tenho que me cuidar um pouquinho, porque eu sempre enfatizo mais a Matemática que as outras áreas. Isso eu tenho que cuidar hoje ainda, porque sempre eu vou um pouquinho mais.

Professores marcantes... a professora Carmem, que foi a professora do terceiro ano; o professor Albino<sup>5</sup>, era professor da primeira série, era meu parente, primo. Mas a que marcou mesmo, da educação de primeira a quarta série foi a professora Carmem. Hoje, ela é minha comadre, porque viveu mais comigo na época, dormia na minha casa, me tratava então como se fosse filha. Essa ligação foi o que marcou bastante. Eu lembro que elas ensinavam bastante a Matemática, era bem na parte prática, mais concreta. Então eu acho que isso vai influenciando um pouquinho a gente até hoje.

Quanto à formação acadêmica, eu fiz Pedagogia de pré, primeira à quarta série e Psicopedagogia, na antiga FEDAVI, hoje a UNIDAVI. Depois, eu fiz uma complementação de Educação Especial. A pós-graduação (*lato sensu*) eu também fiz lá. E a Matemática sempre teve. Tive dificuldades? Tive, mais no Ensino Superior, quando tinha Estatística, aonde que tive algumas complicações. Mas eu fiz, ainda, o Curso de Desenho Arquitetônico, Desenho Geométrico, Mecânico... Tudo entrava a Matemática. Fiz um curso técnico de Administração, que o certificado eu nunca fui buscar porque, na época, deu enchente e, depois, fui deixando porque eu estava dentro do Magistério e não queria sair. Bastantes

---

<sup>4</sup> Escola de Educação Básica Professor Henrique da Silva Fontes, na cidade de Rio do Sul (SC).

<sup>5</sup> A professora não mencionou o nome completo da professora Carmem nem do professor Albino.



cursos, sempre, de uma forma ou de outra. Fiz bastante curso pelo estado, em Matemática também. Foi muito bom.

Uma outra profissão que me chamava atenção era ser secretária. Quando eu comecei no Magistério, eu fui balconista de uma floricultura, era caixa; numa lanchonete, fui caixa novamente e, depois, fui secretária. Sempre tinha algo a ver com a Matemática. Mas, depois, quando eu comecei como secretária, eu trabalhava na APAE<sup>6</sup>. O início do Magistério se deu na Educação Especial (APAE). Depois, eu fui para o ensino regular: terceira e quarta séries; em seguida, me efetivei e fui trabalhar com pré-escola. Na pré-escola, também a Matemática era sempre o que mais me chamava atenção, e os alunos também gostavam. Depois, fui alfabetizadora por nove anos e, agora, estou no quinto ano.

Em relação à prática da sala de aula, tudo aquilo que eu faço, faço porque gosto de fazer e sempre quando falo na Matemática, eu sempre coloco pra eles o que é, o conteúdo, sempre no diálogo. Eu parto do que eles sabem, para que eles percebam o que estão fazendo e qual é a ligação que tem com o seu cotidiano. A sua praticidade. Eu acredito que tem dado certo; eu vejo que eles gostam. Até hoje, tem alguns alunos que dizem: *‘Professora, vai dar uma aula de Matemática para a gente.’* Porque eles gostavam. Quando mostramos aos alunos do que gostamos, eles passam a gostar também. Isso influenciava bastante. Até hoje influencia.

No dia a dia da escola, eu sempre tenho um material didático, de apoio, material concreto. Tento sempre fazer com que eles tirem as dúvidas, mas também fazer com que eles percebam a importância de ir à busca das suas dúvidas pesquisar, não dando tudo pronto. Antes de dar a resposta, é importante questionar: *‘Então, primeiro, vocês vão fazer como pesquisa.’* Depois, a gente volta para a sala, faz um resumo daquilo que eles trouxeram, e eu apresento o que acho que poderia ser o certo, mas sempre dando um espaço para eles questionarem. Isso faz com que eles também enriqueçam o conteúdo. É onde aparecerá o conceito de cada questão dentro da Matemática e ver que o conceito é muito importante. Para que serve? Aonde nós vamos usar? Porque eles têm muito: *‘Mas a gente vai fazer o que com isso?’; ‘Mas aonde?’; ‘Você não usa isso?’; ‘Quando você vai ao mercado, o que é que você usa? O que é que você tem que fazer?’; ‘Ah, a gente faz uma lista.’; ‘Mas e o preço, quanto que você vai pagar?’* Fazer a relação com o dia a dia eu acho que é muito importante, porque

---

<sup>6</sup> APAE: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

eles vão aprender com vontade, com apropriação do conteúdo. Essa resolução de problemas, acho que é muito importante.

O material que fui descobrindo ao longo da carreira e estou aprendendo ainda, porque, muitas vezes, a gente passa o conteúdo e não sabe de onde veio. Hoje, fazendo o Curso de Licenciatura em Matemática, eu vejo que tudo o que a gente já trabalhou tem um nome; tem um conceito específico para cada assunto que não sabíamos o que era. Porque a formação acadêmica traz conceitos gerais, não aprofundando os conceitos de cada disciplina por ter pouco tempo para fazer esses estudos. Aprendemos um pouco de todas as disciplinas que faz parte das Séries Iniciais. Acredito que é importante estudar com profundidade todas as disciplinas. E quem iria ganhar com isso eram os alunos; como não conseguimos fazer o que queremos, tentamos fazer o melhor. Hoje, eu vejo: *‘Poxa, aquilo lá que eu fazia estava certo então.’* Ou *‘Estava errado! Volta um pouco, tem que ter a história daquele contexto... como foi feito naquela época, como é hoje. Fazer um comparativo das idades... Do tempo que era, com hoje.’* Isso enriquece muito o contexto da Matemática e dá mais significado para eles.

Nessa semana passada, eu estava dando aula sobre figuras geométricas que eu considerarei muito boa; sobre as figuras geométricas sólidas, os poliedros, geometria mesmo. O que é? Para que serve? Aonde tem? Então eles foram descobrindo comigo onde tinha, como era... *‘Ah. Esse é o nome?’; ‘Quantos lados têm?’; ‘Para a que serve?’; ‘O que é uma aresta? O que é um vértice?’; ‘Mas professora, essa é uma forma sólida’; ‘Mas isso aqui também é?’; ‘Não?’; ‘O que é sólido, o que é plano?’; ‘Oh. Mas isso aqui é sólido. Não, vamos ver... o que é sólido na sala?’; ‘O que nós temos de figuras geométricas sólidas.’; ‘Ah, não tem.’; ‘E planas, tem?’; ‘Tem o quadro.’; ‘Mas se o quadro for mais largo do lado, Como é que fica? Vai ser plano ou vai ser sólido?’* Essa descoberta com eles foi muito interessante. Foi uma aula bem legal! Então fizemos umas cópias das figuras, construímos os sólidos, primeiro no plano, a figura plana. *‘Mas para que é isso aqui? O que dá? Qual é o formato da figura geométrica?’* E desenharam, pintaram, recortaram, colaram, se lambuzaram um monte, porque era difícil de colar, mas isso fez com que todos eles participassem daquela atividade. Eles não falavam: *‘Ah não, eu não quero fazer isso.’* Essa atividade fez com que eles se aprimorassem dos conceitos das figuras geométricas, aonde tinha, em casa, na rua... Fazer esse apanhado geral das formas geométricas foi bem interessante.

Eu participei de três Feiras de Matemática. A primeira Feira foi meio que: *‘Ah professora, você vai participar. Tem que participar! De primeira a quarta não foi ainda, você vai ter que fazer.’* Aí eu disse: *‘Eu até faço, mas alguém vai ter que me ajudar.’* Aí a professora Celi me ajudou a planejar e fomos com “Jogos Cooperativos”, porque a gente faz parte de um projeto de Cooperjovem aqui na escola. Então a gente fez os jogos cooperativos. Foi muito bom, nós fomos Destaque<sup>7</sup>. Fomos para a Estadual e também ganhamos Destaque. Os alunos se engrandeceram. Até um caso bem legal foi que uma aluna minha foi apresentar o trabalho e, como foi Destaque na Estadual, a patroa da mãe dela disse: *‘Não, a tua filha tem que ir para uma escola particular, porque ela tem que desenvolver este lado.’* Eu fiquei triste porque perdi a aluna, e a escola também perdeu a aluna que também poderia participar das próximas Feiras de Matemática. Mas, ao mesmo tempo, alguém valorizou a capacidade da menina e valorizou até o trabalho da escola que fez com que ela aparecesse, que ela se desenvolvesse e fosse para outra escola. Assim, ela veio, deu parabéns para a escola. Fomos para Blumenau<sup>8</sup>, onde era a Feira, a escola deu todo apoio, foi muito interessante e importante. Na primeira vez que participamos da Feira de Matemática, fomos Destaque. Participei de mais duas: uma Menção Honrosa e outra foi Destaque. Este ano vou participar novamente com um trabalho que tinha começado ano passado, que era sobre jogos e multiplicação. A multiplicação dentro dos jogos, aprendendo de uma forma mais descontraída, a tabuada, que é um tabu estudar a tabuada. Mas, assim, desmistificando um pouquinho, de onde vem a tabuada, como é formada. Dessa forma, pretendemos apresentar o trabalho de Matemática.

As Feiras são muito importantes. Onde conhecemos muitos trabalhos que fazem com que pensemos assim: *‘Poxa, aquilo que eu faço lá na minha sala de aula é um trabalho de Feira de Matemática.’* Não paramos para registrar todos os momentos. Achamos que, para ir à Feira de Matemática, tem que ser algo fabuloso. Mas não, quando a gente está lá, se vê que o trabalho mais simples é o que enriquece mais. Isso é o que devemos enfatizar porque, às vezes, vão para as Feiras aqueles que fazem trabalho “só para a Feira”, e o trabalho não fica

---

<sup>7</sup> Premiação Destaque: aos trabalhos apresentados nas Feiras de Matemática do Estado de Santa Catarina é dado o prêmio de Menção Honrosa ou Destaque. Os trabalhos que recebem o prêmio de Destaque são selecionados para a próxima etapa das Feiras, ou seja, o Trabalho Destaque de uma Feira Municipal é aprovado para a Feira Regional e os da Feira Regional são aprovados para participar da Feira Estadual.

<sup>8</sup> Blumenau, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 129 km de Florianópolis, capital do estado.

na escola, na sala de aula; é feito só para mostrar. Eu acho que isso não leva a nada não tem aprendido.

Todos os trabalhos eu desenvolvi com as duas turmas da quarta série, que era na época. Não foi fácil, tanto de manhã quanto à tarde, eu tinha sessenta alunos, e todos eles participaram do trabalho da Feira de Matemática. Tinha que escolher alguns para ir para Feira, então a sala ajudava a escolher. Quem gostaria de ir dava o nome, e a gente fazia uma votação para poder escolher, mas todos eles estavam aptos a apresentar o trabalho, todos sabiam o que a gente estava fazendo. E, às vezes perguntavam: *‘E aí, não vai ter a Feira?’* *‘A gente não vai fazer o trabalho da Feira?’* Daí eu dizia: *‘Não, hoje a gente vai fazer outros trabalhos e depois a gente volta para o trabalho da Feira.’* Mas era sempre assim. Era um assunto que estava dentro do nosso currículo, dos conteúdos a serem trabalhados naquele ano.

Um trabalho da Feira que fizemos uniu a Matemática e a Geografia: dados dos municípios de Santa Catarina, das regiões, dos municípios, mais perto de Rio do Sul, mais longe, densidade demográfica. Fizemos gráficos, montamos um mapa. Foi muito interessante. Foi muito bom, porque eles acham que Matemática é só na disciplina Matemática, e vimos que não. A Matemática tem em todas elas. Então, hoje, eles já conseguem perceber um pouco, pelo menos a minha turma, que a Matemática está em todas. Ênfase em cada uma: Português tem Matemática? Tem em Geografia, tem em Ciências... Tudo tem um pouco da Matemática. Então, eles já vão se embasando que, no dia a dia, nós precisamos da Matemática.

Em termos gerais, as Feiras de Matemática são importantes. É uma pena que as pessoas não participam mais. Os professores não querem participar, porque acham que é muito trabalho. É cansativo ficar elaborando projeto. Até acham que é uma perda de tempo ficar em cima de um único conteúdo. Não trabalhamos um único conteúdo, mas vários. Tudo o que fizemos é através de projetos. Só não escrevemos o que acabamos de fazer. O professor não registra o seu trabalho. Daí o seu medo de participar das Feiras de Matemática, de não dar conta e se achar incapaz de realizar um trabalho bem elaborado. Eu acredito que mais pessoas, mais professores, deveriam querer fazer o projeto e apresentar. A Educação Infantil está começando a se firmar nas Feiras, e quem não está quer participar. Acredito que vamos ter mais alunos querendo participar das Feiras e vão fazer com que os professores façam o projeto para ir. Falta a gente convencer o aluno que é importante mostrar o trabalho dele, que ele é capaz de fazer uma coisa bem feita. Não é para ir lá para competir, para ser Destaque em

tudo. A gente tem que ter essa noção de que temos que levar os alunos para uma Feira de Matemática para mostrar o trabalho, o seu conhecimento. Essa questão de Destaque, Menção Honrosa, devemos mostrar a importância do trabalho, e não só a competição. Que é possível.

Em relação à avaliação, das Feiras já realizadas, algumas bem organizadas, outras não, sabendo que nem tudo é perfeito e quem organiza faz o melhor. Deveria ter mais apoio da educação (governo). Afinal é educação. Os locais das Feiras terem mais conforto para os participantes, incentivando esses para voltarem a participar de outras Feiras e, assim, esses trazerem outros. Mais divulgação das Feiras para a visitação. Você me perguntou se eu já desenvolvia projetos em sala de aula antes de participar das Feiras. Sim, porque já participamos do programa do Cooperjovem, os projetos dos Jogos Cooperativos. Pensando no projeto dos Jogos Cooperativos, incluímos a Matemática. Fizemos uma junção dos jogos, pois, no Cooperjovem, se trabalha mais o Português. Para as Feiras de Matemática, eu trabalho sempre com os jogos cooperativos. Apresentamos o trabalho na Feira e, depois, o mesmo trabalho é inscrito no programa do Cooperjovem. É uma união dos conteúdos em benefício da aprendizagem dos alunos.

## 2.9. Alcírís de Oliveira Zabel

Entrevista realizada em 26 de março de 2012, na residência da depoente, na cidade de Rio do Sul<sup>1</sup> (SC). Duração da gravação: aproximadamente, 37min17s.

Professora Alcírís nasceu em Rio do Campo<sup>2</sup>, em 1960, mudando-se, logo em seguida, para Laurentino<sup>3</sup>. Coursou Magistério e fez o Curso de Pedagogia. Começou a lecionar com dezenove anos, em uma Escola Isolada<sup>4</sup>, na cidade de Laurentino. Após casar, mudou-se para Rio d'Oeste<sup>5</sup> e, por fim, veio para Rio do Sul, onde lecionou na mesma escola até se aposentar, em 2011. Hoje, está novamente em sala de aula, lecionando em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Rio do Sul e, segundo ela, não irá parar tão cedo. Entrei em contato com Alcírís por *e-mail*, que havia conseguido com a sua cunhada que faz parte do grupo que coordena as Feiras de Matemática em Santa Catarina. Como ela já havia sido informada do meu trabalho, aceitou prontamente participar da pesquisa, de forma que marcamos a entrevista para o dia vinte e seis de março de 2012, às dezesseis horas, em sua casa. Ficamos, antes da entrevista, mais de meia hora conversando sobre diversos assuntos, principalmente, sobre a sua família. Após a entrevista, continuamos a conversa por mais, aproximadamente, trinta minutos.

*“Quando eu iniciei, não tinha nada a ver com aquilo que eu faço hoje. Tinha uma coisa que era até meio absurda, porque eu acho que houve uma cópia daquilo que eu tinha visto com o professor, que era só passar conta pela conta, o problema pelo problema, sem questionamento nenhum. [...] Eu ainda acredito muito que tu tens que fazer para aprender várias vezes e com significado.”*

Da minha infância, eu não gosto muito de falar. Tem algumas coisas assim que são mazelas que eu deixei para trás. Superei com muita leitura, muito questionamento, mas me

---

<sup>1</sup> Rio do Sul, cidade situada no Alto Vale do Itajaí de Santa Catarina, a 162 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>2</sup> Rio do Campo, cidade situada no Alto Vale de Santa Catarina, a 243 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>3</sup> Laurentino, cidade situada no Alto Vale do Itajaí de Santa Catarina, a 173 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>4</sup> Escola Isolada. Escola que possui uma só turma do Ensino Primário, com alunos em vários níveis de aprendizagem.

<sup>5</sup> Rio D'Oeste, cidade situada no Alto Vale do Itajaí de Santa Catarina, a 180 km de Florianópolis, capital do estado.

marcaram e me doem até hoje. Um dia, eu pretendo escrever um livro com algumas coisas sobre ela.

Quanto à educação, até os quatro anos, eu tive uma educação familiar muito boa. Pai, mãe e os três irmãos viviam muito felizes. Quando a gente cresceu, a família aumentou, meu pai misturou-se com outras famílias como sócio, fundou uma fábrica, e as questões de pai e mãe começaram a desaparecer. Parecia que os tios eram mais pais do que o pai e a mãe. Não tínhamos mais isso. Eu cresci naquele conflito, ouvindo aquilo tudo e umas coisas ruins que me marcaram para sempre. Pai e mãe foram exemplos? Foram, porque foram autênticos, até demais. De pouca fala, mais olhar.

Hoje, sou casada, tenho dois filhos, o Paulo Alberto e a Marília, que são os meus cristais preferidos e tenho também um marido maravilhoso: a gente se relaciona muito bem.

No dia sete de março, eu faço aniversário e, em sete de março, eu iniciei meu primeiro ano na Escola Básica Tereza Cristina, de Laurentino, com sete anos. A minha professora, dona Noemi dos Santos, era muito rígida, mas aprendi a ler logo, não tive muitas dificuldades. Gostava tanto de ler que eu li rápido a história do Saci Pererê. Nunca vou me esquecer disso e acredito que eu li sem muitas dificuldades. Quanto à Matemática, no Ensino Básico, da primeira à quarta série, eu lembro que tinha muitas dificuldades. Muitas dificuldades de aprender a dividir. Mas a mãe e o pai, da forma grosseira deles, tentavam explicar. A tabuada eles queriam que eu decorasse, mas sem entender. Assim eu tive as minhas dificuldades em aprender a dividir e na tabuada. A tabuada eu só entendi depois que eu comecei a dar aula. Eu não fui aquela aluna expert, não.

Com relação aos professores, nenhum professor foi marcante em Matemática, por ter-me feito aprender ou por ter usado algum material que eu tenha lembrança. Nenhum material de apoio, nem mesmo o Cartaz de Prega ou Ábaco. Enfim, eu não tenho lembrança de ter usado material de apoio que possa ter me ajudado a desenvolver melhor meu raciocínio.

O Segundo Grau oferecia Contabilidade ou Magistério. Eu optei pelo Magistério, porque ou você ia trabalhar em uma fábrica ou ia dar aula. Então acabei fazendo o Magistério.

Na minha formação acadêmica, eu pretendia estudar, mas não tinha certeza que eu queria ser professora de verdade, mas já despertava em mim uma vontade muito grande,

porque eu acabei sendo a mais nova do curso, e todas as pessoas que estavam lá estavam quase se aposentando. Então, Viviane, eu me senti tão bem em meio àquela turma que eu só aprendi, só somei, somei, somei... Tenho ótimas lembranças de quatro amigas porque, quando nós trabalhávamos em grupo, e eu as ouvia falarem das experiências delas com os alunos, eu queria fazer também. Assim, grandes professoras, grandes mestres, que me ajudaram a ser uma professora melhor, foram as que eu vou destacar: Marilene Paterna, Helena Bertoldi... esqueci os outros dois, não lembro agora. Mas foram professoras que preparavam tão bem as suas aulas, falavam tão bem de seus alunos que, quando eu preparava as minhas, eu as ouvia. Então, quando eu me aposentei, eu acabei escrevendo alguma coisa em homenagem a elas.

No curso superior, em Matemática, eu fui muito bem. Estatística, muito bem. Inclusive, eu dava aula particular para todas essas amigas, pois elas tinham dificuldades. Então eu penso assim, Viviane, como é que eu aprendi? Como é que eu desenvolvi um raciocínio tão bom em Estatística e Matemática? Eu era uma das melhores alunas do curso superior! Inclusive, meu pai colocou um quadro negro dentro de casa e, todo sábado à tarde, vinham umas seis ou sete alunas da graduação e eu dava aula pra elas. Eu não tinha nenhuma dificuldade, mas quando eu chegava em casa, o que que eu fazia, com todas as dificuldades que eu tive lá na sétima e oitava série? Eu ia buscar naqueles livros e tentava entender aquilo pra eu poder entender outras coisas. Talvez isso ajudou, talvez não, eu tenho certeza, porque lá na Educação Básica eu não tive um ensinamento melhor.

Se eu sempre quis ser professora? Depois que eu estava na faculdade, sim. Eu tinha certeza que eu queria ser professora mesmo. Antes de entrar, eu queria trabalhar num banco. Eu adorava fazer conta, eu acho que eu gostava de fazer conta, conta, conta e trocar dinheiro. Depois que eu me percebi no grupo, eu não tive nenhuma dúvida com relação a ser professora. Aí eu entrei tranquila no Magistério.

Eu terminei o Magistério e logo fui convidada para dar aula. Daí, fui mandada para uma dessas escolas do interior onde tinha as quatro séries. Foi uma experiência boa? Foi. Só que, quando eu voltava para casa, o meu pai tinha que me ajudar na resolução de problemas do quarto ano: perímetro, aqueles cálculos de hectares... Eu perguntava tudo a ele, porque eu nunca tinha visto aquilo ou tinha visto e não lembrava. Meu pai me ensinava, eu resolvia os problemas e levava para os alunos. Daquele jeito, com pouca experiência.



Durante três anos, fui ACT<sup>6</sup>. Logo eu fiz o concurso. Uma professora tinha ido embora da Escola Básica Tereza Cristina, de Laurentino. Então só tinha essa vaga. Eu tinha certeza que eu tinha passado porque eu estudei muito, porque eu estudava. Esse era o diferencial, e eu disse, quando saí da prova: ‘*Se eu não tirar dez eu não me chamo Alciris.*’ Só tinha aquela vaga boa, que era no centro, e, como eu passei em primeiro lugar, acabei ficando por lá. Ingressei lá em Laurentino, casei e fui morar pra Rio d’Oeste. Em Rio d’Oeste, fui convidada para ser diretora de escola. Aí acabei ficando três anos e meio nessa escola como diretora. Nisso, fiz a minha transferência para Rio d’Oeste, alterei minha carga horária, e faz onze anos que moramos aqui, em Rio do Sul. Viemos morar para cá, e eu trabalhava na Escola Básica<sup>7</sup> aqui pertinho. Acabei ficando onze anos nessa escola também.

Aposentei-me no ano passado, mas, hoje, estou na Rede de novo. Voltei para o município, mas não quarenta horas. Eu não quero isso; a gente sabe do limite da gente. Mas eu me sentia muito mal. Em três meses dentro de casa, eu já tinha lido os livros que eu queria, eu já tinha visto os filmes que eu queria, eu já tinha feito faxina... E agora? Aí eu voltei, fiz a inscrição, fiz curso (porque eles pedem muito curso), acabei fazendo curso *on-line* e voltei para a Rede. Vou fazer o concurso e pretendo entrar na Rede Municipal. Não quero, de jeito nenhum, parar.

Da prática em relação à Matemática. Quando eu iniciei, não tinha nada a ver com aquilo que eu faço hoje. Tinha uma coisa que era até meio absurda, porque eu acho que houve uma cópia daquilo que eu tinha visto com o professor, que era só passar conta pela conta, o problema pelo problema, sem questionamento nenhum. Então, no início, eu fui essa professora, cópia fiel dos meus professores. Mas, com muita capacitação, com muitos cursos, eu acabei aprendendo com os outros. Então foi buscando, lendo e vendo os outros que eu aprendi que, na Matemática, não poderia ser a conta pela conta. Então, como é a minha prática hoje? Você quer saber como é a minha prática relacionada à Matemática? Eu utilizo o Material Dourado<sup>8</sup> e o Quadro de Pregas<sup>9</sup>, que eu acho fundamental. No início do ano, nós

---

<sup>6</sup> ACT: Admissão em Caráter Temporário, sistema de contratação de professores para substituir um professor efetivo que esteja em licença ou preencher uma vaga que não possua professor efetivo.

<sup>7</sup> Escola Básica: onde funciona o ensino fundamental (1º ao 9º ano) ou o Ensino Fundamental e Médio, seriado.

<sup>8</sup> Material Dourado: Material idealizado por Maria Montessori para representar os números sob a forma geométrica. As unidades são representadas por pequenas contas amarelas; a dezena (ou número 10) é formada por uma barra de dez contas enfiadas num arame bem duro. Esta barra é repetida 10 vezes em dez outras barras ligadas entre si, formando um quadrado, “o quadrado de dez”, somando o total de cem. Finalmente, dez quadrados sobrepostos e ligados formando um cubo, “o cubo de 10”, isto é, 1000. Esse material também é muito

fomos brindados com uma palestra do Içami Tiba<sup>10</sup>. Então ele colocou umas coisas. É claro que ele é mais família e ele acaba limitando-se a falar sobre a família. Mas, no início da prática, ele colocou algumas coisas que eu discordo. Ele disse que, na Matemática, tem-se que ensinar isso, depois isso, depois isso... não misturar. No discurso dele. Eu sei que eu não posso ficar misturando muito, dependendo dos alunos que eu tenho. Hoje, eu estou com quinto ano, então eu vou ensinar sistema de numeração decimal para o meu aluno. Eu tenho que buscar alguns elementos, alguns materiais para que eu possa ensinar pra eles essa sistematização de números. Como eu faço? Eu não abandono de jeito nenhum os dois, o Cartaz de Pregas e o Material Dourado. Fazendo a relação desses dois ali, o meu aluno consegue entender número e numeral. Ele consegue entender tudo dentro desse material que eu não dispenso e que fica até o final do ano comigo. Então eu trabalho todas as outras operações matemáticas junto com material didático.

O que eu faço, também, é muito gráfico, interpretação, mostrando quanta Matemática tem nesse gráfico. Eu também trabalho interdisciplinarmente para poder chegar no meu objetivo. Se botar um gráfico ali, o aluno tá percebendo quanta Matemática está envolvida. Então eu vejo que é uma Matemática mais prazerosa. Trabalho muito com panfletos, os números decimais, que são o dia a dia deles, contas... Levo isso para a sala de aula. Sistema de numeração decimal... Trabalhei muito em cima do crescente e decrescente, pois eu ouvi falar esse ano: *‘Meu Deus, lá na sétima série, eles não sabem crescente e decrescente’*. Eu ouvi comentário de algumas pessoas. *‘Mas ensina então, mas ensina. Se ele não sabe é porque não aprendeu, eu também não sabia e aprendi, a gente tem que buscar.’* Tudo eu levo, tudo que eu posso enxergar que tem a Matemática, que vai ajudar eles, que está no cotidiano deles, eu faço. Por isso eu não abandono o Magistério. De verdade: eu gosto muito de Matemática.

Ano passado, eu tive uma experiência de alunos que, não vou falar o nome da escola, tinham todas as dificuldades que você possa imaginar. Quando alguém perguntou pra mim: *‘Alciris, é para lá que você quer ir? Diante de uma nata da sociedade que você sempre*

---

utilizado na forma que cubinhos de madeira no lugar das “contas amarelas”. Esse material destina-se a atividades que auxiliam o ensino e a aprendizagem do sistema de numeração decimal-posicional e as operações fundamentais.

<sup>9</sup> O Quadro de Pregas consiste em uma superfície retangular, com medidas variadas. As pregas devem ser regulares e podem ser feitas de tecido ou papel forte, fixado em madeira ou isopor. Esse quadro é utilizado como material de apoio didático em várias disciplinas nos Anos Iniciais.

<sup>10</sup> Içami Tiba: médico, especializado em Psiquiatria, escreve e ministra palestras sobre educação.

*trabalhou, com alunos que não tinham dificuldade.*’ A minha filha foi junto e disse: *‘Mãe, é isso que a mãe quer?’* Eu não falo, eu só observo. *‘É isso que eu quero.’* Eu enfrentei todas as dificuldades que possas imaginar. Mas, se eu alcancei? Alcancei. De trinta alunos, eu posso dizer que 60% aprenderam. O que eu levava para a sala de aula? Tudo o que pudesse ajudar eles a entender a divisão, o conceito de divisão, o algoritmo. Porque eles não entendiam dois dividido por dois: *‘Essa chave aqui é para quê?’* Eu levava bolacha, porque eles tinham fome. Levava bolachas, levava chocolate... O chocolate esteve presente comigo desde o meu estágio. Não dispenso o chocolate, e todo mundo gosta. Como eu sabia que eu ia trabalhar novamente lá e com o quinto ano, porque, no ano passado era no quarto ano, o que eu fiz com eles? Eu queria que eles entendessem o algoritmo, depois de entender a divisão, entender que se eu tenho um pacote com dez bolachas e, se eu dividir para duas pessoas, vai cinco para cá e cinco para lá. Olha que eu estava com alunos de 11 e 12 anos que não tinham esse conceito. Eu tive que chegar ao nível mais baixo que tinha para depois ele transferir isso para o algoritmo. Depois de muitas tentativas no quadro, aí eu disse: *‘Não, se ano que vem eles vão ser meus, pelo menos isso eles têm que aprender.’* Então, quando eu fiz uma sondagem, neste início do ano, alguns deles sabiam. Isso me deixa feliz. Porque é gradativo isso, né, Viviane?

Em relação às dúvidas, como é que eu faço? Eu o deixo fazer, deixo mesmo, de verdade, e corrijo. *‘Professora, eu não sabia.’ ‘Tudo bem, mas por que você não sabia? O que você não sabe de verdade?’* Eu trabalho o que ele não sabe. Isso é a prática que eu tenho, porque fica melhor. O que você não sabe, o que você não entendeu aqui. E, esse ano, eu estou com poucos alunos, então dá para fazer isso bem legal. Eles se acalmaram um pouco, porque tinham dificuldades de aprendizagem e de comportamento também. Era muito difícil trabalhar. Eu estou falando de uma realidade de hoje, tá? Muito, muito difícil, mas, mesmo nas turmas que eu tive antes, eu também tinha essa prática, de buscar o que eles não sabiam e trabalhar novamente, fazer avaliação novamente. Avaliação paralela, que nós chamamos.

Em relação a material didático, a gente vai criando. De jogos, que eu tenho uma coletânea muito grande. Fiz um trabalho para uma Feira de Matemática com jogos chamado “Brincar é uma Coisa Séria”. Eu tinha essa prática. Todos os conceitos matemáticos que tinham que ser trabalhados eu colocava um jogo. No final do ano, nós levamos para a Feira de Matemática esse trabalho, que eu não lembro para que cidade foi, todos os jogos que foram construídos com eles, por eles. Então, o conteúdo de sistema de numeração, qual jogo que eu

coloquei ali; do conteúdo de adição, qual foi o jogo que eu montei, que conceito eu quis ensinar; geometria, como é que eu trabalhei, que jogos que eu apliquei. Foi um ano de trabalho e, nesse projeto, está explicado tudo o que foi trabalhado. Não abandonei porque eu uso muito jogos, mas agora não especificamente para uma Feira. Mas utilizo. Esporadicamente, eu uso jogos, sim, porque eles reforçam o conceito. E, com o tempo, a gente vai descobrindo novos materiais, né? Até o grão de feijão. Esqueci de te falar, eu amo o grão de feijão. Eu não aprendi com o grão de feijão, aprendi com meus pais em casa, mas eu não abandono porque os pequeninhos gostam. No último ano, só pra eu poder me aposentar, eu peguei um segundo aninho, não alfabetizados, foi uma experiência marcante. Na Matemática, eu usava os grãos de feijão, e eles amavam, para somar, para dividir, para tirar... A questão da subtração é muito forte, porque eles não sabem direito. Então eu uso o Material Dourado, para troca, para eles poderem entender. É bem complicado. O quarto ano, no ano passado, não entendeu a subtração. Essa troca, a transformação, eles não conseguem entender direito.

Este ano, veja bem, eu tenho uma turma com dificuldades, mas, quando eu trabalhava nas outras que eram alunos com menos dificuldades, eles conseguiam entender. Depois de várias tentativas daquele mesmo modelo, tipo 9000, com zeros, vamos dizer, para que eles possam entender bem, bem, bem, bem. Reforçava isso aí. Eu ainda acredito muito que tu tens que fazer para aprender, várias vezes e com significado. Eu acredito muito nisso. O algoritmo é importante pra eu poder resolver problemas, sempre ligando uma coisa com a outra. Onde é que eu posso usar isso? Eu posso usar isso? Que problema de adição eu posso estar fazendo? De subtração? Eu uso muito o conceito certo, a palavra certa.

A primeira Feira de Matemática que participei foi pelo ano 2000, que eu fiz um trabalho sobre dinheiro. Estava trabalhando com o segundo ano, não vou esquecer. O segundo ano tinha uma dificuldade muito grande de adição e subtração. Optei pelo dinheiro. Fiz um trabalho bem específico, interdisciplinar, um projeto com o sistema monetário. Então, teve-se a ideia de levar para uma Feira, porque as Feiras aqui não eram fortes ainda. Foi muito legal! Em Itajaí<sup>11</sup>, tivemos o primeiro prêmio e foi muito bacana as crianças contando, fazendo dinheirinho, o mercadinho que eu tinha dentro da sala de aula, eles compravam, subtraíam... Eu tinha caixa, foi o ano inteiro trabalhando com o mercadinho. E toda essa experiência a

---

<sup>11</sup> Itajaí, cidade situada no Litoral Leste de Santa Catarina, a 88 km de Florianópolis, capital do estado.

gente trabalhou, se organizou e levamos para a Feira. Eram crianças de 7 e 8 anos, mas sabiam bastante. O Vilmar<sup>12</sup> foi o nosso orientador. Eu nunca esqueço: nós estávamos dentro de um barco, e ele foi ouvir as crianças duas vezes, porque ele gostou de ouvi-las. Eu deixei muito na espontaneidade, eu não tinha preparado uma fala porque, no início, eu não sabia como era uma Feira de verdade, como a gente tinha que se organizar. Mas foi bom porque, na espontaneidade, eles colocaram tudo aquilo que eles vivenciaram, e ganhamos o prêmio. E assim foram todos os anos. De Itajaí, eu trouxe ideias maravilhosas. No outro ano, eu já tinha um projeto pronto, já escrevia nas férias e já desenvolvia. E sempre temas bem relevantes, coisas que são importantes realmente tu desenvolveres em sala de aula para estar mostrando isso socialmente. Eu não parei mais, todos os anos... Inclusive, teve anos em que a diretora dizia: *‘Alciris, tu consegues desenvolver dois trabalhos!’* Eu dizia: *‘Não, eu não consigo. Dois projetos, não, eu não consigo.’* Mas acabávamos levando dois, porque a escola tinha um outro. Assim, *stress*, cansaço, tudo bem, não poderia, eu não gosto de duas coisas ao mesmo tempo. Gosto de uma e bem feita. Mas não queria dizer não para a direção que tinha depositado muita confiança em mim. Eu gostava muito, tinha muito apoio deles. Quando tu tens no coletivo alguém que te apoia, então vai. Para esse ano, como no ano passado, a gente vivenciou uma coisa não muito boa, que foram as enchentes. Eu pensei assim: *‘Meu Deus, eu estou com sede de desenvolver um projeto. Se eu ficar nessa escola e ficar com o quinto ano, eu vou desenvolver. Lá também pegou água, eu vou desenvolver um projeto das enchentes’*. Ele está escrito, tá ali prontinho pra eu começar a desenvolver a partir de abril. É um projeto interdisciplinar, porque eu não gosto de trabalhar ele sozinho, sequinho a Matemática; depois eu fragmento a Matemática para levar para a Feira, pois é uma Feira de Matemática e se mostra os conceitos matemáticos que se desenvolveu dentro desse projeto.

Nas Feiras, eu sou avaliadora também. Gosto muito de avaliar porque eu aprendo. O que eu vejo ainda é que existem muitos conceitos matemáticos desenvolvidos, eu acredito, de forma equivocada; me dá a impressão. Mas esse pessoal que eu conheço, que vai sempre, ele é muito bom. Todos os anos tu aprendes e é lá que tu aprendes. Por que que tu aprendes numa Feira? Porque você avalia e, na avaliação, com a experiência que você tem, já começa a

---

<sup>12</sup> Professor Vilmar José Zermiani. Professor do Departamento de Matemática da Universidade Regional de Blumenau, um dos idealizadores das Feiras de Matemática, hoje seu coordenador.

perceber: *‘Legal, isso aqui tá bom, isso aqui faltou...’* No meu trabalho, eu consigo ver tudo aquilo em que eu falhei para melhorar na próxima.

Do primeiro trabalho até o último, se você me perguntar qual foi o trabalho melhor, foi um projeto relacionado com o meio ambiente. A ideia desse trabalho nasceu de um saco plástico das Casas Bahia. Do plástico que é de amido de milho e esse outro plástico que é de petróleo. A decomposição dele tinha um cálculo, um raciocínio matemático. Trouxe para casa, e aquilo me encasquetou, aquilo ficou na cabeça, *‘Mas isso dá um excelente tema de trabalho.’* Ele foi parar até em São Paulo o trabalho “Matematizando a Sacola Ecológica”, na revista que eles editaram<sup>13</sup>. A mulher ligou para cá, porque gostou que se valorizasse a sacola ecológica, não para fazer propaganda, nada disso. Enfim, nós guardamos uma sacola, e as crianças perceberam que, realmente, ela degrada mais fácil, fica toda em pedacinho, e isso faz bem para o meio ambiente. Foi o melhor trabalho porque envolveu a comunidade com a pesquisa.

O que eu gosto nos projetos? Eu gosto do projeto onde envolve a família, a comunidade, e onde você consegue, através dele, chegar no teu objetivo. Tu tens uma pergunta e queres chegar nesse final, quantos conceitos matemáticos foram desenvolvidos, quanto se buscou de Ciência, de Português, de História e de Geografia, pra eu poder entender e desenvolver esse conceito matemático. É gostoso, é prazeroso. Cada ano, cada projeto que você desenvolve, aprende muito. E eu tenho a grata satisfação de te dizer que, em meio a esses projetos, a minha filha me ajuda bastante. Ela me dá umas ideias legais de cálculos matemáticos. Até potenciação com o quarto ano a gente já trabalhou. Regra de Três, que seria um conteúdo lá dos Anos Finais do Ensino Fundamental, eu trabalho com o quarto ano. Então ela diz: *‘Mãe, isso é prático para estar trabalhando com seus alunos; a mãe vai ver, os alunos vão aprender melhor.’* Essa construção que a gente faz, esse buscar do outro, essa humildade de pedir é que enobrece um trabalho. E eu sempre, se não sei, vou lá, leio, pesquiso, porque a gente precisa. E fico muito infeliz quando o meu aluno não está aprendendo. Eu venho para casa e penso: *‘Não, alguma coisa errada tem. É comigo ou é com a criança.’* Eu sempre penso que é comigo, eu quero acreditar sempre que é comigo que é melhor, pra eu poder melhorar, entendeu? Eu penso assim.

---

<sup>13</sup> Revista promocional da rede de Lojas Casas Bahia.

Avaliação geral das Feiras de Matemática. Tanto Locais, Regionais como Estaduais<sup>14</sup>, eu penso que todo professor, mas todo, deveria desenvolver um projeto e participar de verdade. Porque lá tu estás socializando aquilo que se trabalhou e estás aprendendo. Mas tem que ir lá, ouvir, fazer um trabalho e ser avaliador, porque daí tu ficas atenta ao trabalho. As Feiras, eu vejo que aprendi com o Vilmar, ouvindo ele falar, essa questão dele querer melhorar, cada vez mais. E eu acredito que, como estou três anos fora, que ela ainda alavancou e tá indo bem, de verdade. Só trabalhei como avaliadora na Regional. Aqui, não participei, mas eu penso que deve continuar e não deixar morrer, para que melhore o raciocínio lógico das nossas crianças. É preciso melhorar, sim, mas é preciso que o professor participe, mesmo que ele não saiba o que fazer, como eu também não sabia o que fazer, mas eu fui lá e eu participei, comecei e aprendi.

Eu aprendi com muita gente, eu aprendi muito com um pessoal de Joaçaba<sup>15</sup>, de Luzerna<sup>16</sup>, de Caçador<sup>17</sup>, de Criciúma<sup>18</sup>, de Florianópolis, de Joinville<sup>19</sup>. Sempre tu trazes um pouquinho da experiência de um professor e tu aplicas. Eu tinha, e tenho, um hábito de anotar. Se eu gostei daquela ideia de trabalhar fração, vou trabalhar aquilo também. Sempre, eu vinha para casa com uma sacola de atividades. Aí eu tinha um caderno e já passava aquilo, pra eu poder me organizar, porque eu sou muito organizada com as coisas. Infelizmente, perdi aqueles meus cadernos de projetos e tudo, pois ficaram na escola, mas tudo bem<sup>20</sup>. Algumas coisas eu tinha salvado no computador, poucas ainda. Então, eu volto para a Feira este ano, fazendo este trabalho, e gostaria que a minha filha desse continuidade ao trabalho que a mãe já vem fazendo há muitos anos. Ela já participou comigo duas vezes, já foi aluna expositora e já trabalhou como avaliadora lá em Joinville, no ano passado, e ela gostou de verdade. Ela disse: *‘Mãe, eu vou fazer esse ano um trabalho.’* Ela vai aplicar o trabalho dela do TCC<sup>21</sup>, vai aplicar aqui no Henrique Fontes<sup>22</sup> para levar para a Feira (ela está terminando o Curso de

---

<sup>14</sup> As Feiras de Matemática são desenvolvidas em três etapas. A primeira é formada pelas Feiras Municipais. Os trabalhos que recebem a premiação Destaque nessa fase são classificados para a segunda etapa, as Feiras Regionais. As Feiras Regionais reúnem trabalhos das várias cidades que compõem cada região do estado. Os Trabalhos Destaque das Feiras Regionais são classificados para a etapa estadual, a Feira Catarinense.

<sup>15</sup> Joaçaba, cidade situada no Oeste de Santa Catarina, a 371 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>16</sup> Luzerna, cidade situada no Oeste de Santa Catarina, a 379 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>17</sup> Caçador, cidade situada no Oeste de Santa Catarina, a 350 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>18</sup> Criciúma, cidade situada no Sul de Santa Catarina, a 184 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>19</sup> Joinville, cidade situada no Norte de Santa Catarina a 170 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>20</sup> A escola foi atingida pela enchente de 2011.

<sup>21</sup> TCC: Trabalho de Conclusão de Curso.

<sup>22</sup> E.E.B. Prof. Henrique Fontes, escola estadual situada na cidade de Rio do Sul.

Matemática). Isso é bom! Mas eu não quero ser exemplo pra ela, de jeito nenhum. Eu quero que ela busque nos outros, mas ela me via como uma mãe que gostava, que foi ali que eu aprendi. E ela via eu dizer isso: *‘Minha filha, o quaaaanto que a mãe aprendeu.’*, *‘Mãe, de novo essa sacolada.’*, *‘Mana, quanta coisa legal que eu trouxe para melhorar o meu ensino.’* Então as Feiras não devem morrer, de verdade, não pode. E tem que motivar, estimular esses outros professores, não sei de que forma... Se são os gestores ou a própria equipe das Feiras indo nas salas, não sei. Alguém tem que estar motivando esse pessoal para desenvolver trabalhos.

O professor precisa acreditar no que ele faz. Não importa se premiou ou não, não tinha muito essa importância pra mim, porque era tão gostoso ver tudo o que foi feito... Eu preparava muito bem as crianças para tudo. Ah, também uma das coisas que eu via negativo quando eu avaliava eram crianças não preparadas, mal-educadas, se batendo... Tudo isso eu conversava quando ia escolher algum aluno: *‘Quem vai representar a escola?’* As crianças já apontavam quem. Assim fica melhor: *‘Tudo bem, vocês foram escolhidos pelo grupo. E agora? Agora vocês vão levar o nome da escola. Se vocês vão apresentar um trabalho que foi desenvolvido durante o ano, como é que vocês têm que ser?’* Realmente, eu nunca tive problema com as crianças; sempre apresentaram muito bem a escola. E viam-se professores que não estavam nem aí. Eu vi muito. Para estar levando o nome da escola, prepara bem essas crianças, faça valer a experiência que você fez, faça valer o trabalho que você fez. Não deixe ele falar de qualquer jeito. Eu deixava os meus alunos: *‘Agora é com vocês.’* Eu sentia tanta confiança que eles iam representar bem a minha escola que, de longe, eu observava e não tinha medo nenhum, não ficava tensa, pois eu sabia o que eu tinha feito. Eu confiava no trabalho que eu, que a gente... Eu falo muito ‘eu’ porque, realmente, fui eu que coordenei. Coordenei também outros, junto com outras professoras... Ajudei? Ajudei, de verdade. Teve outras premiações, a escola teve. Mas eu ali presente, ajudando, porque queria ver o progresso delas também, porque elas também gostavam. Então eu disse: *‘É só você acreditar, fazer, desenvolver e vamos lá.’* Bem isso.



## 2.10. Lúcia Margarida Braun Guckert

Entrevista realizada em 27 de março de 2012, na residência da depoente, na cidade de Leoberto Leal<sup>1</sup> (SC). Duração da gravação: 52min.

A professora Lúcia Margarida Braun Guckert nasceu na cidade de Angelina<sup>2</sup> (SC), em 1960. Terminou o Magistério em 1979 e, somente mais tarde, fez a graduação em Pedagogia na UNIDAVI<sup>3</sup>, em Ituporanga<sup>4</sup>, terminando-a paralelamente à pós-graduação em Didática Fundamentos Teóricos e de Prática Pedagógica, em 1999. Iniciou no Magistério em 1984, em uma Escola Isolada<sup>5</sup>. Trabalhou na Coordenadoria Regional de Educação, foi secretária por dois anos e diretora de escola por mais dois. Depois, voltou para a sala de aula, onde permaneceu até se aposentar, em 2011. O primeiro contato com Lúcia foi via telefone, cujo número constava em um dos anais das Feiras Catarinenses de Matemática. Ao atender a ligação, ela, inicialmente, ficou um pouco desconfiada em relação ao que eu pretendia e não se mostrou muito propensa a ceder a entrevista, informando que já não estava mais lecionando, que trabalhava em outra área e não sabia em que poderia auxiliar a minha pesquisa. Informei-lhe como havia chegado até ela e obtido seu telefone e que o fato de ela não estar mais lecionando não seria problema, pois iríamos conversar sobre o trabalho desenvolvido por ela quando era professora, sobre a sua vida. Expliquei, também, como seria nosso encontro e os procedimentos que eu iria seguir em relação ao depoimento e uso dele. Após ouvir as explicações sobre os procedimentos que adotamos em nosso grupo de pesquisa, ela deu seu *e-mail* para que fossem enviados, por escrito, a carta de apresentação e o roteiro de entrevista. Logo após o envio dos documentos solicitados, a professora respondeu aceitando ser minha depoente. A entrevista ocorreu no dia 27 de março de 2012, às 14h, em sua casa. No dia marcado para a entrevista, me dirigi da cidade de Rio do Sul<sup>6</sup> (SC), onde havia coletado dois depoimentos no dia anterior, para Leoberto Leal (SC), cidade onde mora a professora Lúcia. Às 14 horas em ponto, estava na casa da entrevistada. A professora Lúcia me recebeu muito bem, me disse que, inicialmente, ficou em dúvida sobre em que o seu trabalho poderia auxiliar em uma pesquisa de doutorado. Em seguida, ao ler o que eu lhe enviara, ela pensou:

---

<sup>1</sup> Leoberto Leal, cidade situada no Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 141 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>2</sup> Angelina, cidade do Estado de Santa Catarina, parte da Grande Florianópolis, capital do estado.

<sup>3</sup> UNIDAVI: Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí com unidades em Rio do Sul (*campus* principal), Ituporanga, Presidente Getúlio e Taió.

<sup>4</sup> Ituporanga, cidade situada no Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 138 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>5</sup> Escola Isolada. Escola que possui uma só turma do Ensino Primário, com alunos em vários níveis de aprendizagem.

<sup>6</sup> Rio do Sul, cidade do Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, situada a 162 km de Florianópolis, capital do estado.

*“Se você (Viviane) acha que o meu trabalho pode auxiliar, que bom!”* Resolveu participar. Logo que cheguei, nos dirigimos a uma parte da casa onde não havia barulho. À mesa, estavam vários materiais (relatórios, fotos, livros, vídeo...) relacionados com os projetos desenvolvidos. A professora me informou que já havia respondido o questionário e me apresentou as respostas digitadas. Solicitei que ela lesse as respostas e, assim, iríamos interagir, complementando o que ela havia escrito e assim foi feito. Em vários momentos, paramos para olhar os relatórios, as fotos e os trabalhos dos alunos. O texto escrito pela professora também me foi entregue e foi utilizado durante a textualização da entrevista.

*“Hoje, me sinto feliz por ter arriscado e tentado. Posso dizer que o que fiz de diferente é o que me marcou e também marcou a vida de cada aluno.”*

Eu sou natural de Angelina, um município vizinho aqui de Leoberto Leal. Meus pais moravam no interior do município, numa localidade chamada Rio Engano<sup>7</sup> e trabalhavam na agricultura. Como só vinham filhas mulheres, já eram sete (eu era a segunda), eles resolveram morar no centro de Angelina (isso era mais ou menos na década de setenta), para dar oportunidade para todas poderem estudar. Então se formou uma família de nove irmãs e o décimo é um irmão. O décimo que veio, um irmão, o que era para ser o contrário, né? Talvez tivéssemos ficado na agricultura. Naquela época, muitas dificuldades nós passamos, porque meus pais eram agricultores e lá não foi possível continuar na profissão porque o terreno era pequeno. Então, a minha mãe assumiu os afazeres domésticos, a educação dos filhos, e ela tinha pequenas lavouras de subsistência. A gente os ajudava, e o meu pai saiu para trabalhar como pedreiro. Ele se ausentava de casa até dois ou três meses, porque ele vinha trabalhar aqui para Leoberto Leal e, naquele tempo, o transporte era difícil. Então ficava bastante tempo trabalhando fora. Mas fomos muito bem educados, na base do diálogo e respeito na pequena e pacata cidade de Angelina.

Em casa, todos tiveram acesso ao estudo até o Segundo Grau, no Colégio Estadual Nossa Senhora<sup>8</sup>, que pertence à congregação das Irmãs Franciscanas de São José. Praticamente todos os irmãos concluíram o Segundo Grau.

---

<sup>7</sup> Rio Engano, localidade próxima ao município de Major Gercino.

<sup>8</sup> Colégio Estadual Nossa Senhora, hoje Escola de Educação Básica Nossa Senhora, de São João Batista (SC).

Lá eu fiz tudo, desde o Primário até o Magistério. A gente já se habilitava como professora. Saía de lá já apta, tanto é que eu comecei como professora somente com o Segundo Grau.

Essa escola era administrada pela Congregação das Irmãs Franciscanas de São José, e era tudo bem rígido. Tinha horário para tudo, todo mundo tinha que estar uniformizado todos os dias, os materiais a gente tinha que ter tudo certinho, o comportamento era aquele tipo de fila um atrás do outro, cabeça atrás de cabeça. Era muito conteúdo, trabalho, apresentação, teatros. Eu lembro que a gente fazia bastante teatro, apresentava trabalhos para os outros alunos, e, nos sábados, naquele tempo, a gente tinha aula. Metade do período tinha aula e, na outra metade, era para ajudar na limpeza das salas. Tinha que ajudar. Os professores, maioria irmãs, gostavam de levar, eu lembro que tinha algumas aulas de religião, por exemplo, elas levavam a gente lá para os jardins. Dificilmente a gente ficava dentro da sala de aula. Tinha uns jardins muito lindos. Elas faziam a gente refletir sobre a natureza, faziam umas aulas assim bem diversificadas.

Uma professora de Matemática que me marcou bastante, ela foi bem esperta, um dia ela trouxe uma nega maluca<sup>9</sup> para trabalhar frações. E ela fazia a divisão dos pedaços da nega maluca, e nós todos a babar, imagina naquela época, todo mundo bem carente, nega maluca, docinho, era só no Natal. Naquele tempo, alguém trazer, na sala de aula, uma nega maluca, isso marcou. Assim, eu sei que as frações foram saboreadas, e essa coisa de trazer para a sala de aula, naquela época a nega maluca, isto também me inspirou em algumas situações trazer isso para minha prática profissional.

A minha formação acadêmica de Primeiro e Segundo Grau foi concluída com o Magistério, no ano letivo de 1979.

Me formei em Pedagogia, do pré à quarta série, na primeira turma do Magister<sup>10</sup> na Universidade Regional de Blumenau, com extensão na UNIDAVI, em Ituporanga. Em sete de cinco de 1999.

---

<sup>9</sup> Nega Maluca: bolo feito com chocolate.

<sup>10</sup> Programa desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação e do Desporto de Santa Catarina, que tinha o objetivo de oferecer cursos de Licenciatura Plena e Complementação de Licenciatura, em várias áreas, aos professores que já atuavam, na Rede Pública de Ensino, Estadual e Municipal, sem formação específica.

No Magister, as aulas de Matemática eram bem legais, bastante inspiradoras. Eu lembro que tinha um professor, ele era de Vidal Ramos<sup>11</sup>, eu acho que era João Boing, não lembro bem. Ele trazia tanto material para a sala de aula que a gente ficava olhando e tirando modelinhos. Coisas de fração, material para confeccionar com aluno. Isso me ajudou a sair um pouco do tradicional e mexer um pouco com o aluno, não ficar só com aquela coisa, só no livro e, sim, estar produzindo, montando, manipulando. Isso fez com que eu tivesse mais segurança para arriscar. Arriscar e fazer coisas diferentes.

Concluí a pós-graduação (*lato sensu*) em Didática, Fundamentos Teóricos e de Prática Pedagógica, na Faculdade de Educação São Luiz<sup>12</sup>, em Jaboticabal<sup>13</sup>, São Paulo, em vinte e sete do sete de 1999. No mesmo ano da formatura, a gente já começou antes a ir para São Paulo para conseguir terminar também a pós-graduação.

Na época, fazer a pós nesta faculdade era a única abertura que tinha. Ela era, vamos dizer assim, mais rápida para gente fazer e de menor custo. Assim, a turma que estava fazendo a Pedagogia aqui se juntou, fretamos um ônibus, e a gente ia, sempre com o ônibus lotado.

Quando eu morava em Angelina, eu trabalhei um tempo no hospital em Angelina, como enfermeira, mas só como experiência, nada de cursos, só para ajudar. Depois, quando eu vim morar aqui em Leoberto Leal, eu comecei a trabalhar no colégio como ACT<sup>14</sup> e começou, vamos dizer assim, a entrar na veia. Foi com a educação, o Magistério, que eu aprendi a gostar de trabalhar o conhecimento e contribuir com o início da fase da vida das crianças, de primeira a quarta série. Com o passar do tempo, fui me apaixonando pela profissão e queria sempre fazer algo que chamasse atenção dos alunos. Com isso eu me realizava, ficava feliz com os resultados, sentia vontade de buscar coisas diferentes para trabalhar os conteúdos de forma prazerosa. Hoje, se fosse para dizer se eu gostaria de começar tudo de novo, optaria por ser professora novamente. Eu tive outras experiências, como eu disse, lá na enfermagem e em outros setores que a gente sabe mais ou menos como é, mas eu acho que eu iria optar novamente pelo Magistério, pelo prazer que é estar dentro da sala de aula. Eu adorava ficar

---

<sup>11</sup> Vidal Ramos, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 192 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>12</sup> Faculdade de Educação São Luiz, instituição privada localizada em Jaboticabal (SP).

<sup>13</sup> Jaboticabal, cidade do Estado de São Paulo situada a 153 km da capital do estado.

<sup>14</sup> ACT: Admissão em Caráter Temporário, sistema de contratação de professores para substituir um professor efetivo que esteja em licença ou preencher uma vaga que não possua professor efetivo.

aquele tempo lá, trabalhando aquele conhecimento com o aluno, fazendo ele procurar, ser curioso, questionar, esse tipo de coisa.

Iniciei no Magistério no dia vinte do dois de 1984, como ACT. Em doze do dois de 86 eu me efetivei no estado de Santa Catarina, numa Escola Isolada, chamada Rio Jansen<sup>15</sup>, que dá, mais ou menos, 24 quilômetros daqui, no interior do nosso município. Foi um período muito difícil, pessoalmente. Eu estava grávida do segundo filho e levava essa filha mais velha com três anos junto comigo. Na escola, eram quatro séries, com 26 alunos, além dos conteúdos com poucos livros e praticamente sem materiais didáticos. Tinha que dar conta também da merenda e da limpeza. Então essa era a realidade lá no início, quando eu me efetivei no estado.

Lá eu fiquei um ano. No final do ano, eu consegui remoção para o Rio Veado<sup>16</sup> e, depois, eu vim para a antiga CRE<sup>17</sup>, que se chamava Coordenadoria Regional de Educação do município, do dia treze do sete de 1988 a quinze do cinco de 1991. Depois, então, eu trabalhei como secretária dois anos, no período de vinte e três do sete de 1991 a trinta do um de 1993 e eu atuei como diretora da Escola de Educação Básica Bertino Silva, no período de quatro do dois de 93 a dezesseis do um de 1995. A partir dessa data, atuei nas Séries Iniciais até sete do sete do ano passado, de 2011, com o ato da aposentadoria. Você pode ver que eu atuei com diretora e como secretária, só tendo a formação do Segundo Grau.

No início, as minhas aulas de Matemática eram muito formais, sem a preocupação com o que o aluno aprendeu. Tínhamos que, a cada bimestre, dar conta de passar o conteúdo, e quem não conseguisse as notas era reprovado. Era mais ou menos a sistemática da época. Depois, com as experiências na secretaria, na direção, cursos oferecidos pela Secretaria de Educação, fui percebendo que deveria e poderia trabalhar de forma diferente, tendo mais abertura para recuperação, trabalhos diversificados, diálogo aberto, ouvir os desejos dos alunos e para que realmente pudéssemos ter momentos prazerosos de aprendizagem. Então aquelas práticas, do início da carreira, principalmente na Matemática, de forma mecânica, seguindo modelos, mudaram. Passei a refletir com os alunos sobre os fatos, como as coisas acontecem e, dentro dessas realidades, contextualizar os assuntos, tornando assim as aulas

---

<sup>15</sup> Rio Jansen, localidade na cidade de Leoberto Leal.

<sup>16</sup> Rio Veado, localidade na cidade de Leoberto Leal.

<sup>17</sup> CRE: Coordenadoria Regional de Educação do governo do estado de Santa Catarina.

mais prazerosas, divertidas e significativas. O que eu usava para essas aulas melhores? Ábaco<sup>18</sup>, Material Dourado<sup>19</sup>, confecção do metro, jogos, palitos, folder de mercado, receitas, embalagens, vendinha com dinheirinho para simular compras, saídas para pesquisas, viagens, observações, registros, maquetes, entre outros. Usava para que os alunos compreendessem, através da manipulação e observação do concreto, as formas de registrar os processos de resolver as operações que se tornavam mais significativas.

Parte desse material vinha da Secretaria, outros a gente conseguia em troca de experiências com outros professores, nos cursos, outros nós confeccionávamos. Na Matemática, muita coisa a gente confeccionava, principalmente aquela montagem de maquetes, por exemplo, fazer o metro... a gente confeccionava para cada um ter o seu metro e daí, com aquele material, a gente ia fazendo as atividades.

Um dos trabalhos que eu considerava bem legal e que eu repeti por várias vezes era quando eu trabalhava medidas. Cada aluno ganhava uma tirinha de papel pardo, de mais de um metro, que eu já cortava com antecedência e, com o uso da sua régua, ele confeccionava seu metro. Antes, eu explorava com eles o que eram aqueles “risquinhos”, o que era um milímetro, um centímetro. Explicava que a régua era uma medida, um pedacinho da medida padrão, que é o metro. Depois que eles já tinham feito o seu material, eu pegava e plastificava-o com fita durex, para ter mais durabilidade. Aí a gente media... Media a altura de todos, os objetos que tinha dentro da sala, carteiras, quadro, até o tamanho da sala de aula. E aí a gente registrava essas informações, essas medidas e já entrava nos números decimais. Usando problemas, comparando alturas, maior, menor, quanto maior, quanto menor. Eles gostavam de confeccionar o seu metro e queriam medir tudo o que viam, explorando de forma divertida o conceito de grandezas. Até ônibus a gente mediu, num desses projetos. Engraçado

---

<sup>18</sup> Ábaco é um antigo instrumento utilizado para realizar cálculos, formado por uma moldura com bastões ou arames paralelos, dispostos no sentido vertical, correspondentes cada um a uma posição de um algarismo no sistema de numeração decimal (unidade, dezena...) e nos quais estão os elementos de contagem (fichas, bolas, contas...) que podem fazer-se deslizar livremente.

<sup>19</sup> Material Dourado: Material idealizado por Maria Montessori para representar os números sob a forma geométrica. As unidades são representadas por pequenas contas amarelas; a dezena (ou número 10) é formada por uma barra de dez contas enfiadas num arame bem duro. Esta barra é repetida 10 vezes em dez outras barras ligadas entre si, formando um quadrado, “o quadrado de dez”, somando o total de cem. Finalmente, dez quadrados sobrepostos e ligados formando um cubo, “o cubo de 10”, isto é, 1000. Esse material também é muito utilizado na forma que cubinhos de madeira no lugar das “contas amarelas”. Esse material destina-se a atividades que auxiliam o ensino e a aprendizagem do sistema de numeração decimal-posicional e as operações fundamentais.

que teve mães que, depois, ficavam com aquele metro em casa pra elas medirem o que precisavam. Um dia uma arreventou o metro da filha e mandou dizer: *‘Professora, não pode fazer outro metro porque a minha mãe ela estragou o meu, e eu fiquei sem.’* Mas foi bem interessante.

Eu sempre tive duas turmas. Geralmente, nesses dezessete anos que eu fiquei no Primário. Depois que eu saí da direção, uns dez eu trabalhei com quarta série. Sempre quarta e mais outra série, porque a gente tinha só uma turma de cada série. Eu trabalhava com primeira e quarta, com segunda e quarta, terceira e quarta. Porque a quarta quase que sobrava pra mim, era quase que indicada: *‘Você fica com a quarta.’*

A primeira vez que participei da Feira de Matemática foi no ano 2002 e eu apresentei o trabalho “Escola ‘versus’ Correio”, que foi Destaque<sup>20</sup> na Regional de Imbuia<sup>21</sup> e Participação na Estadual de Ituporanga. Esse trabalho foi publicado na revista Nova Escola, número 116, em outubro de 1998, sendo exploradas mais as questões históricas e geográficas de Santa Catarina. Aqui entra um pouquinho a história da minha vida pessoal. *‘Por que ‘versus’ Correio?’* O correio, pra mim, era muito significativo, porque eu o usei muito no meu período de namoro. Eu namorei dois anos e meio com o meu atual marido, e ele morava lá em São Leopoldo<sup>22</sup>, pertinho de Porto Alegre<sup>23</sup>, e eu em Angelina. Então, o meio que a gente arrumou foi a correspondência. Então, correspondência vai, correspondência vem... e aquilo ali me marcou muito. Eu até tenho hoje um baú de duzentas e poucas cartas que foi do meu tempo de namoro.

Depois, lendo um pouquinho nos estudos da vida, eu, por acaso, um dia, li sobre o Celestin Freinet<sup>24</sup> e que ele usou muito a técnica de correspondência lá na Europa, onde ele morava. Aí, quando eu comecei a trabalhar no Primário, depois de estar na direção, eu pensei: *‘Eu vou ter que fazer alguma coisa diferente com os meus alunos.’*

---

<sup>20</sup> Premiação Destaque: aos trabalhos apresentados nas Feiras de Matemática do Estado de Santa Catarina é dado o prêmio de Menção Honrosa ou Destaque. Os trabalhos que recebem o prêmio de Destaque são selecionados para a próxima etapa das Feiras, ou seja, o Trabalho Destaque de uma Feira Municipal é aprovado para a Feira Regional e os da Feira Regional são aprovados para a Feira Estadual.

<sup>21</sup> Imbuia, cidade situada no Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 125 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>22</sup> São Leopoldo, cidade do Estado do Rio Grande do Sul que faz parte da Grande Porto Alegre, capital do estado.

<sup>23</sup> Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.

<sup>24</sup> Celestin Feinet (1896-1966), pedagogo francês.

Leoberto Leal era um município assim... na época a gente não tinha o asfalto (em 95 quando eu voltei para a sala de aula). Aí eu lembrei das correspondências. Eu já tinha feito um trabalhinho de mandar cartas para as indústrias, pedindo informações sobre os produtos, em Ciências. Aí eu comecei a questionar os alunos, para eles terem curiosidade de como eram os outros municípios: a história do município, a localização geográfica... Surgiu a ideia de estarmos escrevendo para os Secretários Municipais de Educação. Eu fiz um ano esse trabalho, e deu um volume enorme de material, um material lindo, belíssimo. Vinham livros, vinham folders dos municípios do estado de Santa Catarina, e cada dia que o carteiro chegava na escola era uma festa, aquele material era colocado para todo mundo ver. Eu pensei: *‘Como que eu vou colocar isso aí para explorar, para sugar disso a maior parte das informações?’* Fiz o desenho do mapa de Santa Catarina bem grande, fiz o contorno dos municípios que a gente estava mandando as cartinhas, recortei aquele contorno, e aquele aluno que mandou a cartinha tinha a tarefa de ler umas perguntinhas que eu lançava, sobre a história, a fundação, etc., escrever um livrinho, de acordo com aquele molde, e a gente ia colar. No final do ano, deu um trabalho tão lindo que todo mundo ficou abismado. Aí aquilo começou a incendiar a ideia: *‘Meu Deus, e Leoberto Leal nunca tem nada de bonito para mandar para ninguém.’* Não tem nenhum folder, e todo mundo só pergunta: *‘E vocês aí, como é que é o município de vocês? Como é que é?’* E a gente não tinha nada para apresentar pra eles. No final do ano, fizemos uma exposição. Todo mundo adorou.

No outro ano, já começou a surgir mais ideias. Eu fiz dois anos seguidos esse trabalho. No meio do ano, já começou a incendiar a ideia de fazer um folder do município também, o nosso. Aí continuamos fazendo esse trabalho, e começamos a chamar a comunidade, e a ideia chegou lá no ouvido do prefeito. Fizemos a exposição no final do ano, e chamamos ele lá na escola, com a proposta de que Leoberto Leal também tivesse um folder para contar a história. Então ele nos deu duas coisas: um presente primeiro, uma viagem para o município de Antônio Carlos<sup>25</sup>, mas desde que a gente providenciasse o folder de Leoberto Leal. Ih! Aí foi uma tarefa braba, saímos por aí tirando fotos com os alunos e tentamos resgatar um pouquinho da história da nossa escola, do município. No folder, aparece escrito embaixo: iniciativa da 4ª série e da professora Lúcia Braun Guckert.

---

<sup>25</sup> Antônio Carlos, cidade que faz parte da Grande Florianópolis, capital do estado.



Nessa época, eu já estava fazendo faculdade e eu contei como foi esse trabalho para a professora de Estudos Sociais ou História, alguma coisa assim. Aí eles disseram: *‘Mas por que tu não escreves isso aí e manda para Nova Escola?’* E não deu outra. Escrevi tudo, como eu tinha feito, e, dentro de um mês, eles já vieram pedindo pra eu dar uma aula simulada, pra eles poderem tirar as fotos, assim como se eu tivesse trabalhando aquele assunto. Eu registrei tudo e foi publicado no ano seguinte na revista.

Esse trabalho foi o primeiro que eu levei para a Feira de Matemática. Porque, aqui, dá a impressão, pela parte que eu contei, que foi só a História e a Geografia. Só que eu trabalhava também gráficos, por exemplo, os municípios com o número de população, quantos tinham mais que Leoberto Leal, quanto menos, a idade do município. Eu trabalhei algumas questões, bem poucas, porque eu também não tinha conhecimento do que ia para uma Feira de Matemática, o que era avaliado. Então, por isso, na Estadual, eu ganhei Participação. Eles alegaram justamente ser um trabalho que puxava mais para História e Geografia, a localização. Foi a minha primeira ida para uma Feira de Matemática.

Depois, eu participei no total de oito Feiras de Matemática. Em 2003, eu participei, aqui, em Leoberto Leal, da Regional, com “Jogando com a Matemática”, e só fiquei aqui na Regional. Em 2004, eu trabalhei “Geometria e Medidas na Construção”. Com esse aqui, eu ganhei Destaque na Regional em Chapadão do Lajeado<sup>26</sup> e Destaque na Estadual em Pomerode<sup>27</sup>. Esse aqui foi muito legal, era tudo em forma de medidas.

Todo início do ano era aquela coisa. Os alunos, quando entravam para quarta série, já vinham: *‘Professora, o que é que nós vamos trabalhar esse ano para ir para a Feira de Matemática?’* Eu dizia: *‘Aham, claro, sou eu que vou dizer... somos todos nós. Vamos ver qual é o tema, o que que está bem interessante, o que vocês gostariam de estar trabalhando.’* Como naquele início de ano (2004) estava sendo construído um prédio dentro da escola, a gente viu que ele seria a conversa do momento. Então, a gente começou a explorá-lo. Nós fomos visitar os pedreiros que estavam trabalhando, o engenheiro, pedimos para ver se a gente poderia estar acompanhando a obra porque a gente tinha a intenção de fazer um trabalho que envolvesse medidas, que envolvesse cálculos, interpretação de plantas, de construção. Os

---

<sup>26</sup> Chapadão do Lajeado, cidade situada no Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 148 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>27</sup> Pomerode, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 155 km de Florianópolis, capital do estado.

alunos adoravam ver as plantas originais! No final, eles fizeram até o desenho da escola e uma maquete dessa construção.

Em 2005, foi “Matemática na Vida, Matemática no Parque”. Este foi Destaque na Regional em Ituporanga e Destaque na Estadual em Videira<sup>28</sup>. Também foi um projeto bem interessante, porque os alunos, no início do ano, vinham: *‘Ah, vamos brincar no parque! Vamos no parquinho?’* Porque o parquinho era novidade. Imagina, em 2005, a prefeitura tinha recém-construído um parquinho bem embaixo aqui da minha casa (que também era perto da escola). Aí, aquele assunto, ficava a toda hora: *‘No parquinho, vamos no parquinho.’* Aí eu lembrei: *‘Vamos aproveitar esse parque, então. Vamos ver o que nós podemos estar fazendo com o parque.’* Aí a gente veio no parque, trabalhamos geometria. Observamos o que tinha tudo de geometria, as formas dos brinquedos, as medidas, nós medimos o parquinho todo. Novamente a história do metro. Fizemos o metro com essa turma também, fomos lá e juntamos os metros todos, pra medir grandes extensões, e assim ia... Então a gente construiu certinho aquela construção. Tudo o que tinha, todas as divisórias, tudo certinho. E o interessante é que aqueles alunos que eram considerados, vamos dizer assim, rebeldes, meu Deus, aquilo ali pra eles era o máximo. Eles se sentiam realizados, e eu os elogiava. Eu tinha um aluno que era aquele aluno. Eu já não sabia como fazer ele trabalhar, mas essas coisas eram um santo remédio, vamos dizer assim. A gente via que realmente esse trabalho diversificado, ele atrai. Ele atrai e prende a atenção deles.

No ano seguinte, em 2006, eu trabalhei um outro assunto: “Asfaltometria”. Foi o ano da construção desse asfalto que você vê hoje. Então, o asfalto sendo construído ali na frente da escola era o assunto. Esse aqui foi Menção Honrosa na Regional em Ituporanga. Nele também eu explorei muita coisa, mas foi mais no sentido, vamos dizer assim, histórico, um resgate histórico. Os alunos foram lá na usina de processamento do asfalto, conheceram como funciona, como é feito o asfalto. A gente tirou bastantes fotos, aí eu fiz bastantes trabalhos em cima... a gente fez a entrevista com o chefe da empresa. Estudamos a localização, o asfalto dentro do mapa do Brasil, de Santa Catarina, o asfalto todo. Aí a gente trabalhou as BR<sup>29</sup>, o que é isso. Aqui também unimos os metros e medimos o que é um quilômetro. Nós fomos até o asfalto, quando estava pronto, até onde dava um quilômetro, mil metros. A gente estudou

---

<sup>28</sup> Videira, cidade situada no Oeste de Santa Catarina, a 364 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>29</sup> BR: nomenclatura que identifica as Rodovias Federais.

um pouquinho sobre a história do petróleo, o que acontece no tempo, pra eles terem a compreensão da formação do petróleo. Daí a gente foi até a formação do universo, a evolução humana. Tudo isso a gente pesquisou dentro desse projeto do petróleo. Foi bem interessante. A linha do tempo, claro que a gente sempre começa da vida deles. A linha do tempo, a história de vida deles, para, depois, ir mais distante, séculos, milênios...

Depois da “Asfaltometria”, em 2007, teve os jogos pan-americanos, né? Eu aproveitei a oportunidade dos jogos. Foi Destaque em Ituporanga e Menção Honrosa em Blumenau<sup>30</sup>. A gente levou os alunos, simulamos atividades, por exemplo, salto em altura, salto em distância, atividades que estavam sendo desenvolvidas nos jogos pan-americanos. Aproveitamos esses: salto em altura e distância, corrida, tempo, noção de tempo, tudo para trabalhar em sala de aula. Também foi bem interessante.

E o último trabalho que eu fiz foi (aliás, o penúltimo), “Matemática no meu Dia a Dia”. Esse aqui eu trabalhei com ele, só que, na hora de levar, foi outra professora, porque eu peguei licença-prêmio. Foi Destaque na Regional em Ituporanga e Menção Honrosa em Florianópolis<sup>31</sup>. Esse surgiu porque, aqui, tinha um problema de criança muito obesa na sala de aula, e a mãe veio um dia se queixar comigo: *‘Meu Deus professora, não tem como trabalhar um assunto porque eu já cansei de dizer pra ela que a gente tem que cuidar um pouquinho na alimentação, o que come.’* E eu já estava preocupada com ela e até comigo mesma. Aí eu joguei a isca da ideia da gente estar vendo como que a gente deve viver melhor, cuidando da nossa alimentação. Esse projeto foi desenvolvido em cima dessa questão. Teve medida de peso, de altura, chamamos a médica na sala, e ela deu sugestão de um cardápio mais adequado para crianças dessa faixa etária. Então o assunto foi em cima disso, de uma conscientização para viver um pouquinho melhor. Depois eu soube que essa menina realmente conseguiu perceber que se ela comer demais um tipo de comida vai ser prejudicial para a vida dela, para a saúde dela. Por esse ponto valeu esse trabalho também. Ele também, lá na estadual em Florianópolis, depois a professora me contou, que eles disseram que foi mais para o lado de Ciências, de Biologia, foi explorado bastante esse lado. E, nas Feiras de Matemática, eles querem que seja mais Matemática. Mas não importa, eu queria trabalhar o assunto que fosse também bom para a vida do aluno.

---

<sup>30</sup> Blumenau, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 129 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>31</sup> Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

A Matemática, ela não está isolada, não é um assunto isolado do resto, não tem como tu deixares de trabalhar um assunto, o Corpo Humano, a História, a Evolução... Tu estás trabalhando aquele assunto, mas a Matemática está ali junto. Não tem como separar.

Quando eu já estava quase chegando no final da minha carreira de professora, em 2009, eu trabalhei “Viajando com a Matemática”. Sempre tive uma curiosidade muito grande de conhecer a vida indígena. Ai nós fomos até José Boiteux<sup>32</sup>. Eu também quero lembrar que eu fiz várias viagens com os alunos e sempre tive o apoio da prefeitura. Era só eu pedir que eles já ajudavam, porque eles sabiam que *‘a professora Lúcia da quarta série inventa viagem, então vamos dar oportunidade’*. Os pais gostavam quando o filho ia para quarta série, pois alguma coisa a professora ia inventar.

Então, nesse ano, a gente inventou de ir para José Boiteux. Foi uma viagem inesquecível pra mim e para os alunos também. Foi aqui que a gente mediu o ônibus, fizemos maquete do ônibus e do roteiro da viagem. A gente fez o roteiro da viagem, desde Leoberto Leal até José Boiteux, e trabalhamos tudo na proporção de dez metros para um milímetro, dentro do mapinha. Eu tive que pedir ajuda até do professor do Ginásio para gente poder estar fazendo esses cálculos, pra eles poderem entender bem.

Durante a viagem, a gente fazia muitas observações, e eles tinham tarefas: anotar qual horas a gente saía daqui, de Leoberto, quanto tempo levava para chegar até lá, quantos quilômetros rodamos. O que a gente podia estar vendo na viagem? Quais formas geométricas encontradas? Eu chamava atenção de tudo. Eles tinham que levar um caderninho de anotações para estar anotando e, depois, em sala de aula, a gente explorava.

Eles tinham que, utilizando figuras geométricas, fazer alguns desenhos e uma historinha sobre o que eles acharam da vida indígena. Por exemplo, o aluno José, escreveu “Hilberto em José Boiteux”: *‘No dia dezoito do quatro, entramos no ônibus da prefeitura que ia levar os alunos da quarta série e da sétima série.’* Nesse dia, aqui, éramos dois professores, eu e o professor Arisnaldo<sup>33</sup>. *‘Os professores Arisnaldo e Lúcia e alguns pais foram à reserva indígena de José Boiteux. Quando chegamos na aldeia Palmeiras, que fica a 25 quilômetros do centro da cidade, eu pensava que os índios moravam em ocas, mas, gente, eles têm casas*

---

<sup>32</sup> José Boiteux, cidade situada no Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 208 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>33</sup> Arisnaldo Adriano da Cunha, professor de História dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

*de tijolos. Na aldeia, a maioria dos índios são Xoklengs, que tem menos são Kaigangs e Guaranis<sup>34</sup>. Os índios dependem do artesanato para construir moradias e, para sua alimentação, plantam milho, mandioca, feijão, etc. Os índios fazem flechas, zarabatanas, chocalhos, etc. Os alunos compraram artesanatos de várias formas geométricas, triângulos, círculos, quadrados, etc.’ Cada aluno tinha que fazer o seu livro.*

Neste ano, a lembrancinha da Feira era uma peteca, porque peteca é um brinquedo de origem indígena. Então a gente construiu, na sala de aula, com jornal dentro e, por fora, sacolinhas. Daí ficava assim, um material mais resistente. Então esses foram os meus trabalhos que eu levei para as Feiras de Matemática.

Todo início de ano, os alunos que eu recebia já vinham me perguntando: *‘Vamos para Feira de Matemática? Que trabalho vamos levar?’* Então os desafiava que podíamos ir, se todos colaborassem e pensássemos juntos como a Matemática poderia ser trabalhada de forma diferenciada, atrativa, prazerosa. Então saíamos a campo, buscando algo que eles gostavam, que lhes chamava a atenção. Trazíamos o assunto para a sala de aula onde discutíamos como a Matemática está presente, e eu trabalhava as questões curriculares dentro desses temas.

A minha participação nas Feiras de Matemática foi servindo de estímulo para melhorar ainda mais as aulas, buscando estratégias diferenciadas que, por diversas vezes, me desequilibravam. Aqui entra essa questão do tradicional para essa questão de, vamos dizer, entre aspas, uma bagunça organizada. Porque tu trabalhares um projeto na sala de aula é uma bagunça, quem vê de fora; assim, pensa que tu estás quebrando a sala. É aluno falando alto, é gente colando ali, é gente colando lá. Então, por isso que eu digo que me desequilibrava. Aquilo que eu achava certo: o tradicional, fila um atrás do outro, aquilo pra mim era o certo, agora entrava em conflito comigo, eu como professora. Mas era preciso ousar, sair daquilo que me prendia, que era o tradicional, só usando o livro didático, e arriscar e, às vezes, ser alvo até de críticas até de colegas profissionais. Lembro que, várias vezes tinha professor que passava: *‘Oh, mas que bagunça nessa sala.’* E outros assim: *‘Ah, ela faz esse trabalho só pra se aparecer.’* Mas, hoje, me sinto feliz por ter arriscado e tentado. Posso dizer que o que fiz de diferente é o que me marcou e também marcou a vida de cada aluno. É isso que eu lembro hoje. Aquele tradicional eu não lembro; agora, isso aqui, eu lembro tim-tim por tim-tim para contar para todo mundo.

---

<sup>34</sup> Xoklengs, Kaigangs e Guaranis: tribos que vivem na Reserva Indígena da cidade de José Boiteux (SC)

Agora, uma avaliação da Feira... Sempre era motivo de alegria trabalhar temas para levar para as Feiras de Matemática. Os alunos disputavam quem iria representar a turma. Os assuntos eram distribuídos, e eles apresentavam primeiro na escola. Depois, vinha o grande dia da apresentação na Feira: expectativa, viagem, local da exposição, apresentação dos trabalhos para o público, nervosismo, cansaço, lanches, resultados, às vezes vitoriosos, alegria, às vezes participação, tristeza. Eu nunca esqueço de um aluno que, um ano, a gente ficou com Participação, e ele chorava, chorava: *‘Mas não pode, o nosso trabalho era bom, não podemos ter perdido.’* E eu dizendo pra ele: *‘Querido, nós ganhamos, ganhamos um monte, aprendemos um monte.’* Mas voltávamos felizes por termos participado e vivenciado outras experiências, outros lugares. Afinal, é através das Feiras que temos oportunidade de melhorar nosso trabalho enquanto profissionais e estarmos abrindo para os alunos as portas da escola para a vida. Quem aproveita as oportunidades que a vida oferece tem o que lembrar para contar e fazer história.

Eu penso assim. Tudo o que eu imaginava, que eu tinha ideia de fazer eu pensava: *‘Eu vou fazer uma coisa diferente.’* Metia a cara e dava certo. Mesmo quando eu era diretora, mesmo enquanto secretária da Escola. A secretaria da escola era uma verdadeira bagunça, se chegasse alguém lá e dissesse: *‘Eu preciso do meu histórico escolar.’*, eu tinha que dizer assim: *‘Meu querido, você volta dentro de uma semana porque eu vou ter que procurar, eu não sei aonde.’* Aí eu pensei: *‘Meu Deus, como é que eu vou fazer?’* Chamei o pessoal de GEREI<sup>35</sup>, naquela época era UCRE<sup>36</sup>, e disse: *‘Vocês me dão uma luz porque assim não dá para trabalhar numa secretaria. Tá tudo revirado, não se acha nada.’* Aí lá veio um dia uma senhora e ela começou a explicar: *‘Você pega e faz assim: ano tal, pega uma caixa, quem concluiu o curso, saiu da escola naquele ano vai tudo para aquela caixa.’* Então, daí, eu comecei a arrumar umas caixas e coloquei 1930, 1940, 1950, tudo com caixa, aí quem concluía naquele ano, quem saiu. Pronto, era uma beleza. *‘Que ano você se formou? Que ano você saiu daqui?’* *‘Ah, 1960.’* *‘Tá aqui, tá aqui o teu documento.’* Tudo o que era dele estava ali juntinho naquele monte. Então, quando eu era secretária, organizamos o arquivo da escola.

Quando fui trabalhar na direção da escola, a gente pedia para os alunos virem uniformizados para a escola, aquele uniforme azul que tinha um risco branco do lado, lembra?

---

<sup>35</sup> GEREI: Gerência de Educação e Inovação.

<sup>36</sup> UCRE: Unidade de Coordenação Regional de Educação.

Os jovens, para usar aquele, nem pensar. Aí nós começamos uma luta: *‘Vocês querem um uniforme diferente pra vocês, então vamos batalhar, vamos atrás, que modelo vocês querem?’* Aquilo levou um ano, um ano todo só para a gente conseguir a montagem do uniforme. No ano seguinte, a gente conseguiu fazer o timbre da nossa escola. Foi feito tudo com pais, com alunos... enfim, saiu o agasalho da escola com aquele timbre. Então, enquanto eu era diretora, além dos trabalhos pedagógicos, a gente conseguiu colocar na nossa escola um agasalho oficial. Isso foi também o que me marcou no tempo em que eu fui diretora. Dois anos. Depois, eu fui para a sala de aula e cada ano ficava inquieta e tinha que fazer algo diferente.

## 2.11. Sandra Terezinha Sartori Martini

Entrevista realizada em 03 de abril de 2012, na residência da depoente, na cidade de São João Batista<sup>1</sup> (SC). Duração da gravação: 34min16s.

A professora Sandra nasceu em Domingas Corrêa, interior do município de São João Batista. cursou o Magistério e fez Faculdade de Pedagogia pelo sistema Magister<sup>2</sup>, oferecido pela FURB<sup>3</sup>, que acontecia nas dependências da FEBE<sup>4</sup>. Tem curso de pós-graduação *lato sensu* em Práticas Pedagógicas e Interdisciplinaridade na Educação Infantil, Séries Iniciais, Ensino Fundamental e Médio. O contato foi possível devido à representante da Gerência Regional de Educação do Estado na região de Brusque<sup>5</sup> ter nos fornecido o endereço eletrônico. Entrei em contato com a depoente enviando a ela uma mensagem com todas as informações sobre a pesquisa e, menos de uma semana depois, recebi dela um retorno, aceitando participar e disponibilizando seu telefone para combinarmos os detalhes da entrevista, que marcamos para o dia três de abril de 2012, às 18h30m em sua casa. No dia da entrevista, saí de Blumenau<sup>6</sup> no final da tarde, rumo a São João Batista. Encontrei a professora no portão de casa à minha espera. Ao entrar, percebi que ela já havia organizado vários materiais referentes aos seus projetos para olharmos durante a entrevista. Antes de iniciarmos, ela me informou que uma das professoras da Gerência de Ensino de Brusque havia, inclusive, ligado para informá-la sobre o meu trabalho. De início, ela preferiu que eu fizesse as perguntas seguindo o roteiro. No processo de textualização, optei por fazer algumas adaptações que me permitissem incluir as perguntas como parte das respostas. É o resultado da textualização da entrevista com a professora Sandra Terezinha Sartori Martini que apresento a seguir.

*“Dos Anos Iniciais, eu lembro que eu custei muito a entender a multiplicação. Porque assim, ó, – e, hoje em dia, eu tenho muito cuidado com os meus alunos com isso – era jogada aquela tabuada. Tu tinhas que saber e, na hora que a gente ia dividir ou multiplicar, não sabia de onde vinha o resultado”.*

<sup>1</sup> São João Batista, cidade situada no Vale do Rio Tijucas, em Santa Catarina, a 71 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>2</sup> Programa desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação e do Desporto de Santa Catarina que tinha o objetivo de oferecer cursos de Licenciatura Plena e Complementação de Licenciatura, em várias áreas, aos professores que já atuam na rede pública de ensino, estadual e municipal sem formação específica.

<sup>3</sup> FURB: Universidade Regional de Blumenau (SC).

<sup>4</sup> FEBE: Centro Universitário de Brusque (SC).

<sup>5</sup> Brusque, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 91 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>6</sup> Blumenau, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 129 km de Florianópolis, capital do estado.



Lá em casa, nós éramos em dez: eu sou a terceira dos dez filhos. Meu pai era caminhoneiro, e minha mãe, doméstica. A gente morava bem no interior, na localidade de Domingas Corrêa. Estudei em Escola Isolada. Eram duas turmas num período e duas turmas no outro. Pobre. Mas o meu pai e minha mãe, eu digo toda vida, tenho muito que agradecer. Eles tinham a mente e a cabeça aberta. O que eles queriam era que a gente estudasse.

E, assim, a gente era de família humilde, mas o respeito pelo meu pai (e isso a gente herda deles, né?) eu lembro assim: se chegasse alguém na nossa casa, ou se tivesse alguém, tipo vocês estão aqui, e a gente chegasse, tinha que cumprimentar, e nós também cobrávamos sempre isso dos filhos. Eu tenho sobrinhos, que, Deus o livre se chegasse e não cumprimentasse meu marido e eu, ele achava aquilo assim... Eu tenho que isso, de certo, a gente herdou deles, né? A gente cobra hoje dos filhos.

Eu vejo a minha infância assim: diferente da dos meus filhos e bem mais diferente da dos meus alunos. A gente inventava as brincadeiras. Para ganhar uma boneca, meu Deus! Aquilo era cuidado, durava anos aquela boneca. A bola furava, e a gente continuava a chutar a bola, que não ia ganhar outra. Eu vejo as brincadeiras: brincar de passar anel, brincar de roda, brincar de matar... Hoje em dia, a gente não vê mais isso. Como aquele tempo era bom, bastantes irmãos. É isso que eu tenho da infância.

Depois de eu já ter me formado no Ensino Médio é que a gente veio morar aqui no centro. Compramos uma casa, e a gente veio morar aqui. Eu dava aula ainda em Tigipió<sup>7</sup>, nessa época. Mas eu cresci lá mesmo, no interior de São João Batista.

Na escolinha, lá em cima, era só de primeira a quarta série. Depois, a gente vinha para São João Batista. Aí estudava aqui, bem aqui perto, na Escola Básica Patrícia Teixeira Brasil, onde fiz até a oitava série. Depois eu fiz o Ensino Médio no Colégio Estadual, que é onde eu trabalho agora. Agora é Escola de Educação Básica.

Dos Anos Iniciais, eu lembro que eu custei muito a entender a multiplicação. Porque assim, ó – e hoje em dia eu tenho muito cuidado com os meus alunos com isso – era jogada aquela tabuada. Tu tinhas que saber e, na hora que a gente ia dividir ou multiplicar, não sabia

---

<sup>7</sup> Tigipió, cidade situada no Vale do Rio Tijucas, em Santa Catarina, a 125 km de Florianópolis, capital do estado.

de onde vinha o resultado. Eu custei para entender a divisão e a multiplicação. Olha, eu penso hoje que foi esse motivo, de ter aquela tabuada para decorar, sem ... por que era assim, né? Era a decoreba.

No Ensino Médio, eu fiz o Magistério. Até porque era assim: aqui, no colégio, a gente só tinha o Magistério e Técnico em Administração. A cidade era pequena, e nós só tínhamos uma usina de açúcar e duas ou três fábricas só de calçados, muito pequenas, que empregavam mais pessoas da família, assim. Então quase todo mundo fazia Magistério. Tinha que ser Magistério, tinha que ser professora, né?

O ensino da Matemática foi tranquilo no Magistério. Assim, o primeiro ano era o núcleo, na Matemática. Sabes que eu nem lembro da professora? Eu não tive assim tanta dificuldade. Eu me lembro mais da Química e da Física. A Física não sei nem como é que foi, mas, assim, não tenho lembrança de ter tanta dificuldade não. Depois no Magistério foi fácil, também. No Magistério, a gente já fazia material para dar aula, mas ali, no primeiro ano mesmo, não.

Eu acho que, se não fosse professora, seria enfermeira.

Houve um professor de Matemática marcante. E depois eu dei aula para filha dele. Foi de quinta a oitava. Gente! Era o terror. O medo, o dia que tinha Matemática naquele horário... mas de quinta a oitava, né? De primeira a quarta, era a mesma professora que trabalhava tudo. Era medo, medo, até hoje a gente comenta, quem era assim da minha época. Hoje é dia três, então ele já entrava e dizia: *‘Que dia é hoje?’ ‘Dia três.’* Aí, ia ao quadro fazer as tarefas o três, o treze, o vinte e três... Seu Eufrásio era assim: conforme o dia, ia aquelas três pessoas no quadro. Se a gente não sabia, ele dizia de tudo, ele humilhava a gente. O medo era tanto. Hoje em dia, a gente se dá bem, e eu digo pra ele: *‘Eu rezei tanta Ave Maria, tanta Ave Maria para que ele não chamasse no quadro.’* Então, muito medo. Depois, eu dei aula para menina dele. Isso marca, né?

No Ensino Superior, eu fiz Pedagogia na FEBE. Mas era pelo sistema Magister. A gente era aluno da FURB, mas frequentava a FEBE. As aulas de Matemática, naquela época, eram

com a Luciane Gamba<sup>8</sup>. Muito legal. Com material, eram jogos... era muito boa. Gostei muito.

A minha pós-graduação? Ai [procurando nos papéis], o nome é grande e eu esqueço. Em Práticas Pedagógicas e Interdisciplinaridade na Educação Infantil, Séries Iniciais, Ensino Fundamental e Médio. Justamente porque eu fazia esses projetos de Matemática e eu envolvia todas as disciplinas. Até a minha monografia é Interdisciplinaridade na Sala de Aula, porque eu queria saber até onde isso era interdisciplinar. Porque se falava tanto, tanto...

Eu iniciei como professora em 1980. Iniciei na Escola Básica Lídia Leal Gomes, em Tigipió, interior de São João Batista. É distrito. Fui trabalhar também com a segunda série lá, como professora ACT<sup>9</sup>. Depois, em 1985, passei no concurso de ingresso, fui trabalhar numa Escola Multisseriada<sup>10</sup>, com as quatro séries, bem interior de São João Batista, também, na localidade de Vargem Pequena. Eu saía às 9 da manhã, de ônibus, ia até Fernandes<sup>11</sup>, ali eu pegava uma bicicleta e ainda tinha dois quilômetros de morro. Ali ficava a bicicleta e eu ia a pé. Deixava a bicicleta e subia dois quilômetros de morro. É de onde vem a nossa água agora, dessa localidade. Lá, eu fiquei seis meses. Depois, eu vim trabalhar, vim como auxiliar de direção para o Colégio Estadual, aqui pertinho, debes ter passado na frente. E estou até hoje ali, criei raízes. É isso. Também trabalho ali 40h com ensino fundamental. Eu fiquei dez anos de auxiliar de direção, depois eu fui para a sala de aula e ninguém mais me tira. Só a aposentadoria.

Eu lembro assim que, quando eu peguei essa turma em Tigipió, de segunda série, aí a gente deixa muito a desejar, né? Em tudo. A gente peca muito com a criança. Eu digo para a supervisora da minha escola: *‘Agora que eu aprendi a dar aula, eu vou me aposentar.’* Não é? Porque assim ó, cada jeitinho da criança, se ela abaixa a cabeça, se tu tá lá explicando ou se é um filme ou qualquer atividade que tu tá fazendo, se ele olhar para o amiguinho, se ele mexer no material, tu já tá ligada: o que está acontecendo? O porquê daquilo ali e, antes, tu não querias nem saber, tu já lascava uma bronca. Eu acho que eu pequei muito na minha história, sabes? E assim, eram menos recursos também. Agora a gente tem tantos recursos, jogos, é

---

<sup>8</sup> Luciane Gamba, professora de Matemática do Centro Universitário de Brusque (FEBE).

<sup>9</sup> ACT: Admissão em Caráter Temporário, sistema de contratação de professores para substituir um professor efetivo que esteja em licença ou preencher uma vaga que não possua professor efetivo.

<sup>10</sup> Escola multisseriada. Escolas onde há várias turmas do Ensino Primário estudando na mesma sala de aula, com um único professor.

<sup>11</sup> Fernandes, localidade de São João Batista.

tudo. Antes não tinha nada disso. E se a gente fosse jogar, Deus o livre, era malandra. Não era visto como um material pedagógico.

Pra mim, tudo é material. Utilizo até a brita<sup>12</sup> (risos), coleção de tampinha, de pazinha de sorvete, são os lápis de cores deles, tudo pra mim...

A prática me levou a mudar. Eu acho assim que, com o passar do tempo, as coisas também vão aparecendo, a gente também vai tendo acesso a mais livros, à *internet*, e a gente também vai criando. Eu lembro que, na faculdade, a gente teve que criar jogos, dentro da Matemática... Então nós tínhamos que inventar e apresentar lá, cada um tinha. As leituras também que antes a gente não tinha. A faculdade abre muito a cabeça da gente. Eu acho que o Ensino Médio, o Magistério mesmo, a gente sai dali cega, vai para dentro de uma sala de aula, primeiro, sem prática nenhuma, com a cara e a coragem, e isso a gente só vai adquirindo ao longo do tempo, com as leituras que a gente vai fazendo, com os cursos que vai tendo, né? Eu digo sempre... Às vezes eles dizem: ‘*Ah.*’ Porque eu faço parte do NEL<sup>13</sup>, um grupo de estudos de Língua Portuguesa, da professora Otilia<sup>14</sup>, e eu tenho uma irmã que trabalha comigo também: ‘*Eu não sei para que que tu vais para esse curso, tu estás te aposentando.*’ ‘*Mas eu sempre aprendo. Cada sábado que eu saio de lá eu saio energizada.*’, eu digo pra ela. A gente vai e tudo é um aprendizado, né?

Eu tenho dois projetos que me marcaram muito. Um é sobre doação de órgãos, porque o meu marido (é um pouco da história pessoal junto), o meu marido teve hepatite e cirrose, faz um ano e nove meses que eu o perdi. Em 2000, ele foi internado em Florianópolis<sup>15</sup>, bem mal, e a doutora Ester, a médica, um dia, no meio do tratamento, falou em transplante. E quando a gente voltou, era como se ele tivesse um passarinho fora da gaiola, sabe. A alegria dele! Até ia ser em Porto Alegre<sup>16</sup> esse transplante. Todo ano, eu fazia um tema, aí eu disse: ‘*Eu vou fazer sobre transplante.*’ Porque eu queria saber tudo sobre, eu não podia ver o que tinha sobre fígado, sobre cirrose, estava lendo, estava pesquisando, ia atrás porque queria entender a doença e aí, não sei se foi em 2006 ou 2005, disse: ‘*Eu vou fazer sobre doação de órgãos.*’ E,

---

<sup>12</sup> Brita é a rocha quebrada mecanicamente em fragmentos de diversos diâmetros. É muito utilizada na construção civil.

<sup>13</sup> NEL: Núcleo de Estudos Linguísticos, programa de extensão da FURB

<sup>14</sup> Otilia Lizete de Oliveira Martins Heinig, professora do Departamento de Educação da Universidade Regional de Blumenau (SC).

<sup>15</sup> Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

<sup>16</sup> Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.

assim, aprendi muito para a minha vida, pra eu saber tudo o que ia acontecer. E ele foi para o transplante e não voltou. Pra mim... Marcou muito. Porque assim, eu me inteirei disso, né? Depois, também, até foi em Blumenau o transplante, com as entrevistas que eu tive lá, eu já tinha conhecimento devido ao projeto que eu tinha feito. Até, fugindo mais um pouco do assunto, sábado à noite, dois alunos nossos aqui da escola, de dezessete anos, deram com uma Biz<sup>17</sup> na parede de uma casa e um teve traumatismo craniano. Estão sendo retirados os órgãos agora; ele teve morte encefálica. Então tudo que a gente tá lendo, as notícias dele, eu já tinha conhecimento. Que bom a gente saber, né? E isso foi através do projeto...

E assim, uma das meninas que estava no grupo que apresentava, o avô dela estava na lista, e fazia, acho, dois anos que tinha falecido. Ele estava na lista para um transplante de coração. Na noite em que ele recebeu a notícia, era um sábado à noite, ele já tava três dias sem o medicamento (a esposa ia dar e ele jogava embaixo da cama, depois dele morrer que acharam), aí o telefone tocou, ele atendeu e era pra ele ir. Daí deu um enfarte na hora em que recebeu o telefonema. Então, assim, para essa família também, essa menina dizia assim... ela contou isso na sala: *‘Ele era tão bom...’* Eram momentos muito ricos, ela dizia: *‘Ele brincava de esconder bala com nós, professora.’* Aí eu dizia: *‘Como, Brenda? Onde é que ele escondia?’* *‘Ah. Ele inventava os lugares. Um dia ele pendurou as balas no varal.’* (risos) Coisa que a gente grava, né? *‘E nós procurava e nós não achava, e ele dizia se tá quente ou se tá fria.’* Olha que lembrança linda! Que o vô pendurava balinha no varal. Que também foi um caso que iria para o transplante e não aconteceu. Então, assim, eu tive uma intenção ao fazer esse tema: foi devido à doença do meu marido.

O outro foi sobre a vacinação infantil, o “Zé Gotinha na Matemática”. Foi muito show! Porque com esse eu ganhei Destaque<sup>18</sup> também na Estadual. Mas eu sempre digo pra eles assim: quando a gente vai para a Feira, não importa o resultado, importa o que eles estão fazendo lá, o que eles aprenderam com aquilo. Só nós irmos já é um prêmio. Quando a gente vai para a Regional eu já digo, né? Aí, assim, na hora que dá, que a gente ganha Destaque. Meeeu, é tudo de bom. E o Zé Gotinha foi Destaque na Estadual, também. Foi em Joinville. Então foi uma Feira muito boa. A gente ficou em hotel, eram três meninas lindas, até uma era

---

<sup>17</sup> Biz: motocicleta.

<sup>18</sup> Premiação Destaque: aos trabalhos apresentados nas Feiras de Matemática do Estado de Santa Catarina é dado o prêmio de Menção Honrosa ou Destaque. Os trabalhos que recebem o prêmio de Destaque são selecionados para a próxima etapa das Feiras, ou seja, o Trabalho Destaque de uma Feira Municipal é aprovado para a Feira Regional e os da Feira Regional são aprovados para a Feira Estadual.

minha sobrinha. E elas pareciam três, olha, três adultas, três artistas. Eu lembro que a gente ficou no hotel e quando chegou de manhã, a gente fez camiseta e tudo, elas muito bem arrumadinhas, muito lindas, a dona do hotel desceu e ela disse: *‘Ai, eu vim cá ver as meninas.’* Porque os empregados, os garçons, foram lá e disseram que tinha três meninas muito lindas, e eram só elas de criança no hotel. Vários grupos de pessoas da Feira, mas de criança eram só elas. E, no ônibus que a gente viajava também, porque ia o pessoal de Major<sup>19</sup>, Canelinha<sup>20</sup> e nós, tudo num ônibus só. E eram só elas, o resto era tudo Ensino Médio. Então eles bajulavam, né?

O Zé Gotinha foi um tema em que a gente envolveu pais, sabe, sempre as mães iam comigo, me acompanhavam nas Feiras, para ajudar a cuidar, na hora do banho e lá também. Pode ficar doente, ou alguma coisa...

Sobre o envolvimento das crianças nesses trabalhos? Olha, é complicado, porque quando eu faço o trabalho para a Feira, eu não faço para a Feira, eu já inicio lá no início de abril e vou trabalhando. Termina a Feira e a gente ainda está falando, está dando... porque é projeto e ele vai te abrindo vários caminhos.

Então é assim, eu trabalho com o grupo todo. Aí, depois, *‘quem é que gostaria de apresentar este trabalho?’*, aí eu vou falando sobre a Feira, como é que é. Então tem aqueles que se sobressaem e tem aqueles bem tímidos que também levantam a mão e tu tens que dar vez, né? A gente prepara um dia, eles se organizam em grupos, cada três alunos. É feito com a sala toda, todos têm conhecimento, depois eles vão apresentando, e a gente vai fazendo votação na sala e eles escolhem quem vai. Mas, gente, quem não vai, meu Deus. Eu tinha um aluno que, hoje em dia, tá no Ensino Médio. Eu olho pra ele e eu me lembro: foi o mesmo que tu tirares a bala da boca, visse? Se tu visse a tristeza dele... Ou usar de sorteio, também. Teve anos que eu usei de sorteio, porque os grupos eram bons. Porque quando é de quinta a oitava e Ensino Médio são temas diferentes, mas nós, de primeira a quarta, não. A gente lança o tema e trabalha com o grupo todo. Tu não vais isolar três para preparar para uma Feira e os outros não saberem o que é. Aí o que acontece? Em um ano eram dois grupos muito bons. E aí eu disse: *‘Gente, eu vou simular um sorteio.’* A gente simulou um sorteio, chamamos alguém lá

---

<sup>19</sup> Major Gercino, cidade situada no Vale do Rio Tijucas, em Santa Catarina, a 68 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>20</sup> Canelinha, cidade situada no Vale do Rio Tijucas, em Santa Catarina, a 61 km de Florianópolis, capital do estado.

da frente que vem cá, e aí eles já sabem quem é que vão sortear, porque tem que ter esse jogo de cintura, não sei até onde tem maldade aí, mas... (risos)

O que me levou a participar da primeira Feira foi assim: na minha escola, de primeira a quarta nunca ninguém participava de Feira, nem da interna. Mas eu sou assim, ó, eu sou muito teimosa e tenho que fazer sempre o que é diferente. Às vezes, a gente é até mal vista por isso, porque eu vou atrás. Se eu digo que eu quero fazer eu vou, eu busco e eu dou jeito. E, às vezes, a gente se incomoda com as parceiras da gente, não sei se eu estou falando demais...

Quem faz incomoda quem não faz, né? A gente sabe disso. Então, a primeira Feira foi assim... Tinha uma Feira de Matemática e tinha uma amiga minha, natural de Angelina<sup>21</sup> e casou aqui em São João Batista, ela quase não tinha amizade com ninguém, sabe. Ela era muito quieta, e a gente pegou amizade. Aí quando chegou um dia, ela disse: *‘Sandra, faz um trabalho, apresenta ali na escola.’ ‘Tá, vou fazer.’* Aí peguei, fiz. Foi o meu primeiro trabalho.

Eu via o Diário Catarinense<sup>22</sup> e me encantavam aqueles mapinhas da temperatura, não tem? Da previsão do tempo... Em cada Diário que eu abria, aquilo me chamava atenção. Eu disse: *‘Eu tenho que usar esses mapas para alguma coisa não sei para que, mas eu tenho que usar.’* E segunda série nem estudava Santa Catarina, né? Aí eu chamei essa professora, a Iodete<sup>23</sup>, e disse: *‘Ó Iodete, olha aqui, eu quero usar isso num trabalho de Matemática pra eles apresentarem.’* Eu disse e fui indo, fui indo... E ela disse: *‘Faz mesmo Sandra.’* Fiz, apresentei na escola, e aí ela e a professora do Ensino Médio, que iam sempre para as Feiras disseram: *‘Sandra, tu dá uma melhorada, tu faz assim, tu vai, tu vai...’* A Regional era em Tijucas<sup>24</sup>. Aí eu fui escrever o projeto porque, até ali, eles só apresentaram, a gente tinha feito as atividades, porque o objetivo era a criança perceber que, dentro do estado, muda a temperatura, que, em determinado lugar, ela oscila. E aí fomos para Tijucas, onde era a Regional, e lá ganhamos Destaque. Eu vim igual a um passarinho de tão contente. Fomos para Ituporanga<sup>25</sup>, uma Feira grande, enorme, aí lá não, lá não ganhamos nada. Vim triste e não

<sup>21</sup> Angelina, cidade do Estado de Santa Catarina, situada na Grande Florianópolis, capital do estado.

<sup>22</sup> Diário Catarinense. Jornal escrito de circulação diária no estado de Santa Catarina.

<sup>23</sup> Iodete. Professora de Matemática da escola onde a depoente trabalhava.

<sup>24</sup> Tijucas, cidade situada no Vale do Rio Tijucas, em Santa Catarina, a 47 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>25</sup> Ituporanga, cidade situada no Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 138 km de Florianópolis, capital do estado.

vim. Nada como tu vires com um troféu. Ganhamos só de Participação. Mas só tu estares lá na Feira Estadual, já é teu prêmio, né? E o crescimento que a gente tem com essas Feiras, porque daí, nessa de Ituporanga, não, nem de Tijucas, eu não fui avaliadora, mas, nos outros anos, eu já passei a avaliar nas Feiras. Então a gente cresce muito com isso, aprende muito. Isso foi em dois mil e... a primeira Feira, 2002.

Em 2003, eu fiz o Zé Gotinha, fiz na escola. Aí foi bem mais assim, ganhei muito não, porque eu ia ao Posto de Saúde... aí, chegava lá, acho que eu fui umas cinco vezes. Um dia, eu subi a escada da escola e pensei: *‘Por que, que eu tenho que me meter nisso?’* Era tanto não, tanto não e eu queria ajuda e eles tinham, porque eu queria ver a meta, se eles alcançavam a meta de vacinar as crianças no município, mas fui. Aí fomos para a Regional em Brusque, em Dom Joaquim<sup>26</sup>, Brusque. Aí lá ganhei Destaque e, ali, em Dom Joaquim, eles deram uma medalha para cada criança. Eu lembro que as minhas três, elas pegavam as medalhas e diziam: *‘Essa aqui é uma das primeiras da minha vida. Eu vou ganhar muitas outras.’* Aí, depois, fomos para Joinville<sup>27</sup> e ganhamos Destaque também. Foi muito bom, essa Feira ficou... Depois, em 2004, eu fiz sobre a horta orgânica. Aí construímos uma horta na escola. Foi bem legal mesmo. Nós tínhamos um senhor que trabalhava na escola de servente; ele nos ajudou muito. Vô de aluno que trouxe estrume para a gente. A Regional foi aqui em São João, na escola onde eu trabalho mesmo. Aí foi Destaque. Também foi legal que tava todo mundo aqui. Aí a Estadual foi em Pomerode<sup>28</sup>. Ali também eu já avaliei, mas foi só Participação. E, depois, a Doação de Órgãos, que foi em Brusque também a apresentação da Regional, e, depois, a Estadual em Curitiba<sup>29</sup>. E aí eu parei, porque o meu marido já tava bem mal... e eu tinha medo de sair e acontecer alguma coisa. Daí não fiz mais. Mas assim, da escola, de primeira a quarta, só eu fazia trabalho para a Feira.

Mas, apesar de não ir para a Feira, todo ano eu faço um projeto. Ano passado, eu até fiz em cima do livro da Ana Maria Machado “Menina Bonita do Laço de Fita”. Até a gente vai escrever um livro sobre a nossa prática, junto com a Otília, e ele tá indo para o livro. A gente tá fazendo a fundamentação.

---

<sup>26</sup> Dom Joaquim, bairro do município de Brusque (SC).

<sup>27</sup> Joinville, cidade situada no Norte de Santa Catarina, a 170 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>28</sup> Pomerode, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 155 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>29</sup> Curitiba, cidade situada no Meio Oeste de Santa Catarina, a 267 km de Florianópolis, capital do estado.



Sobre a relação entre o ensino de Matemática nas escolas e as Feiras de Matemática, eu penso assim: se não é um trabalho só para a Feira, ele é válido. Agora, se ele é um trabalho que é para fazer só lá e morrer, não. Porque eu vejo que de quinta a oitava e Ensino Médio, eu acho que é mais para a Feira. Só que também é assim, o aluno ganha muito com isso, com a pesquisa, porque aquele determinado aluno, aqueles alunos que foram para lá, o conhecimento é deles, não é de mais ninguém. Só que daí o grupo em si, todo, não ganha, é mais fragmentado, né? E, já de primeira a quarta, não. Porque é o grupo todo que tá sabendo o que tá acontecendo. E, inclusive, assim, envolve os pais, é muito companheirismo. E outra coisa que eu percebo e que a Iodete, que é professora de quinta a oitava, de sexto agora ao nono, ela sempre coloca: *‘Sandra, aquelas crianças que foram para a Feira contigo, quando eles chegam lá no sexto ano, eles já no início do ano eles dizem: A senhora vai fazer trabalho para a Feira esse ano?’* E ela disse que são os primeiros que querem e já tem o assunto, e eles se organizam de como fazer o material e como apresentar, porque eles já têm aquela experiência. Ela disse: *‘A gente já percebe neles o gosto pela Matemática.’*

Por que não fazer com todos? Daria para fazer. E até, sei lá, o grupo selecionar, porque são maiores, né, tem mais... aí assim, de uma sala tem dois ou três trabalhos diferentes, quer dizer, um grupo não tá sabendo do que se trata o do outro. Isola mais, né?

Eu sou muito de Feira. Eu gosto, eu acho muito bom. Se bem que eu me senti um pouco lesada nesse último que eu fiz. Porque assim, tava dando o horário dos avaliadores passarem, e só tinha passado um avaliador no meu estande. Eu fui lá na organização e falei: *‘Olha, só passou um avaliador até agora’*, e eles mandaram duas pessoas do Cultura<sup>30</sup> de Brusque, da mesma escola, e o Cultura também tinha trabalho ali sendo avaliado. Como se fosse assim uma coisa a “toque de caixa”, vai lá, faz aquilo. Pode não ter nada a ver com o resultado, mas a gente fica triste com isso, porque elas encerravam o projeto com uma poesia, elas recitavam uma poesia, sabe, era muito bonito. E o empenho deles, eles se esforçam, os alunos. São crianças, mas gente, eles dão de tudo! E eu notei que, na hora, veio uma tão triste que eu disse: *‘O nosso prêmio é vocês estarem aqui. Quantos lá da nossa sala queriam, todos queriam estar aqui com vocês. Mas só vocês vieram.’* Mas, assim, na hora de avaliar, tem que ter todo um cuidado, né? Ainda mais com os pequenos. Mas eu acho que as Feiras... embora a nossa escola agora caiu muito, sabe. De primeira a quarta ninguém vai, só quem ia era eu

---

<sup>30</sup> Centro Educacional Cultura, colégio particular de Brusque (SC).

mesma. E, ultimamente, de São João Batista mesmo, só estava eu do estado e aí tinha do município, do município tinha. De primeira a quarta isso, né? Mas, agora, no ano passado, acho que não foi ninguém. Porque, assim, também, depende do diretor que entra. E tem muita mudança. A nossa escola, a cada dois anos, está com um diretor. Política, né? Então, assim, tem uns que vêm e incentivam e tem outros que não, porque dá despesa, gasta mesmo. É material, é viagem, é tudo. Tem aquele que incentiva e tem aquele que...

## 2.12. Gisela Bononomi

Entrevista realizada em 09 de abril de 2012, na escola onde trabalha a depoente, na cidade de Brusque<sup>1</sup> (SC). Duração da gravação: 22min40s.

A professora Gisela Bononomi começou a cursar o Magistério pelo fato de, no colégio onde ela estudava, não haver outro curso no Ensino Médio. Após começar a dar aula, apaixonou-se pela profissão. Fez a faculdade de Supervisão Escolar com complemento em Pedagogia para as Séries Iniciais. Cursou, também, a faculdade de Filosofia para o Ensino Médio. Fez, também, uma pós-graduação (*lato sensu*) em Supervisão e outra em Gestão Escolar. Entrei em contato com a professora Gisela por meio de um *e-mail* a mim fornecido pela representante da Gerência de Ensino de Brusque na Comissão de Organização das Feiras<sup>2</sup>. Nesse *e-mail*, informei a ela sobre a minha pesquisa. Após algumas semanas, a professora me respondeu positivamente fornecendo o telefone da escola para eu entrar em contato com ela para combinarmos a data do encontro. A entrevista foi marcada para o dia nove abril de 2012, no período vespertino, na E.E.F. Prof. Augusta Dutra de Souza, em Brusque. A entrevista aconteceu na secretaria da escola. A professora Gisela é uma mulher muito falante e extremamente prestativa. Quando terminamos a entrevista, ficamos conversando um pouco sobre vários assuntos, com o gravador desligado. Depois de algum tempo, percebi que o assunto estava se direcionando novamente para a pesquisa. No final do relato, é possível perceber que há uma mudança brusca na sequência, o que julgamos adequado indicar com uma nota explicativa após a textualização.

*“[...] tudo que falassem da Matemática e que fosse bom eu queria. Eu queria como que apagar um sentimento de culpa que não era meu, mas que eu podia estar passando isso para as crianças e não era bom. Como foi passado pra mim, eu tinha medo de passar isso para o aluno, entendeste?”*

Minha família era simples. Meus pais eram do interior, trabalhadores da roça. Depois, vieram mais para a cidade. Meus irmãos e eu tivemos uma infância também simples, porém boa. Nós é que fazíamos nossos próprios brinquedos. Meu pai já é morto e também tenho uma

<sup>1</sup> Brusque, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 91 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>2</sup> Comissão de Organização das Feiras de Matemática: comissão formada em 2001 por representantes da FURB, das Gerências de Educação, do Instituto Federal de Santa Catarina e das Secretarias Municipais de Educação, com o objetivo assessorar a gestão das Feiras em todo o estado de Santa Catarina.

irmã morta. Nossa família é muito unida. Meus pais eram muito carinhosos, porém rígidos. Meu pai era do tipo chicote com açúcar. Ele era firme. Minha mãe era mais dócil, mas não deixava de ser firme, porém não tanto quanto meu pai. Ele era mais firme. Nós tínhamos regras em casa, que eram cumpridas, e a gente se sentia bem. Nos amávamos muito e ainda é assim hoje em dia. Nos damos muito bem. Somos em cinco irmãos (agora com uma irmã falecida, quatro).

Eu comecei a estudar numa escolinha multisseriada<sup>3</sup>. Uma professora para as quatro turmas. Ela era uma professora muito carinhosa. Quando comecei a dar aula, também foi numa escolinha do interior, em Brusque, no bairro Bateas. Era uma época de muita simplicidade. A gente era muito pobre na época e qualquer papelzinho de bala era novidade. O ensino era difícil, porque havia apenas uma professora trabalhando com todas as turmas juntas. Na época não tinha muito material didático. Então, professoras dessa época tinham que ser heroínas mesmo para trabalhar. Mas valeu a pena, foi uma coisa que marcou, né?

O Magistério, não comecei muito cedo não. Primeiro, eu trabalhei numa empresa. Um dia, fui fazer um encontro de jovens e lá conheci uma religiosa, a irmã Walburga. Me interessei e fui estudar num colégio de freiras, em Angelina. Queria ser freira, aquela coisa de juventude, mas... Foi aí que comecei a fazer o Curso de Magistério, o único que era oferecido.

Eu sempre tive muita rejeição à Matemática. Tinha muita dificuldade, muito medo da Matemática. Até porque professor bom de Matemática, naquela época, era aquele que reprovava o aluno. Eu nunca reprovei, mas, para mim, professor de Matemática era para ser temido.

A Matemática era um bicho de sete cabeças. Eu tinha muita dificuldade. Às vezes, eu ficava pensando que a Matemática era uma disciplina que não precisava estudar muito. O importante era entender. Só que eu não conseguia alcançar esse entendimento. Eu pensava muito sobre isso.

Nunca reprovei em Matemática, porque eu estudava para passar. Mas era uma disciplina da qual tinha muito medo e que não entendia. Não era uma matéria prazerosa.

---

<sup>3</sup> Escola Multisseriada. Escola onde há várias turmas do Ensino Primário estudando na mesma sala de aula, com um único professor.

Acho que eu não entendia pela forma como era passada a matéria, o conteúdo e, também, de tanto pavor que sentia.

No Magistério, já foi um pouco mais leve. Tinha um professor chamado José. Foi uma época maravilhosa da minha vida, porque a gente tinha um grupo muito unido. A gente se dava muito bem. Era como se fôssemos uma família. Esse professor José era calmo. Eu acho que ele gostava tanto da disciplina que procurava passar isso para a gente. Não quer dizer que eu perdi o medo, o pavor. Não, ainda sentia isso pela Matemática. Mas ele tentava passar para a gente aquela coisa: *‘Não, tu tens que saber, eu estou aqui, eu estou aqui.’* Fui perdendo o medo e pegando um pouco de gosto ali, no Magistério. Estudamos por três anos com esse professor e assim fui perdendo aquele pavor da Matemática.

Ele tinha uns *flashes* de como trabalhar a Matemática, porém o conteúdo que ele mais ministrava era mesmo o de 2º Grau. Mas não era uma cobrança: *‘Eu estou aqui, se não der certo vocês sabem...’* Não era aquele bicho-papão.

Eu sou formada em Supervisão Escolar. Depois fiz complemento em Pedagogia para Séries Iniciais e tenho também Filosofia para o Ensino Médio. Tenho pós-graduação (*lato sensu*) em Supervisão e em Gestão Escolar.

No Ensino Superior, não fiz Matemática. Não tinha. Na complementação para Anos Iniciais, tinha, mas não tivemos que trabalhar. A gente teve que estudar, fazer uns jogos ou coisas assim, porque tivemos que trabalhar com professores de um curso. Acho que três semanas, se não me engano. Só para isso. Não tivemos uma “cadeira” de Matemática.

Eu primeiro, queria ser psicóloga, mas, na época, eu não tinha condições, Psicologia era de dia, e eu não tinha condições de me manter (e meus pais de pagar) uma faculdade. Então, eu tinha que trabalhar. Aí eu fui fazer Pedagogia. Primeiro, eu comecei Letras, mas eu achei que não era aquilo que eu queria. Fui fazer Pedagogia. Pensei: *‘Faço Pedagogia, quem sabe um dia faço, Psicologia, né?’* Mas eu acho que me encontrei. É isso que eu queria, Pedagogia, sabe? Estou, até hoje, e sou uma amante da educação. Sou louca pela educação. Acho que é por isso que eu estou aqui ainda, com essa idade.

Eu fui fazer o Magistério e acho que ali que eu despertei o gosto. Peguei uma turminha para trabalhar bem difícil: eram 14 alunos bem do interior, crianças muito simples, muito

pobres, com muita dificuldade. Crianças que, como eu estava no colégio, eu morava lá, eu visitava as famílias aos domingos, a gente ajudava até a fazer limpeza, limpeza de roupa... E dali despertou o gosto pelo Magistério.

Fiz o Magistério e aí não parei mais.

Eu estou 13, 14, 15, 16 anos como diretora. Eu fiquei a primeira vez como diretora em 1995. Fui diretora no Frei Godofredo<sup>4</sup>, conheces, em Gaspar<sup>5</sup>? Depois vim para o Barracão<sup>6</sup>. Fui para a sala de aula porque, na verdade, eu estou na direção, mas a minha paixão é a sala de aula. Eu amo dar aula, eu gosto de sala de aula e gosto de trabalhar, gosto de trabalhar com Ensino Médio também. Gosto de trabalhar com a juventude também, muito. Mas gosto de trabalhar também com os pequenos, sabe? Eu gosto muito de trabalhar com os pequenos.

Como eu trabalhava a Matemática quando comecei a dar aula? Como eu tinha essa coisa da Matemática, esse medo, eu sentia que não precisava ter todo aquele medo. Eu comecei e pensei: *'Eu vou ter que despertar na criança o gosto, de passar pra eles isso aí, fazer eles gostarem da Matemática.'* Eu lembro que eu fiz um cursinho de trabalhos manuais, de jogos, essas coisas assim. Não jogos de Matemática. A professora que ministrou o curso era Glorinha... Meu Deus... Glorinha, eu não lembro, Tia Gloria... Eu não me lembro o sobrenome. Ela veio dar um curso para a gente, e aí eu comecei a aproveitar para fazer jogos de Matemática, dominó de Matemática... para a criança gostar de Matemática, trabalhar bastante com o concreto. Daquilo ali eu comecei a trabalhar a Matemática, porque, se tu me visse dar aula de Matemática, tu não ias dizer, não, nunca, jamais, que eu não amo a Matemática. Tanto que a professora Rosa,<sup>7</sup> do Frei Godofredo, hoje ela já é aposentada, mora em Florianópolis, dizia: *'Gisela, não consigo entender que tu não gostavas de Matemática.'* Mas eu queria passar para os alunos essa coisa boa da Matemática, entendesse? Porque a Matemática, pra mim, sempre foi aquele bicho-papão.

Eu usava jogos. Tudo que era novidade que eu via de Matemática, que eu pudesse aplicar, eu aplicava com os alunos. Concreto, saía, usava eles, o próprio aluno, qualquer coisa que eu visse num livro ou alguém falando. Eu trabalhei muito. Eu comecei mesmo foi lá no

---

<sup>4</sup> Escola de Educação Básica Frei Godofredo, situada na cidade de Gaspar.

<sup>5</sup> Gaspar, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 116 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>6</sup> Barracão, distrito da cidade de Gaspar.

<sup>7</sup> Rosa Mondini Poli, professora da escola onde a depoente trabalhava.

Frei Godofredo; tinha a Rosinéte<sup>8</sup>. A professora Rosinéte, ela até foi professora da FURB<sup>9</sup>, também, não sei se tu conheces. Ela me ajudou muito, sabe, ela viu meu interesse e me ajudou. Tanto que, na Feira de Matemática, a primeira Feira eu não participei, na segunda Feira, ela veio, eu nem sabia de Feira de Matemática, ela disse: *‘Gisela, tu fazes um trabalho tão bom, vamos pra Feira de Matemática.’* Eu até me espantei, porque tudo que falassem da Matemática e que fosse bom eu queria. Eu queria como que apagar um sentimento de culpa que não era meu, mas que eu podia estar passando isso para as crianças e não era bom. Como foi passado pra mim, eu tinha medo de passar isso para o aluno, entendesse? Então, indo para essas Feiras de Matemática, eu trouxe muita coisa pra trabalhar com meus alunos. Não só material concreto, mas muita coisa, muita coisa que eu pude aplicar.

Uma aula interessante não era só a Matemática. Eram as outras disciplinas também e, de repente, entrava na Matemática, porque tem que entrar numa disciplina sem que as crianças percebam. Se eu trabalhasse “animais”, dentro do texto, dependendo dos animais, a gente canalizava para a Matemática. Por exemplo: uma lagoa, ali, a gente fazia os patinhos; dos patinhos, a gente fazia as operações, jogos etc. Então assim, o que eu via era a criança tão entretida na hora e uma ajudando a outra, por exemplo, os fatos básicos, a tabuada. Tem coisas que eu fui aprender depois que eu fui dar aula. Aquele medo, aquela coisa decoreba. Eu fui aprender e entender depois que eu fui trabalhar... Hoje, eu penso assim: por que que eu não peguei no meu caminho um professor de Matemática assim? Porque eu admiro uma pessoa que gosta de Matemática. Só de ver a criança ali e não querer sair, de bater o sinal e tu sair realizada que tu fizesses, que não era uma coisa de brinquedo, era uma coisa de querer aprender e de um ajudar o outro, e aquela troca (porque, algumas vezes, a criança aprende melhor com o coleguinha do que com o professor, né?) então aquela coisa de alguém passar, ver e dizer: *‘Gisela, como teus alunos gostam de Matemática, como teus alunos vão bem.’* Então, isso que a gente sentia neles, né?

Quem me levou a participar das Feiras de Matemática foi a Rosinéte; foi ela quem me fez o convite. Não tinha nem ideia do que era Feira e eu fui para segunda Feira. Na segunda Feira, eu comecei a participar. Eu lembro que tinha uma professora de Blumenau<sup>10</sup>, uma tal de

---

<sup>8</sup> Professora Rosinéte Gaertner, professora de Matemática que atuou na Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, na cidade de Gaspar, e na Universidade Regional de Blumenau (SC).

<sup>9</sup> FURB: Universidade Regional de Blumenau (SC).

<sup>10</sup> Blumenau, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 129 km de Florianópolis, capital do estado.

Terezinha<sup>11</sup>, ela tirava o primeiro lugar um ano, e eu tirava no outro. Nós trabalhávamos com as crianças o ano inteiro, não era só para a Feira de Matemática. Então dava certo. Eu aplicava alguma coisa diferente que aí eu ia trabalhando até chegar a Feira para que eles pudessem participar... Eu tinha que ter pelo menos a certeza de que aquilo ali deu certo para poder levar para Feira. Então a Rosinéte me convidou, e eu aceitei no escuro, porque, na época, o colégio não podia nem ajudar. Eu fui na prefeitura, era uma escola estadual, mas eu fui na prefeitura pedir ajuda. Eles ajudaram com transporte, ajudaram na parte de alimentação para os alunos, e fui. E por que é que eu deixei de participar? É porque depois eu saí da sala. Eu participei sete anos, da segunda até a oitava, aí eu saí de sala, não participei mais. Fui visitar, avaliei, mas como participante, não, porque deixei a sala de aula.

Uma avaliação das Feiras? Eu não sei como é que estão agora, porque, depois, foram mudando muito, né? Mas eram tão maravilhosas, tão maravilhosas, tu não sabes. Eram dois dias de Feiras, mas era praticamente um ano letivo de muita coisa, muita informação, muita troca, muita coisa que tu levavas para tua sala de aula. As próprias crianças que participavam ali, depois levavam para a sala de aula. Eram maravilhosas as Feiras. Eu não sei como é que estão, né? Eu até já participei de umas aqui em Brusque. Eu não sei como é que tá, né? Que lá, para lá, Blumenau, Gaspar, eu sentia que o pessoal tinha mais garra... Mas, eram maravilhosas, eu participava e, cada vez que chegava perto da Feira, eu me encantava. Aquela coisa de querer participar, né? Muito boas, muito boas.

A gente participava da Regional, depois tinha a Catarinense<sup>12</sup>. Tinha a fase Regional e, da Regional, os trabalhos mais interessantes, os melhores, eu não sei, mas os mais interessantes eram convidados para ir para a Catarinense. Aí a Catarinense era feita em uma outra cidade. A primeira era feita na região. Eu participava sempre em Blumenau, porque Blumenau era da região. daí ia, depois, para do estado, né? Eu achava que era um trabalho com muito empenho (acho que era o organizador o Vilmar<sup>13</sup>, na época). Muito empenho, muito organizada. Lá dentro, muita ordem, muita organização... E o crescimento, a gente saía

---

<sup>11</sup> Terezinha Matiola. À época, lecionava no Colégio Pedro II, hoje, Escola de Educação Básica Pedro II, Blumenau (SC).

<sup>12</sup> As Feiras de Matemática são desenvolvidas em três etapas. A primeira é formada pelas Feiras Municipais. Os trabalhos que recebem a premiação Destaque nesta fase são classificados para a segunda etapa, as Feiras Regionais. As Feiras Regionais reúnem trabalhos das várias cidades que compõem cada região do estado. Os Trabalhos Destaque das Feiras Regionais são classificados para a etapa estadual, a Feira Catarinense.

<sup>13</sup> Vilmar José Zermiani. Professor do Departamento de Matemática da FURB, um dos idealizadores das Feiras de Matemática e atual coordenador das mesmas.



de lá tão encantado e tão cheio de conhecimento, que tinha-se vontade de voltar no próximo ano. Agora, eu não sei como é que estão as Feiras, eu não tenho participado mais.

[Depois de alguns minutos com o gravador desligado...]

[...] hoje em dia, o mercado de trabalho exige que tenha uma boa base na Matemática. Tu tendo uma boa base em Matemática, em Português também, mas a Matemática no teu futuro, tu não tens medo de nada, né? Então, eu tenho muita admiração por quem se dedica à Matemática, por quem entende, por quem gosta. Eu, até hoje, gosto muito da Matemática. Sabe, comecei a gostar. Eu tinha muito medo, na época, de trabalhar com os alunos: como é que eu vou passar pra eles? O que é que eu vou passar? Fica aquela coisa, aquele trauma, né? Mas, depois, eu despertei o gosto também, sabe? E fui entendendo e fui estudando e fui me jogando, pesquisando, perguntando também para o professor de Matemática. Então isso me deu coragem. E eu acho que não me despertou o gosto, porque eu acho que já tinha, tinha aquele medo, aquela insegurança, aquele trauma, fui perdendo. Eu lembro que eles vinham espiar as minhas aulas às vezes. Porque eu gostava de dar Matemática, os meus alunos devem de ter saído com uma boa impressão da Matemática, porque eu trabalhava com prazer, pra eles sentirem prazer pela Matemática. Porque eu acho que é uma disciplina prazerosa, mas tu tens que entender e tu tens que gostar, né? E eu tinha muito prazer em trabalhar com a Matemática, tinha muito prazer.

Eu também procurava envolver ela em outras disciplinas. Eu lembro que, quando foi as Olimpíadas de Seul, nós trabalhamos muito com a Matemática, com as bandeiras, com os jogos, com o tempo, sabe? A gente se envolveu bastante. Pra ti ver quanta coisa. Agora que muita coisa já passou, e a gente não tem mais vinte anos, a gente esquece, né? Agora, quanta coisa que vinha, sabe, quando tu começas a gostar daquilo vêm as coisas, sabe? Cai as coisas. Muitas vezes, eu não tinha material porque, naquela época, era muito difícil de encontrar material. Hoje em dia, já está tudo assim tão abundante... Mas eu ia nas lojas, pedia aquelas etiquetazinhas que vinham as promoções para fazer jogos, ia para fora, usava o aluno... pra eles terem aquele prazer de aprender Matemática. E eu acho que eles devem ter aprendido assim com prazer. Tanto que a professora Rosa, ela não era professora de Matemática, mas

ela foi nossa diretora, dizia assim: '*Gisela, não dá para dizer que tu não gostavas de Matemática.*' Eu passei com prazer porque eu acho que eu me libertei. Então eu passava com prazer porque eu acho que é uma disciplina prazerosa. É importante para nossa vida. Sem Matemática, tu não vives hoje. Tudo vai Matemática, tudo. Tudo, tudo tu usas Matemática, para tudo: na cozinha, na sala de aula, no caminho, no carro. Tudo tu usas Matemática. E também, eu não sei se era uma ideia que era passada ou da forma que o professor era preparado, que ele tinha aquela coisa, aquela rigidez, né? Porque, hoje, o professor tá assim, tão mais carinhoso; então passa a matéria com mais prazer, né?

### 2.13. Guilhermina Campos Mattedi

Entrevista realizada em 08 de maio de 2012, na escola onde trabalha a depoente, na cidade de Joaçaba<sup>1</sup> (SC). Duração da gravação: 28min45s.

O contato inicial com a professora Guilhermina aconteceu por telefone, cujo número obtive a partir de consulta aos Anais das Feiras. A professora, hoje coordenadora pedagógica, conversou comigo e me disponibilizou o *e-mail* da escola, solicitando que eu enviasse o material para que elas (também solicitei entrevista com a professora Salete de Oliveira, diretora, que fazia parte da relação de professores selecionados) analisassem. Aceito o convite, marcamos nosso encontro em Joaçaba para o dia oito de maio. A entrevista com a professora iniciou-se às nove horas, na sua sala, da Escola Municipal Rotary Fritz Lucht. Guilhermina tem quarenta e nove anos e nasceu no interior do município de Herval Velho<sup>2</sup>. cursou o Magistério e a faculdade de Pedagogia (Supervisão Escolar). Em seguida, fez pós-graduação (*lato sensu*) em Alfabetização. Iniciou no Magistério em 1983, com 17 anos, e logo fez concurso público, efetivando-se na Secretaria Municipal de Educação de Joaçaba e lá permanecendo até hoje.

*“Então eu sempre fui uma aluna seis, sete, no máximo oito em Matemática, mas eu me descabelava para aprender, porque era aquela coisa ali, só com o símbolo, e a gente tinha que decorar, por exemplo, que de cinco não podia tirar seis, que emprestava um e que virava quinze, mas eu não sabia por que virava quinze. Na realidade eu só fui saber quando eu comecei o Magistério, quando começamos a trabalhar muito com material concreto, que a gente levava para o estágio.”*

A minha família é uma família grande. Somos em nove filhos, três meninos e seis meninas. A minha infância, como a de meus irmãos, foi muito boa, porque a gente nasceu na colônia<sup>3</sup>, o município de Herval Velho, aqui vizinho, e foi uma infância muito tranquila, porque a gente brincava muito, livre nos campos, nas árvores, tomava banho de rio. Aquela coisa assim muito gostosa e sem o que tem hoje, essa agressividade, esse dia a dia corrido.

---

<sup>1</sup> Joaçaba, cidade situada no Oeste de Santa Catarina, a 371 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>2</sup> Herval Velho, cidade situada no Oeste de Santa Catarina, a 360 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>3</sup> Colônia: aglomerado de residências e pequenos comércios, situados na zona rural.

Era uma coisa bem tranquila e bem calma, onde a gente, entre irmãos, fazia acontecer as brincadeiras, inventávamos os brinquedos, confeccionávamos bonecas de pano... Maravilhoso! Só tenho coisas boas assim para falar.

A educação que meus pais deram tanto pra mim como para meus irmãos foi uma educação bastante rígida. Bem diferente da de hoje quando as famílias deixam, como nós vemos pelos alunos daqui da escola, muito livre, né? Muito “fazer o que quer”. Então a nossa educação foi assim um tanto rígida, mas não aquela coisa rígida de apanhar, do castigo. Foi uma coisa assim mais, que a gente tinha muitos limites, a família dizia e a gente cumpria. E não tinha essa agressividade dentro de casa. Nossos pais sempre foram assim de dar limites, e a gente cumpria aquilo que eles colocavam para a gente. Muito respeito.

Hoje, Herval Velho tem na faixa de 8 ou 9 mil habitantes. Quando a gente morava lá, uns trinta anos atrás, era bem menor a cidade. É uma cidade bem tranquila, também, com poucos perigos. Hoje, ainda é assim. É uma cidade bem pouco movimentada, não é turística, não é nada, uma cidade bem do interior mesmo.

Eu entrei na escola com quase oito anos. Como a gente morava na colônia, eu completei sete anos em abril e não pude entrar no primeiro ano naquele ano; só no outro. Escola bem tradicional. Uma escola assim, que eu sempre disse que foi, pra mim, marcante, porque, apesar dela ser tradicional, era muito boa. Era a única escola do município, e ali tinha todas as faixas, pobres, médios e ricos. Então não tinha diferença no tratamento, só que, assim, era aquela escola tradicional onde a gente tinha que aprender do jeito que era imposto, né? Eu lembro que eu decorava muito, porque era muita coisa passada no quadro e eram dadas as questões e, daquelas, algumas caíam na prova. Então, assim, eu vejo que é muito diferente de hoje, quando a gente trabalha muito com material concreto, a literatura, a leitura por prazer. Na minha época, quando eu iniciei até quando terminei, sempre foi aquela coisa muito... não por prazer. E a rotina da escola era a rotina que a gente tem hoje, bem da verdade. Mas uma coisa mais sistemática. Para tudo tinha que ter fila, um atrás do outro, por tamanho, dentro da sala, tudo fila, por ordem de tamanho. Tinha bastante castigo, castigo de ficar cheirando a parede, de ficar atrás da porta... não tinha (eu não lembro) desses castigos de pessoas que contam de ajoelhar no milho, de palmatória, isso não tinha. Mas, assim, o que me marcou muito era a questão dos puxões de orelha; tinha muito nessa época, né? E cheirar parede, ficar atrás da porta, isso tinha bastante.

Pra mim, a Matemática não foi muito marcante, porque a minha dificuldade maior sempre foi nessa disciplina. Eu não era uma aluna ruim, mas não era uma aluna boa. Por isso, hoje, eu acho que me apeguei muito na Matemática quando eu iniciei no Magistério, porque, como eu sempre tive problema e eu acreditava que se ela tivesse sido trabalhada comigo da forma como nós trabalhamos depois que entrei no Magistério, eu não teria tido tantos problemas como tive.

Então eu sempre fui uma aluna seis, sete, no máximo oito em Matemática, mas eu me descabelava para aprender, porque era aquela coisa ali, só com o símbolo, e a gente tinha que decorar, por exemplo, que de cinco não podia tirar seis, que emprestava um e que virava quinze, mas eu não sabia por que virava quinze. Na realidade eu só fui saber quando eu comecei o Magistério, quando começamos a trabalhar muito com material concreto, que a gente levava para o estágio. Foi ali que eu peguei gosto pela Matemática, comecei a entender e saber de onde saíam os resultados. Por isso que a Matemática pra mim não foi marcante quando estudava, porque eu sofria muito com ela. Hoje eu amo a Matemática, participo muito (das Feiras de Matemática), participei muito, porque faz alguns anos que eu estou fora de sala, mas eu trabalho muito com as nossas professoras com material concreto e elas participam ainda, sempre com a minha orientação, porque foi um desafio pra mim amar a Matemática quando eu entrei no Magistério, porque, até então, eu tinha muito trauma de Matemática. Os professores, eu tive alguns que me marcaram, mas não para o lado bom, para o lado negativo.

Eu era bem novinha quando terminei o Fundamental e fui fazer o Magistério. Tinha dezessete anos e, pra mim, foi uma coisa muito positiva. Eu fui fazer o Magistério por acaso, porque era a escola mais próxima da minha casa. A minha mãe, como eu sou de uma família mais rígida, bem tradicional, não gostava que a gente saísse muito longe para estudar. Então eu fiz na escola bem próxima da minha casa e já gostei de cara. No primeiro ano, foi o básico e, no segundo ano, eu gostei muito da Didática, da Filosofia, da Sociologia. No terceiro ano, foi muito fácil fazer o estágio, porque eu me identifiquei muito com o trabalho.

Como eu disse, eu não tinha intenção de ser professora, mas eu lembro que, quando eu era pequena, eu gostava muito de Português. Era e sou, até hoje, apaixonada por Português. Então, eu dizia que queria fazer Letras. Não entendia que Letras era ser professora. Escutava as minhas professoras falando que elas fizeram Letras, e eu, por gostar de Português, dizia que queria fazer Letras. Não me caía a ficha que era para ser professora também.

Coincidentemente, eu fui fazer o Magistério, fiz Pedagogia e só tive essa profissão. Nunca tive outra. Entrei e fiquei. Nunca tive outra intenção profissional.

A minha formação acadêmica é em Pedagogia, e sou pós-graduada em Alfabetização. No Ensino Superior, a gente não teve Matemática, porque a Pedagogia não foi de Séries Iniciais. Foi em Supervisão Escolar, porque [o curso] estava iniciando ainda. Eu acho que eu peguei a segunda turma daqui e aí, então, nós não tínhamos Matemática. Eram mais as matérias afins da orientação. Só que eu já dava aula nessa época e, pra mim, não tinha dificuldade nenhuma. A minha dificuldade foi mesmo só enquanto aluna, até o Fundamental. Depois, eu não tive mais dificuldades.

Eu fiquei vinte anos em sala e a minha prática, a gente sempre pode dizer que nunca faz tudo e sempre tem coisas para melhorar, mas eu acho que a minha prática sempre foi muito boa, porque eu sempre trabalhei na linha de, antes de dar para o aluno aquela parte dos símbolos, sempre procurei mostrar pra eles no concreto, por eu ter sofrido com isso. E acho que a minha prática sempre foi muito boa porque os alunos sempre, não cem por cento, mas eu sempre trabalhei mais com quarta série, hoje quinto ano, mas eles tiveram sempre um aproveitamento muito bom. Em todas as minhas aulas, eu procurava sempre trabalhar a questão mais lúdica, pra eles entenderem os conceitos, diferenciar uma adição de uma subtração, uma multiplicação de uma divisão, entender o porquê dos resultados, sempre com situações-problema envolvendo as quatro operações, mas de uma maneira que eles entendessem, porque aquela história de: *‘É de mais ou é de menos?’*, se o aluno **entende** o que ele tá fazendo, ele não vai te perguntar se é de mais ou é de menos. O raciocínio o faz entender se é de mais ou de menos. Então, a minha prática, todos os vinte anos que eu fiquei (em sala), acho que a relação da minha prática com a Matemática foi sempre muito boa por eu ter trabalhado sempre com material concreto.

Hoje que eu trabalho mais de orientar as professoras, na sala que você for, você vê que o trabalho delas é na mesma linha. E, quando eu vou às salas e percebo que tem um aluno com dificuldade, eu já o questiono, porque ele tá fazendo aquilo: *‘Por que você acha que o número é esse?’* E a gente vê, na hora, se o aluno relaciona com o dia a dia dele ou se ele está fazendo aquilo automático, sem saber. Daí eu converso com as professoras. *‘Hoje eu fui à sala e aconteceu assim.’* E elas dizem: *‘Realmente, esses alunos não estavam na sala no dia em que foi trabalhado.’* Então tu percebes o aluno que faz por saber os resultados e aquele

que decora como se faz, mas não entende da onde que sai os resultados. Eu acho que, desde que eu comecei até hoje, procurei inovar...

Quando eu comecei, eu já trabalhava com material concreto. Trouxe isso do Magistério. Eu vejo que, hoje, o Magistério é bem diferente. Percebo pelas estagiárias que vêm. Até o tempo que elas ficam na escola é bem menor do que nós ficávamos. Porque, na minha época, por exemplo, eram dois meses de observação, dois de participação e dois de regência. Nós levávamos todo material pronto para a sala, que nós fazíamos no Magistério. Hoje, as estagiárias que vêm não sabem o que é o Material Dourado<sup>4</sup>, por exemplo. Eu lembro que, quando comecei, o Material Dourado era caro para comprar, e eu participei de muitos cursos de Matemática, e nós confeccionávamos o Material Dourado. A gente fazia com os alunos na sala. As unidades, as dezenas e as centenas, só a unidade de milhar ficava mais difícil. Então, a gente mostrava que os dez grupos de centena davam aquele milhar, mas eles não podiam ver o todo. Quando a gente conseguiu comprar o Material Dourado para mostrar pra eles, eles já sabiam dominar muito bem. Hoje, para o primeiro e segundo ano, o Material Dourado não tem muito significado. Só a partir do terceiro, porque, pra eles, é muito abstrato mostrar aquela dezena, aquela centena, né? Eu percebo que essa parte decaiu no Magistério, não é mais como eu fiz, mas a minha prática com as professoras é igual, porque a gente procurou cada vez mais melhorar. Então, assim, elas dizem: *‘Ah, eu vou levar hoje o Material Dourado para sala.’* Eu digo: *‘Pro primeiro e pro segundo não leve já, aí eu mostro pra elas, confeccione, para depois ser significativo aquele pronto para a criança.’* Então elas procuram fazer isso. Eu estou me aposentando ano que vem, mas eu acho, assim, que, desde lá do Magistério, a gente só foi melhorando, mas a prática sempre foi essa de usar o material concreto, tanto é que, para as Feiras, quando a gente levava, todos os materiais que a gente levava, os alunos mostravam na prática. Por exemplo, se ia mostrar fração: *‘o que é dois terços de doze, o que é um terço de doze?’* É saber que doze é o todo e que desse todo você divide três partes e você pega uma aquela parte para você. Então os alunos sabem que um

---

<sup>4</sup> Material Dourado: Material idealizado por Maria Montessori para representar os números sob a forma geométrica. As unidades são representadas por pequenas contas amarelas; a dezena (ou número 10) é formada por uma barra de dez contas enfiadas num arame bem duro. Esta barra é repetida 10 vezes em dez outras barras ligadas entre si, formando um quadrado, “o quadrado de dez”, somando o total de cem. Finalmente, dez quadrados sobrepostos e ligados formando um cubo, “o cubo de 10”, isto é, 1000. Esse material também é muito utilizado na forma que cubinhos de madeira no lugar das “contas amarelas”. Esse material destina-se a atividades que auxiliam o ensino e a aprendizagem do sistema de numeração decimal-posicional e as operações fundamentais.

terço de doze é quatro. Se você mostrar doze fichinhas ali, e essas doze você dividir em três partes iguais e você pegar uma para você, você vai ter quatro fichinhas. Se você pegar duas partes, você vai ter oito fichinhas e assim por diante. Então, isso que a gente procura mostrar para o aluno entender. Depois que ele entende isso, ele pode fazer aquele automático, doze dividido por três, vezes um, por exemplo. Então essa prática continuou, e cada vez a gente foi melhorando mais, bem diferente do que eu vejo das meninas que estão vindo hoje. Nesse momento, nós estamos com duas estagiárias do Magistério, e eu percebo que a prática é muito diferente da nossa. Então elas sofrem quando elas vêm, porque eu percebo que elas não têm essa noção de concreto.

Então, é isso que eu te coloquei: sempre foi usado esse material de apoio e sempre na introdução de um conteúdo. Nunca foi começado um conteúdo com o que está lá no livro, mas sempre trazendo dentro do que eles já sabem daquele conteúdo e mostrando pra eles o material de apoio. O Cartaz de Pregas, que lá, naquela época, era muito usado, hoje, a gente ainda usa (claro que não igual ao que a gente usava antigamente), pois é muito importante mostrar, no Cartaz de Pregas, as unidades, terminar aquelas unidades e formar o grupo das dezenas; vamos passar para as dezenas. Até eu tenho uma caixa, pra ti ter uma ideia, para trabalhar com as professoras que têm mais dificuldade. Por incrível que pareça, por coincidência, isso tudo está aqui. Há uns cinco ou seis anos atrás, cada aluno tinha o seu, mas, hoje, a gente já não faz mais assim (mostrando um material). Hoje, a gente usa as tampas dos litros Pet que está tão em alta. Separa e trabalha. A gente tem caixas e caixas de tampas, para tudo, para sequência, operação de divisão principalmente: *‘Vamos separar as verdes, as amarelas, as roxas, as vermelhas... Toda vez que você agrupa tantas desta cor você já pode mudar para essa cor que já é uma dezena, uma centena...’* Então, a partir desses materiais que a gente fazia, nós aprimoramos para o material de hoje que vem mais ao encontro com a realidade deles. Essa caixa aqui é só material concreto. Eu trabalho com professoras que têm mais dificuldade, mostro, vou para a sala com elas, faço junto, até o trabalho ficar bem encaminhado. Então, eu vejo que todo conteúdo o aluno tem que sistematizar e saber, mas, pra ele sistematizar e saber, ele tem que ver como é com o material de apoio. A partir dali, ele aprende com mais facilidade. E, mesmo assim, nós temos alunos com bastante dificuldade em Matemática. Então, eu fico pensando como é que era na época que eu estudava, que a gente quase morria e não aprendia, né? Hoje é tão mais fácil!



Como fui descobrindo esse material ao longo da minha carreira? Aprendi muitos deles no Magistério e, com o passar do tempo, graças a Deus, eu sempre fui professora efetiva do município de Joaçaba. Eu fiz concurso novinha e já entrei, com dezessete anos, e já fiquei, e eles davam oportunidade da gente fazer muito curso. Eu fazia muito curso, com especialistas em Matemática. Eu saí e fiz muito curso em Blumenau<sup>5</sup>, Joinville<sup>6</sup>, Florianópolis<sup>7</sup>, em Santa Catarina em todo lugar, Porto Alegre<sup>8</sup>, São Paulo<sup>9</sup>, com pessoas assim, muito entendidas. Tudo o que a gente estudava lá eu procurava fazer muitas oficinas práticas também. Então a gente trazia e, aqui, nós fazíamos também. A gente formava grupos e fazia para passar para os outros que não participavam. Com o passar do tempo, nós fomos melhorando, aprimorando esse material... daquele surge outra ideia, vamos fazer, depois foi comprando e cada vez foi melhorando mais.

Eu trabalhei muito com quarta série, e uma coisa que me chama muito atenção é a questão da fração, dos decimais e da porcentagem. Todos eles, se for ver, envolvem o cem, né? Uma coisa que você percebe que, se hoje você não trabalhar com as professoras, é muito automático, a fração é decorada. Se você pegar uma receita e ver lá um terço de água, ou farinha, ou o que seja, tem pessoas que fazem automático mas não sabem o que é. Então, eu amo fração, porque a gente vê que dá para mostrar, dá para saber de onde sai aquele resultado. Até minha primeira Feira de Matemática, eu nunca vou esquecer que eu fiz com fração, em Caçador<sup>10</sup>. E foi um trabalho que chamou muita atenção de todos que estavam lá, porque toda fração a gente podia mostrar com material concreto. A gente fazia muita ficha, muita ficha, a gente fazia com muita tampa, e ali dava para fazer um trabalho perfeito com fração. Essas aulas foram as que mais me marcaram, foi sempre o trabalho de fração, de número decimal, de porcentagem, por a gente poder trabalhar sempre mostrando que todos eles, por mais diferente que seja a maneira como se mostra, na fração, um centésimo é um sobre cem; na vírgula, zero vírgula zero, um; na porcentagem, já é por cem, né? A gente relacionava tudo isso, o aluno entendia, uma diferente da outra, mas todas elas com o mesmo significado. Então, pra mim, essas aulas marcaram muito, as frações.

---

<sup>5</sup> Blumenau, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 129 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>6</sup> Joinville, cidade situada no Norte de Santa Catarina, a 170 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>7</sup> Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

<sup>8</sup> Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.

<sup>9</sup> São Paulo, capital do estado com o mesmo nome.

<sup>10</sup> Caçador, cidade situada no Oeste de Santa Catarina, a 350 km de Florianópolis, capital do estado.

Em relação ao número de Feiras de Matemática que eu participei, não sei te dizer de quantas. Sei que foi bastante. Passam de dez que eu participei como professora, mas continuo participando ainda, porque eu auxilio as professoras, e a gente sempre as acompanha. A primeira que eu participei, eu não tenho bem certeza, mas eu acho que foi em Caçador, essa que eu te contei. Mas a gente também participou, eu lembro, muito antigamente, em Joinville, em Blumenau, em Criciúma<sup>11</sup>; longe assim a gente ia. Muito sofrido, porque a gente ficava em alojamento nas escolas, mas foram poucas as vezes que a gente não foi premiada. Eu, com os meus trabalhos, acho que não fui premiada em duas, de todas que eu participei. Então a gente tem muito troféu Destaque<sup>12</sup> na escola, muitos que eu trouxe, que a Salete<sup>13</sup> trouxe e outras colegas, mas mais fomos nós que trouxemos. Eu não me recordo bem, mas acho que foi em Caçador a primeira Feira de que eu participei.

O que me levou a participar das Feiras de Matemática? Eu acho assim que foi mesmo mais a questão da divulgação. No início, não tinham as Regionais<sup>14</sup> na cidade; era direto. Então eu, como gostava muito de Matemática, procurava saber as épocas das Feiras e já inscrevia o trabalho. Como muitos trabalhos se inscreviam, eles selecionavam alguns para ir. A gente foi tomando gosto e, a partir dessas, nós começamos a fazer, aqui no município, as Regionais. Hoje, são feitas as Regionais, mas, antigamente, não eram. Eu participei, alguns anos, da Comissão Organizadora das Regionais. Aqui, nós que trouxemos a ideia até para que os trabalhos que fossem já irem de melhor qualidade, porque, no início, iam vários do município, mas, às vezes, sem aquela qualidade para participar da Estadual, né? Assim, já vai um trabalho bem mais elaborado, e foi melhorando. Então, o que me levou a participar foi mesmo o gosto, por a gente fazer um trabalho legal e gostar de mostrar esses trabalhos.

Nas Feiras de Matemática, a gente percebe que muito trabalho é feito pra levar para a Feira, que muito professor não faz aquilo que eles mostram lá: *‘Ah, vai ter Feira de Matemática? Então eu vou fazer um trabalho pra levar.’*, trabalha com dois ou três alunos para levar, não é trabalhado em sala com todos os alunos. E eu acho que a Feira de

<sup>11</sup> Criciúma, cidade situada no Sul de Santa Catarina, a 184 km de Florianópolis, capital do Estado.

<sup>12</sup> Premiação Destaque: aos trabalhos apresentados nas Feiras de Matemática do Estado de Santa Catarina é dado o prêmio de “Menção Honrosa” ou “Destaque”. Os trabalhos que recebem o prêmio de Destaque são selecionados para a próxima etapa das Feiras, ou seja, o Trabalho Destaque de uma Feira Municipal é aprovado para a Feira Regional e os da Feira Regional são aprovados para a Feira Estadual.

<sup>13</sup> Professora Salete de Oliveira, que hoje é diretora da Escola Municipal Rotary Fritz Lucht, em Joaçaba. Também foi entrevistada nesta pesquisa.

<sup>14</sup> Atualmente, para os trabalhos serem apresentados na Feira Catarinense eles têm que passar pelas Feiras Regionais.

Matemática é um trabalho de sala de aula porque daí você trabalha com todos os teus alunos e pega alguns para levar, aqueles que se identificam mais com a Matemática. Mas se tu trabalhas com todos, todos têm condição de ir. É uma briga, cada vez que tem uma Feira, todos querem ir, todos têm o conhecimento, só que, claro, uma vez podia levar três, agora é só dois, fica cada vez mais restrito. Então a gente vê aqueles que tiveram mais afinidade durante o trabalho todo, aqueles que dominam melhor a fala, porque tem uns que são ótimos, mas não têm assim o domínio da fala, porque tem que explicar, tem que dizer, né? E o que a gente percebe, nas Feiras, é que tem muitos que ainda levam trabalhos prontos, que foi feito para a Feira, mas que a gente percebe claramente, conversando com os alunos, que não é o dia a dia da sala de aula. O contrário da gente, porque a gente faz o trabalho, o trabalho do ano, para levar para uma Feira. Essa é questão que a gente percebe.

A relação do nosso ensino com as Feiras é que a gente leva para as Feiras o que realmente está sendo trabalhado em sala de aula. Mesmo agora eu não estando mais, mas acompanho o trabalho das professoras. No ano passado, por exemplo, se a gente fosse ver, teria dez trabalhos para levar para Regional. Todos estavam trabalhando durante o ano, porque a gente fez um projeto em nível de município dentro de Sustentabilidade. A equipe gestora da escola fez um trabalho geral, e cada professora, dentro do nosso, fez os miniprojetos. Elas trabalharam de forma interdisciplinar, mas, lá no final do ano, elas sabiam que tinha Feira de Matemática; então, tudo o que elas puderam aproveitar no projeto para a Matemática elas levaram. Para não levar todos, a gente selecionou alguns para ir para a Regional e daí para a Estadual que foi em Piratuba<sup>15</sup>, no ano passado. Por isso, a gente acredita que o nosso ensino para as Feiras, ele está dentro, porque não é feito trabalho para elas: é feito um trabalho realmente no dia a dia e é aproveitado. Nosso objetivo maior não é a Feira, é o conhecimento do aluno, como é feito um trabalho legal a gente aproveita e leva.

No meu ponto de vista, o maior problema das Feiras de Matemática ainda é a avaliação. Hoje já melhorou, porque, de cinco trabalhos que um grupo de jurados avalia, eles dão tantos Destques e tantos Participação. Mas sempre fica aquela dúvida, se não é injusta a avaliação, porque a gente percebe que fica muito trabalho bom de fora com esse sistema de avaliação. Se toda equipe que avalia tem que dar três Destques, às vezes, em um grupo nenhum mereceria ser Destaque enquanto que, em outro, todos mereceriam e só pode dar para três. Então a

---

<sup>15</sup> Piratuba, cidade situada no oeste de Santa Catarina, a 395 km de Florianópolis, capital do estado.

questão da avaliação nas Feiras sempre é uma polêmica. Eu acredito que também tem o grupo que estuda tudo isso porque todo ano tá melhorando, mas ainda tem problemas na avaliação. Eu considero assim, no geral, a Feira de Matemática muito boa, porque, como a Matemática ainda é o problema maior da educação, os alunos têm a maior dificuldade ali, é um trauma, proporciona bem mais o crescimento e o gosto pela mesma, é um incentivo. Antes, a gente só via Feiras de Ciências. Então surgiram as de Matemática; agora, tá começando as de Literatura também. Eu acho que todas as áreas deveriam ter, mas a de Matemática, na minha avaliação é um ponto muito positivo, pelo gosto, pelo interesse dos alunos a se dedicar mais à Matemática e perceber que ela não é tudo aquilo que parece ser, que amedronta, né? Desde que trabalhada bem legal em sala pra levar, não aquele trabalho que o professor faz, o aluno decora, vai lá e apresenta, como tem alguns que a gente percebe.

## 2.14. Salete de Oliveira

Entrevista realizada em 08 de maio de 2012, na escola onde trabalha a depoente, na cidade de Joaçaba<sup>1</sup> (SC). Duração da gravação: 19min37s.

O contato inicial aconteceu por telefonema para a escola onde a professora Salete trabalha e por intermédio da professora Guilhermina (outra entrevistada). Joaçaba (onde Salete e Guilhermina moram) e Blumenau<sup>2</sup> são cidades distantes uma da outra. Fiz viagem para a entrevista um dia antes, num domingo, para que, no dia marcado, eu já estivesse cedo na escola e pudesse retornar para Blumenau naquela tarde. A entrevista com a professora se iniciou às nove horas e quarenta minutos, na sua sala da Escola Municipal Rotary Fritz Lucht, em Joaçaba. Salete tem quarenta e nove anos e nasceu em Joaçaba, cursou o Magistério. Em seguida, fez a faculdade de Pedagogia na UNOESC<sup>3</sup>, de Joaçaba, e pós-graduação (*lato sensu*) em Psicopedagogia. No início da entrevista, pareceu um pouco tensa, mas, aos poucos, ficou mais à vontade e falou sobre sua experiência de vida e trabalho.

*“Eu sempre gostei mais do Português. Nunca gostei muito de Matemática. Então, não tenho nenhum professor dessa disciplina que me marcou, com uma experiência maravilhosa que eu tenha tido. Sempre tive dificuldade na Matemática. [...] No Superior, eu tive um semestre de Matemática. Nesse semestre, a gente aprendia a fazer jogos para trabalhar em sala de aula. Então, tive um semestre, e um semestre é pouco tempo para você aprender muita coisa. Eu me lembro que a professora trazia os jogos, nós confeccionávamos e jogávamos, para saber como se jogava, para, daí, poder trazer para a sala de aula. Eu não tive dificuldades, porque era mais no concreto.”*

Nós éramos uma família grande: nove filhos. Meus pais trabalharam sempre no interior, até uma idade, e nós tivemos uma educação muito boa. Eles souberam dar aquela educação que toda família deveria ter, aqueles limites necessários para todos os nove filhos, tanto que todos tiveram seu rumo na vida certo, nenhum se perdeu no meio do caminho. Eles eram uns pais que a gente não podia dizer que escutamos eles discutindo. A gente nunca viu. Eles

---

<sup>1</sup> Joaçaba, cidade situada no Oeste de Santa Catarina, a 371 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>2</sup> Blumenau, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina a 129 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>3</sup> UNOESC: Universidade do Oeste de Santa Catarina.

tinham as suas desavenças, mas não faziam ou discutiam na frente dos filhos. Eles tinham o momento quando que se acertavam. A nossa educação na família foi uma educação excelente, tanto pelos nossos pais, que, hoje, eles não estão mais, já faleceram, mas todos os filhos eram muito assim. A gente é muito família. Então, eles não estão mais, mas os irmãos continuam sendo aquela família, aquela base, que a gente teve lá no início.

Nasci aqui em Joaçaba e tive uma infância muito boa, feliz. Eu era uma criança muito feliz. A gente tinha liberdade para fazer as nossas brincadeiras, porque as brincadeiras de antigamente eram bem diferentes das de hoje. Eu morava no interior e tinha espaço suficiente para brincar: subia árvore, descia árvore, pulava em rio, nadava em rio, mas era tudo coisa dentro do limite, a gente sabia, o pai e a mãe deixavam, mas tal hora tinha que estar em casa e a gente sabia que, àquela hora, tinha que estar em casa. Então, a minha infância foi excelente.

A minha escola também era do interior. Era um colégio de freiras, em Nova Petrópolis<sup>4</sup>, bem rígido na educação. Até me lembro bem direito: tinha uma irmã que dava aula pra mim e era daquela que você tinha que entrar em fila, sentar certinho e ficar ali quietinha até que terminasse a aula. Era uma educação que você tinha que decorar as coisas. Não era como hoje, que a gente vai trabalhando no construtivismo. Mas a gente via que a gente aprendia também, né? Muitas vezes pela cobrança, tanto da escola quanto da família, mas a gente aprendia. Tudo que aprendeu lá a gente não esquece. Então, a Educação Básica que eu tive foi de muito boa qualidade, apesar de que foi um tempo mais antigo. Mas foi de muito boa qualidade.

Quando eu era aluna, nunca tinha Feira de Matemática. A gente estudava as quatro operações, decorava a tabela. Eu lembro muito bem que a gente tinha que ficar de pé para cantar as tabelas, mas Feira de Matemática a gente não teve, não tinha nada dessas situações que tem hoje, porque hoje é bem mais fácil, você tem outras situações no concreto, no dia a dia em que você pode aprender Matemática. Naquela época, a gente não vivenciava tanto, mais era a sala de aula. Então era o que o professor cobrava na sala de aula mesmo.

Quando eu terminei a oitava série, só tinha o São José<sup>5</sup>, o colégio estadual de Herval d'Oeste<sup>6</sup>, que tinha o Magistério. Então, eu saí da oitava série e já fiz a matrícula no

---

<sup>4</sup> Nova Petrópolis, cidade situada no Oeste de Santa Catarina, a 406 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>5</sup> Hoje Escola de Educação Básica São José, Herval d'Oeste (SC).

<sup>6</sup> Herval d'Oeste, cidade situada no Oeste de Santa Catarina, a 369 km de Florianópolis, capital do estado.

Magistério, e era só à noite. Nós morávamos aqui no bairro em Joaçaba, e era lá em Herval d'Oeste o colégio. A gente sempre estudou de dia. O pai e a mãe não gostavam da aula de noite, mas como só tinha lá, então eu tinha que estudar de noite. Eu lembro que meu pai todo dia ia me encontrar. Eu vinha até uma altura, e lá ele estava me esperando para eu vir para casa. Não tinha muita opção de formação naquela época, mas como eu já queria ser professora, então optei para ser...

Ali, nós tivemos um professor que era bancário e, como bancário, não tinha aquela didática que um professor teria. Ele era mais um técnico. Explicava como bancário, e era o que ele passava pra nós. Quem já tinha dificuldade na Matemática continuava tendo, né? Então não nos ajudou muito. Eu não tive uma professora de Matemática no Magistério que eu dissesse: *'Eu realmente aprendi'*.

Eu sempre gostei mais do Português. Nunca gostei muito de Matemática. Então, não tenho nenhum professor dessa disciplina que me marcou, com uma experiência maravilhosa que eu tenha tido. Sempre tive dificuldade na Matemática. Agora, se fosse para falar que algum professor de Português, eu já saberia quem me marcou, mas professor de Matemática, não teve nenhum que eu dissesse assim: *'Esse foi marcante na minha vida'*. O que eu tenho para dizer foi o Costinha<sup>7</sup>, que foi um que deu aula pra mim, mas ele não foi um professor que eu posso dizer assim que me marcou por alguma experiência maravilhosa que ele tenha me ajudado, tanta era a dificuldade que eu tinha na Matemática.

Fiz Pedagogia e pós-graduação em Psicopedagogia aqui em Joaçaba, na UNOESC de Joaçaba. No Superior, eu tive um semestre de Matemática. Nesse semestre, a gente aprendia a fazer jogos para trabalhar em sala de aula. Então tive um semestre, e um semestre é pouco tempo para você aprender muita coisa. Eu me lembro que a professora trazia os jogos, nós confeccionávamos e jogávamos, para saber como se jogava, para daí poder trazer para a sala de aula. Eu não tive dificuldades, porque era mais no concreto, nas noites que você ia à faculdade (uma noite por semana), e tudo que é vivenciado é mais fácil de entender. Se a gente tivesse, quem sabe dois, teria sido bem mais... eu teria aprendido bem mais do que no Magistério que eu fiz três anos, que, pra mim, não ajudou muito.

---

<sup>7</sup> O professor Costinha lecionava a disciplina Química para o Ensino Médio da Escola de Educação Básica Governador Celso Ramos de Joaçaba (SC).

Bom, eu sempre quis ser professora. Desde pequena que a gente brincava de escolinha, eu sempre era a professora. Então, era o meu sonho ser professora e consegui ser. Eu nunca tive outra intenção profissional, a não ser ser professora.

Eu iniciei no Magistério já faz vinte e sete anos. Quando comecei a lecionar, comecei no interior, numa Escola Multisseriada<sup>8</sup>. Então lá tinha de 1ª a 4ª série, todos os alunos iguais. Como a gente morava no interior, tinha que planejar uma aula para o primeiro ano, uma para o segundo, uma para o terceiro e uma para o quarto, era bem mais difícil. Mas a gente trabalhando lá no interior (por outro lado) é mais fácil, porque tem muito mais apoio da comunidade.

Então, desde o primeiro ano, eu comecei a trabalhar no concreto porque tinha horta. A gente semeava, cuidava da horta, era merendeira, era faxineira, era tudo nessa escola. Fazia horta e, através dela, eu comecei a trabalhar com os alunos: eles plantavam, faziam as covinhas, contavam, iam contando quantas sementinhas iam, todas essas coisas a gente já ia trabalhando no lúdico.

Eu fiquei quatro anos dando aula no interior e já comecei a ter esse gosto pela Matemática, porque você tendo o material, você faz milagre dentro da Matemática. Foi nessa experiência que eu tive, no interior, que comecei a ter aquele gosto e a trabalhar com materiais concretos na Matemática, para saber que é através disso que a criança vai tendo conhecimento. Como eu tinha apoio da comunidade, os pais vinham na escola também, trabalhavam com o aluno, o hectare, quanto ia... então, todos os alunos que saíam entendiam o que eles estavam aprendendo na Matemática. Não era aquela coisa do momento. Eles sabiam, eles levavam ao longo da vida aquele conhecimento. No interior, muitas pessoas antigas não tinham aulas de Matemática, mas eles davam lição de Matemática para qualquer pessoa, de hectares, metro quadrado, e esses pais vinham também, quando a gente estava trabalhando na horta, e a gente fazia todo esse trabalho, tudo no lúdico. Aí a criança aprendia.

Depois de quatro anos, eu vim para Escola Rotary<sup>9</sup>. Eu sempre trabalhei com primeira série. Eu comecei lá na escola com trinta e seis alunos e terminei com trinta e seis alunos no segundo ano. Era ciclo básico e, como era bastante aluno, era difícil trabalhar, mas eu sempre

---

<sup>8</sup> Escola Multisseriada. Escolas onde há várias turmas do Ensino Primário estudando na mesma sala de aula, com um único professor.

<sup>9</sup> Escola Municipal Rotary Fritz Lucht, Joaçaba (SC).



procurava trabalhar no concreto. Eu trazia sementes para a escola, trabalhava com tampas e, quando não tinha, a escola sempre foi carente, a gente não tinha aquele material sofisticado, mas o que era sucata a gente trazia para a escola para trabalhar com esses alunos. Então, naquele ano, eu trabalhei no ciclo básico. Eu trabalhei com segundo. A partir daí, quando eu comecei com os primeiros anos, que eu comecei a trabalhar com Feira de Matemática.

Eu trabalhava com tampas. Eu fiz uma campanha de tampas, tudo quanto é diversidade de tampas e, com essas tampas, eu desenvolvia todo o meu trabalho. Eu trabalhava problemas, as quatro operações, tudo o que era possível trabalhar com essas tampas. A criança entendia todo o processo, porque eu pegava aqueles pratinhos de macarrão e, com aquelas tampinhas, eles faziam tudo no concreto, até que todos eles tinham aquela base de como fazer o que eu estava ensinando. Então foi um período maravilhoso que eu trabalhei.

É claro, além das tampas, a gente tinha aquele Material Dourado<sup>10</sup>, que é riquíssimo, o Ábaco<sup>11</sup> também. Eu nunca ensinei nada sem que, primeiro, a criança praticasse ali no concreto para, depois, passar para o caderno. Então, a gente vê que é mais fácil para ensinar também. A gente vê, hoje em dia, que tá na coordenação, que é mais difícil de fazer o professor entender que, trabalhando assim, com a criança vivenciando, é mais fácil para ela chegar lá. A gente tenta fazer, mas nem todo mundo aceita o que a gente fala.

Eu fui descobrindo o material... Como eu já te falei, a gente chega e vê que o aluno tem aquela dificuldade e só com o quadro-de-giz ele não aprende. Então, você precisa de algo mais. Foi com essa dificuldade que eu senti, que o aluno não aprendia só com você falando lá na frente, que eu me avaliei e senti que alguma coisa estava errada. Então, eu tentei começar a trazer esses materiais para a escola e daí vi que deu resultado, que é isso mesmo que precisa ter nas escolas para que o aluno aprenda. E a Matemática é uma coisa boa, porque é aquilo,

---

<sup>10</sup> Material Dourado: Material idealizado por Maria Montessori para representar os números sob a forma geométrica. As unidades são representadas por pequenas contas amarelas; a dezena (ou número 10) é formada por uma barra de dez contas enfiadas num arame bem duro. Esta barra é repetida 10 vezes em dez outras barras ligadas entre si, formando um quadrado, "o quadrado de dez", somando o total de cem. Finalmente, dez quadrados sobrepostos e ligados formando um cubo, "o cubo de 10", isto é, 1000. Este material também é muito utilizado na forma que cubinhos de madeira no lugar das "contas amarelas" Este material destina-se a atividades que auxiliam o ensino e a aprendizagem do sistema de numeração decimal-posicional e as operações fundamentais.

<sup>11</sup> Ábaco é um antigo instrumento utilizado para realizar cálculos, formado por uma moldura com bastões ou arames paralelos, dispostos no sentido vertical, correspondentes cada um a uma posição de um algarismo no sistema de numeração decimal (unidade, dezena...) e nos quais estão os elementos de contagem (fichas, bolas, contas...) que podem fazer-se deslizar livremente.

ela é exata, ela não é alguma coisa que você pode achar; tem que ser aquilo, é uma coisa que, se o aluno entende, ele vai carregar para o resto da vida dele, ele entendeu. Agora, quando ele não entende, ele entende só no momento e esquece.

Eu comecei com a Feira de Matemática, com as tampas. Eu fiz um projeto com elas. Eu tinha vinte e cinco alunos no primeiro ano e, como tinha tampa de todos os tamanhos – pequena, grande, média –, de várias cores, eu fiz um trabalho maravilhoso com toda a turma. Eu planejei o meu plano de curso, que era um projeto que fiz e que durou trinta dias. Trabalhei todo conteúdo de Matemática daquele mês com as tampas: classificação, ordenação, divisão, multiplicação, situações-problema. Tudo o que eu podia envolver com aquelas tampas eu trabalhei. Foi um projeto maravilhoso, porque foi a turma que melhor entendeu todo o processo da Matemática. Foram para a segunda série prontos para continuar aquele conteúdo. E foi uma aula assim, que até hoje eu lembro. Foi uma experiência maravilhosa que tive. Eu trabalhava tudo interdisciplinarmente. Até as provas eu procurava um texto que envolvia aquela disciplina e, dentro do texto, a gente introduzia outros conteúdos. E foi uma aula assim, que até hoje eu lembro. Foi uma experiência maravilhosa que tive. Eu trabalhava tudo interdisciplinarmente. Até as provas eu procurava um texto que envolvia aquela disciplina e, dentro do texto, a gente introduzia outros conteúdos. Então eu peguei esses três alunos que eu senti que melhor se saíram na sala e levei pra Feira de Matemática. Esse projeto foi um projeto assim para a vida. Muito bom!

Eu participei a primeira vez (das Feiras) foi com garrafas de cerveja, que eu fiz uma experiência. Nós medimos quantos copos iam numa garrafa de cerveja. Eu dava aula no quinto ano, quarta série naquela época, e foi a primeira Feira de Matemática em que eu levei um trabalho porque a criança media. Eu não levava cerveja, levava garrafa com água, e eles mediam para ver quantos copos dava, e a de refrigerantes. Todas essas questões nós fizemos. Foi o primeiro projeto que eu fiz e foi Destaque<sup>12</sup>. Eu acho que eu participei em quatro edições de Feiras de Matemática, e em todas o meu trabalho foi Destaque. A Guilhermina<sup>13</sup> era a que mais ia, sempre ia. Então foi através do trabalho que ela foi fazendo, a gente foi se

---

<sup>12</sup> Premiação Destaque: aos trabalhos apresentados nas Feiras de Matemática do Estado de Santa Catarina é dado o prêmio de Menção Honrosa ou Destaque. Os trabalhos que recebem o prêmio de Destaque são selecionados para a próxima etapa das Feiras, ou seja, o Trabalho Destaque de uma Feira Municipal é aprovado para a Feira Regional e os da Feira Regional são aprovados para a Feira Estadual.

<sup>13</sup> Professora Guilhermina Campos Mattedi, coordenadora pedagógica da Escola Municipal Rotary Fritz Lucht, Joaçaba (SC). Também é professora colaboradora desta pesquisa.

motivando e foi fazendo também. O que me levou foi ela, que começou, e daí a gente foi se motivando a fazer, e nós éramos parceiras de trabalho, sempre uma ajudava a outra. Era eu, a Guilhermina e a Saletinha<sup>14</sup>, na escola nós éramos em três, uma ajudava a outra e íamos para as Feiras de Matemática. E sempre a nossa escola ia como Destaque. Depois eu comecei na direção da escola e daí eu incentivo quem vai porque a gente tá fora da sala de aula e não tem como a gente participar.

A estratégia das Feiras, quando é trabalhado em sala de aula, com todos os alunos, quando se faz um trabalho interdisciplinar, é válida. Agora, a gente sabe que tem pessoas que fazem um projeto e tiram crianças para fazer o trabalho só com os três, fora. Isso pra mim não tem validade nenhuma, porque daí a criança não aprende, ela decora e, não é três alunos da sala, é a sala toda, é uma equipe. Eu acho que tem que ser desenvolvido o projeto, mas todos os alunos têm que participar e, dentre esses, se tira os que vão apresentar. Mas o trabalho tem que ser desenvolvido na sala. Agora a gente sabe que muitas vezes não é isso que acontece.

Eu acho que as Feiras de Matemática estão excelentes, os trabalhos que são apresentados são maravilhosos. Não interessa se a gente ganha ou não ganha. O que vale é o aprendizado, e, quando um trabalho é bem feito, ele é levado para toda vida, porque o ser humano, quanto ele faz uma coisa bem feita e com amor, ele não esquece mais. Então as Feiras de Matemática devem continuar, é uma coisa assim que, quem vai, escuta, aprende, porque as crianças sabem o que estão falando. Só que eu acho que cada escola tem que pensar como que desenvolve este trabalho, para que não seja uma coisa assim só de dizer, né: *‘Eu vou só pra eu fazer este trabalho, vou lá para mostrar.’* Tem que ser um trabalho envolvendo a escola, em que os alunos aprendam e não só dois ou três. Mas assim, a minha visão em relação às Feiras de Matemática, é que eles são um trabalho maravilhoso.

---

<sup>14</sup> Professora Salete Aparecida Henrique, professora da Educação Infantil.

## 2.15. Catleen May Gumz Fink

Entrevista realizada em 18 de maio de 2012, na escola onde trabalha a depoente, na cidade de Indaial<sup>1</sup> (SC). Duração da gravação: 17min48s.

O contato com Catleen foi obtido por meio de uma representante da GERED<sup>2</sup> de Timbó<sup>3</sup> que me forneceu o telefone da escola e da residência da professora. Após algumas semanas depois do primeiro contato, a professora me retornou informando que aceitava participar da pesquisa. Liguei várias vezes para a escola para tentarmos agendar, mas nossos horários não combinavam. Conseguimos, por fim, marcar a entrevista para o dia catorze de maio. Alguns dias antes, recebi um *e-mail* da professora informando que ela tinha médico naquele dia e solicitando remarcar a entrevista. Dessa vez, a entrevista foi marcada para o dia dezoito de maio, no início da tarde. Nesse dia, logo após o almoço, me dirigi ao município de Indaial, onde a entrevistada mora e trabalha. Cheguei ao Colégio Municipal de Indaial por volta das quatorze horas e vinte minutos e encontrei a professora em sua sala. A entrevista se iniciou às quatorze horas e quarenta minutos. Catleen tem quarenta e quatro anos, cursou o Magistério e fez Pedagogia. Iniciou no Magistério em 1986 e, hoje, já tem 26 anos de serviço. Há alguns anos, retornou à faculdade e, hoje, cursa Arquitetura.

*“[...] tentava trabalhar com meus alunos, essas noções básicas, os fatos básicos, que eu achava importante as crianças terem essa noção do porquê, como, de onde é que vem...”*

Nasci em Indaial, e a minha mãe era professora, hoje aposentada. Ela trabalhou muitos anos com alfabetização; então foi um lado meu que trabalhei bastante, essa questão da alfabetização. Eu gostei, foi uma faixa etária que eu gostei de trabalhar, que eu mais trabalhei. E a educação familiar... sou de uma família onde a mãe é professora, né? Então, assim, a questão do desempenho escolar sempre veio em primeiro lugar. Notas boas, sempre notas altas, estudo, dedicação, isso era uma coisa bem cobrada da gente, sempre.

---

<sup>1</sup> Indaial, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 149 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>2</sup> GERED: Gerência Regional de Educação do Estado de Santa Catarina.

<sup>3</sup> Timbó, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 159 km de Florianópolis, capital do estado.

Atualmente, sou casada, tenho dois filhos. Em casa, está bem desenvolvida a questão das exatas: meu marido é engenheiro civil, tenho um filho fazendo Engenharia Civil, e o outro também adora Matemática. Eu tenho um filho de 18 anos e outro de 15 anos. Os dois amam Matemática e são avessos à Língua Portuguesa. Então, isso já vem de casa, pai, mãe e dois filhos, e acredito que também isso tenha vindo da minha formação, tenha vindo de casa, minha mãe gostava muito de Matemática.

Fiz até a oitava série em Indaial; o Segundo Grau até tinha na cidade, mas, aí, eu procurei uma coisa um pouquinho a mais... e, então, eu fui para Blumenau<sup>4</sup> e fiz no Pedro II<sup>5</sup>. Depois, eu já engrenei a faculdade.

O ensino, na Educação Básica, não era com material concreto, era bem tradicional. Por isso, eu digo que eu acho que era uma coisa de mim. Eu gostava dessa questão de exatas, por estar desenvolvendo, né?

No Magistério, eu tive muita relação com a professora Maria Regina Spengler<sup>6</sup>. Eu me lembro que ela era de Gaspar<sup>7</sup>. Até tentei procurá-la, mas não achei. Foi uma pessoa que me marcou bastante na questão de metodologias aplicáveis da primeira à quarta série ou primeiro ao quinto ano. Coisas bem práticas, possíveis de fazer, o porquê da Matemática, onde se aplica, foi muito importante na minha vida. No Ensino Superior, eu não me lembro de alguém que tenha marcado. Eu lembro que eu tive Matemática, mas uma coisa mais Segundo Grau, assim, mas não tenho muitas lembranças dessa época.

Dificuldades quanto à Matemática eu não me lembro de ter, não. Realmente, eu sempre tive uma relação muito boa, eu gostava de desafios. Gosto ainda. Então, sempre tive facilidade com a Matemática.

Os professores de Matemática sempre marcaram muito a minha vida. Eu sempre gostei da área das exatas e, assim, os professores de Matemática marcaram a minha vida. Outros professores a gente até escuta assim: *‘Ah, não, eu não gostava.’* Eu não sei se eu posso dizer o

---

<sup>4</sup> Blumenau, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 129 km de Florianópolis, capital do Estado.

<sup>5</sup> Escola de Educação Básica Pedro II, Blumenau (SC).

<sup>6</sup> Maria Regina Spengler, professora de Matemática da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino, em Blumenau (SC). Durante anos lecionou Matemática no Curso de Magistério da Escola de Educação Básica Pedro II.

<sup>7</sup> Gaspar, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 116 km de Florianópolis, capital do Estado.

nome de todos eles, mas eu sei bem. Até uma das professoras de Matemática do meu colegial é minha melhor amiga hoje em dia. Então eu sempre digo que tem bastante a ver.

A minha intenção profissional era ser médica. Queria ser pediatra, mas, uma vez, em conversa dos meus pais com um médico da cidade, aqui é uma cidade bem menor, Indaial, e tinha um ou dois médicos só, e aí ele disse: *‘Não. Não deixa a tua filha fazer medicina, vai para a área da educação.’* Como a minha mãe era professora... *‘Então como vai ter criança também, vai ser professora’*. Mas eu acho que foi melhor escolha que a medicina. Eu acho que eu não ia me dar bem, não.

Hoje em dia, não sei se eu teria optado por outra coisa, porque eu gosto desse universo escolar, de lidar com ser humano, lidar com crianças, lidar com adolescentes. O trabalho em sala de aula (atualmente eu sou orientadora educacional) me fascina. A gente faz um concurso para ir para outra carreira, mas, se pudesse voltar, eu voltaria para a sala de aula, eu voltaria para o segundo ano atual, que seria a classe de alfabetização. E eu amo trabalhar com Matemática.

Meu ingresso no Magistério foi quando eu estava no segundo ano da faculdade, quando eu já queria ter alguma coisa para poder estar colocando em prática o que estava aprendendo em sala de aula, e isso pra mim favoreceu bastante.

Nas aulas de Matemática, passando para os alunos, eu sempre tentei puxar mais, puxar para o cotidiano, o material concreto, eu usei muito material concreto na sala de aula, diversificado, não sempre o mesmo. E sempre me colocava na situação do aluno, como eu queria ver aquilo, como eu gostaria de trabalhar, como eu iria sentir aquilo se eu fosse aluno.

Material de apoio didático? Eu utilizava bastante, mas eu utilizava mais material sucata, muita sucata, porque na época eu lembro, o que tinha de material pronto eram os Blocos Lógicos<sup>8</sup>.

Eu trabalhei com pré-escolar, um tempo quando eu era ACT<sup>9</sup>, e lá a gente trabalhava bastante, né? Foi até coisa que a gente aprendeu lá no Magistério, de ver a questão da

---

<sup>8</sup> Blocos Lógicos: é um conjunto de pequenas peças geométricas, desenvolvidas na década de 1950 pelo matemático húngaro Zoltan Paul Dienes, com o objetivo de desenvolver a lógica e o raciocínio abstrato nas crianças.

<sup>9</sup> ACT: Admissão em Caráter Temporário, sistema de contratação de professores para substituir um professor efetivo que esteja em licença ou preencher uma vaga que não possua professor efetivo.

seriação, diferenciação das peças, grossura, tamanho, cor, formação de conjuntos. E o que a gente vê é que, hoje em dia, os professores quase não trabalham mais essas noções básicas. Eles acham que conjunto não precisa mais trabalhar. Então tentava trabalhar com meus alunos, essas noções básicas, os fatos básicos, que eu achava importante as crianças terem essa noção do porquê, como, de onde é que vem, que não precisa ser necessariamente dessa forma, pode ser uma forma parecida. Utilizava, não era tanto na época do consumismo, vamos dizer assim, mas já se usava copinho de iogurte, *Danoninho*, palito de picolé, canudinho, coisas assim que eles tinham em casa, traziam, e a gente montava um armário. Durante o ano, a gente ia trabalhando e chegava o final do ano, época de Natal, já fazia os enfeites de Natal com aquele material para dar uma reciclada para, no outro ano, utilizar os mesmos materiais, mas novos.

Eu tive muito apoio, além das referências que a gente tem da época de estudante, da prefeitura. Tinha uma professora que era coordenadora de Matemática, e ela incentivava bastante a gente a trabalhar com material concreto assim. Ela dava cursos e tal. Eu lembro que, na época, também tinha a Luiza Gobbi<sup>10</sup>, de Joaçaba. Então, a gente seguiu muitas cartilhas, apostilas dela. Eu acho, até, que eu fiz um ou dois cursos, na época dela. Até estava olhando se tem ainda alguma coisa dela ali no material. Eu participei do Prêmio de Educação Básica<sup>11</sup>, este da foto, de Incentivo à Educação Fundamental e, na época, a dona Ondina Poffo<sup>12</sup> levou para Luiza Gobbi para ver se o trabalho estava mais ou menos aquém do esperado, se podia ser levada adiante essa pesquisa e tal. Éramos eu e outra professora que realizamos o trabalho, eu e a Fábria<sup>13</sup>. Então esse apoio que eu tive dessa pessoa responsável pelo município foi muito importante, porque, às vezes, quando o professor está em sala de aula, ele tem ideias, mas precisa de alguém para dar aquele empurrãozinho pra ele desenvolver aquelas ideias.

Assim, o material de sucata foi surgindo conforme vinha a onda e, à medida que ia trabalhando e vendo que as crianças gostavam (porque era o que elas tinham em casa e

---

<sup>10</sup> Luiza Gobbi. Professora da Secretaria de Educação do município de Joaçaba (SC). Uma das precursoras do Movimento de Educação Matemática no Estado de Santa Catarina.

<sup>11</sup> Prêmio de Educação Básica de Incentivo à Educação Fundamental. Prêmio oferecido pelo MEC que tem por objetivo reconhecer o trabalho de professores de 1º ao 5º ano do ensino fundamental da rede pública que estejam desenvolvendo ou tenham desenvolvido experiências pedagógicas relevantes.

<sup>12</sup> Ondina Poffo. Professora Coordenadora da Área de Matemática da Secretaria de Educação de Indaial (SC), no período citado pela depoente.

<sup>13</sup> Fábria Rosana Müller. Professora dos Anos Iniciais da SEMED de Indaial.

podiam estar trabalhando, podiam estar vendo, o próprio material escolar deles), eu usava bastante. Trabalhava bem com o concreto mesmo!

Uma boa aula de Matemática? Tem uma que eu gostava muito que era utilizar as mãos, os dedos na questão da unidade e dezena. Onde os alunos passavam o lápis ao redor dos dedos, dobravam, aí formava a questão da unidade até chegar na dezena; quando chegava na dezena, juntava as mãozinhas e formava uma dezena e, daí, juntava um grupo maior de alunos. Então, dessa (aula) os alunos gostavam bastante, e a gente colocava depois num muralzinho, pra eles estarem vendo a sequência. E ia até o trinta, quarenta, que era mais ou menos o número de alunos. Isso eles gostavam bastante: saber que tinham uma ferramenta boa que eram as mãos deles, para estar contando. E outra também era uma musiquinha, que até ensinei esses dias. É aquela: *‘O zero está chorando, porque ele não vale nada; não chore, seu bobinho, você fez foi uma embrulhada. Se você chamar o um, bem depressa ele virá, e juntinho com você, o dez logo formará.’* E assim vai até o noventa, noventa e nove, né?

Quanto à Feira de Matemática, eu participei bastante. Comecei com as Feiras Regionais, depois, fui para as Catarinenses, né? É como uma cachaça. Você toma o primeiro golinho, gosta e vai querendo enfrentar desafios. Você vê os trabalhos dos outros e vê que é capaz, que não é tudo aquilo, que não precisa fazer grandes espetáculos, que o professor em sala de aula realiza um trabalho muito bom que, muitas vezes, é só questão de divulgar. Até nesse Prêmio da Educação Fundamental, o que aconteceu é que antes do final do ano, em dezembro, foi dito: *‘Oh! Tem um concurso, a nível nacional, quem tem interesse de participar...’* Então, eu e essa outra professora nos reunimos nas férias, o que, para os professores, às vezes, férias é para descansar e tal, mas nós dissemos: *‘Não, nós vamos aceitar esse desafio. Nosso trabalho está bom, a gente foi para uma Feira, ganhou; para uma Feira Catarinense, ganhamos. Então, vamos divulgar o nosso trabalho para ver o que dá.’* A gente montou e mandou. Não lembro quanto tempo, mas, depois, a gente recebeu o recado que fomos classificados a nível estadual e fomos para uma seleção a nível nacional. E, nessa seleção, acho que eram dez trabalhos escolhidos. Hoje em dia, acho que a Vitor Civita<sup>14</sup> faz um trabalho parecido, da Nova Escola<sup>15</sup>, né? Não levou muito tempo e fomos classificadas entre muitos professores. De Santa Catarina, a gente foi o único. A gente foi para Brasília buscar esse prêmio. A partir de

---

<sup>14</sup> Fundação Vitor Civita.

<sup>15</sup> Revista Nova Escola, revista destinada a professores que atuam na Educação Infantil e Básica.



então, a gente percebeu que, no município ou até na região, assim, houve uma vontade dos professores de estarem participando das Feiras de Matemática, tanto a nível Regional quanto Catarinense, levar trabalhos maiores. E até a questão da Matemática em si na sala de aula, de estar desenvolvendo.

A gente recebeu correspondências do Brasil todo. Nós nem conseguimos responder todas. Hoje em dia, com o *e-mail*, é um pouco mais fácil, mas, na época, era complicado. Mas, assim, foi um trabalho bem divulgado. Até, nós tivemos um convite para apresentá-lo, agora não lembro se foi no Paraguai ou Uruguai. Mas eles queriam que levasse alguns alunos junto, aí complicou um pouco por causa dessa questão de levar aluno. Se eu não me engano, um pouco antes desse prêmio, uns dois anos antes, nós tínhamos escrito também para a Revista Nova Escola. Então, eles aceitaram nosso desafio e vieram fazer uma entrevista aqui. Só que é mais uma questão de reportagem, não explorava muito a questão do trabalho em si. Também deu uma outra divulgação de um trabalho de Matemática que a gente realizava. Daí saiu na revista, acho que foi em abril de 1994.

E a questão das Feiras de Matemática, mesmo, para participar era a questão do desafio. Quando terminava uma Feira, a gente já pensava no próximo ano, no que poderia estar desenvolvendo, o que poderia estar fazendo de diferente, vendo trabalhos dos colegas dos estandes vizinhos, vendo o que é possível, o que podia ser feito de outra forma...

A relação entre o ensino de Matemática e as Feiras de Matemática eu acho muito positiva, porque, para o professor, é um desafio, o professor ver que ele pode estar mostrando para os outros o que ele está fazendo dentro da sala de aula. Que é uma coisa simples, às vezes uma mudança de ideia, uma proposta diferente para trabalhar o mesmo conceito e estar desenvolvendo isso e, até, pela questão das crianças. A gente via que as crianças gostavam de estar levando o trabalho delas, de estar apresentando. Então, a gente chegou a ir para Joinville<sup>16</sup>, São Bento do Sul<sup>17</sup>, Criciúma<sup>18</sup>, na época, nas Feiras Catarinenses. Depois, até como orientadora, eu incentivava também os professores e, aí, a gente foi para Videira<sup>19</sup>, com

---

<sup>16</sup> Joinville, cidade situada no Norte de Santa Catarina, a 170 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>17</sup> São Bento do Sul, cidade situada no Planalto Norte de Santa Catarina, a 224 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>18</sup> Criciúma, cidade situada no Sul de Santa Catarina, a 184 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>19</sup> Videira, cidade situada no Oeste de Santa Catarina, a 364 km de Florianópolis, capital do estado.

os alunos daqui da escola. Então, dependendo do professor, se ele tem interesse, a gente dá aquele apoio e leva para a Feira, né?

Quanto à avaliação geral das Feiras de Matemática, faz um tempinho que eu não participo mais, nem como professora, nem como auxiliar (vamos dizer assim) de professora, mas eu vejo que é muito bom. Deveria até ser mais divulgado. O que a gente sente um pouco de falta é a divulgação nas escolas, porque até nem sei quando ocorre... A última que a gente participou, nós que tivemos que ligar para saber em que data, como. Isso porque o nosso município, antes, tinha uma outra administração, e eles não eram muito favoráveis à Feira de Matemática. Então, a escola teve que correr atrás sozinha, comprar até uma briga para estar levando um trabalho legal para essa Feira.

Um dos quesitos das Feiras era participar de uma Feira Regional<sup>20</sup>, e nós não participávamos porque o município não participava. Aí não passava pelo crivo do município. Ou, então, que tivesse uma municipal e, como o município não realizava, foi uma dificuldade, mas a gente conseguiu, no final, brigando. Esse seria um quê, mas eu acho muito importante. E, assim, a divulgação nas escolas, ainda mais que, hoje, a gente tem *e-mail*, né?

---

<sup>20</sup> Desde 2001, para participar da Feira Catarinense de Matemática o trabalho tem que ser Destaque em uma das Feiras Regionais organizadas pelas Gerências Regionais de Educação de Santa Catarina.

### 3. EXPERIÊNCIAS, NARRATIVAS E HISTÓRIA ORAL: aspectos metodológicos desta investigação

*Para quem escreve memórias, onde acaba a lembrança, onde começa a ficção? Talvez sejam inseparáveis. Os fatos da realidade são como pedra, tijolo – argamassados, virados parede, casa, pelo saibro, pela cal, pelo reboco da verossimilhança – manipulados pela imaginação criadora. [...] Só há dignidade na recriação. O resto é relatório. (Pedro Nava)*

As primeiras histórias da humanidade foram contadas oralmente, de forma que a oralidade era, muitas vezes, o único meio de comunicação utilizado para que as pessoas apresentassem suas versões dos fatos. Os mais velhos das comunidades narravam seus conhecimentos, suas vivências, suas experiências, suas práticas para os mais novos, e esses se apropriavam dos resíduos dessas enunciações, de forma que os ensinamentos eram conhecidos através das gerações.

[...] o ato de narrar está entre as faculdades humanas mais antigas e é instrumento importante de transmissão e preservação de heranças identitárias e de tradição, sob a forma de registro oral ou escrito, caracterizando-se, principalmente, pelo movimento peculiar de contar, transmitir com palavras as lembranças da memória no tempo. (CURY, 2010, p. 61)

Com o tempo, o oral foi sendo relegado ao segundo plano, colocado em dúvida e passou a ser cada vez mais substituído pelo escrito. A história “escrita” ganhou da academia o *status* de versão “oficial”, preponderante para o que viria a ser chamado de “discurso científico”.

A partir do séc. XIX, a academia passou a adotar o método documental como a única forma de “produzir” história. Nesse período, o pesquisador deveria manter-se imparcial, neutro, analisando documentos oficiais e apresentando os fatos “como aconteceram”, conforme o que estava registrado por escrito. A oralidade tornou-se ilegítima para a produção historiográfica.

E o que aconteceu com o “oral”? Afinal, muitos dos documentos não foram escritos por homens que, de certa forma, registraram sua “versão” da situação?

Nas primeiras décadas do séc. XX, a *École des Annales*, um grupo de pesquisadores franceses que, segundo Cury (2011), encorajava várias inovações teórico-metodológicas no âmbito da Historiografia, começou a questionar as práticas do historiador e a buscar “outras” formas de produzir/escrever a história. Nessa busca, os pesquisadores ligados ao grupo realizaram uma transformação no campo historiográfico, voltaram seus olhares para outras fontes, outros critérios de constituir acervos documentais, outras concepções sobre o próprio modo de praticar historiografia, surgindo, então, o que hoje se revela como um antecedente do que temos chamado de “trabalhar com versões da história”. Cientes de que, se duas ou mais pessoas vivenciam um mesmo acontecimento, elas podem (e provavelmente terão) duas versões nem sempre convergentes do mesmo “fato”, de que versões são permeadas por vivências, experiências e concepções, começam a surgir, mais contemporaneamente, estudos baseados em narrativas. As metodologias voltadas para as narrativas produzidas por diferentes agentes vão, aos poucos, legitimando, no domínio da ciência, a narrativa como importante elemento para compreensão do mundo. Bolívar (2002) afirma que contar as vivências e “ler” (no sentido de “interpretar”) os atos e ações, à luz das histórias narradas, se converte em uma perspectiva singular de investigação, extremamente significativa para as Ciências Humanas e, em particular, para os estudos em Educação.

A narrativa tem o poder de, além de veicular a informação propriamente dita, apresentar detalhes particulares, vivências, visões e verdades do sujeito, marcas de suas singularidades, que os documentos escritos, via-de-regra, escondem. As tramas narrativas permitem ao pesquisador entender, muitas vezes, o motivo pelo qual determinadas atitudes foram tomadas e determinadas ações aconteceram. Segundo Bolívar (2002), “a narrativa não só expressa importantes dimensões da experiência vivida, mas sim, mais radicalmente, faz a mediação com a própria experiência e configura a construção social da realidade”<sup>1</sup> (p. 43). Benjamin (1994) contribui com esses estudos afirmando que “a narrativa [...] não está interessada em transmitir o ‘puro-em-si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (p. 205), ou seja, ao

---

<sup>1</sup> La narrativa no solo expresa importantes dimensiones de la experiencia vivida, sino que, más radicalmente, media la propia experiencia y configura la construcción social de la realidad.

narrarmos um acontecimento, nós o incorporamos, damos sentido a ele, o vivenciamos novamente e, em seguida, o transmitimos, já como recriação.

Muitos trabalhos em Educação, e mais precisamente em Educação Matemática, nosso campo de estudo, que pretendem analisar as concepções de professores, analisam relatórios, planos de aulas, diários de classe, ou seja, documentos próprios do dia a dia escolar. Essas fontes, ainda que sejam importantes, não são suficientes. No nosso entender, é preciso ouvir os principais atores desse processo, sejam eles professores, alunos, administradores escolares etc. Os manuscritos disponíveis nos arquivos escolares, na maioria das vezes, não deixam explícitas muitas faces dos métodos utilizados pelos professores, do dia a dia da sala de aula, do porquê da utilização de determinada abordagem, das inovações realizadas (ou não), dos motivos que os levaram a agir da forma como agiram, ou seja, não apresentam uma série de informações que só são possíveis de serem conhecidas na expressão viva de quem vivenciou certa experiência e concorda em narrá-la, compartilhando-a.

Pelo fato da atividade educativa ser uma ação prática que acontece em situações específicas, guiada por determinadas intenções, parece – como expressam os professores e professoras quando nos falamos de suas aulas – que os relatos e o modo narrativo é uma forma [...] de compreender e expressar o ensino.<sup>2</sup> (BOLIVAR, 2002, p. 46) (Tradução nossa)

Algumas iniciativas de pesquisa em Educação Matemática têm gerado trabalhos que, tendo a Metodologia da História Oral como método, ou um dos métodos, de pesquisa, coletam narrativas e as analisam.

Na Metodologia da História Oral, as memórias narradas são as fontes primeiras de pesquisa. A História Oral ressalta, assim, “a importância da memória, da oralidade, dos depoimentos, das vidas e das pessoas julgadas essenciais – sob algum ponto de vista – para compreender os ‘objetos’ que as investigações pretendem focar” (GARNICA, 2007a, p. 17).

Esta nossa pesquisa faz parte de um projeto maior denominado “Mapeamento da formação e atuação de professores que ensinam/ensinaram Matemática no Brasil”,

---

<sup>2</sup> Debido a que la actividad educativa es una acción práctica que acontece en situaciones específicas, guiada por determinadas intenciones, parece – como lo ponen de manifiesto los maestros y maestras cuando nos hablan de sus clases – que los relatos y el modo narrativo es una forma [...] de comprender y expresar la enseñanza

desenvolvido pelo GHOEM. Credenciado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o projeto visa à elaboração de uma cartografia histórica e, para isso, vale-se da Metodologia da História Oral para cuidar da narrativa de professores que atuam (ou atuaram) nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no estado de Santa Catarina e, assim, colaborar com a cartografia proposta pelo grupo. Acreditamos, pois, que a realidade e os instrumentos teóricos até agora desenvolvidos no âmbito daquele projeto macro do GHOEM são uma forma legítima, adequada e interessante de conhecer e analisar as práticas e as concepções sobre o Ensino da Matemática de professores, pois, como afirma Bolívar (2002), a oralidade e os métodos que se apoiam nas narrativas nos permitem “representar um conjunto de dimensões da experiência que a investigação formal deixa de fora, sem poder dar conta de aspectos relevantes (sentimentos, propósitos, desejos etc.)”<sup>3</sup> (p. 61) (tradução nossa).

Quando falamos em Metodologia da História Oral, pensamos não somente em um conjunto de procedimentos técnicos de investigação, mas num conjunto de procedimentos bem definidos que vão desde a escolha dos integrantes da pesquisa até a análise das entrevistas, unido a uma sólida fundamentação; a uma metodologia que busca, de acordo com Garnica (2004), articular fundamentação teórica com procedimentos de pesquisa. Afinal, segundo Lozano (2001), “fazer história oral significa [...] produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos ‘outros’”. (p. 17).

Num primeiro momento, para que esta nossa investigação tomasse forma, nos concentramos na tentativa de “dimensionar” a pesquisa: quais professores seriam nossos colaboradores, como selecioná-los?

Pensamos em focar professores que participaram como orientadores de trabalhos apresentados em edições da Feira Catarinense de Matemática, um evento que julgamos ser singular para a Educação Matemática no estado de Santa Catarina.

---

<sup>3</sup> Representar un conjunto de dimensiones de la experiencia que la investigación formal deja fuera, sin poder dar cuenta de aspectos relevantes (sentimientos, propósitos, deseos, etcétera).

Não procuramos professores quaisquer, mas aqueles que têm práticas reconhecidas como diferenciadas<sup>4</sup> em relação à Matemática, e que, de algum modo, são reconhecidos em suas comunidades por terem práticas docentes de “sucesso” em relação ao ensino e à aprendizagem dessa disciplina.

As Feiras Catarinenses foram o evento escolhido pelo fato de, há quase trinta anos, divulgar práticas “diferenciadas” desenvolvidas nas escolas catarinenses. Para apresentar seu trabalho em uma Feira Catarinense, o professor e seus alunos são selecionados em instâncias anteriores por um grupo de avaliadores (como ocorria nas primeiras edições das Feiras) ou, pelas etapas municipal e regional (segundo critério atualmente vigente). A seleção para apresentar trabalhos na Feira Estadual traz um reconhecimento da comunidade ao professor, à escola e aos alunos.

Inicialmente, nosso objetivo era analisar as concepções e práticas desses professores sobre o ensino e a aprendizagem da Matemática.

Após as entrevistas, devido ao fato de as Feiras de Matemática serem um ponto-chave entre os critérios de seleção de depoentes e, por isso, assunto recorrente nas narrativas coletadas, decidimos elaborar uma história desse evento.

De acordo com Delgado (2007),

[...] cada depoente fornece informações e versões sobre si próprio e sobre o mundo no qual vive ou viveu. A história oral, em decorrência, é um processo de recordação realizado por um sujeito individual, mas socialmente integrado. Dessa, forma, os relatos e os testemunhos contêm em si um amálgama maior, o da inserção em uma comunidade específica. (p. 52)

A elaboração de uma versão histórica sobre as Feiras deu-se a partir da análise de documentos sobre o evento (relatórios das primeiras edições e anais das últimas), dos depoimentos das professoras colaboradoras e de uma entrevista com um dos criadores das Feiras Catarinenses de Matemática e seu atual coordenador. A entrevista com o atual

---

<sup>4</sup> Quando falamos em práticas diferenciadas, evocamos a ideia de práticas didáticas distintas das tradicionais. Esses professores trabalham com contextualização, jogos, investigações várias, saídas de campo e/ou trabalhos interdisciplinares, por exemplo.

coordenador do evento se fez necessária, uma vez que, durante a busca das informações, algumas questões foram levantadas e os dados não foram encontrados nos relatórios e anais disponíveis. Dessa forma, após fazer o levantamento de dados bibliográficos, “conversamos” com o professor Vilmar José Zermiani, a fim de sanar as últimas dúvidas sobre o evento e sua história.

Quanto à seleção dos professores<sup>5</sup> a serem entrevistados, esse processo se baseou nos seguintes critérios:

- 1) selecionar professores que tivessem participado das Feiras Catarinenses de Matemática na categoria Anos Iniciais;
- 2) priorizar colaboradores que participaram de mais de uma edição das Feiras Catarinenses de Matemática e que, para termos um panorama temporal, participaram de edições mais antigas dessas feiras;
- 3) priorizar professores da região de Blumenau, por ser a única do estado de Santa Catarina que teve representantes em todas as edições da Feira; e
- 4) priorizar professores formados pela FURB<sup>6</sup> ou centros universitários da região de Blumenau.<sup>7</sup> Esse critério teve como perspectiva a utilização futura das informações obtidas para uma análise dos cursos de licenciatura dessa região.

Ao fazer a primeira seleção dos professores a serem entrevistados, verificamos que, da listagem inicial obtida, com 452 nomes de professores dos Anos Iniciais que apresentaram trabalho nesse nível de ensino, pelo menos uma vez nos eventos, apenas 25 eram do sexo masculino, sendo que nenhum deles se encaixava no primeiro critério. Dessa forma, “os professores colaboradores” da nossa pesquisa se tornaram “as professoras colaboradoras”.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> Até esse momento, não sabíamos que contaríamos apenas com depoentes professoras. Portanto, ainda usávamos o genérico no masculino: “professores”.

<sup>6</sup> FURB: Universidade Regional de Blumenau.

<sup>7</sup> As Feiras de Matemática surgiram em Blumenau, Santa Catarina. Situada no Vale do Itajaí, Blumenau está a 129 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>8</sup> A listagem com os nomes dos participantes e a informação (tornada, inclusive, como sendo senso comum) de que recorrem ao Magistério das Séries Iniciais mais mulheres que homens, já nos permitia supor que teríamos mais professoras que professores entre nossos entrevistados. Nossos critérios de seleção, não aplicáveis a professores, permitem, portanto, que, na continuidade deste trabalho, usemos sempre no feminino termos como “professoras”, “colaboradoras”, “entrevistadas” etc. Uma discussão mais pormenorizada sobre a questão do gênero será feita em momento oportuno.



Verificamos, também, que o terceiro critério foi uma consequência do segundo, devido, justamente, ao fato de haver um maior número de Feiras Regionais na região da Blumenau, o que fez com que a participação em Feiras de Matemática, nessa região, se tornasse algo familiar, próximo, habitual entre os professores.

O quarto critério não foi levado em consideração na seleção das professoras, visto que não havia como identificar, num primeiro momento, a instituição de ensino superior em que as professoras selecionadas como colaboradoras haviam estudado. Imagínávamos que, pelo fato de as professoras morarem em regiões próximas a Blumenau, isso aconteceria, mas verificamos, durante as entrevistas, que isso não se evidenciou. Assim, o terceiro critério, enunciado como possibilidade inicial, foi descartado.

Para obtenção dos nomes das possíveis professoras a serem entrevistadas, analisamos, durante o primeiro semestre de 2011, todos os Relatórios e Anais disponíveis<sup>9</sup> das vinte e cinco primeiras Feiras Catarinenses de Matemática, ou seja, de 1985 a 2009<sup>10</sup>. Muitos desses registros, entretanto, tiveram que ser descartados por não apresentarem o nome dos professores orientadores dos trabalhos apresentados. Verificou-se, no estudo dessa documentação inicialmente mobilizada, a frequência com que cada professor dos Anos Iniciais de escolaridade – junto de seus alunos – foi selecionado para apresentar trabalhos, considerando todas as Feiras Catarinenses sobre as quais foi possível obter dados. Disso, foram chamadas a colaborar professoras com maior número de participações e algumas das que participaram das primeiras edições da Feira.

A busca concentrou-se, mais particularmente, em professoras que apresentaram trabalhos em mais de uma das Feiras Catarinenses de Matemática, por acreditarmos que a frequência de participação cuidaria de, ela mesma, indicar professoras insistentes em tornar públicas e dispostas a compartilhar – e não apenas circunstancial ou ocasionalmente – suas práticas de sala de aula, mais propriamente as práticas que elas próprias julgavam, segundo algum critério, diferenciadas, “boas”, interessantes. Com isso, manifestam-se as concepções sobre o Ensino de Matemática que são nosso tema. Isso não implica, entretanto, que

---

<sup>9</sup> No início, não havia Anais das Feiras (começaram a ser confeccionados a partir de 1999), e muitos relatórios haviam sido extraviados.

<sup>10</sup> As Feiras de Matemática continuam sendo realizadas até hoje no estado de Santa Catarina. Escolhemos o período de 1985 a 2009 para estudo, pois não tivemos acesso aos anais das Feiras dos anos posteriores a 2009, uma vez que ainda não estavam prontos quando iniciamos a pesquisa. Esse período foi escolhido, também, pelo fato de ter sido nesse ano que iniciamos nosso processo de doutoramento.

professores com poucas participações ou professores mais recentemente incluídos no rol de participantes não possam ter experiências significativas a relatar ou que suas concepções e práticas não estejam em nosso horizonte de preocupação. Ocorre que é preciso, para um trabalho de pesquisa, fazer opções para torná-lo exequível, e esse foi, portanto, o caminho que tomamos. Estudos posteriores e complementares podem ter como colaboradores outros professores participantes (ou até mesmo, por exemplo, os que optam por não participar das Feiras ou foram delas excluídos pelos critérios de seleção de cada instituição), com os quais panoramas cada vez mais amplos poderão, aos poucos, serem esboçados.

Selecionadas as professoras, procedemos à análise inicial, temporal e geográfica, verificando a região onde elas se encontravam e de quais Feiras haviam participado. A partir dessa análise, selecionamos dezenove professoras que haviam participado de três ou mais edições das Feiras Catarinenses.

A busca por essas professoras foi feita de duas formas: a partir das informações registradas nos Anais das Feiras e por meio dos representantes das várias regiões que fazem parte da Comissão Central Organizadora das Feiras (CCO) e que trabalham nas mais diversas Gerências de Ensino<sup>11</sup> e Secretarias Municipais de Educação. Esse primeiro contato foi feito, na sua grande maioria, via correio eletrônico. Apenas duas professoras foram contatadas por telefone.

Dessas, duas que participaram das primeiras edições das Feiras não foram encontradas. Uma não foi encontrada no número de telefone indicado, e houve a recusa de outra docente, justificada por ser ela muito tímida e acreditar que não se sentiria bem durante a entrevista. Dessa forma, quinze professoras aceitaram colaborar com a pesquisa.

O Mapa (1), a seguir, apresenta a localização geográfica das professoras colaboradoras desta nossa pesquisa. Ele pode ser comparado ao Mapa (2), que apresenta os locais em que ocorreram as 25 primeiras Feiras Catarinenses<sup>12</sup>. É possível perceber, a partir desse cotejamento, que as professoras selecionadas encontram-se onde ocorreu o maior número de Feiras Catarinenses. Isso se deve ao fato de haver um grande incentivo das Secretarias de

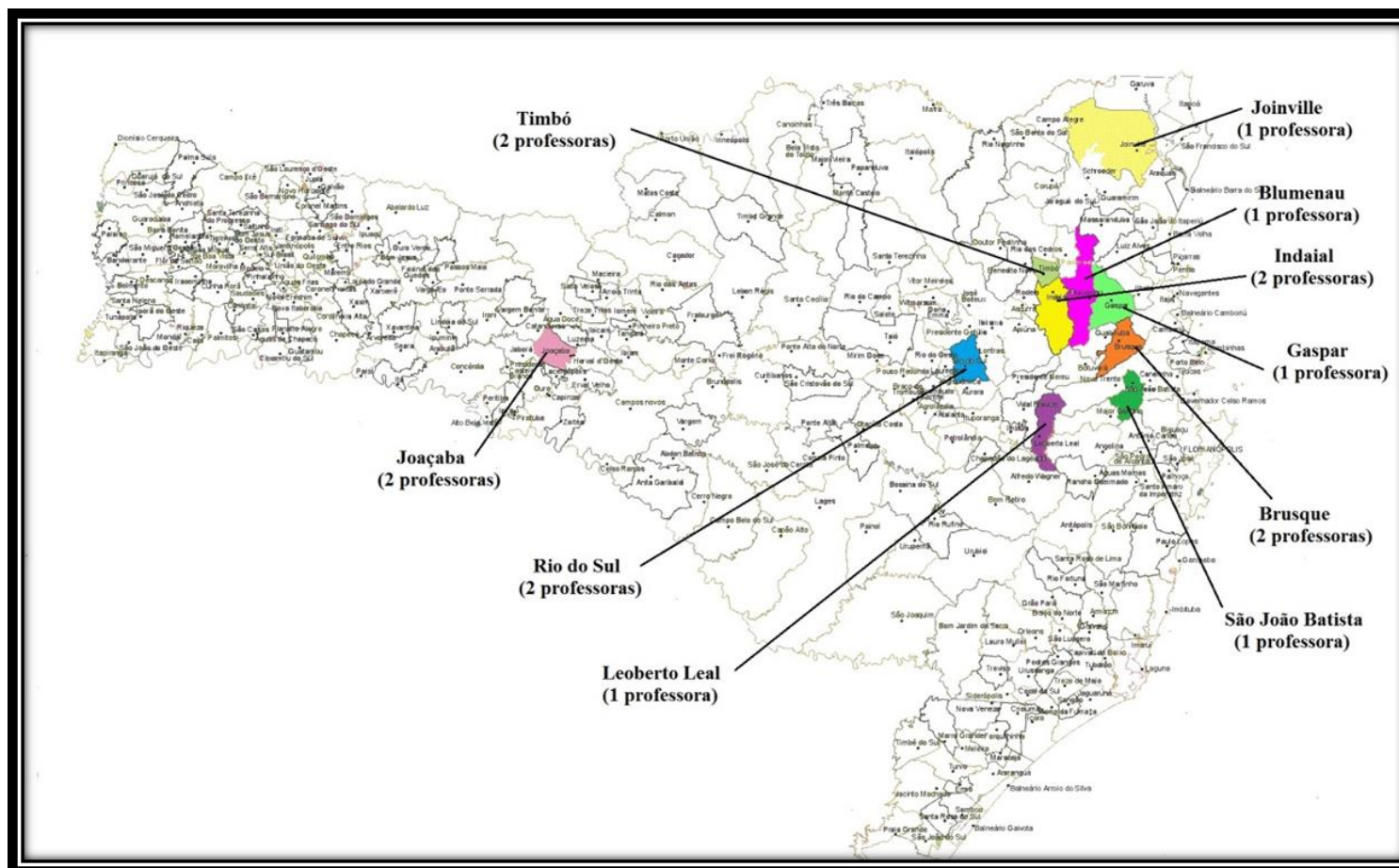
---

<sup>11</sup> Gerências de Ensino: Coordenadorias Regionais de Ensino do Governo de Santa Catarina.

<sup>12</sup> Há Feiras Municipais, Regionais e Estaduais. Nossas colaboradoras foram selecionadas entre as que participavam das Feiras Estaduais (tendo sido, para isso, selecionadas nas Feiras Regionais). As Feiras Estaduais – das quais o Mapa 2 dá a localização – ocorrem anualmente em locais distintos para atender à diversidade geográfica dos participantes. Esse assunto será aprofundado quando tratarmos da Historiografia das Feiras.

Ensino – Municipais e Estaduais. Esse incentivo das Secretarias, em decorrência, mobiliza professores, alunos e escolas, de modo que há algo que poderíamos chamar de um “movimento” favorável às Feiras.

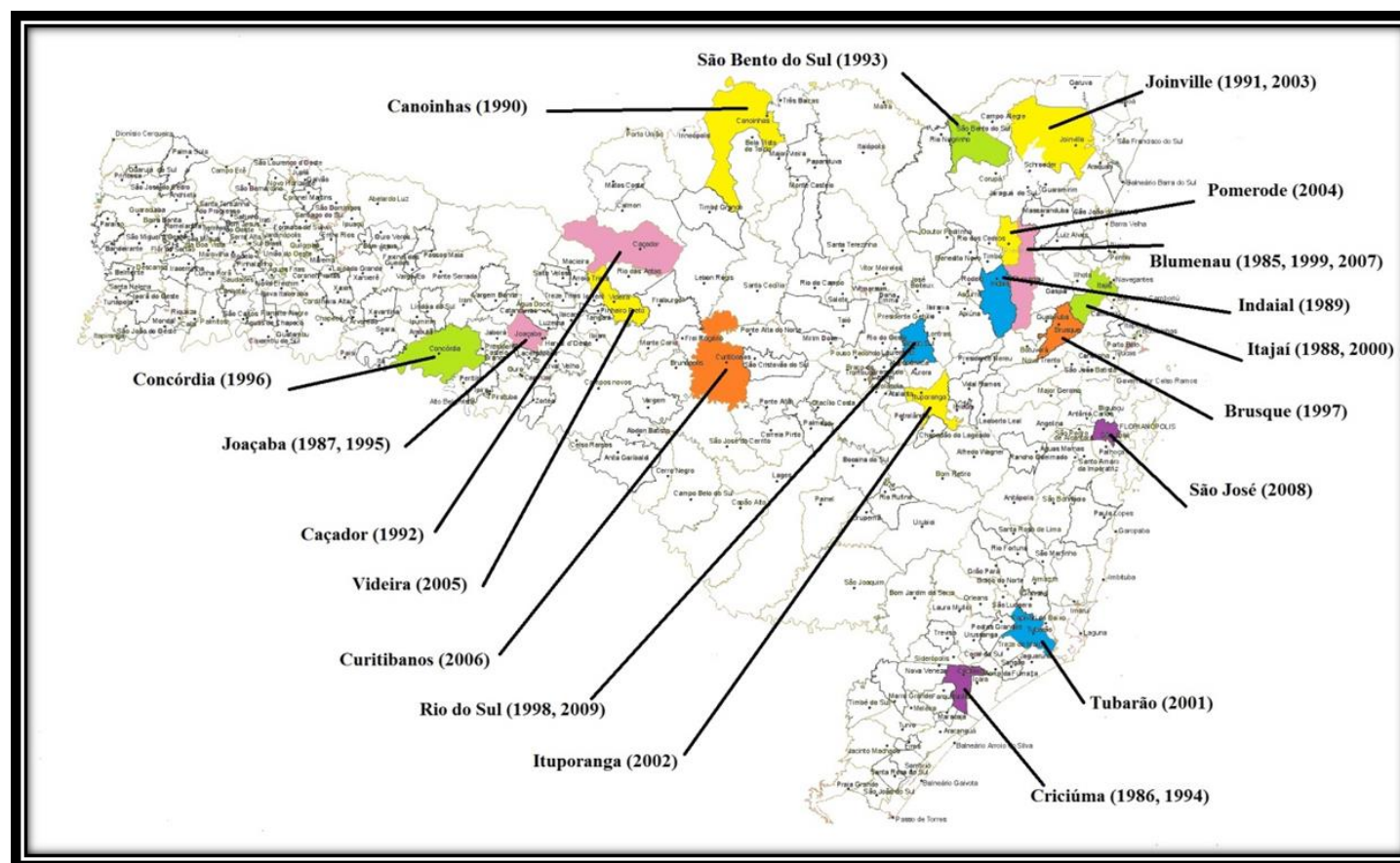
**MAPA 1 - ESTADO DE SANTA CATARINA:  
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DAS PROFESSORAS COLABORADORAS DESTA PESQUISA**



Fonte: Elaborado por Viviane C. da Silva.

## MAPA 2 – ESTADO DE SANTA CATARINA:

### LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DAS VINTE E CINCO PRIMEIRAS FEIRAS CATARINENSES DE MATEMÁTICA



Fonte: Elaborado por Viviane C. da Silva.

Nossas depoentes, conforme apresentado no Mapa 1 localizam-se nas cidades de Joinville, Timbó, Blumenau, Indaial, Gaspar, Busque, São João Batista, Leoberto Leal, Rio do Sul e Joaçaba. Nesta pesquisa, denominamos esse conjunto de cidades de região de Blumenau.

Quando falamos em região, não estamos nos apoiando na noção geográfica, apesar de muitas das cidades se encontrarem próximo a Blumenau (cidade onde surgiu o evento). Por outro lado, há cidades que se encontram geograficamente em regiões distantes de Blumenau. Um exemplo disso é Joaçaba, que se encontra a 317,1 km. Quando falamos em “região” estamos nos referindo à relação dessas cidades, mesmo que tenham participado do evento por um determinado período apenas, uma vez que a participação está diretamente vinculada às propostas educacionais das Secretarias Educacionais Regionais e Municipais, com o evento. Apesar de, hoje, essas cidades não participarem mais desse evento, durante um período (período em que as professoras colaboradoras participavam) tiveram grande envolvimento. Citando novamente a cidade de Joaçaba, nela reside uma das professoras que participou da organização das primeiras Feiras e que foi uma grande incentivadora do movimento, tanto na sua cidade quanto no estado.

Dessa forma, assim como para Baraldi (2003), em sua tese de doutorado, para nós, a região é “uma paisagem elaborada por nossos olhos e mentes, carregada de lembranças e significados” (p. 111-112), no nosso caso, relacionados às Feiras de Matemática.

O Quadro 01 apresenta a relação das professoras colaboradoras, na ordem cronológica da realização das entrevistas, a data em que aconteceram, a cidade e a sua duração. A apresentação das textualizações das entrevistas também segue essa ordem.

**Quadro 01: Relação das entrevistas (na ordem em que foram realizadas)**

<b>Entrevistada</b>	<b>Data</b>	<b>Cidade</b>	<b>Duração</b>
Maria Adélia Bento Schmitt	07/10/2010	Blumenau	35 min (*)
Mirian Vivan de Oliveira	14/12/2011	Joinville	20 min (*)
Rose Mary do Nascimento Agostini	15/12/2011	Ascurra	25 min (*)
Loriane Furrbringer Dalcastagne	19/12/2011	Brusque	20 min (*)
Luiza Maria Felippi Antônio	13/03/2012	Timbó	19min35s
Sandra Maria Buchmann	19/03/2012	Gaspar	57min38s
Elnor Jennrich Teske	19/03/2012	Indaial	29min47s
Íris Tuty Dalcanale Araújo	26/03/2012	Rio do Sul	23min32s
Alcírís de Oliveira Zabel	26/03/2012	Rio do Sul	37min17s
Lúcia Margarida Braun Guckert	27/03/2012	Leoberto Leal	52min00s
Sandra Terezinha Sartori Martini	03/04/2012	São João Batista	34min16s
Gisela Bononomi	09/04/2012	Brusque	22min40s
Guilhermina Campos Mattedi	08/05/2012	Joaçaba	28min45s
Salete de Oliveira	08/05/2012	Joaçaba	19min37s
Catleen May Gumz Fink	18/05/2012	Indaial	17min48s

(\*) Tempo aproximado

Destaca-se que o tempo das primeiras entrevistas é aproximado, pois não as realizamos com gravador digital.

Ao mesmo tempo em que estabelecíamos os critérios para a seleção dos colaboradores, julgamos importante elaborar um roteiro para a entrevista, analisando todas as questões que deveriam ser levantadas segundo o que pretendíamos investigar.

A elaboração do roteiro pauta-se pelas intenções de pesquisa e pelo perfil do colaborador, com questões que apenas orientem o pesquisador, pois no transcorrer da entrevista questões podem ter sido contempladas sem a interferência do pesquisador, outras surgem do diálogo estabelecido, e é interessante que este roteiro esteja naturalizado pelo pesquisador no momento da entrevista (FERNANDES, SOUZA e MARTINS-SALANDIM, 2010, s/p)

Para nossa pesquisa, elaboramos um roteiro geral (cf. Apêndice 1), com quatorze questões, aberto à inserção de outras que se mostrassem necessárias durante a entrevista. As questões inicialmente propostas envolvem a família, a infância, a educação em casa, as formações básica e superior, a prática do professor e sua experiência em relação às Feiras Catarinenses de Matemática.

As questões sobre a experiência das professoras em sala de aula foram formuladas com base na estratégia metodológica que adotamos, fundamentada no fato de trabalharmos com a abordagem indireta, ou seja, buscamos as concepções das entrevistadas sobre o ensino e a aprendizagem da Matemática por meio das análises das narrativas dessas práticas.

Apesar de apenas quatro questões enfocarem as Feiras de Matemática, as professoras, ao falarem sobre a sua profissão, mencionavam o evento. Isso pode ter ocorrido pelo fato de esse evento ter grande importância no desenvolvimento profissional delas, como algumas deixam claro, ou por elas saberem que haviam sido selecionadas por terem participado dele. Talvez, nesse sentido, o critério de seleção tenha direcionado um pouco a narrativa das colaboradoras.

Após a escolha das depoentes, a elaboração do roteiro, os contatos, os convites e os aceites, partimos para as entrevistas. Durante esses encontros, procuramos interferir o menos possível, mantendo um “distanciamento” cuidadoso, calculado, deixando as entrevistadas à vontade, para que pudessem narrar suas memórias. Tentamos, em todos os casos, ser interlocutores atentos e interessados, interagindo a todo o momento com as depoentes.

Em virtude da inviabilidade de estarmos presentes para conhecer e analisar as práticas de todas as professoras colaboradoras e, até mesmo, porque algumas delas estão, hoje, fora de sala de aula (assumindo outros cargos nas escolas) ou aposentadas, optamos por atribuir



significado às práticas e concepções a partir dos relatos dessas professoras sobre seu dia a dia na sala de aula, sobre como elas enfrentam (ou enfrentavam) as diversidades, sobre como implementaram (ou não) atividades (diferenciadas ou não) relativas ao Ensino de Matemática e, até mesmo, atentando para o modo como elas relatam essas experiências pelas quais passaram.

A compreensão de uma realidade, por qualquer tipo de análise, tendo em vista os relatos, as narrativas, apoiadas em visões de mundo, versões sobre um determinado acontecimento, hábitos e práticas, inclui (ou pode incluir) a compreensão dos modos de narrar do outro: os modos pelos quais o outro atribui significados às suas próprias experiências. (CURY, 2010, p. 66)

Acreditamos que a entrevista seja uma ferramenta muito importante neste tipo de pesquisa, pelo fato de que, no momento em que o professor colaborador se dispõe a narrar sua vida e sua prática, ele passa a relatar fatos do seu dia a dia, sentimentos, escolhas, sucessos, fracassos, valores e reações, os quais são elementos passíveis de conhecermos apenas por meio do contato direto com a pessoa, o que torna cada história ímpar.

Afirmar que optamos pelas narrativas para “capturar” as práticas e concepções dos professores sobre vários temas ligados ao cotidiano escolar não significa que a narrativa mostre a prática ou a concepção: é tão somente apostar num elemento para coletar perspectivas (as narrativas, captadas oralmente e tornadas texto escrito) a partir das quais o pesquisador atribui significado ao que pensa serem as práticas e/ou concepções dos professores (ou faces, elementos, dessas concepções e práticas). As narrativas, acreditamos, nos aproximam de práticas e concepções. Quando trabalhamos com narrativas, buscamos levar o narrador a compartilhar conosco os significados que ele atribui para suas experiências, suas vivências, suas práticas, para que possamos entender suas atitudes, seus olhares, suas concepções, pois “o narrador retira da experiência o que ele conta” (BENJAMIN, 1994, p. 201).

E como concebemos “experiência”?

O tempo – os minutos, as horas, os dias, as semanas, os meses, os anos – não pára e, no entanto, a “sucessão temporal”, o “passar do tempo”, o “acontecer” é muito relativo. Para algumas pessoas, as coisas acontecem e simplesmente são esquecidas. Já para outras, as

situações são marcantes, atuam de forma a fazê-las analisar o acontecido, a ‘transformá-las’, refletindo sobre suas atitudes e circunstâncias; afinal, “para cada pessoa há coisas que lhe despertam hábitos mais duradouros que todos os demais” (BENJAMIN, 1987, p. 105).

Várias pessoas podem estar juntas, vivenciando um “mesmo” acontecimento e o elaborarão, para si, de modos distintos, tornando-os (ou não) experiência, pois a experiência é plenamente subjetiva, única, individual, uma vez que sua componente fundamental é a “capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma”. (LARROSA, 2002, p. 25- 26).

Podemos, então, afirmar que a experiência é o que nos transforma, nos faz refletir. Esta reflexão leva à busca de um sentido para o que nos acontece, gerando um saber denominado por Larrosa (2002) de *saber da experiência*, um saber que provém da “relação entre o conhecimento e a vida humana” (p. 26) e que responde pelo modo como a pessoa age.

Acreditamos ser legítima a intenção de auscultar as experiências desses professores por meio de suas narrativas, ainda que as experiências, em si, sejam incomunicáveis. Incomunicáveis no sentido de que, quando narramos algo, não estamos narrando o acontecido em si, mas a lembrança do que aconteceu. Dessa forma, nossas colaboradoras, assim como Proust, evocado por Benjamin (1994), narraram “uma vida lembrada por quem a viveu [...] o tecido da sua rememoração” (p. 37). A interlocução, entretanto, é uma tentativa de romper a incomunicabilidade de experiência, e da interlocução ficam resíduos aos quais caberá ao pesquisador coletar e dar significado.

Se não é possível captar experiências, cabe-nos, enquanto pesquisadores, atribuir significado ao que o interlocutor quer comunicar (pois a interlocução autêntica é aquela em que há um esforço para romper a incomunicabilidade do significado pleno, uma incomunicabilidade que, paradoxalmente, caracteriza qualquer comunicação). Logo, nos caberá comunicar, em nosso texto, ao leitor, os significados que demos às nossas experiências, por meio das interlocuções que mantivemos. Essa tentativa, portanto, será também frustrada em sua plenitude, mas resta-nos apostar mais uma vez, e sempre, em ter o leitor como nosso interlocutor e tentar com ele estabelecer uma interlocução autêntica. Tudo é

fluido, e o que tentamos é captar essa fluidez da melhor forma possível. Ter como apoio as narrativas é uma dessas tentativas.

Acreditamos que cabe, neste momento, ainda que brevemente, esclarecer qual o sentido que damos aos termos “significado”, “interlocutor”, “comunicação”, “resíduo”, “leitor” e “conhecimentos” utilizados neste capítulo. Isso se faz necessário pelo fato de esses termos possuírem diferentes apreensões, serem lidos de formas distintas, nos diversos campos das ciências humanas e muitas vezes dentro de um mesmo campo. Ao construir nossa compreensão sobre este tema, neste texto, nos fundamentamos no Modelo dos Campos Semânticos (MCS).

As professoras colaboradoras, que narraram suas experiências, são as “autoras” iniciais da interlocução. Segundo Lins (1999), o “autor” é aquele que produz uma enunciação (texto) a qual é dirigida a um interlocutor, que assumimos, não como uma pessoa em si, mas como um ser cognitivo. O resíduo dessas narrativas é recebido por nós, pesquisadores que a elas atribuímos significado (entendemos como o significado de algo aquilo que dizemos dele), produzindo, assim, uma nova enunciação, fruto do nosso entendimento. À convergência de ideias em relação ao que está sendo transmitido, ou seja, ao compartilhamento de interlocutores denominamos de “espaço comunicativo”.

Não só apostamos nas narrativas como forma de ação, mas apostamos, também, na pluralidade das narrativas, já que as experiências (e, conseqüentemente, os modos de narrá-las) se diferenciam. Assim, sem a ilusão de chegar à “verdade da experiência”, optamos por coletar (em situações de interlocução que tentam estabelecer como autênticas) narrativas diversas, criando um acervo de perspectivas sobre as experiências vividas. É esse o acervo que temos em mãos para atribuir significado tanto ao que pensamos serem as experiências relatadas, quanto ao que pensamos serem os fundamentos – as concepções – que subjazem a essas experiências/enunciações, mas que delas não se despregam nem se deixam ser investigadas em separado.

Acreditamos que as vivências, as experiências e a história de vida das pessoas constroem suas concepções que, por sua vez, fundamentam suas atitudes, suas ações, suas práticas. Segundo nosso ponto de vista, concepções são “conhecimentos, crenças, convicções” que temos sobre um determinado tema e, segundo Garnica (2008), são “suportes para a ação.

Mantendo-se relativamente estáveis, as concepções criam em nós alguns hábitos, algumas formas de intervenção que julgamos seguras” (p. 499). Esses hábitos, ainda segundo Garnica (2008), duram algum tempo, até que algo ocorra e comece a dissolvê-los, surgindo, assim, novas concepções.

Apesar de serem relativamente estáveis, as concepções não são eternas, já que, em determinado momento, pode surgir algo novo que coloque em xeque nossas compreensões sobre o mundo:

O humano tem suas crenças e é nelas que ele busca segurança para a tomada de decisões, criando hábitos de ação. Mas o mundo desafia essas nossas crenças, pois nossos hábitos nem sempre dão conta dos conflitos aos quais nos expomos. Face uma perturbação, uma impossibilidade, sou forçado a criar outros hábitos que alteram minhas crenças e inscrevo a vida, assim, como um processo de fixação de crenças. (GARNICA, 2007b, p. 31)

À luz dessas reflexões, ao coletar as narrativas das professoras, buscamos estudá-las para, a partir de suas intenções de comunicar, atribuímos significado ao que entendemos serem as experiências e as práticas por elas narradas e algumas das concepções que, ainda segundo as nossas perspectivas, podem sustentar essas práticas. Além disso, buscamos compreender como práticas e concepções vão se impondo no correr do tempo, num processo dinâmico, ou seja, como concepções vão alterando as práticas e como práticas interferem na formação de concepções.

Esse processo dinâmico manifesta a forte vinculação – uma ligação visceral – existente entre a prática e as concepções das professoras: não há, pois, concepções das quais não emanam práticas e não há práticas sem uma concepção que as sustente. Diante disso, acreditamos ser possível compreender as concepções ou possíveis concepções sobre ensino e aprendizagem de Matemática a partir de uma abordagem indireta, ou seja, “buscando” concepções em narrativas sobre as práticas, questionando essas professoras, não sobre suas concepções, mas sobre suas experiências. Esse processo busca saber que tipo de experiência fez cada professora colaboradora ser a professora de hoje, possuidora dessas concepções. Busca conhecer e considerar sua educação familiar, sua formação, sua participação nas Feiras de Matemática e outras tantas atividades que realiza, como parte formativa de sua concepção,

bem como quais experiências foram marcantes a ponto de transformá-la. Isso se fundamenta no fato de que as concepções que um professor de Matemática tem acerca da Matemática, seu ensino e sua aprendizagem podem ser vistas como um “conjunto denso” dos vários significados produzidos durante sua formação e seus fazeres (GARNICA; FERNANDES, 2002).

Para atribuir significado às experiências, às práticas (e, a partir delas, buscar por possíveis concepções, por sentidos possíveis relacionados ao ensino e à aprendizagem de Matemática) das professoras que tivemos como colaboradoras nesta nossa pesquisa, já o dissemos, nos valem dos parâmetros da História Oral e, portanto, fizemos entrevistas. As entrevistas são, pois, registros de experiências segundo o olhar de quem viveu a experiência, são encontros nos quais se manifestam, presentificam-se as composições narrativas do vivido. Não são, também já o dissemos, as práticas, elas próprias, mas registros das práticas, invenções das práticas, lembranças do que pensam ter vivido ou do que pretendiam ter vivido.

A primeira dessas entrevistas foi realizada em outubro de 2010: uma “entrevista piloto”, com a professora Maria Adélia Bento Schmitt, que participou das primeiras edições da Feira e, atualmente, trabalha na FURB (a mesma Universidade na qual esta pesquisadora atua como docente). Essa entrevista foi realizada alguns meses antes das outras, antes até mesmo de termos todas as professoras selecionadas. Isso ocorreu devido ao nosso desejo de analisar o roteiro formulado e fazer uma textualização inicial, visto nossa inexperiência com esses procedimentos. Por esses motivos, a escolhida foi uma professora próxima, que ainda possui envolvimento com as Feiras de Matemática (hoje como avaliadora) e que trabalha na FURB, o que facilitou todo o processo.

As outras entrevistas estavam programadas para acontecer durante o segundo semestre de 2011, mas, em decorrência de alguns imprevistos, como enchentes e greves, a programação teve que ser reformulada e as entrevistas adiadas. Nossos contatos foram reiniciados, e os primeiros encontros realizados apenas no final desse mesmo ano, em dezembro. Nesse mês, realizamos três entrevistas: uma em Ascurra<sup>13</sup>, uma em Joinville<sup>14</sup> e uma em Brusque<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> Ascurra, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 169 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>14</sup> Joinville, cidade situada no Norte de Santa Catarina, a 170 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>15</sup> Brusque, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 91 km de Florianópolis, capital do estado.

No início de 2012, fizemos contato com as outras professoras selecionadas e, entre março e maio, realizamos as entrevistas restantes: uma em Timbó<sup>16</sup>, duas em Indaial<sup>17</sup>, uma em Gaspar<sup>18</sup>, duas em Rio do Sul<sup>19</sup>, uma em Leoberto Leal<sup>20</sup>, uma em São João Batista<sup>21</sup>, outra em Brusque<sup>22</sup> e duas em Joaçaba<sup>23</sup>.

Nesta pesquisa, tivemos o cuidado de sempre enviar às professoras colaboradoras, via *e-mail*, uma carta (cf. Apêndice 2), com todos os dados necessários sobre nosso trabalho, assim como a especificação dos procedimentos adotados pelo GHOEM do qual participamos e no qual este trabalho se insere. Isso foi necessário, pois faz parte da ética das investigações com História Oral deixar claro, antes da primeira entrevista, “o objetivo pré-definido da pesquisa para o depoente, e este deve saber o que se pretende fazer com as informações” (GAERTNER; BARALDI, 2008, p. 52). No dia da entrevista, antes de realizá-la, entregamos a cada depoente, em mãos, essa mesma carta junto com o roteiro de entrevista e, novamente, esclarecemos os pontos principais da investigação.

Sabemos que não podemos “conferir aos relatos orais um estatuto de verdade absoluta a partir dos quais, aos olhos do pesquisador – e por suas mãos – ‘a’ versão definitiva dos fatos corporificar-se-ia ou se estabeleceria” (GARNICA, 2003, p. 37), mas eles devem ser tidos em altíssima consideração, pois é por meio da análise das práticas narradas que podemos conhecer aspectos das concepções dessas professoras.

De posse das gravações das narrativas orais, fizemos a transcrição, que é o primeiro registro escrito dos depoimentos, ou seja, o registro da gravação oral, e, a partir dessa transcrição, partimos para a textualização. A textualização é um processo composto

[...] de vários momentos, indo desde a simples ‘limpeza’, retirando os ‘vícios’ de linguagem, podendo passar pela reorganização das informações

<sup>16</sup> Timbó, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 159 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>17</sup> Indaial, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 149 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>18</sup> Gaspar, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 116 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>19</sup> Rio do Sul, cidade do Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, situada a 162 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>20</sup> Leoberto Leal, cidade situada no Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 141 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>21</sup> São João Batista, cidade situada no Vale do Rio Tijucas, em Santa Catarina, a 71 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>22</sup> Brusque, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 91 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>23</sup> Joaçaba, cidade situada no Oeste de Santa Catarina, a 371 km de Florianópolis, capital do estado.

transcritas – visando a uma sistematização cronológica ou temática (a narrativa, especialmente aquela dos depoentes mais fluentes, tende a entrelaçar tempos e temas) – até uma reelaboração mais radical – a chamada transcrição – para o que podem ser chamados à cena elementos e estilos teatrais, ficcionais, recursos inusitados de estilo etc. (GARNICA, 2005, p.126)

As entrevistas passaram por várias etapas de textualizações, quando buscamos organizá-las de forma a tornar cada narrativa um texto mais fluente.

Após essa etapa, enviamos a transcrição e a textualização para as depoentes para que fossem conferidas e aprovadas. É possível que, ao ler seu depoimento, o colaborador vete algumas partes ou, até mesmo, não autorize a sua utilização. Isso deve ser respeitado pelo pesquisador.

Entregamos as transcrições e as textualizações às professoras colaboradoras, e nenhuma vetou partes do seu depoimento. Algumas apenas pediram para “arrumar o texto”, reorganizando-o. Não havíamos feito alterações mais radicais quanto à ordem dos temas nas narrativas, pois pretendíamos deixá-las o mais próximo possível da sequência do depoimento original. Diante das solicitações, as deixamos livres para que elas os organizassem da forma que quisessem. As versões apresentadas nesta tese são as corrigidas e autorizadas pelas professoras.

A maioria das cartas de cessão foi obtida por *e-mail*. Apenas algumas professoras, por não terem acesso a aparelhos de *scanner*, acabavam se esquecendo de enviá-las, o que exigiu que fôssemos buscar pessoalmente a assinatura.

Obtida a autorização de uso do material – uma carta formal de cessão (cf. Apêndice 3) – iniciamos a análise dos depoimentos.<sup>24</sup>

As narrativas obtidas a partir dos depoimentos dessas professoras nos possibilitaram lançar um olhar para experiências, realidades escolares e educacionais, assim como para pontos de vista sobre as Feiras Catarinenses de Matemática. São olhares únicos, diferentes do modo como olhávamos e que, positivamente, contaminaram nosso olhar. Elas nos

---

<sup>24</sup> O trabalho de análise, obviamente, se inicia bem antes da obtenção da carta de cessão, mas os dados analisados só podem ser tornados públicos depois de assinada a carta. Caso isso não aconteça, as informações analisadas (e os recortes de análise alimentados por essas informações) são descartadas.

apresentaram elementos e fizeram surgir perspectivas para uma compreensão, seja das concepções e práticas pelas quais orbitam o ensino e a aprendizagem da Matemática, seja das Feiras. A tentativa de compreensão dessas realidades, de apreender um sentido para as narrativas que coletamos, é o que, aqui, nesta tese, chamamos de análise.

Segundo Garnica (2012), a narrativa constrói cenários e impõe os vieses do narrador, enquanto a análise, além de construir cenários, os direciona a partir do olhar do outro – aquele que analisa –, colocando estacas no mundo. Tais “estacas”, impostas no momento da análise, criam, pois uma outra e nova realidade, a do pesquisador, já está contaminada com a perspectiva do narrador. Ao nos apropriarmos das narrativas, impomos nosso olhar de pesquisador e nos apresentamos como autores de um trabalho. Acreditamos que essa delimitação, apesar de restritiva, se fez necessária neste momento para que pudéssemos dar conta do que nos propusemos fazer quando iniciamos esta pesquisa.

Nossa opção de análise, a princípio, pretendeu detectar convergências e divergências em cada depoimento e entre os vários depoimentos coletados. Neste momento, iniciamos o processo de ler atentamente – o mais atentamente possível – as entrevistas obtidas, buscando atribuir significados ao que foi narrado na direção de nossas questões de pesquisa. Segundo Bolívar (2002), existem dois modos de se conhecer e pensar a análise de narrativas: o paradigmático e o narrativo. A análise paradigmática procura encontrar, nas narrativas, temas comuns ou grupos conceituais. O segundo modo de análise, o narrativo, aposta mais decisivamente nos elementos singulares que configuram a história de cada narrador.

A Análise Narrativa das narrativas coletadas pelo pesquisador participa dos estudos cuja ênfase está na consideração de casos particulares, e o produto dessa análise manifesta-se como a narração de uma trama ou argumento que torna os dados significativos, que os re-significa não pela busca de elementos comuns mas, ao contrário, pelo realce a elementos singulares que configuram a história. É, em suma, uma narrativa particular que não aspira à generalização. (GARNICA, 2007b, p. 39)

Apostando, inicialmente, numa análise paradigmática, realizamos várias leituras das textualizações procurando entender e, de certo modo, “incorporar” o narrado pelas entrevistadas, buscando identificar elementos significativos de cada um deles e entre eles todos, tomados em conjunto. Listamos e organizamos esses elementos, os quais serviram



como fio condutor para a elaboração de um texto “final” que, consideramos, aqui, como a nossa narrativa – uma entre as narrativas possíveis –, nosso esforço para apreender, registrar e comunicar sentidos possíveis ao que aprendemos com as narrativas de nossas colaboradoras e com outras tantas narrativas que nos chegaram, formal ou informalmente.

Um processo de análise não é linear nem objetivo: é tortuoso, feito de idas e vindas, objetivos que ora se concretizam, ora esmaecem; intenções que ora se diluem e desaparecem, ora se impõem como vitalmente importantes, mesmo que antes não nos tenha parecido ser assim. Os encontros e reencontros – com as informações coletadas, com as pessoas com as quais convivemos, com nossos pressupostos teóricos e vivenciais, com a literatura específica etc. – vão criando o caminho que, ao ser percorrido, nos permite gerar algumas compreensões. (MARTINS-SALANDIM, 2012b, p. 310)

Tentamos, neste texto, falar de práticas de ensino, “tratar dos modos como se materializavam (e se materializam), no ambiente escolar, concepções sobre Educação e sobre Matemática”. (GARNICA, 2013, p. 49)

#### 4. FEIRAS CATARINENSES DE MATEMÁTICA

As Feiras de Matemática de Santa Catarina, foco deste capítulo, são eventos educacionais de grande porte, nos quais, há quase trinta anos, são apresentados trabalhos de várias regiões do estado, desenvolvidos em salas de aula. Ainda que tenhamos tomado essas Feiras como pano de fundo de nossa pesquisa – nossas colaboradoras foram selecionadas entre os professores que participaram de edições desse evento – não tínhamos pensado, a princípio, em tematizá-las de modo específico, além do que seria naturalmente indicado pelos depoimentos que tínhamos em mãos, já que esses eventos desempenharam papel fundamental não só no processo de seleção das colaboradoras, mas também, de algum modo, em sua vida docente, e que, durante a realização das entrevistas, nós mesmos, no roteiro que guiou esses encontros, trazíamos as Feiras como parte das questões.

Percebíamos – devido ao nosso envolvimento com o campo da formação de professores em Santa Catarina e, particularmente, com a organização das Feiras<sup>25</sup> – que esses eventos seriam *locus* significativo a partir do qual uma pesquisa sobre as práticas e as concepções de professores que ensinam/ensinavam Matemática poderia se desenrolar. Das Feiras, participam (e participaram) professores que, segundo distintos critérios de julgamento, realizavam/realizam, em suas escolas, trabalhos diferenciados com seus alunos, a ponto de serem selecionados para apresentar, em tais eventos, essas suas estratégias didático-pedagógicas. Desenvolviam e desenvolvem, portanto, segundo suas concepções, práticas específicas, tidas, sob algum ponto de vista, como diferenciadas ou de excelência. Entendendo que as concepções alimentam as práticas e que práticas e concepções se amalgamam de modo indissociável, as Feiras – espaço de socialização de práticas e concepções – seriam um campo profícuo para nossa investigação.

A perspectiva inicial de estudar as concepções e práticas dessas professoras sobre o ensino e a aprendizagem da Matemática sem realizar uma historiografia das Feiras

---

<sup>25</sup> Nosso primeiro contato com Feiras de Matemática ocorreu ainda durante a graduação, sendo que o coordenador desses eventos era nosso professor. Nessa época, desenvolvíamos trabalhos e os apresentávamos na categoria Ensino Superior. Após nos formarmos, desenvolvemos trabalhos com nossos alunos e participamos como professores orientadores. Nesse momento, já participávamos também como avaliadores. Quando começamos a trabalhar como professores, na Universidade Regional de Blumenau, nossos laços com o evento se estreitaram e passamos a auxiliar na organização e avaliação, assim como a participar de um grupo de pesquisa que estuda e analisa o desenvolvimento dessas Feiras.

Catarinenses de Matemática começou a se alterar durante as entrevistas e o trabalho de edição desses relatos. Nesse processo, observamos, nos depoimentos, que as Feiras de Matemática pareciam ser muito importantes – talvez até mais importantes do que inicialmente supúnhamos – para o desenvolvimento da vida profissional dessas professoras. Tal observação também foi feita pelas professoras que fizeram parte da banca de avaliação deste trabalho. No momento da qualificação, elas sentiram falta de um estudo mais aprofundado e mais detalhado sobre as Feiras, visto que havíamos feito simplesmente uma apresentação na versão então submetida à apreciação.

Identificada a necessidade de elaborar nossa versão dessa história, decidimos que uma estratégia para tal poderia se lançar mão dos depoimentos coletados para esta pesquisa, dos relatos da experiência viva das nossas colaboradoras em seu envolvimento com as Feiras, ao mesmo tempo em que poderíamos tecer uma narrativa historiográfica sobre as Feiras. Estabelecida essa estratégia, iniciamos a busca por materiais que pudessem nos servir de subsídio. Em Blumenau<sup>26</sup>, no Laboratório de Matemática da FURB<sup>27</sup>, conversamos com o professor Vilmar José Zermiani, coordenador das Feiras desde 1985. Tivemos acesso a vários projetos e relatórios antigos, anais de várias edições das Feiras e dos Seminários de Avaliação dessas Feiras e a dois livros específicos sobre o assunto. Fomos, também, à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão (PROPEX) da FURB verificar se havia projetos e relatórios desse evento dos últimos anos, uma vez que, há alguns anos, todos os documentos em trâmite na universidade têm sido enviados a esse setor em versão *on-line*. Obtivemos, igualmente na PROPEX da FURB, alguns registros que, copiados, juntamos ao conjunto de fontes que nos permitiram elaborar uma versão histórica sobre as Feiras Catarinenses de Matemática.

Outros materiais que nos auxiliaram na composição desse registro historiográfico foram os depoimentos das professoras colaboradoras e o estudo da tese de doutorado de Rosinète Gaertner, no qual a autora investiga a Matemática Escolar na cidade de Blumenau desde a época das escolas alemãs (em particular a *Neue Deutsche Schule*, de 1889) até a criação do Curso de Matemática da Universidade Regional de Blumenau, então chamada Fundação

---

<sup>26</sup> Blumenau, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 129 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>27</sup> A FURB foi fundada em 1964. Do seu Laboratório de Matemática surgiu, segundo informações de que dispomos, a ideia das Feiras, e nele, até hoje, trabalham profissionais que mantêm – organizando, avaliando, coordenando e motivando – as várias edições desse evento.

Universidade Regional de Blumenau. Esse estudo foi alvo de nossas buscas, pois julgamos adequado arbitrar o ano de 1964, da criação da FURB, como ponto de partida para essa história das Feiras de Matemática, uma vez que a criação desses eventos está vinculada ao Curso e ao Departamento de Matemática dessa Instituição. Uma entrevista formal (cf. Apêndice 4) – além dos contatos informais – com o professor Vilmar José Zermiani foi também julgada necessária para preencher lacunas que ainda não haviam sido preenchidas<sup>28</sup>.

#### **4.1. Feiras de Matemática de Santa Catarina.**

No ano de 1964, após mais de dez anos de reivindicações, foi criada oficialmente a Faculdade de Ciências Econômicas de Blumenau, a primeira fora da capital, Florianópolis. Em 1967, de acordo com lei municipal, foram criadas, também, as Faculdades de Direito e de Filosofia, Ciências e Letras, formando a então Fundação Universitária de Blumenau (FUB).

Durante o processo de organização da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras [...] inicia-se um movimento em favor da implantação do curso de Matemática. Como principal argumento, era usado o fato da ampliação do número de escolas a oferecer o curso ginásial (especialmente após 1960) e, conseqüentemente, uma maior demanda por professores habilitados. Então, em 27 de maio de 1968 são realizados os exames de habilitação (denominação na época) para os cursos de Biologia, Matemática e Química, nos quais são aprovados 91 dos 122 candidatos. As aulas tiveram início no dia 1º de junho, em dependências cedidas pelo Colégio Dr. Blumenau, uma instituição privada de ensino. O curso de Matemática – Licenciatura Plena foi reconhecido pelo Decreto nº 71.361, de 13 de novembro de 1972. (GAERTNER, 2004, p. 199-200)

No início, não havia um número suficiente de professores com formação para lecionar no Curso de Matemática, de forma que, conforme Floriani e Zermiani (2009) registraram, durante mais de dez anos, as disciplinas do Curso de Matemática, nessa instituição, foram ministradas por professores vindos de outras cidades do Brasil (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba). Apenas em 1982, foi formado um corpo docente próprio.

---

<sup>28</sup> A carta de cessão desta entrevista encontra-se no Apêndice 5.

A disciplina Matemática, na época, era tida como principal causadora da repetência e da evasão escolar no Brasil e, particularmente, no estado de Santa Catarina. Esse quadro – que não parece ter se alterado substancialmente desde então – fez com que fossem criados, em 1983, na FURB, grupos de professores que, preocupados com a educação na região, desenvolveram atividades de pesquisa e extensão voltadas para a Educação Matemática e Ciências. Um desses grupos, denominado Equipe de Pesquisa e Apoio ao Ensino de Matemática e Ciências, posteriormente passou a se chamar Grupo de Estudos e Aperfeiçoamento Docente (GEAD). A partir dele, eram promovidas e desenvolvidas, de modo interdisciplinar, atividades voltadas à pesquisa, extensão e prestação de serviços na área do ensino de Matemática, Ciências ou áreas afins.

Em 1983, através da ACAFE<sup>29</sup>, foi proposto um projeto para formar professores de todo o estado de Santa Catarina na área de Ciências, Biologia, Química, Matemática e Física. Fui convidado para ser o coordenador. Este projeto estava calcado em cima de uma premissa que dizia ser importante dominar o conteúdo, a fim de poder ser um bom professor. Nós não concordamos com isso e, portanto, passamos a uma reformulação, introduzindo, nos cursos, diversas disciplinas que tratassem também da parte didática. Assim, foi introduzida a instrumentação para o ensino da Matemática. Através dela, começou a fabricação de materiais concretos e surgiu daí a noção, a idéia das feiras para toda Santa Catarina. (FLORIANI, 2001, apud ZERMIANI, 2003, p. 39)

Ainda com a finalidade de atender à demanda do sistema escolar estadual e do municipal por cursos, oficinas e materiais, de alterar a situação do ensino de Matemática, essencialmente tradicional e livresco, foi criado, em 1984, pelos professores José Valdir Floriani e Vilmar José Zermiani, na FURB, o Laboratório de Matemática.

Juntamente com o Laboratório de Matemática, esses dois professores desenvolveram um projeto de extensão universitária que visava a interferir no ensino e na aprendizagem da Matemática por meio da organização de uma Feira de Matemática, a ser realizada em parceria com a comunidade. Esse projeto envolveu professores e acadêmicos do Curso de Matemática da FURB, graduandos já no exercício da docência, seus alunos e os egressos de um curso de

---

<sup>29</sup> ACAFE: Associação Catarinense das Fundações Educacionais.

Especialização em Ensino de Matemática ofertado pela FURB e financiado pelo SPEC/PADCT/CAPES/MEC<sup>30</sup>.

A julgar pela proposta inicial, as Feiras Catarinenses serviriam como um local (ambiente) em que professores que desenvolvessem metodologias inovadoras para o ensino da Matemática em sala de aula pudessem apresentá-las e discuti-las, incentivando outros professores a procederem dessa forma em suas salas de aula. Trata-se, portanto, de uma iniciativa que pode ser caracterizada como “um lugar praticado”, do qual Certeau (1994) nos fala.

Certeau, em seu estudo sobre a sociedade, apresenta um significado para a expressão “lugar praticado”, também denominado por ele de “espaço”, diferente do que define simplesmente como “lugar”. Para ele, **lugar** identifica uma “ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 1994, p. 201). Por outro lado, **lugar praticado**, ou **espaço**, se refere a “um cruzamento de móveis. [...] é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais”. (CERTEAU, 1994, p. 202)

Dessa forma, ao analisarmos as Feiras de Matemática, certamente veremos que há uma demarcação típica, uma divisão de “lugares”, uma organização espacial onde se localizam as pessoas, segundo uma ordem preestabelecida, e uma organização que se dá no tempo, com os projetos que participam de seleções até chegarem ao momento de apresentação. Mas o que faz cada Feira se tornar “a Feira de Matemática” é algo que vai além do espaço físico e das ordenações daquele local e situação: são pessoas que a compõem, ou seja, professores e alunos que expõem seus trabalhos, professores que avaliam, professores e alunos visitantes e toda a comunidade que dela participa. Esse evento se torna divulgador de trabalhos escolares que, a julgar pelos depoimentos que coletamos, reverberam no cotidiano escolar. É também, portanto, um espaço de formação de professores e alunos, na medida em que os participantes concebem trabalhos, os elaboram, os executam e os apresentam, explicitando neles e por meio

---

<sup>30</sup> SPEC/PADCT/CAPES/MEC: órgão financiador de projetos voltados para educação e ciência do Governo Federal (SPEC: Subprograma Educação para a Ciência; PADCT: Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico; CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; MEC: Ministério de Educação).

deles as concepções que regem suas práticas escolares. Por fim, as Feiras e os trabalhos apresentados se refletem na comunidade que, com as visitas, acessa, de algum modo, as escolas e suas práticas, compartilhando fazeres.

Essa característica mais ampla, esse modo de caracterizar as Feiras foi logo identificado pelas professoras orientadoras entrevistadas. Todas afirmaram que as Feiras, para elas, se tornaram um espaço de formação continuada em que, além de apresentarem seus trabalhos, tinham acesso a outros que as estimulavam a desenvolver outras práticas e propostas:

Quando eu comecei, na primeira vez que eu participei de Feiras, o primeiro ano que teve Feiras foi em 1985 [...] o objetivo das Feiras sempre foi mostrar trabalhos feitos na sala de aula. (Professora Maria Adélia Bento Schmitt, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 07/10/2010)

Na segunda Feira (1986) eu comecei a participar. [...] [As Feiras] eram tão maravilhosas, tão maravilhosas, tu não sabes. Eram dois dias de Feiras, mas era praticamente um ano letivo de muita coisa, muita informação, muita troca, muita coisa que tu levavas para tua sala de aula. As próprias crianças que participavam ali, depois levavam para a sala de aula. Eram maravilhosas as Feiras. (Professora Gisela Bononomi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 09/04/2012)

[O início] foi em 1993 ou 94. [...] Eu adorava as Feiras de Matemática pelo seguinte: eu podia passar em outros estandes e aprender coisas diferentes, que eu levava para sala de aula depois. As Feiras foram reensinando, reaprendendo e me motivando para cada vez entrar em outra Feira, porque, querendo ou não, elas me motivavam a entrar em outra. A troca de ideias é muito grande. O que você traz de conhecimento, de bagagem, de coisas novas... *'Nossa, mas eu trabalhava aquilo e não imaginava que pudesse fazer da maneira que aquela professora fez.'* Essas trocas são fundamentais para o professor. (Professora Elnor Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

E comecei em 1999... 1998... [...] E o que me levou a participar das Feiras foi a possibilidade de levar o trabalho, levar para outros alunos uma forma diferente de aprender Matemática. E nisso aí, olha, a Feira de Matemática é sensacional. (Professora Rose Mary do Nascimento Agostini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 15/12/2011)

Eu acho que eu participei (eu estava até olhando as datas) de 1998 a 2002. [...] A Feira de Matemática é um incentivo para o professor, porque se o professor não se abastecer de vez em quando, ele também fica para trás; também se perde no tempo se não for buscar. E na Feira são coisas práticas, ali está o projeto, são coisas que a gente fez. [...] Até eu, eu ia para a Feira e ia olhar o trabalho dos outros. E ficava olhando: *'Poxa, como é que ela conseguiu tirar a Matemática dali de dentro? Eu também posso.'* Então a Feira abre caminhos pra ti. Eu gostava muito, eu voltava enriquecida. E os alunos então, nem se fala, porque tinha um momento em que os expositores saíam e iam conhecer os outros também. Então eu acho bem legal. [...]. Eu lembro que eu ia e sempre pegava os resumos de trabalho e, no outro ano, quando eu fazia meu planejamento: *'Poxa eu vou trabalhar por esse caminho; aquela professora trabalhou assim e deu certo. Eu vou trabalhar assim também.'* Mesmo se não fosse para a Feira, mas eu tinha botado isso em sala de aula para ver uma situação diferente. (Professora Sandra Maria Buchmann, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

A primeira Feira de Matemática que participei foi pelo ano 2000 [...] Avaliação geral das Feiras de Matemática. Tanto Locais, Regionais como Estaduais<sup>31</sup>, eu penso que todo professor, mas todo, deveria desenvolver um projeto e participar de verdade. Porque lá tu estás socializando aquilo que se trabalhou e estás aprendendo. [...] Eu aprendi com muita gente, [...]. Sempre tu trazes um pouquinho da experiência de um professor e tu aplicas. Eu tinha, e tenho, um hábito de anotar. Se eu gostei daquela ideia de trabalhar fração, vou trabalhar aquilo também. Sempre, eu vinha para casa com uma sacola de atividades. Aí eu tinha um caderno e já passava aquilo, pra eu poder me organizar, porque eu sou muito organizada com as coisas. (Professora Alciris de Oliveira Zabel, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 26/03/2012)

Eu acho que participei de umas dez edições da Feira. Se for contar Regional e Catarinense. Não dez anos, porque são várias etapas. A primeira vez eu acho que foi em 2003, a minha primeira terceira série ou minha segunda terceira série. [...] Pra mim, foi tudo muita novidade. [...] ia visitar: deixava meus alunos lá, claro, dava todo apoio, mas eu também ia conhecer os projetos dos outros. Isso é muito legal. Porque, às vezes, uma outra pessoa fez uma coisa que eu jamais imaginava e ali trabalhou a Matemática de uma forma tão diferente... E aí que eu te falo da importância da troca. (Professora Loriane Füllbringer Dalcastagne, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/11/2011)

---

<sup>31</sup> As Feiras de Matemática são desenvolvidas em três etapas. A primeira é formada pelas Feiras Municipais. Os trabalhos que recebem a premiação Destaque nessa fase são classificados para a segunda etapa, as Feiras Regionais. As Feiras Regionais reúnem trabalhos das várias cidades que compõem cada região do Estado. Os Trabalhos Destaque das Feiras Regionais são classificados para a etapa estadual, a Feira Catarinense.



Esses recortes nos permitem afirmar que, desde as primeiras edições, as Feiras de Matemática foram vistas, pelas professoras participantes, como um espaço de formação: a oportunidade de ter lá seus alunos apresentando trabalhos desenvolvidos, muitas vezes permitindo, num exercício de “olhar distanciado” do que ocorreu no dia a dia da sala de aula, compartilhar com os outros docentes seus projetos e de apropriar-se de algo de alguns dos outros projetos apresentados, analisar trabalhos – seja o seu, seja os de seus colegas –, visitar outros trabalhos acompanhando a explicação dos alunos e trocar experiências com outros professores. Tudo isso se torna uma forma de vivenciar outras experiências e buscar subsídios para as práticas escolares.

Essas narrativas também convergem para as respostas dadas pelos professores orientadores das Feiras Catarinenses de Matemática que responderam aos questionários aplicados nos eventos a partir de 2006. Nessas respostas, quando questionados sobre o que o processo de desenvolvimento do trabalho e a participação na Feira lhe proporcionou, a alternativa “maior troca de experiências com outros professores e comunidade” sempre foi uma das mais assinaladas.

Segundo Floriani e Zermiani (1985), as Feiras de Matemática visavam a promover estratégias para alteração efetiva no ensino científico de sala de aula. Já, a exposição do trabalho acadêmico ao público externo transformava as atividades escolares em verdadeiros laboratórios vivos de aprendizagem científica, com a participação da comunidade.

As professoras, nossas colaboradoras, apresentaram, em seus depoimentos, algumas experiências realizadas para evidenciar o que, segundo a perspectiva delas, era uma busca pelo envolvimento dos alunos e da comunidade, e enfatizaram o uso de materiais concretos como forma de estimular os alunos a construir, questionarem, analisarem e, a partir de então, construir o seu conhecimento sobre o que estudam, construir o conhecimento científico a partir daquele do senso comum que, muitas vezes, é distorcido.

Uma aula de Matemática que eu lembro que eu lecionei com gosto e que [...] agora eu estou vivenciando novamente, foi quando, na Escola Isolada<sup>32</sup> Warnow Alto, a gente fez um trabalho sobre os ovos. Nesse trabalho sobre ovos, a gente colocou uma galinha para chocar, e eles queriam saber se todos

---

<sup>32</sup> Escola Isolada. Escola que possui uma única turma do Ensino Primário, com alunos em diversos níveis de aprendizagem.

os ovos eram do mesmo tamanho, né? Foi quando a gente fez uma pesquisa. A gente foi visitar as casas deles mesmos, e eles foram descobrindo que tinha vários tipos de ovos e que quase todos tinham tamanhos diferentes. A partir dali, a gente trabalhou dúzia e meia dúzia... (Professora Elnor Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Outra coisa que eu trabalho sempre, com todas as turmas, é a interdisciplinaridade. Eu não consigo trabalhar as coisas soltas. Se me pedir pra eu dar uma aula de adição, na Matemática pura, eu vou dar a introdução, mas depois eu vou buscar, dentro da Ciência, da Geografia, da História, o que eu estou trabalhando, ou dentro da realidade deles, o que eles estão vivenciando naquele momento no bairro, ou se tem uma festa em que todo mundo participa. É de lá que eu vou fazer problemas, é de lá que eu vou trazer desafios. (Professora Sandra Maria Buchmann, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

[...] eu comecei a questionar os alunos, para eles terem curiosidade de como eram os outros municípios: a história do município, a localização geográfica... Surgiu a ideia de estarmos escrevendo para os Secretários Municipais de Educação. Eu fiz um ano esse trabalho e deu um volume enorme de material, um material lindo, bellissimo. Vinham livros, vinham folders dos municípios do estado de Santa Catarina, e cada dia que o carteiro chegava na escola era uma festa, aquele material era colocado para todo mundo ver. Eu pensei, como que eu vou colocar isso aí para explorar, para sugar disso a maior parte das informações? Fiz o desenho do mapa de Santa Catarina bem grande, fiz o contorno dos municípios que a gente estava mandando as cartinhas, recortei aquele contorno, e aquele aluno que mandou a cartinha tinha a tarefinha de ler umas perguntinhas que eu lançava, sobre a história, a fundação, etc., escrever um livrinho, de acordo com aquele molde, e a gente ia colar. No final do ano, deu um trabalho tão lindo que todo mundo ficou abismado. Aí aquilo começou a incendiar a ideia: *‘Meu Deus, e Leoberto Leal nunca tem nada de bonito para mandar para ninguém.’* Não tem nenhum folder, e todo mundo só pergunta: *‘E vocês aí, como é que é o município de vocês? Como é que é?’* E a gente não tinha nada para apresentar pra eles. No final do ano, fizemos uma exposição. Todo mundo adorou. No outro ano, já começou a surgir mais ideias. Eu fiz dois anos seguidos esse trabalho. [...] Fizemos a exposição no final do ano e chamamos ele [o prefeito] lá na escola, com a proposta de que Leoberto Leal também tivesse um folder para contar a história. Então ele nos deu duas coisas: um presente primeiro, uma viagem para o município de Antônio Carlos, mas desde que a gente providenciasse o folder de Leoberto Leal. Ih! Aí foi uma tarefa braba. Saímos por aí tirando fotos com os alunos e tentamos resgatar um pouquinho da história da nossa escola, do município. (Professora Lúcia Margarida Sartori Martini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 03/04/2012)

Em todas as minhas aulas, eu procurava sempre trabalhar a questão mais lúdica, pra eles entenderem os conceitos, diferenciar uma adição de uma

subtração, uma multiplicação de uma divisão, entender o porquê dos resultados, sempre com situações-problema envolvendo as quatro operações, mas de uma maneira que eles entendessem, porque aquela história de: *‘É de mais ou é de menos?’*, se o aluno **entende** o que ele tá fazendo, ele não vai te perguntar se é de mais ou é de menos. (Professora Guilhermina Campos Mattedi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

Em 1985, ocorreram, ambas na cidade de Blumenau, a primeira Feira Regional de Matemática, envolvendo trabalhos desenvolvidos da região de Blumenau (em julho), e a primeira Feira Estadual de Matemática (em novembro), com trabalhos classificados na região de Blumenau e trazidos de outras regiões do estado. A ideia, segundo Zermiani (2003), foi fruto de iniciativas inovadoras de egressos do curso de Especialização em Educação e Ciências, então coordenado pelo professor José Valdir Floriani, bem como de professores e alunos do curso de Matemática da FURB. Ambas tinham, como objetivos,

Expor material instrucional para o ensino da Matemática; motivar o desenvolvimento de habilidades para a confecção e a manipulação de materiais instrucionais; tornar clara a importância do uso e as limitações do material instrucional; despertar para o ensino integrado na Matemática e desta com outras áreas do saber; promover a divulgação e a popularização dos conhecimentos matemáticos; facilitar o intercâmbio de experiências e conhecimentos. (FLORIANI, J.V; ZERMIANI, V.J. 1985, p.2)

Segundo o depoimento do professor Vilmar José Zermiani, o grande número de objetivos relacionados a Materiais Instrucionais se deve ao fato de, na época, década de 1980, haver um grande movimento favorável ao uso desses materiais. Segundo ele, “estava na moda”. Aos poucos, os objetivos foram sendo alterados de acordo com a estrutura do evento, que se modificava com base em discussões entre os professores envolvidos. Atualmente, as Feiras têm, de acordo com o Regimento da XIX Feira Catarinense (2013), como objetivos: despertar nos alunos maior interesse na aprendizagem da Matemática; promover o intercâmbio de experiências pedagógicas e contribuir para a inovação de metodologias; transformar a Matemática em ciência construída pelo aluno e mediada pelo professor; despertar para a necessidade da integração vertical e horizontal do ensino da Matemática; promover a divulgação e a popularização dos conhecimentos matemáticos, socializando os

resultados das pesquisas nesta área; e integrar novos conhecimentos e novas tecnologias de informação e comunicação aos processos de ensino e aprendizagem.

Apesar do pequeno número de trabalhos apresentados (trinta trabalhos na I Feira Catarinense), as primeiras Feiras tiveram repercussão em todo o estado. Nos anos seguintes, várias outras regiões de Santa Catarina organizaram Feiras Regionais, sendo que a segunda e a terceira edições da Feira Catarinense de Matemática foram realizadas em Criciúma<sup>33</sup> (1986) e Joaçaba (1987), respectivamente, mostrando que a proposta animou e mobilizou docentes das várias regiões do estado.

Com o passar dos anos, o evento foi tomando força e crescendo, de forma que, em 2013, foi realizada a vigésima nona edição da Feira Catarinense de Matemática e, junto com ela, a quinta edição do Seminário sobre Feiras de Matemática e a II Feira Nacional de Matemática. Os Seminários são eventos periódicos desenvolvidos com o objetivo de discutir as Feiras de Matemática e deliberar sobre assuntos conflitantes. Ao todo, foram realizados cinco Seminários (1993, 2001, 2003, 2009 e 2013) dos quais participaram professores da Educação Básica e Superior e alunos de cursos de Matemática. Importante ressaltar que, devido à abrangência desse evento no estado de Santa Catarina, foi criada, em 2001, durante o II Seminário sobre Feiras de Matemática, uma comissão denominada Comissão Central Organizadora Permanente das Feiras de Matemática que, segundo Zermiani (2002), foi e continua sendo formada pelos representantes das GEREDs<sup>34</sup>, das Secretarias Municipais de Educação dos municípios que realizam Feiras, por professores da Escola Agrotécnica Federal de Rio do Sul – hoje Instituto Federal Catarinense (IFC) – e professores da FURB. A finalidade dessa comissão é assessorar a gestão das Feiras Escolares Municipais, Regionais e Estaduais.

Em decorrência do crescimento do evento Feiras de Matemática, com o envolvimento das várias regiões do estado nesse projeto, foram criadas algumas normas para seu melhor funcionamento.

Segundo Floriani e Zermiani (1985), as Feiras de Matemática, desde o seu início, deveriam acontecer em duas etapas. A primeira, composta pela Feira Regional, era uma Feira

---

<sup>33</sup> Criciúma, cidade situada no sul de Santa Catarina, a 184 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>34</sup> GEREDs: Gerências Regionais de Educação do Estado de Santa Catarina.

“menor”, composta por trabalhos de vários municípios pertencentes a uma mesma GERED. Da segunda etapa, a Feira Catarinense propriamente, em âmbito estadual, participavam trabalhos (sob algum critério, tidos como os “melhores trabalhos”) selecionados nas Feiras Regionais.

No início, não havia Feiras Regionais em muitas regiões em virtude de o número de trabalhos ser muito pequeno. Foram necessários alguns anos para que praticamente todas as GEREDs as organizassem.

As Feiras Catarinenses sempre ocorreram anualmente, e a localização e o agendamento da seguinte são determinados em uma assembleia geral realizada no seu encerramento, momento no qual ocorre, também, uma avaliação do evento. As datas das Feiras Regionais são decididas de acordo com o calendário escolar de cada região, entre os meses de setembro e outubro.

Em todo o estado de Santa Catarina, a única região que sempre realizou Feiras Regionais foi a de Blumenau. Às regiões que não organizavam Feiras Regionais ficava reservado um número determinado de vagas para a Feira Catarinense, estipulado pela coordenação, e seus trabalhos eram inscritos diretamente na GERED em questão, que fazia a seleção analisando o material submetido.<sup>35</sup>

Para participar das Feiras Regionais, os professores de cidades em que não há Feiras Municipais enviam a ficha de inscrição, juntamente com o resumo do trabalho, para a comissão responsável da GERED. A divulgação das Feiras é feita nas escolas, e a inscrição de alguns trabalhos, conforme depoimentos apresentados a seguir, deve-se ao estímulo de colegas que julgam diferenciado o trabalho do professor. Isso mostra que as Feiras, com o tempo, passaram a integrar o cotidiano do sistema catarinense de ensino, e algumas dinâmicas próprias, motivadas pelas Feiras e visando às Feiras, foram surgindo. Entre essas dinâmicas, por exemplo, está a rede de comunicação “natural” entre os pares, que usualmente ocorre em qualquer escola e sistema de ensino.

---

<sup>35</sup> Além da ficha de inscrição, o professor orientador deve enviar um resumo do trabalho a ser apresentado. Informação do professor Vilmar José Zermiani, em entrevista.

A primeira Feira que eu fui foi aqui em Joinville. Eu fui na Regional, que foi na UNIVILLE<sup>36</sup>. [...] Meu envolvimento com as Feiras foi assim: veio trabalhar aqui conosco uma professora que era... ela trabalhou um tempo em Rio do Sul e ela tinha ligação com essa área aí. Ela não era formada em Matemática, nada; ela era nossa coordenadora aqui. Mas ela tinha conhecimento, pois Rio do Sul já tinha participado. E, quando ela soube que começou a ter a Regional aqui em Joinville, foi nesse ano que eu comecei a participar. Deve fazer uns, não sei, uns treze ou catorze anos. E aí ela inscreveu a gente. Ela falou: '*Vai Mirian, vai.*' (Professora Miriam Vivan de Oliveira depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 14/12/2011)

Eu comecei nas Feiras aqui em Gaspar, que eram interdisciplinares, não eram de Matemática. Então, em 1998, eles disseram que era para a gente focar a Matemática, porque quem quisesse ir para a Feira de Matemática teria chance. Eu disse: '*Vamos.*' (Professora Sandra Maria Buchmann, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

A primeira vez que eu participei de Feira de Matemática foi com o incentivo da dona Wilma Von Gilsa<sup>37</sup> [...]. A gente foi para Timbó e depois de Timbó, a gente foi para São Bento do Sul<sup>38</sup>. (Professora Elnor Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Então a primeira Feira foi assim... Tinha uma Feira de Matemática, e tinha uma amiga minha, natural de Angelina<sup>39</sup> e casou aqui em São João Batista, ela quase não tinha amizade com ninguém, sabe, ela era muito quieta, e a gente pegou amizade. Aí quando chegou um dia ela disse: '*Sandra, faz um trabalho, apresenta ali na escola.*' '*Tá, vou fazer.*' Aí peguei, fiz, foi o meu primeiro trabalho. (Professora Sandra Terezinha Sartori Martini depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 03/04/2012)

Quem me levou a participar das Feiras de Matemática foi a Rosinete<sup>40</sup>, foi ela quem me fez o convite. Não tinha nem ideia do que era Feira. [...] Nós trabalhávamos com as crianças o ano inteiro, não era só para a Feira de Matemática. Então dava certo. Eu aplicava alguma coisa diferente que aí eu ia trabalhando até chegar a Feira para que eles pudessem participar... Eu tinha que ter pelo menos a certeza de que aquilo ali deu certo para poder levar para Feira. Então a Rosinete me convidou, e eu aceitei no escuro.

---

<sup>36</sup> UNIVILLE: Universidade da Região de Joinville, em Joinville (SC).

<sup>37</sup> Wilma Von Gilsa. Professora dos Anos Iniciais das Redes Municipal e Estadual de Ensino em Indaial (SC).

<sup>38</sup> São Bento do Sul, cidade situada no Planalto Norte de Santa Catarina, a 224 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>39</sup> Angelina, cidade do Estado de Santa Catarina, situada na Grande Florianópolis, capital do estado.

<sup>40</sup> Professora Rosinete Gaertner, professora de Matemática que atuou na Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, na cidade de Gaspar, e na FURB.

(Professora Gisela Bononomi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 09/04/2012)

Eu acho que eu participei em quatro edições de Feiras de Matemática [...]. A Guilhermina<sup>41</sup> era a que mais ia, sempre ia. Então foi através do trabalho que ela foi fazendo, a gente foi se motivando e foi fazendo também. O que me levou foi ela, que começou, e daí a gente foi se motivando a fazer, e nós éramos parceiras de trabalho, sempre uma ajudava a outra. (Professora Salete de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

Alguns professores, como relata a Professora Loriane Furrbringer Dalcastagne, são incentivados pela equipe diretiva da escola onde trabalham a desenvolver projetos integrados, podendo inscrevê-los na Feira no final do ano:

Eu comecei a participar da Feira porque a escola incentivou. Ela pediu que todas as professoras montassem um projeto. Depois era analisado o número de vagas; se dava para ir todos, a gente levava. Antes, a gente fazia uma Feira interna na escola para avaliar se todos estavam dentro dos padrões e critérios que a Feira exigia. Se tivessem poucas vagas, a gente decidia dentro da escola mesmo quais iriam. Mas sempre em espírito de equipe, ninguém deixava de ajudar; todos nos ajudávamos, mesmo que nem todos fossem. (Professora Loriane Furrbringer Dalcastagne depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/12/2011)

Muitos professores se inscrevem nas Feiras por vontade própria, por querer mostrar o que estão desenvolvendo em sala de aula, para participar de um espaço em que é possível trocar experiências. Foi o que ocorreu com a professora Rose Mary do Nascimento Agostini e a professora Guilhermina Campos Mattedi:

Participei bastante, mesmo. [...] E o que me levou a participar das Feiras foi a possibilidade de levar o trabalho, levar para outros alunos uma forma diferente de aprender Matemática. E nisso aí, olha, a Feira de Matemática é sensacional. (Professora Rose Mary do Nascimento Agostini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 15/12/2011)

---

<sup>41</sup> Professora Guilhermina Campos Mattedi, outra professora colaboradora desta pesquisa.

O que me levou a participar das Feiras de Matemática? Eu acho assim que foi mesmo mais a questão da divulgação. No início, não tinha as Regionais<sup>42</sup> na cidade, era direto. Então eu, como gostava muito de Matemática, procurava saber as épocas das Feiras e já inscrevia o trabalho. Como muitos trabalhos se inscreviam, eles selecionavam alguns para ir. (Professora Guilhermina Campos Mattedi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

Durante o Segundo Seminário sobre Feiras de Matemática, em 2001, foi deliberado que, a partir daquele ano, só participariam das Catarinenses os trabalhos apresentados e avaliados em Feiras Regionais. Isso se fez necessário, segundo o professor Vilmar José Zermiani, em seu depoimento para esta nossa pesquisa, para que todos os trabalhos fossem avaliados pelos mesmos critérios. Essa avaliação se faz necessária, uma vez que o número de trabalhos que podem ser apresentados é limitado devido ao espaço e aos custos.

Essa resolução, de certa forma, prejudicou alguns professores, principalmente os que trabalham em escolas vinculadas às Secretarias Municipais de Educação, pois, se, por algum motivo (na maioria das vezes político), o município decide não participar mais das Feiras de Matemática, esse professor automaticamente está excluído do evento. Essa situação encontra-se explicitada no depoimento de três professoras:

Pena que se perdeu. Eu só não participei mais porque não teve mais em Gaspar. (Professora Sandra Maria Buchmann, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Eu tenho saudades, muitas saudades de Feiras de Matemática. Muita, muita mesmo. É uma pena que não tenha a primeira Feira<sup>43</sup> aqui em Indaial, porque Indaial tem profissionais muito bons nessa área. Eu sei que tem. E estão escondidos. Apesar de tudo isso, a gente vê. As que participaram comigo de Feiras, vendo o trabalho delas ainda hoje em dia, a gente fez uma caminhada bem grande de trabalhar muito o material concreto. [...] A gente tem saudades, saudades mesmo. [...] Quem sabe, de repente, no próximo ano, a prefeitura não abre para a gente voltar para as Feiras. (Professora

---

<sup>42</sup> Feiras Regionais.

<sup>43</sup> Quando a entrevistada fala em primeira feira de Indaial, não significa dizer que, em Indaial, nunca houve, antes, Feira da Matemática. A depoente refere-se à Feira Municipal, pois, nas Feiras Regionais, só são apresentados trabalhos selecionados em Feiras Municipais.



Elnor Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Um dos quesitos das Feiras era participar de uma Feira Regional, e nós não participávamos porque o município não participava. (Professora Catleen May Gumz Fink, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 18/05/2012)

Quanto à inscrição, os trabalhos a serem apresentados nas Feiras, desde o início até hoje, devem ser inscritos respeitando dois quesitos – categoria e modalidade – que os classificam. A categoria indica o grau de ensino do expositor: alunos do pré-escolar, 1ª a 4ª séries, 5ª a 8ª séries, 2º grau, 3º grau, professores de qualquer grau de ensino e comunidade. Os trabalhos inscritos na categoria “Professores” devem ser fruto de pesquisa do professor em sala de aula e devem ser apresentados por ele. Os da categoria “Comunidade”<sup>44</sup> são trabalhos que exploram a Matemática, mas que não estão diretamente ligados à sala de aula. Hoje, com a ampliação do Ensino Fundamental de 8 para 9 anos e em virtude da mudança na nomenclatura, as categorias são: Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental (do 1º ao 5º ano), Anos Finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano), Ensino Médio, Ensino Superior, Professor e Comunidade.

No III Seminário sobre Feiras de Matemática, realizado em 2006, foi inserida a categoria Educação Especial, para que nela se inscrevessem professores e alunos que desenvolviam trabalhos relacionados ao ensino da Matemática em “Instituições de Educação Especial, oficialmente reconhecidas” (ZERMIANI, 2009, p.41), não havendo, porém, categoria para a inscrição de trabalhos desenvolvidos com e por alunos com deficiência de escolas de Educação Básica (esses trabalhos devem ser inscritos segundo o nível de ensino do aluno).

A outra forma de classificação dos trabalhos, as modalidades, segundo Zermiani (2002) se referem ao tipo de trabalho realizado que, à época, subdividiu-se em cinco possibilidades:

1) Matemática Pura: a Matemática é concebida como ciência independente e autônoma, com uma linguagem passível de compreensão e interpretação universais;

---

<sup>44</sup> Há, além de alunos e professores, membros da comunidade que não mais participam do sistema escolar. Esses também podem se inscrever nas Feiras e, para eles, foi criada a categoria Comunidade.

- 2) Matemática Aplicada: a Matemática como “ferramenta”, ou seja, como instrumento de apoio ao conhecimento do meio; às atividades comuns do cotidiano da comunidade;
- 3) Jogos Didáticos: trabalhos que enfatizam as possibilidades de operar ludicamente com diversos aspectos da construção de conceitos referentes ao conhecimento matemático;
- 4) Material Instrucional: estudos e experiências que destacam a diversidade dos materiais e métodos disponíveis aos docentes interessados em desenvolver um trabalho pedagógico diferente do tradicional; e
- 5) Informática: envolve trabalhos que utilizam a informática como possibilidade para o ensino.

No I Seminário, foram acrescentadas duas novas modalidades: Pesquisa em Educação Matemática (envolve trabalhos que investigam as possibilidades de trabalho em Educação Matemática, quer seja no ensino formal, quer seja em outras áreas em que ela se faz presente de forma sistemática ou assistemática) e Inter-relação com outras disciplinas (incentiva a construção de conceitos interdisciplinares, sendo a Matemática uma forma de interpretação sistêmica da realidade). A categoria Informática foi substituída por Informática voltada à Matemática (apresenta alternativas da Informática para o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem da Matemática). Essa mudança no título da modalidade, especificando “voltada à Matemática” se fez necessária, segundo o depoimento do professor Vilmar José Zemiani, dado que muitos trabalhos inscritos nas Feiras, nessa modalidade, apresentavam apenas *softwares* desenvolvidos e não evidenciavam a relação com a Matemática.

Em 2001, no II Seminário, de acordo com Zemiani (2002), as modalidades de inscrição foram reduzidas para três – Materiais e Jogos Didáticos; Matemática Pura e Matemática Aplicada e/ou Inter-relação com outras disciplinas – que assim permanecem até hoje. Essa mudança ocorreu em decorrência do grande número de modalidades até então existentes e da semelhança entre algumas delas, gerando dúvidas nos professores orientadores no momento da inscrição. Essa redução facilitou tanto o processo de inscrição quanto o de avaliação dos trabalhos.

A professora Maria Adélia Bento Schmidt, experiente em relação a trabalhos desenvolvidos nas Feiras de Matemática (pois participa delas desde o início, tanto como

orientadora de trabalhos quanto como avaliadora), afirma, em seu depoimento, que essa mudança das modalidades de inscrição facilitou: “[...] tinha categoria de tudo quanto é coisa, tinha premiação. [...] Agora que fizeram um seminário e juntaram as modalidades, eu acho que melhorou um pouco neste sentido” (Professora Maria Adélia Bento Schmidt, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 07/10/2010).

Podemos observar que, durante o tempo de sua existência, as Feiras de Matemática passaram por vários processos de transformação. Alguns problemas foram identificados e modificados diretamente pelos organizadores, e outros foram, de certa forma, induzidos pelos professores participantes que discutiam e apresentavam seus pontos de vista.

Após serem inscritos na categoria e modalidade adequadas, os trabalhos passam por uma seleção e são apresentados durante um dia (Feiras Regionais) ou dois (Feira Estadual) para a comunidade em geral. Para a participação efetiva na Feira de Matemática, cada trabalho deve inscrever dois alunos e um professor orientador (dois professores no caso da categoria Educação Infantil<sup>45</sup>), uma limitação que, por sua vez, atende às limitações orçamentárias das infraestruturas físicas do evento<sup>46</sup>.

Como o número de alunos expositores é limitado, a escolha dos participantes deve ser feita nas escolas. A CCO sugere que a escolha seja feita pelos alunos, democratizando o processo. Porém, durante as entrevistas, notamos que os critérios diferem muito entre os professores.

Eu sempre procurei levar crianças ou que tinham medo da Matemática (mas que tinham condições de apresentar) ou crianças muito expressivas (mas que tinham dificuldade em aprendizagem na Matemática). [...] Iam lá e se saíam muito bem. Então, essa realização da criança, este retorno que a gente vê na criança, isso estimulou. (Professora Luiza Maria Felippi Antônio, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 13/03/2012)

---

<sup>45</sup> O aumento no número de professores na Educação Infantil se deve ao fato de crianças pequenas exigirem maior atenção.

<sup>46</sup> Apresentamos, no Apêndice 6, um quadro que relaciona todas as Feiras Catarinenses já realizadas com o número de trabalhos apresentados, número de expositores e uma estimativa do número de visitantes. A variação do número de trabalhos se justifica na infraestrutura apresentada pela cidade-sede.

Eu procurava levar os alunos que tinham calma e tinham facilidade de, se alguém perguntasse e ele não entendesse, de dizer para a pessoa: *‘Eu não entendi a sua pergunta.’* Ser humilde de dizer: *‘Eu não entendi o que você quer saber.’* Então a gente também tinha que fazer uma seleção, na escola, de quais alunos iam expor o trabalho. O trabalho foi feito com todos, e a gente tinha de dizer na escola que esses três vão para representar o trabalho de nós todos, mas a professora só pode levar três. Daí eu fazia um sorteio simulado. (Professora Sandra Maria Buchmann, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

No começo, eu também apanhei porque, na primeira Feira, eu escolhi os três apresentadores. Quando eu participei da segunda, a gente fez um sorteio e quem não queria se retirava. Tudo isso eu fui aprendendo, não foi mais aquela coisa dedocrática: *‘Você, você e você’*. (Professora Elnor Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Tinha que escolher alguns para ir para Feira, então a sala ajudava a escolher. Quem gostaria de ir dava o nome, e a gente fazia uma votação para poder escolher, mas todos eles estavam aptos a apresentar o trabalho, todos sabiam o que a gente estava fazendo. (Professora Iris Tuty Dalcanale Araújo, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 26/03/2012)

Algumas utilizam a participação na Feira como uma forma de incentivar os alunos que mais se envolveram nas atividades de sala de aula:

E como só pode dois alunos (em princípio eram três, depois passou a ser dois), então a gente procurava escolher, é claro, aqueles que se destacavam, nas pesquisas do projeto, porque sempre tem aqueles que se destacam. Então, como só podia escolher dois, a gente escolhia aqueles que mais tinham se destacado pra levar para a Feira de Matemática também. (Professora Mirian Vivan de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 14/12/2011)

Eu acho que a Feira de Matemática é um trabalho de sala de aula porque daí você trabalha com todos os teus alunos e pega alguns para levar, aqueles que se identificam mais com a Matemática. Mas se tu trabalhas com todos, todos têm condição de ir. É uma briga, cada vez que tem uma Feira, todos querem ir, todos têm o conhecimento, só que, claro, uma vez podia levar três, agora é só dois, fica cada vez mais restrito. Então a gente vê aqueles que tiveram mais afinidade durante o trabalho todo, aqueles que dominam melhor a fala, porque tem uns que são ótimos, mas não têm assim o domínio da fala,

porque tem que explicar, tem que dizer, né? (Professora Guilhermina Campos Mattedi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

Durante o período de apresentação, os trabalhos são concomitantemente avaliados por três avaliadores e, no final de cada evento, é anunciado o resultado da avaliação.

A avaliação das Feiras sempre foi uma questão bastante discutida: avaliar ou não? Premiar ou não? Se avaliar, como avaliar? Os critérios analisados são justos? Quem os vê como justos?

No início das Feiras de Matemática, até o ano de 1993, os trabalhos eram avaliados e classificados em ordem decrescente, sendo classificados três em cada categoria, podendo, também, haver menções honrosas. A comissão julgadora era, então, composta por três pessoas (uma delas vinculada à área da Educação e duas, à de Matemática), representantes das Secretarias de Educação – estadual e municipal –, professores convidados da FURB e outras instituições de Ensino Superior e professores orientadores que avaliavam em categorias diferentes da que estavam participando. Na seleção dos professores avaliadores, a comissão organizadora do evento sempre procurou cuidar para que, entre os trabalhos avaliados, não houvesse trabalhos da mesma região do avaliador. Essa comissão era orientada a

[...] não incentivar e a não premiar trabalhos extraclasse, mas projetos científicos que foram construídos normalmente em sala de aula que, posteriormente, passam a ser reconstruídos a partir das intervenções dos avaliadores e visitantes. Portanto a Feira de Matemática visa enfatizar melhor o ensino científico da sala de aula. (ZERMIANI, 2009, p.40)

A avaliação, segundo as disposições do regimento, deveria ser realizada baseada nos seguintes critérios:

- qualidade científica da equipe e do trabalho (eliminação de variáveis não significativas; seguro domínio de conteúdos; sistematização; referências; conclusão concordante com o objetivo do trabalho); - a integração com outros temas da própria Matemática; - o espírito interdisciplinar; - a criatividade e a originalidade de concepção; - o valor de divulgação e de

popularização do conteúdo trabalhado; - a habilidade no aproveitamento e manipulação do material apresentado; - a facilidade de abstração permitida; - clareza na descrição; - outros itens que a Comissão julgar convenientes incluir. (FLORIANI; ZERMIANI, 1985, p. 04)

Os avaliadores atribuíam notas individuais até dez pontos para cada trabalho e, ao final, reuniam-se para elaborar a classificação.

A assembleia da segunda Feira Catarinense optou pela exclusão do sistema de avaliação, de forma que, no ano de 1987, os trabalhos na III Feira Catarinense de Matemática foram apenas expostos. Segundo o professor Vilmar José Zermiani, essa decisão foi revogada na assembleia da mesma Feira, quando professores orientadores e alunos expositores solicitaram o retorno da avaliação já para a IV Feira Catarinense de Matemática, o que consta na ata da referida reunião.

Descontentes com a avaliação do evento, portanto, professores e alunos se mobilizam, solicitando, em assembleia ao final da Feira Catarinense, que a avaliação fosse extinta. Extinta, já no ano seguinte, os participantes sentem falta da premiação e consideram que o sistema original deveria ser retomado. Assim, novamente se organizam para solicitar, à mesma assembleia, o retorno. Os depoimentos que coletamos para nossa pesquisa nos permitem afirmar que a premiação é, sim, tema explicitamente polêmico e difícil de ser enfrentado, mas, ao mesmo tempo, parece ser um dos importantes motivadores para professores e alunos participarem do evento. A premiação, decorrente da avaliação, cria marcações significativas na história da relação das professoras com as feiras, tanto ou mais explicitamente que as alterações nas práticas, as aprendizagens e a troca de experiências que também parecem caracterizar essa relação. A professora Sandra Maria Buchmann, em sua entrevista, é uma das que claramente ressalta o problema com a avaliação:

E tem professores, a maioria, eu posso falar da minha classe, a maioria vê isso como uma coisa para dar nota. Só por isso eles vêm: *'Ah, meu aluno, nossa escola, foi com um trabalho tão bom e não se classificou, isso é injusto.'* Então o professor só vê a nota, ele não vê mais nada. Um ano, a prefeitura fez e não classificou para ir para Regional. Ninguém foi. Olha só, o próprio professor pensa errado. Ele não pensa no lado bom, o que é que aquilo vai trazer pra ele e para os alunos. (Professora Sandra Maria Buchmann, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

O I Seminário sobre Feiras de Matemática foi criado, em 1993, com o objetivo de reunir professores envolvidos com as Feiras de Matemática para analisar o sistema de avaliação e eliminar o sistema classificatório com 1º, 2º e 3º lugares, pois a intenção era focar a apresentação dos trabalhos e minimizar a importância da concorrência ou disputa entre grupos. Os trabalhos, então, passaram a ser premiados como Trabalho Destaque e Trabalho Menção Honrosa, o que, certamente, mantinha o sistema de diferenciação e, conseqüentemente, o “clima de competição e disputa”, mas diminuía a ênfase em relação ao “melhor”, eliminando a hierarquização entre os premiados, mas não evitando diferenciar premiados de não premiados.

Em relação aos critérios de avaliação, foi extinto o critério “outros itens que a comissão julgar convenientes incluir”, uma vez que ele tornava a avaliação ainda mais subjetiva. Foi deliberado, então, que os critérios seriam divididos em Gerais e Específicos:

- a) Gerais: comunicação do trabalho, conteúdo matemático, qualidade científica, socialização;
- b) Específicos por modalidades – Jogos Didáticos de caráter recreativo, Material Instrucional: facilitar a construção do conhecimento. Matemática Aplicada: aplicabilidade, utilidade, relevância. Informática: ênfase no conhecimento matemático. Pesquisa em Educação Matemática: Inter-relação com outras disciplinas: por assunto e por método – nível e integração entre disciplinas. (ZERMIANI, 2003, p: 50)

A partir de 1999, houve a tentativa de extinguir a distinção entre premiados e não premiados: todos os trabalhos inscritos nas Feiras Estaduais e em algumas Regionais passaram a receber algum tipo de premiação, que poderia ser Destaque, Menção-Honrosa ou Participação, mas apenas os trabalhos Destaque em Feiras Regionais eram classificados para a Feira Estadual. Era mantida, mais uma vez, por outros critérios, a diferenciação que já se manifestava na premiação Participação, notadamente de menor importância frente às duas outras premiações. Vão critérios, vêm critérios; são criadas premiações, premiações são extintas, premiações são rearticuladas, e pouco é alterado no quesito avaliação.

No II Seminário sobre Feiras de Matemática, conforme registrado nos Anais (ZERMIANI, 2002), a assembleia decidiu pela participação dos alunos não apenas como apresentadores, mas também na organização e avaliação de trabalhos. Alunos do Ensino Médio ou Superior, que já haviam participado de algumas edições das Feiras e que tinham sido Destaque – nisso o famigerado fator diferenciador da premiação se mostra claramente –, poderiam participar da comissão de organização e avaliação dos trabalhos. A comissão de avaliação seria, então, composta por um aluno e dois professores (representantes de Secretarias de Educação Municipais, GEREDs, professores orientadores ou professores de Ensino Superior convidados).

A inclusão de alunos entre os avaliadores – que consideramos uma atitude bastante inovadora das Feiras –, entretanto, não surtiu tanto efeito. Segundo o professor Vilmar José Zermiani<sup>47</sup>, os alunos de Ensino Médio, de fato, participaram como avaliadores de poucas Feiras. Aos poucos, essa ideia foi ficando para segundo plano, e a avaliação passou a ser, como era antes, de responsabilidade apenas de professores.

No III Seminário sobre Feiras de Matemática, foi deliberado que, na avaliação, o critério Relevância Social deveria ser substituído por Relevância Científico-Social, deixando claro que, além da importância “social” do trabalho, deveria ser avaliada a sua importância no desenvolvimento do raciocínio e na formação lógico-intelectual-ética dos estudantes. Essa atitude reforça nossa compreensão anterior: os critérios se alteram – ainda que levemente – mas se mantém intacto o cerne da questão.

Entretanto, nesse mesmo III Seminário, foi deliberada a substituição da nota por um parecer de cada avaliador (que deveria preencher uma ficha específica) e que, em todas as Feiras, fossem elas Municipais, Regionais ou Estadual, deveriam ser fornecidos certificados aos expositores, independente da premiação.

A partir desse Seminário, ao analisar um trabalho, o avaliador recebe a ficha que deve ser preenchida com considerações suas sobre cada um dos critérios de avaliação. Cada avaliador participa de um grupo de, no mínimo, três professores que avaliam, em média, quatro trabalhos. Após a avaliação individual, os avaliadores se reúnem e discutem cada trabalho analisando os critérios de avaliação. Após entrarem em consenso, um professor

---

<sup>47</sup> Em entrevista.



designado como coordenador de grupo preenche uma ficha ressaltando os pontos positivos do trabalho e apresentando sugestões de melhoria, segundo a visão dos avaliadores. Essa avaliação é enviada ao professor orientador com o objetivo de auxiliar, tanto o professor quanto os alunos, a aprimorar seus estudos. Dessa forma os expositores têm, como retorno, uma avaliação pormenorizada, e não apenas um resultado final. Esse trabalho busca tornar a avaliação mais diagnóstica e processual.

Atualmente, esses critérios são divididos em “gerais” e um “específico” por modalidade<sup>48</sup>. Os critérios gerais são quatro e avaliam: a comunicação oral e escrita (clareza, adequação da linguagem e objetividade); o conteúdo matemático (domínio do conteúdo matemático desenvolvido no trabalho, de acordo com a categoria); a qualidade científica (organização e sistematização do relatório, metodologia e conceitos científicos aplicados, disposição dos materiais no estande e a organização dos alunos durante a exposição); e a relevância científico-social (importância do trabalho no desenvolvimento do raciocínio, buscando a formação lógico-intelectual-ética dos cidadãos).

O critério específico diz respeito à ênfase dada ao conteúdo matemático. Nas três modalidades, são analisadas a clareza e a objetividade nas definições e nos conceitos científicos julgados “essenciais”. Além disso, cada modalidade tem mais uma questão específica a ser considerada nesse critério: os trabalhos de Matemática Aplicada são avaliados quanto à aplicabilidade do modelo matemático. Nos trabalhos inscritos como Matemática Pura, são analisadas as operações e as propriedades matemáticas empregadas, e aqueles que exploram Materiais ou Jogos Didáticos devem explicitar a aplicabilidade para o ensino.

A premiação, atualmente, abrange todos os participantes, como Destaque ou Menção Honrosa. Todos os trabalhos recebem um troféu (todos os troféus têm o mesmo modelo, mas os diferencia a classificação), e os alunos recebem medalhas. Essa foi uma forma que a CCO encontrou de fazer com que todos os alunos, ao término das Feiras, sejam premiados. Ao fim e ao cabo, a diferenciação ostensiva, em meio a tantas alterações nos critérios, torna-se mais tênue nos moldes atualmente em vigor.

Nas entrevistas realizadas para este nosso trabalho, a questão da avaliação mostrou-se nitidamente. Algumas depoentes apontam a falta de experiência de alguns avaliadores como

---

<sup>48</sup> Dados obtidos a partir das fichas de avaliação utilizadas nas Feiras do ano de 2012, junto ao LMF da FURB.

um ponto negativo, outras afirmam que esse sempre será um problema devido aos vários fatores envolvidos na avaliação e ao fato de se basear na apresentação dos alunos, que podem estar nervosos e não conseguirem transmitir adequadamente todos os esforços necessários e empregados para que o trabalho fosse desenvolvido. Todas as professoras entrevistadas, entretanto, concordam com uma perspectiva: a avaliação é um tema que deve estar continuamente em discussão:

O que eu sentia muito era quando ia para as Feiras, e os avaliadores não tinham experiência, no sentido de que olhavam mais o estético, aquela coisa bonitinha, prontinha. Isso ainda tem hoje, a gente vê bastante, apesar de os avaliadores serem selecionados, de passarem por um processo de cursos. Mas a gente sabe que ainda tem aquele que vai pela estética, que não tem experiência. Eu participei como avaliadora, mas, antes de ser avaliadora, eu já estava uns dez anos participando de Feira. É um processo complicado, você está lidando com criança, então tem que cuidar muito com o que você vai fazer, pois, querendo ou não, depois que a criança sabe que ela está em uma competição, ouvir que o teu trabalho não foi Destaque dói para aquela criança e para gente também. Só que, como adulto, a gente consegue trabalhar com isso. Por isso que eu nunca disse: *'Oh! Vocês vão competir'*. Eu nunca exigi resultado deles. É uma consequência. Se veio, ótimo, se não, a gente sabe que o trabalho foi feito em sala e que eles assimilaram. Por isso, a Feira de Matemática era uma coisa que me estimulava a trabalhar em sala, mas não com a obrigatoriedade de que a criança tinha que participar e ganhar. Não era por aí. [...] Mas, sem avaliação, não tem como ir adiante porque tem as outras, começa na Municipal, tem a Regional e tem a Catarinense. A gente sabe que tem que existir a avaliação, mas o que eu colocava nas escolas com as professoras e com as coordenadoras era que eu não ia sacrificar o meu aluno, eu não ia cobrar dele se ele não passasse. Porque, na verdade, eu também tinha uma parcela ali dentro. E a avaliação a gente sabe que é uma coisa muito subjetiva. Cada um analisa de uma forma. De repente, a direção que eu peguei na sala de aula não é aquilo que o avaliador enxergou. Se ele começar a questionar o outro lado, as crianças se perdem. Então, a situação da avaliação é uma coisa delicada, em todos os sentidos, não só na Feira. (Professora Luiza Maria Felippi Antônio, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 13/03/2012)

[...] quando eu estava nas Feiras, o problema sempre foi a avaliação mesmo. Eu também não posso te dizer como é que poderia ser essa avaliação, porque eu também me questionava. Claro que eu sempre chegava na Estadual, chegava lá e como Destaque, mas eu escutava o trabalho dos outros e, às vezes, o aluno passava uma coisa, e tu conversavas com o professor, e ele dava o olhar dele de como foi. Eu acho que isso era uma coisa importante: o avaliador também escutar o professor, não só o aluno. [...] Eu acho que ele também tem muito a dizer. Tirar esse tempinho para ouvir o professor, não só o resumo, porque, às vezes, no resumo, tu não queres esmiuçar muito e

colocas só o necessário, a essência daquilo, como foi na sala de aula o envolvimento. (Professora Sandra Maria Buchmann, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

No meu ponto de vista, o maior problema das Feiras de Matemática ainda é a avaliação. Hoje já melhorou, porque, de cinco trabalhos que um grupo de jurados avalia, eles dão tantos Destaques e tantos Participação. Mas sempre fica aquela dúvida, se não é injusta a avaliação, porque a gente percebe que fica muito trabalho bom de fora com esse sistema de avaliação. Se toda equipe que avalia tem que dar três Destaques, às vezes, em um grupo, nenhum mereceria ser Destaque enquanto que, em outro, todos mereceriam e só pode dar para três. Então a questão da avaliação nas Feiras sempre é uma polêmica. Eu acredito que também tem o grupo que estuda tudo isso porque todo ano tá melhorando, mas ainda tem problemas na avaliação. (Professora Guilhermina Campos Mattedi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

Segundo as depoentes, o sistema de avaliação está melhorando, uma vez que, nos últimos anos, independente da classificação, todos os participantes são premiados. Um fator importante foi a mudança do sistema de pontuação para uma avaliação descritiva. Quanto à falta de experiência de alguns avaliadores, o professor Vilmar José Zermiani, em seu depoimento, declarou que estão sendo oferecidos cursos para professores que participam ou querem participar das Feiras, e que esses cursos são divididos em três módulos: Orientação, Avaliação e Organização. O objetivo é que todos fiquem cientes do papel de cada um no evento e estejam preparados para atuar nas avaliações.

Quanto à premiação nas Feiras, todas as professoras se manifestam a respeito: essa premiação não é assumida – ao menos a princípio – como fundamental ou como o mais importante do evento, mas, ao mesmo tempo, é essencial na constituição da narrativa. É um dos elementos a partir dos quais elas se posicionam frente a esse evento, ao listar/lembrar/questionar as premiações que receberam, quais foram os trabalhos premiados como Destaque (premiação máxima), em quantas receberam Menção Honrosa (prêmio de participação) e em quais momentos se sentiram prejudicadas no que concerne à avaliação dos trabalhos que levaram às Feiras:

[...] a gente já ganhou Destaque na primeira para poder partir para a Estadual. [...] Nós conseguimos trazer o troféu, foi bem importante. E a escola que eu trabalhava sempre alcançou muitas premiações, sabe?

(Professora Loriane Furrbringer Dalcastagne, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/12/2012)

[...] eu participava todo ano, e a gente chegava lá na Estadual. Eu acho que só uma que eu ganhei Menção Honrosa, o resto foi Trabalho Destaque. (Professora Sandra Maria Buchmann, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Os troféus, da Escola Multisseriada, que fechou em 96, eu tenho todos em casa expostos. Às vezes, quando as pessoas veem, eles olham: '*Nossa, mas quanto*', aí eu digo: '*Tá, mas não é só meu. É daquela escola, é daquelas crianças*'. Eu tenho marcado embaixo as crianças que foram. (Professora Elner Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Eu participei de três Feiras de Matemática. A primeira Feira [...] nós fomos Destaque. Fomos para a Estadual e também ganhamos Destaque. [...] Participei de mais duas: uma Menção Honrosa e outra foi Destaque. (Professora Íris Tuty Dalcanale Araujo, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 26/03/2012)

Eu lembro que tinha uma professora de Blumenau, uma tal de Terezinha<sup>49</sup>, ela tirava o primeiro lugar um ano, e eu tirava no outro. (Professora Gisela Bononomi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 09/04/2012)

[...] a gente tem muito troféu Destaque na escola, muitos que eu trouxe, que a Salete<sup>50</sup> trouxe e outras colegas, mas mais fomos nós que trouxemos. (Professora Guilhermina Campos Mattedi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

Eu participei a primeira vez (das Feiras) foi com garrafas de cerveja, que eu fiz uma experiência. [...] Foi o primeiro projeto que eu fiz e foi Destaque. Eu acho que eu participei em quatro edições de Feiras de Matemática e em todas o meu trabalho foi Destaque. (Professora Salete de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

---

<sup>49</sup> Terezinha Maiola. À época, lecionava no Colégio Pedro II, hoje, Escola de Educação Básica Pedro II, Blumenau (SC).

<sup>50</sup> Professora Salete de Oliveira, que, hoje, é diretora da Escola Municipal Rotary Fritz Lucht, em Joaçaba. Também foi entrevistada nesta pesquisa.

Eu sei que participei como professora em treze Feiras. É, entre as Regionais aqui de Joinville e mais as Estaduais. E geralmente eu ia para as Estaduais. Eu não fui para a Estadual, a última, aliás. Por isso ficou treze, se não seriam quatorze, né? [...] E pra mim, como professora, e eu também trabalhava isso nos alunos, não importa se for Destaque ou se for Menção Honrosa. O que seja. O importante é que nós chegamos aqui, viemos aqui, e a gente pode transmitir o que a gente aprendeu e está aprendendo outras coisas também. (Professora Mirian Vivan de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 14/12/2011)

A primeira Feira de Matemática que participei foi pelo ano 2000, [...] tivemos o primeiro prêmio e foi muito bacana. [...] O professor precisa acreditar no que ele faz. Não importa se premiou ou não, não tinha muito essa importância pra mim, porque era tão gostoso ver tudo o que foi feito... Eu preparava muito bem as crianças para tudo. (Professora Alcírís de Oliveira Zabel, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 26/03/2012)

A primeira vez que participei da Feira de Matemática [...] na Estadual, eu ganhei Participação. Depois eu participei, no total, de oito Feiras de Matemática. Em 2003, eu participei, aqui em Leoberto Leal, da Regional, com “Jogando com a Matemática” e só fiquei aqui na Regional. Em 2004, eu trabalhei “Geometria e Medidas na Construção”. Com esse aqui eu ganhei Destaque na Regional em Chapadão do Lajeado<sup>51</sup> e Destaque na Estadual em Pomerode<sup>52</sup>. [...] Em 2005, foi “Matemática na Vida, Matemática no Parque”. Este foi Destaque na Regional em Ituporanga<sup>53</sup> e Destaque na Estadual em Videira<sup>54</sup>. [...] Eu nunca esqueço de um aluno que, um ano, a gente ficou com Participação, e ele chorava, chorava: *‘Mas não pode, o nosso trabalho era bom, não podemos ter perdido.’* E eu dizendo pra ele: *‘Querido, nós ganhamos, ganhamos um monte, aprendemos um monte.’* Mas voltávamos felizes por termos participado e vivenciado outras experiências, outros lugares. Afinal, é através das Feiras que temos oportunidade de melhorar nosso trabalho enquanto profissionais e estarmos abrindo para os alunos as portas da escola para a vida. Quem aproveita as oportunidades que a vida oferece tem o que lembrar para contar e fazer história. (Professora Lúcia Margarida Braun Guckert, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 27/03/2012)

E aí fomos para Tijucas, onde era a Regional, e lá ganhamos Destaque. Eu vim igual a um passarinho de tão contente. Fomos para Ituporanga, uma Feira grande, enorme, aí lá não, lá não ganhamos nada. Vim triste e não vim. Nada como tu vires com um troféu. Ganhamos só de Participação. Mas só tu

<sup>51</sup> Chapadão do Lajeado, cidade situada no Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 148 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>52</sup> Pomerode, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 155 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>53</sup> Ituporanga, cidade situada no Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 138 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>54</sup> Videira, cidade situada no Oeste de Santa Catarina, a 364 km de Florianópolis, capital do estado.

estares lá na Feira Estadual, já é teu prêmio, né? (Professora Sandra Terezinha Sartori Martini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 03/04/2012)

Ao lermos as narrativas completas das professoras, percebemos que a premiação não era o fator principal que as levava a participar das Feiras de Matemática, uma vez que muitos trabalhos eram interdisciplinares e desenvolvidos durante todo o ano letivo. Para participar do evento, elas utilizavam apenas a parte que envolvia a Matemática, devido ao tempo de apresentação no evento. Acreditamos que a premiação, de certa forma, representa, para elas, um trabalho bem-sucedido e uma valorização da sua prática, razão pela qual entendemos a importância de salientar a premiação que seus trabalhos receberam em cada Feira, em suas falas.

De todas as professoras entrevistadas, apenas três não falaram sobre suas premiações: a professora Catleen May Gumz Fink que, em momento algum, tocou no assunto premiação, e a professora Rose Mary do Nascimento Agostini e a professora Luiza Maria Felippi Antônio, que reforçaram, em seus depoimentos, o fato de não considerá-la importante:

Se houve classificação, se não houve classificação, pouco me interessa. Ela tem que ter classificação, eu concordo. A classificação faz parte. Se você quer tocar adiante, você tem que classificar, não dá para levar todos, tem que classificar. Mas se o meu foi desclassificado, não significa que o meu não foi bom, né? (Professora Rose Mary do Nascimento Agostini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 15/12/2011)

A Feira, pra mim, não é o foco principal. Ela é uma consequência de um projeto bem desenvolvido, de um trabalho bem feito em sala de aula, mas não é, nunca foi, o meu objetivo. Eu gosto de participar das feiras, mas se não der para ir, meu objetivo é sala de aula. (Professora Luiza Maria Felippi Antônio, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 13/03/2012)

#### **4.2. Outras questões referentes às Feiras Catarinenses de Matemática.**

Como, nas Feiras, há um grande número de trabalhos de escolas públicas, e muitas atendem a uma população de baixo poder aquisitivo, desde a primeira Feira Catarinense, são disponibilizados aos participantes alojamentos e alimentação completa (salvo no caso das escolas que pagam para seus alunos ficarem em hotel).

As primeiras Feiras Regional e Estadual ocorreram sem apoio financeiro de órgão de fomento algum, apenas com o apoio da FURB – que teve a iniciativa de criá-las – e das Associações de Pais e Professores (APPs) das escolas envolvidas, que pagavam uma pequena taxa para os custos de execução.

A partir da segunda Feira, foram buscadas verbas em órgãos públicos. Até a quarta Feira Catarinense, foi obtido financiamento do SPEC/PADCT e, por esse motivo, elas eram avaliadas por consultores da CAPES que davam seu parecer e sugestões de melhoria. Com o passar do tempo, passaram a se sustentar com o fomento de outros órgãos públicos de âmbito local, regional e estadual.

Como a organização das Feiras sempre dependeu de verbas públicas, em alguns anos, o montante disponível não foi suficiente para cobrir todos os gastos, sendo necessário cobrar uma taxa de inscrição por trabalho. De acordo com professor Vilmar José Zermiani<sup>55</sup>, essa cobrança aconteceu apenas em quatro ou cinco Feiras Catarinenses, e o pagamento era realizado pelas APPs das escolas envolvidas. Esse dinheiro era utilizado como reserva técnica e para a confecção dos Anais do evento.

Os Anais, com os resumos dos trabalhos apresentados nas Feiras Catarinenses, começaram a ser confeccionados a partir da décima quinta edição do evento, ocorrida em 1999. A partir desse ano, apenas duas edições ficaram sem seus Anais, a décima sétima e a décima oitava, por problemas na organização, e dois foram confeccionados na forma digital, o da vigésima terceira e o da vigésima quinta edição. Todos os outros foram impressos. Esses Anais são distribuídos para as GEREDs, as Secretarias Municipais e as escolas participantes. O professor interessado, mas que não tenha acesso a esse material, pode entrar em contato com o LMF da FURB para obtê-lo por empréstimo. A partir de 2013, os Anais passaram a ser disponibilizados em um sistema livre de gerenciamento de eventos denominado Sistema on

---

<sup>55</sup> Em entrevista.

line de Acompanhamento de Conferências (SOAC)<sup>56</sup>. Até o momento estão disponíveis os Anais da XXVI e XXVII Feiras Catarinenses de Matemática e da I Feira Nacional de Matemática. Aos poucos, segundo informações dos organizadores, serão inseridos também os Anais das Feiras anteriores. Esse processo se fez necessário para que mais professores, participantes ou não das Feiras, tivessem acesso aos temas apresentados nesses eventos.

Nos primeiros anos da década de 2000, começou a trabalhar na Escola Agrotécnica Federal de Rio do Sul, hoje IFC – *campus* Rio do Sul (SC) –, a professora Alaíde Ferreira dos Santos, vinda da Bahia. Durante os anos em que trabalhou nessa instituição, essa professora começou a se envolver no processo de organização das Feiras de Matemática e, empolgada com o que havia acompanhado, levou a ideia para o seu estado quando retornou para a cidade de Senhor do Bonfim (BA), para trabalhar na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), da qual estava licenciada. Em 2006, foi realizada a primeira Feira Baiana de Matemática, seguindo as características da Feira Catarinense. Nos primeiros anos, uma equipe de professores da CCO de Santa Catarina acompanhou o processo indo à Bahia. Neste ano de 2014, será realizada a 8ª edição da Feira Baiana de Matemática.

No ano de 2010, foi realizada a I Feira Nacional de Matemática, em Blumenau, com o objetivo de expandir a ideia da Feira Catarinense e apresentar trabalhos desenvolvidos em todo o Brasil. Participaram desse evento cinquenta e nove trabalhos desenvolvidos nos estados de Santa Catarina (47), Bahia (10), Pernambuco (1) e Rio Grande do Sul (1). No ano de 2013, ocorreu a segunda edição desse evento, na cidade de Brusque (SC), que recebeu 65 trabalhos, sendo 45 do estado de Santa Catarina, selecionados entre os trabalhos Destaque da XXVIII Feira Catarinense e dos seguintes estados: Bahia (10), Pernambuco (1), Acre (2), Amapá (2), Minas Gerais (4) e Rio de Janeiro (1). A divulgação dessas Feiras é feita por cartazes enviados para as Universidades e por meio de contatos entre os Institutos Federais, feitos pelo IFC de Rio do Sul (SC), que possui um grupo atuante na CCO Catarinense. Os participantes dos outros estados enviaram a inscrição para a Organização do Evento e foram selecionados pelo Comitê Científico. Em 2014, será realizada a III Feira Nacional de Matemática, na cidade de Salvador (BA).

Uma grande conquista do Grupo que coordena as Feiras Catarinenses de Matemática, no ano de 2013, foi a inserção, após vários anos de luta junto à Secretaria Estadual de

---

<sup>56</sup> <http://proxy.furb.br/soac/index.php/feirasMat/pub>



Educação, do evento no calendário oficial da Educação de Santa Catarina. A partir de 2014, as Feiras Catarinenses de Matemática passam a constar oficialmente do Calendário Escolar da Secretaria Estadual de Educação. Esse fato mostra que a luta desse grupo de professores está repercutindo junto às instâncias governamentais, que começam, de algum modo, a reconhecer e apoiar o evento.

### **4.3. A Avaliação das Feiras pelas Professoras Colaboradoras.**

As professoras colaboradoras fazem uma avaliação das Feiras de Matemática em seus depoimentos, e declaram, via-de-regra, que as Feiras são muito importantes, tanto para o desenvolvimento profissional dos professores que dela participam quanto para o crescimento pessoal e intelectual dos alunos:

Quanto à relação entre as Feiras e o ensino, eu acho que ela contribuiu bastante. Eu, como professora, vejo alunos que foram comigo a uma Feira. Depois eles entram no Ensino Médio e lá estão eles na Feira de novo. Eu sempre dizia pra eles: *‘Quando tu vais a uma coisa, quando tu tomas gosto, então aquela coisa acontece’*. Então eu acho que, para o ensino, a avaliação geral é que ela tem contribuído. Sempre contribuiu. (Professora Maria Adélia Bento Schmitt, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 07/10/2010)

[...] todas elas têm o seu valor, todas elas foram importantíssimas pra mim, porque eu cresci observando todos os trabalhos que tinha lá. Eu não tenho a tendência de copiar, nem a ideia assim, a ideia, o título, estas coisas não. Mas ali surgem ideias na cabeça da gente. Por isso é que é importante o professor participar. [...] E os alunos que participam de Feiras de Matemática, eles ficam diferentes, eles nunca serão os mesmos mais. Porque falar para todo aquele público que passa ali, explicar, é uma mudança total no aluno, é importantíssimo para o currículo dele, na minha opinião. E do professor também. Eu cresci muito com as Feiras. (Professora Mirian Vivan de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 14/12/2011)

A minha escola sempre valorizou o negócio da Feira, e eu sempre gostei muito de participar. Eu gostava sempre muito de trabalhar com ideias diferentes. Se fosse para fazer um projeto que sempre tinha, eu não queria.

Eu queria sempre aquela coisa diferente. (Professora Loriane Furrbringer Dalcastagne, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/12/2011)

Mas eu acho que vale a pena, sim, você aprende muito com isso. Você vê, eu sempre ficava ouvindo o trabalho dos outros. Pegava muita coisa do que tinha. *'Ah! Isso aqui deu certo, posso adaptar na minha escola, acho que vale a pena'*. Para a criança que participa é uma experiência que eles não esquecem. Muito bom! (Professora Luiza Maria Felippi Antônio, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 13/03/2012)

[...] Fui me abrindo, realmente, e foram conquistas e mais conquistas que a criança conseguiu. Isso, eu garanto aqui, valeu um monte. Tanto para o professor quanto para a criança e para a vida dela, o cotidiano dela, o social dela. Isso tudo ajudou. (Professora Elner Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Eu acho que as Feiras de Matemática estão excelentes, os trabalhos que são apresentados são maravilhosos. Não interessa se a gente ganha ou não ganha. O que vale é o aprendizado, e, quando um trabalho é bem feito, ele é levado para toda vida, porque o ser humano, quanto ele faz uma coisa bem feita e com amor, ele não esquece mais. Então as Feiras de Matemática devem continuar, é uma coisa assim que, quem vai, escuta, aprende, porque as crianças sabem o que estão falando. Só que eu acho que cada escola tem que pensar como que desenvolve este trabalho, para que não seja uma coisa assim só de dizer, né: *'Eu vou só pra eu fazer este trabalho, vou lá para mostrar.'* Tem que ser um trabalho envolvendo a escola, em que os alunos aprendam e não só dois ou três. Mas assim, a minha visão em relação às Feiras de Matemática, é que eles são um trabalho maravilhoso. (Professora Salete de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

A relação entre o ensino de Matemática e as Feiras de Matemática eu acho muito positiva, porque para o professor é um desafio, o professor ver que ele pode estar mostrando para os outros o que ele está fazendo dentro da sala de aula. Que é uma coisa simples, às vezes uma mudança de ideia, uma proposta diferente para trabalhar o mesmo conceito e estar desenvolvendo isso e até pela questão das crianças. A gente via que as crianças gostavam de estar levando o trabalho delas, de estar apresentando. (Professora Catleen May Gumz Fink, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 18/05/2012)

Percebe-se, nas narrativas apresentadas, que, quando são desenvolvidos trabalhos de forma diferenciada em sala de aula, os alunos passam a ter uma relação diferente com a

disciplina Matemática. A respeito da participação no evento propriamente dito, as professoras declararam que tanto elas quanto os alunos crescem, pois elas têm contato com outros trabalhos e outras dinâmicas, e eles têm que “se expor”, ou seja, o fato de apresentarem o trabalho faz com que desenvolvam uma confiança muito maior no seu potencial.

As professoras colaboradoras são unânimes ao declarar que, quando o trabalho em sala de aula tem, como objetivo precípua, o ensino e a aprendizagem da Matemática, quando é desenvolvido com toda a turma e não apenas com grupos específicos, e quando a Feira se torna apenas uma decorrência das práticas escolares, objetivo secundário, e não a meta principal do cotidiano escolar, participar das Feiras é algo enriquecedor para professores e alunos. Quando, porém, o trabalho é desenvolvido única e exclusivamente para ser apresentado na Feira de Matemática e com apenas um grupo de alunos, e não com a turma toda, como às vezes aconteceu em algumas escolas e com alguns professores, as colaboradoras afirmam que não percebem grande vantagem nessa iniciativa.

Que eu lembro, o objetivo das Feiras sempre foi mostrar trabalhos que foram feitos na sala de aula. Só que, às vezes, isso não acontece, né? A gente sabe que isto passa a ser um trabalho extraclasse. Não é que eu condene isso, porque, às vezes, tem alunos que se sobressaem mais e que têm interesse de fazer alguma coisa. Isso eu acho ótimo também. Que faça, que vá atrás, que este professor vá como mediador, providenciando trabalho, isso eu acho também que é válido. Agora, o que eu não acho válido é fazer um trabalho específico para a Feira. Isso sai totalmente do objetivo da Feira. O trabalho tem que ser de sala de aula, um reflexo, para aprender. (Professora Maria Adélia Bento Schmitt, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 07/10/2010)

Sobre a relação entre o ensino de Matemática nas escolas e as Feiras de Matemática, eu penso assim: se não é um trabalho só para a Feira, ele é válido. Agora, se ele é um trabalho que é para fazer só lá e morrer, não. Porque eu vejo que de quinta a oitava e Ensino Médio, eu acho que é mais para a Feira. Só que também é assim, o aluno ganha muito com isso, com a pesquisa, porque aquele determinado aluno, aqueles alunos que foram para lá, o conhecimento é deles, não é de mais ninguém. Só que daí o grupo em si, todo, não ganha, é mais fragmentado, né? (Professora Sandra Terezinha Sartori Martini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 03/04/2012)

A estratégia das Feiras, quando é trabalhado em sala de aula, com todos os alunos, quando se faz um trabalho interdisciplinar, é válida. Agora, a gente sabe que tem pessoas que fazem um projeto e tiram crianças para fazer o

trabalho só com os três, fora. Isso pra mim não tem validade nenhuma, porque daí a criança não aprende, ela decora e, não é três alunos da sala, é a sala toda, é uma equipe. Eu acho que tem que ser desenvolvido o projeto, mas todos os alunos têm que participar e, dentre esses, se tira os que vão apresentar. Mas o trabalho tem que ser desenvolvido na sala. Agora a gente sabe que muitas vezes não é isso que acontece. (Professora Salete de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

Certeau (1994), em seu estudo sobre a sociedade, explica que, quando as pessoas não estão de acordo com algumas regras, mas que não podem alterá-las, procuram modos de fazer outros que não os impostos, ou seja, alguma forma de burlá-los. Ao se referir aos índios sob o domínio espanhol, afirma que “seu modo de usar a ordem dominante exercia o seu poder, que não tinham meios para recusar; a este poder escapavam sem deixá-lo” (p. 39-40). De certa forma, é isso que fazem os professores que inscrevem trabalhos desenvolvidos totalmente extraclasse e com apenas um grupo de alunos. Sem conseguir mudar as regras, eles os inscrevem como se fossem desenvolvidos com toda a turma.

Apesar dos vinte e nove anos de desenvolvimento da Feira Catarinense de Matemática, é necessário, ainda, um trabalho específico de conscientização de alguns professores quanto ao objetivo principal desse evento, qual seja, o de estimular o desenvolvimento de atividades diferenciadas para o ensino e a aprendizagem da Matemática no cotidiano das escolas.

As Feiras de Matemática, mais do que eventos que simplesmente apresentam trabalhos diferenciados desenvolvidos em sala de aula e mesmo em meio às conflituosas decisões relativas à avaliação e à premiação, vêm se mostrando, todos esses anos, como um espaço, um lugar praticado no qual se desenvolvem práticas sociais relacionadas à educação matemática e à formação profissional dos professores envolvidos, posto que “*prática social* é toda ação ou conjunto intencional e organizado de ações físico-afetivo-intelectuais realizadas em um tempo e espaço determinados, por um conjunto de indivíduos” (MIGUEL, 2003, p. 27). (grifo do autor)

## 5. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS

*O presente no qual somos convidados a nos encerrar não é nada por si, é apenas um prolongamento do passado, do qual não pode ser separado sem perder grande parte de todo seu significado. (DURKHEIM, 1995, p. 22)*

Neste capítulo, procuramos apresentar, ainda que brevemente, uma retomada histórica relativa à constituição da escola na Europa e no Brasil, de modo a perceber, nessa trajetória, alguns elementos sobre a formação inicial dos professores polivalentes<sup>57</sup>, como ela ocorre atualmente no Brasil. Lugar e tempo para iniciar uma narrativa historiográfica são marcos arbitrários que escolhemos segundo nossas perspectivas, nossas intenções e nossas possibilidades. A Europa foi, aqui, nosso *locus* inicial, dada a influência que nosso sistema educacional recebeu daquele continente e, nesse sistema, em especial, nossas Escolas Normais, modelo de formação inicial para o que, hoje, a literatura tem chamado de “professores que ensinam Matemática”, como poderíamos também caracterizar todas as professoras que, com seus depoimentos, colaboraram com nosso trabalho.

### 5.1. Um pouco sobre a origem e evolução da escola e da formação de professores na Europa no período do séc. VIII ao séc. XIX

Na Antiguidade, o ensino, na Europa, era realizado por professores que recebiam os alunos em suas casas. Sendo assim, retórica, gramática e música, por exemplo, eram ensinadas por professores diferentes, em lugares diferentes e sem qualquer relação uma com a outra. Dessa forma, segundo Durkheim (1995), as primeiras instituições escolares de que se tem conhecimento, surgidas entre os séculos VIII e XI, foram as escolas cristãs que, com seu caráter eclesiástico, reuniam todos os ensinamentos em um mesmo local – catedrais, abadias, mosteiros e igrejas paroquiais – e sob uma mesma influência.

---

<sup>57</sup> Professores Polivalentes são professores que trabalham nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e ensinam todas as disciplinas. Esses professores poderão ser chamados, neste trabalho, em outros momentos, como tem feito a literatura específica em Educação Matemática, de “professores que ensinam matemática”.

O ensino era extremamente formal e constituído pelas Sete Artes Liberais, divididas em dois grupos denominados *Trivium* e *Quadrivium*. O *Trivium*, composto pela gramática, retórica e dialética, era ensinado nas escolas paroquiais; e o *Quadrivium*, formado pela geometria, aritmética, astronomia e música, era desenvolvido nas escolas das catedrais e dos grandes mosteiros. O *Quadrivium*, conforme Durkheim (1995), era uma espécie de Ensino Superior, não obrigatório e de luxo, reservado para uma pequena elite de especialistas e iniciados. Os professores eram monges ou mestres escolhidos pelos bispos das catedrais.

No século XII, com a fixação da corte francesa em Paris, a escola ligada à catedral de Notre-Dame assumiu uma grande evidência, e estudantes de todas as regiões da Europa a ela se dirigiam. Entretanto, “Os alunos tornaram-se [...] tão numerosos que os próprios mestres tiveram que multiplicar; a escola de Notre-Dame não foi suficiente;” e “um grande número de mestres começou a ensinar em residências particulares, em seus próprios domicílios.” (DURKHEIM, 1995, p. 77)

Essas escolas, inicialmente, funcionavam sob a orientação do bispo, e havia, na Catedral de Notre-Dame, um monge responsável pela autorização de seu funcionamento, assim como pela proibição ou permissão (quando lhe convinha) ao professor lecionar. Obtida essa permissão, o candidato a professor passava por um processo de formação em que deveria, durante um tempo que variava de cinco a sete anos, acompanhar o ensino de um mestre autorizado, sem obter remuneração alguma. Durkheim (1995) afirma que, passado esse período, o candidato deveria dar uma primeira aula na presença de, pelo menos, um mestre, para que, caso fosse aprovado, obtivesse a permissão para ensinar. Após essa primeira aula, o mestre entregava ao principiante as insígnias de seu novo cargo numa cerimônia denominada *inceptio*, isto é, “início”, “inauguração”.

Com o crescimento do número de escolas, os professores começaram a se unir e, após uma longa luta contra a catedral, conseguiram acabar com o poder dos bispos de dar e tirar o direito ao Magistério. Findou, aos poucos, o predomínio da igreja sobre o ensino, resultado de uma luta que durou vários anos, já que a Escola de Paris era um órgão de tal modo poderoso que sua licença de ensino tinha validade para vários países.

Todo esse movimento culminou na criação da Universidade de Paris, que, inicialmente, era apenas uma corporação de mestres. Nessa universidade, eram desenvolvidos os estudos de

Artes, Direito, Teologia e Medicina. O estudo de Artes era obrigatório e inicial, ou seja, para cursar qualquer dos outros cursos, o aluno tinha que ser aprovado no curso de Artes. Outra característica importante desse curso é que tinha, como meta, formar novos mestres. Como não havia mais a necessidade de autorização do bispo para lecionar, essa função ficou a cargo exclusivamente desses mestres que preparavam o candidato e o avaliavam para tal ofício segundo os padrões já descritos.

O número de escolas continuou a crescer até o início do século XVIII, mas sua pedagogia continuava apoiada no formalismo, fosse ele lógico, dialético ou literário, não preparando a criança para função alguma, já que a preocupação se voltava apenas para o lado intelectual e humanista.

No início do século XVII, fruto das mudanças sociais que se iniciavam na Europa, começou a surgir uma nova pedagogia difundida por Comenius (1592-1670), o qual preconizava, segundo Durkheim (1995), que o ensino, além de formar o homem para a vida espiritual, deveria prepará-lo para a vida temporal e civil, por meio da chamada “pedagogia realista” que, ao contrário do humanismo, procurava, nas coisas, na realidade, o instrumento da cultura intelectual. Comenius, de acordo com Almeida (2006a), acreditava que a educação tivesse o poder de levar o homem a solucionar os conflitos e a repudiar a violência, chegando à constituição do que ele chamava de sociedade universal.

Tal proposta chegou à França por volta da metade do séc. XVIII, no período próximo ao da Revolução Francesa. Segundo Garnica e Gomes (2013) e Gomes (2008), a França, movida pelo pensamento iluminista<sup>58</sup>, buscava uma nova concepção de educação, abrindo espaço para o ensino da Matemática e das Ciências Exatas, num movimento contrário àquele da educação jesuítica<sup>59</sup> até então dominante. Em 1792, Condorcet (1743-1794) apresentou “à Assembleia Nacional um plano completo sobre a organização da instrução pública nacional, abrangendo todas as fases e instâncias de formação [...] cujos princípios orientadores eram o acesso universal, a gratuidade e a independência” (GARNICA E GOMES, 2013, p. 315). No plano

---

<sup>58</sup> Desenvolvido no século XVIII, o pensamento iluminista combatia a dominação religiosa, o estado absolutista e os privilégios de uma determinada camada da sociedade, apostando no desenvolvimento do pensamento racional. De acordo com Cambi (1999), segundo o pensamento iluminista, a escola devia “reorganizar-se sobre bases estáveis e segundo finalidades civis, devendo promover programas de estudo [...] funcionais para a formação do homem moderno”. (p. 336)

<sup>59</sup> A educação jesuítica era literária e humanista, fornecendo uma cultura geral básica e neutra. Não havia preocupação em preparar o homem para o trabalho.

apresentado, Condorcet estruturava, também, uma nova organização escolar, a qual constava de três etapas denominadas de Primeiro Grau, Segundo Grau e Ensino Superior.

O primeiro grau de quatro anos seria ministrado em escolas específicas presentes em todas as cidades; o segundo grau seria desenvolvido em instituições-polo, visando a centralizar o atendimento, e o ensino superior, em pequena quantidade, funcionaria em instituições implantadas nos centros mais populosos. (GARNICA; GOMES, 2013, p. 316-317)

Esse projeto não chegou a ser votado pela Assembleia. No ano seguinte, em 1793, o governo de Paris criou as Escolas Centrais, cujo objetivo era substituir os antigos Colégios dominados pela Igreja. Apesar da rejeição inicial ao projeto de Condorcet, a estrutura dessas escolas era muito semelhante àquela por ele elaborada, inclusive na divisão do ensino, que passava a ser composto por três ciclos, com duração de 2 anos cada. O primeiro era denominado de Escola Primária (que, em grande parte, se desenvolvia na casa dos professores), o segundo era a Escola Secundária (desenvolvido nas Escolas Centrais) e o terceiro era formado por Escolas Especiais, mais específicas, voltadas para uma formação mais especializada ou “superior”. A filosofia de ensino, por sua vez, “seguia claramente uma tendência iluminista, privilegiando as ciências, o desenho e os conteúdos, em geral, modernos” (GARNICA; GOMES; ANDRADE, 2013, p. 140).

Ainda segundo Garnica, Gomes e Andrade (2013), o segundo ciclo era composto por Matemática, Física e Química Experimental, uma vez que, segundo Lacroix<sup>60</sup> – um dos responsáveis pela criação desses cursos e, além disso, um dos responsáveis pela reforma da instrução pública francesa da época –, “o curso de Matemática, ao compreender a aritmética, a álgebra, a geometria e a trigonometria, continha tudo o que era necessário saber para os estudos práticos relativos à mecânica, à arquitetura e à agrimensura” (p. 140).

A Assembleia Constituinte de Paris, no ano de 1794, propôs a formação da Escola Central de Trabalhos Públicos que, segundo Lacroix (GARNICA; GOMES; ANDRADE 2013), foi transformada na Escola Politécnica e serviu de parâmetro para a criação de escolas

---

<sup>60</sup> Garnica, Gomes e Andrade (2013), no texto aqui mobilizado, estudam o livro *Ensaio sobre o Ensino em geral e o de Matemática em particular*, de Sylvestre François Lacroix, cuja primeira edição é de 1805. Trata-se de uma obra de natureza autobiográfica, relativa ao envolvimento do autor com a reforma da instrução francesa e às atividades que desenvolveu como autor de manuais didáticos. A tradução desse livro para o português foi recentemente publicada pela Editora UNESP.



que tinham como objetivo formar professores para atuarem nas escolas que estavam surgindo. Essas escolas receberam o nome de Escolas Normais, uma vez que, segundo a proposta da reforma da instrução, deveriam ser um espaço em que as normas eram defendidas, aplicadas e reproduzidas:

Na concepção francesa, a Escola Normal seria aquela na qual os futuros professores aprenderiam o modo correto de ensinar (a norma), por meio de salas de aula modelo, nas quais observariam docentes ensinarem crianças de acordo com as formas exemplares. Por essa razão, a criação das Escolas Normais sempre era acompanhada da criação da escola-modelo anexa, onde os futuros professores poderiam se aproximar das práticas de ensino desenvolvidas com alunos reais. (VICENTINI; LUGLI, 2009, p. 33)

Se o crescimento do número de Escolas Centrais foi rápido – segundo Garnica, Gomes e Andrade (2013), já havia, em 1802, uma centena de Escolas Centrais em funcionamento –, o mesmo não ocorreu com as Escolas Normais. As Escolas Normais foram ceifadas mais prematuramente que as próprias Escolas Centrais<sup>61</sup>:

Criada na França revolucionária, a Escola Normal serviu de modelo às demais escolas de formação de professores que se espalharam pela Europa, chegando ao Brasil em 1835. Segundo Piozzi/.../, as Escolas Normais eram as únicas efetivamente abertas aos menos favorecidos. De acordo com Dhombres /.../, as duas instituições mais notáveis do período revolucionário nasceram apenas após o Termidor: a *École Polytechnique* e a *École Normale*/.../. Schubring afirma que a instituição das Escolas Primárias em toda a República demandou uma formação de professores rápida visando a atingir, em pouco tempo, um grande número de indivíduos. Para esse autor, essa foi a única razão para a fundação da Escola Normal. Segundo Dhombres, as Escolas Normal e Politécnica eram, desde suas origens, bem diferentes: a Politécnica foi prevista para durar e a Normal era uma estratégia emergencial, para divulgar normas quanto aos métodos de ensino formando mestres que pudessem, logo que possível, implementar em cursos o que haviam aprendido. Paralelamente, acordos políticos permitiram que antigos representantes do clero se tornassem instrutores tanto em instâncias públicas quanto privadas. (GARNICA; GOMES; ANDRADE, 2013, 142)

---

<sup>61</sup> As Escolas Centrais foram substituídas por Liceus já no início da era napoleônica. Tais Liceus seguiam uma organização semelhante à dos colégios jesuítas, voltando o ensino aos padrões do Antigo Regime, quando vigorava a ênfase estrita em uma educação humanista, tão combatida pelos iluministas por negligenciar a formação científica.

Ainda em consonância com os mesmos autores, a Convenção Nacional, em virtude da situação exposta, extinguiu a Escola Normal somente quatro meses após o início de seu funcionamento, a qual reapareceu por volta de 1808-1810, na era napoleônica.

## **5.2. A escola e a formação docente no Brasil.**

No Brasil, as primeiras escolas, no período colonial, eram administradas pelos padres jesuítas. A educação elementar era direcionada à população indígena e branca em geral (menos às mulheres), e a educação média, aos homens da classe dominante. Possuíam as mesmas características das escolas europeias do período entre os séculos VIII e XVIII, ou seja, com ensino extremamente formal, sem a preocupação de qualificar as pessoas para o trabalho e foco num ensino uniforme e neutro, por meio de uma cultura geral básica que visava a promover e garantir a evangelização e a formação de novos missionários. Segundo Paiva (2003), nessas escolas, eram ensinadas a gramática média, as humanidades e a retórica. Aos alunos que seguiriam o sacerdócio eram também ensinadas filosofia e teologia.

Para Saviani (2006), o ensino jesuítico poderia ser tanto considerado público como privado. Se, por um lado, era mantido por meio de recursos públicos pelo seu caráter de ensino coletivo, por outro, os prédios onde as aulas se desenvolviam, assim como toda a infraestrutura, os professores, as diretrizes pedagógicas, os componentes curriculares, as normas disciplinares e os mecanismos de avaliação, se encontravam sob o controle rígido da ordem dos jesuítas.

Em meados do século XVIII, o descontentamento da Corte com a formação oferecida pelos jesuítas fez com que essa ordem religiosa fosse expulsa do país – e de todas as partes do mundo então sob o domínio português –, o que, de certa forma, extinguiu o primeiro sistema “brasileiro” de ensino. Para suprir a lacuna, o governo da então colônia de Portugal, por meio da Reforma Pombalina<sup>62</sup>, criou as chamadas aulas régias, aulas avulsas de disciplinas isoladas.

---

<sup>62</sup> Reforma educacional criada pelo Marquês de Pombal, primeiro ministro de Portugal de 1750 a 1777.

As reformas pombalinas contrapõem-se ao predomínio das idéias religiosas e, com base nas idéias laicas inspiradas no Iluminismo, instituem o privilégio do Estado em matéria de instrução. [...] Mas também nesse caso a responsabilidade do Estado se limitava ao pagamento do salário do professor e às diretrizes curriculares da matéria a ser ensinada, deixando a cargo do próprio professor a provisão das condições materiais relativas ao local, geralmente sua própria casa, e à sua infra-estrutura, assim como aos recursos pedagógicos a serem utilizados no desenvolvimento do ensino. (SAVIANI, 2006, p. 17)

Quanto às aulas régias, para ministrá-las, o professor deveria ser aprovado em um concurso, no qual era necessário apresentar provas de moralidade (fornecidas pelo padre da paróquia e pelo juiz de paz da localidade de origem do candidato) e se mostrar apto a ensinar o conteúdo ao qual se candidatava, o que era avaliado por uma dissertação apresentada à banca de seleção nomeada por autoridade constituída para esse fim.

A estruturação inicial do Estado Imperial em relação ao ensino, segundo Faria Filho (2003), aconteceu nas primeiras décadas do século XIX, quando foram criadas as Escolas de Primeiras Letras, cujo objetivo era ensinar a ler, escrever e contar.

Para trabalhar nessas escolas, mantidas pelo Estado, era exigido apenas que os mestres soubessem “escrever, contar e ter conhecimentos para proporcionar ensino da religião aos seus alunos”. (VICENTINI; LUGLI, 2009, p. 30).

A instrução possibilitaria arregimentar o povo para um projeto de país independente, criando também as condições para uma participação controlada na definição dos destinos do país. Na verdade, buscava-se constituir [...] as condições de possibilidade de governabilidade, ou seja, a criação das condições não apenas para a existência de um Estado independente mas, também, dotar esse Estado de condições de governo. (FARIA FILHO, 2003, p. 137)

Além das escolas mencionadas havia, conforme Vidal e Faria Filho (2005), outras formas de ensino e aprendizagem sendo desenvolvidas paralelamente na Corte: os colégios masculinos e femininos; a preceptoria; as escolas “domésticas ou particulares” (nas quais um professor é contratado por uma pessoa para ensinar seus filhos e, muitas vezes, parentes e vizinhos); e as escolas criadas pelas comunidades (que, sem vínculo algum com o governo, se reuniam e contratavam coletivamente um professor). “Todos eles, com exceção dos colégios,

utilizavam espaços das casas das famílias ou dos professores e de prédios públicos ou comerciais” (VIDAL; FARIA FILHO, 2005, p. 46).

Nesse período, apesar de todas essas instâncias e modos de organizar o ensino, a situação, nas províncias do Brasil, era crítica, havendo um alto número de analfabetos. Podemos citar, como exemplo, a província de Santa Catarina que, em 1848, contava com 80.000 habitantes, dos quais, segundo estimativas, apenas 1.671 eram alunos matriculados em escolas. (GAERTNER, 2004)

Cabe destacar que, em 1850, na cidade de Blumenau, então denominada de Colônia de Blumenau<sup>63</sup> pelos imigrantes alemães que aqui chegaram com suas famílias, havia uma grande preocupação com a educação das crianças. No caso, segundo Gaertner (2004), esses imigrantes alemães tinham uma grande preocupação com a educação de seus filhos, uma vez que, em seu país de origem, a “escolaridade primária era considerada indispensável a todas as pessoas e dever do Estado a sua oferta” (p. 17). Após incessantes solicitações ao governo da província de Santa Catarina, foram criadas duas escolas primárias na região, sendo uma para meninos (1854) e outra para meninas (1863).

Como essas escolas não eram suficientes para atender às necessidades da região, a comunidade decidiu criar escolas comunitárias, cujos professores eram pagos pelos pais das crianças. Essas escolas eram denominadas Escolas Alemãs. Essa denominação se originou do fato de seu ensino ser ministrado no idioma alemão, e as aulas serem, muitas vezes, ministradas por professores trazidos da Alemanha.<sup>64</sup> Assim, a formação de primeiras letras, no estado de Santa Catarina, seguiu os parâmetros gerais da educação precária que vigia em todo o país. Ressalta-se, contudo, que, nesse cenário, as estratégias educativas das escolas alemãs – cuja compreensão é essencial para entender a educação catarinense, ao menos nas regiões de colonização alemã –, eram diferentes das adotadas em outras escolas nacionais.

Nessa época, em todo o Império, a maioria das escolas utilizava o método individual de ensino, que consistia em o professor ensinar cada criança individualmente, mesmo possuindo

---

<sup>63</sup> Na época, a região possuía 10.610 km<sup>2</sup>, anos mais tarde dividida em vários municípios (Rio do Sul, Timbó, Ibirama, Gaspar, Indaial, Rodeio, Taió e Ituporanga).

<sup>64</sup> Para uma leitura mais detalhada sobre a história das Escolas Alemãs, ver: GAERTNER, R. **A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau**. 2004. 248f. Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

vários alunos, com níveis de aprendizagem diferenciados, ocupando o mesmo espaço, o que tornava o ensino lento.

Na busca por um ensino mais ágil e adequado ao que ocorria em algumas partes desenvolvidas do globo, ocorreu a tentativa de implantação de um novo método de ensino que atingisse um número maior de alunos em uma única sala de aula. Para que isso fosse possível, houve empenho considerável na defesa da aplicação do Método Lancaster de ensino, também denominado de Ensino Mútuo.

Esse método, além de atingir um grande número de alunos (até 500 por turma), era econômico para o governo, uma vez que, de acordo com Vincentini e Lugli (2009), esses eram divididos em grupos e recebiam assistência de um monitor (aluno mais avançado), encarregado de se comunicar com o professor, que ficava separado da turma em estrado alto, para “pregar” as lições. Além dos monitores e do professor, havia, na classe, o inspetor que controlava o trabalho dos monitores, entregava e recolhia os materiais utilizados em sala e dizia ao professor quais alunos deveriam ser premiados e/ou punidos.

Tratava-se de um método bastante complexo, que exigia o treinamento de um corpo de monitores para o controle dos alunos, a memorização dos sinais e comandos para a comunicação entre o professor, os monitores e os alunos, bem como a compreensão dos diversos castigos previstos para as diferentes faltas. Também era preciso que se soubesse utilizar (e que estivessem disponíveis) os materiais necessários para o desenvolvimento das atividades de ensino, como a lousa, os cartazes, o relógio. (VICENTINI; LUGLI, 2009, p. 30-31)

No que se refere à formação dos professores no Período Imperial, ocorria por meio de um sistema que possibilitava aos futuros mestres aprenderem a lecionar pela prática, acompanhando um profissional durante suas aulas. Nesse sistema, o futuro mestre era denominado Professor Adjunto, expressão pela qual também o sistema de formação ficou conhecido.

Segundo Saviani (2009), até 1827, quando foi instituída a primeira Lei da Educação do Brasil, o governo não havia manifestado preocupação com a formação de professores. De acordo com essa lei, ficou estabelecida a exigência de preparo didático dos professores, uma vez que seu artigo 4º rezava que os professores deveriam ser treinados no Método Mútuo, nas

capitais de cada província, às próprias custas. Tal lei igualmente instituiu o Curso Normal, destinado especificamente à preparação docente para atuar nas Escolas Primárias. As Escolas Normais seriam “os locais ‘autorizados’ para a difusão de um tipo de conhecimento normatizado que viria caracterizar o ‘novo’ professor primário, distinguindo-o dos seus antecessores, os ‘velhos’ mestres-escolas” (VILLELA, 2003, p. 109)

A primeira Escola Normal brasileira foi criada em 1835, em Niterói, então capital da Província do Rio de Janeiro. Na sequência, foram sendo criadas outras escolas em várias províncias. Em Santa Catarina, a primeira Escola Normal data de 1880, criada em Florianópolis, com o nome de Escola Normal Catarinense.

Essas escolas surgiram em um momento político no qual, em consonância com Villela (2003), “era necessário colocar ordem no mundo da desordem [...] para melhor conhecer e controlar o povo” (p. 106), e o professor a ser formado seria aquele que difundiria o conhecimento desejado. “É interessante, também”, continua Villela, “observar o nível mínimo da exigência: saber ler e escrever, não sendo necessárias maiores noções de gramática, nem mesmo de cálculo” (VILLELA, p. 107). Nelas, um único professor era responsável pelo ensino de todas as matérias e do ensino do Método Lancaster. Não era um ensino seriado e, quando o professor julgava seus alunos aptos para o exame, uma “comissão julgadora”, formada por notáveis locais, o aplicava.

Como as Escolas Normais se vinculavam ao estado e, portanto, aos poderes políticos, sofriam inúmeras modificações e até fechavam e reabriam inúmeras vezes, dependendo da disponibilidade de verbas. Tais escolas não eram inicialmente muito procuradas, pois, conforme Vicentini e Lugli (2009), os concursos que garantiam a licença oficial para ensinar não exigiam estudos pedagógicos. Outro fator que colaborava para a baixa procura era o fato de que, por meio do modelo de formação vigente, o candidato podia iniciar sua “carreira docente”, se fosse bom aluno, com 12 ou 13 anos, recebendo remuneração, enquanto que, para cursar a Escola Normal, deveria prestar concurso público de nomeação que exigia idade mínima de 18 anos. Aos 21 anos, tanto os professores quanto os alunos das Escolas Normais podiam prestar o concurso público de nomeação que lhes garantia a licença oficial para ensinar.

Em 1834, foi instituído o Ato Adicional à Lei das Escolas de Primeiras Letras, de 1827. Para Saviani (2006), nesse documento, o governo renunciou a um projeto de escola pública nacional, uma vez que delegou às províncias o direito de regulamentar e promover a educação primária e secundária. Segundo Romanelli (2001), houve uma tentativa de reunir as aulas régias em Liceus, mas a falta de recursos em muitas províncias deixou o Ensino Secundário nas mãos da iniciativa privada e o Primário foi praticamente abandonado, sobrevivendo à custa do sacrifício de alguns mestres-escolas.

O Método Lancaster, então proposto pelo governo para ser desenvolvido nas Escolas Primárias, necessitava, para tanto, de um ambiente diferenciado, uma vez que implicava na existência de salas que comportassem um grande número de alunos, além de materiais, como quadros murais, sólidos para o ensino de geometria, bancos e mesas para todos os alunos, quadros-negros etc., requerendo, assim, a construção de prédios que estivessem de acordo com os padrões necessários, o que passou a ser um problema para os governos das Províncias.

Aos poucos, a aplicação desse método se tornou inviável para a realidade brasileira. Não havia espaços adequados nem materiais suficientes e, concomitantemente, o uso de castigos corporais, ainda bastante usuais na formação das crianças, começou a ser questionado. Esses foram alguns dos motivos para que, no final do século XIX, o Método Lancaster começasse a ser substituído pelo Ensino Intuitivo<sup>65</sup>, com as Lições de Coisas, “nas quais os alunos teriam espaço para perguntar e os professores deveriam iniciar as lições indicando objetos concretos ou fatos cotidianos do entorno”. (VICENTINI; LUGLI, 2009, p. 36)

A Constituição da República, no final do século XIX, foi decisiva para a disseminação de escolas, uma vez que, para os republicanos, a educação seria a salvadora dos males sociais, equalizadora e fonte de oportunidades, além de serem as escolas consideradas instrumentos potentes para criar uma “alma republicana” na população, posto que a República, no Brasil, ao contrário do que havia ocorrido na França, por exemplo, não foi resultado do desejo popular, mas de estratégias da elite. “A formação de professores competentes e versados nas inovações educacionais ganhou força, assim como a aspiração de criar um curso que atendesse essa necessidade” (ALMEIDA, 2006b, p. 76). Essa foi a incumbência de Caetano

---

<sup>65</sup> O Ensino Intuitivo procurava desenvolver a educação por meio dos sentidos, introduzindo, para isso, o uso de vários materiais didáticos no ensino.

de Campos na reforma da Escola Normal, em São Paulo, que serviria de padrão para todas as outras no Brasil. Da mesma forma que houve a mudança da Escola Normal, também ocorreu a reforma do Ensino Público primário. Nesse contexto,

À União cabia criar e controlar a instrução superior em toda a Nação, [...] e aos Estados cabia criar e controlar o ensino primário e o ensino profissional, que, na época, compreendia principalmente escolas normais (de nível médio) para moças e escolas técnicas para rapazes. (ROMANELLI, 2001, p. 41)

A expansão do Ensino Primário e, no final do século XIX, o oferecimento de instrução para as meninas, geraram algumas mudanças na estrutura das Escolas Normais, que começaram a aceitar mulheres em suas salas de aula, uma vez que a sociedade da época se recusava à coeducação dos sexos, alegando não ser moralmente correto.

A seção feminina da Escola Normal de São Paulo, inaugurada em 1876, foi inicialmente destinada

[...] às órfãs sem dote e às jovens de poucos recursos que precisavam trabalhar para sobreviver, dada a possibilidade remota de um bom casamento. Se o casamento fosse difícil de conseguir, essas moças precisavam, para não ser um peso para a sociedade ou ter de viver da caridade alheia, obter um meio de sobrevivência proporcionado por uma profissão digna. (ALMEIDA, 2006a, p. 188)

Essa possibilidade de ensino feminino começou a levar muitas moças de famílias das classes média e alta a buscarem a Escola Normal, algumas à procura de conhecimento de modo a estarem mais bem preparadas para o casamento; outras em busca de maior liberdade e inserção social.

Esse ensino era apoiado por uma parte da sociedade que entendia que “a Escola Normal voltava-se para a educação feminina como parte do projeto civilizador da nação e cumpria funções de educar e instruir as futuras esposas e mães, as donas de casa encarregadas da educação familiar e do fortalecimento da família” (ALMEIDA, 2006b, p. 75). Por outro lado, havia uma grande parcela contrária à inovação, formada pelos homens (principalmente devido à competição por cargos), pela Igreja Católica e pelos conservadores.



Apesar das várias perseguições e ações em contrário, as mulheres, de algum modo, criaram e sustentaram embates que lhes permitiram a formação no Magistério, posto que, à época, ser professora permitia não só ampliar conhecimentos, mas era um dos únicos trabalhos remunerados ao qual uma mulher poderia aspirar (algumas também optavam pela enfermagem) e lhes possibilitava certo grau de liberdade, uma vez que permitia que saíssem desacompanhadas às ruas para irem à escola. Além disso, o Magistério abria espaço para a inserção no mundo público. (ALMEIDA, 2006a)

Nesse período, a Escola Normal possuía dois currículos: um destinado à classe masculina e outro, à classe feminina. Segundo Villela (2003), no currículo das normalistas, não havia a disciplina Álgebra e eram trabalhadas apenas as noções elementares de Geometria. Essas disciplinas eram substituídas por “‘trabalhos de agulha’ e ‘prendas do exercício doméstico’” (p. 111).

Em pouco tempo, porém – já no final do século XIX –, o número de alunas, na Escola Normal, e o de professoras, no Ensino Primário, já ultrapassava, em muito, o de homens, além de que foi fixado um currículo unificado nas Escolas Normais. No entanto, conforme Villela (2003), esse nivelamento foi, em geral, “feito por baixo”, sendo que “disciplinas como, por exemplo, a matemática, nunca seriam realmente oferecidas com um nível de profundidade nesses cursos” (p. 109).

Nesse mesmo período, a construção de prédios específicos para abrigar as escolas começou a se tornar realidade. A ideia era unir as antigas Escolas Isoladas, que abrigavam alunos de vários níveis, em um único prédio, o que permitia que o sistema fosse organizado de forma diferente, com ensino seriado. Surgiram, então, os Grupos Escolares. De acordo com Souza (2011), a criação dos “Grupos Escolares levou à distribuição de alunos em séries anuais com conteúdos específicos a serem trabalhados em cada uma delas e à constituição de um corpo de professores, trazendo à tona a necessidade de coordenação de atividades em âmbito das unidades escolares” (p. 165).

A nova estrutura física escolar, de escolas com ensino seriado e sequencial, firmou o que, segundo vários autores, seria o modelo de educação a partir do século XIX. De acordo com Saviani (2006), “essa homogeneização do ensino possibilitava um melhor rendimento

escolar. Mas, em contrapartida, essa forma de organização conduzia, também, a mais refinados mecanismos de seleção, com altos padrões de exigência escolar” (p. 30).

Concomitante a tudo isso, teve início a alteração pedagógica que visava a substituir o Método Mútuo pelo Método Intuitivo, originário da Alemanha e baseado na importância da aprendizagem a partir dos sentidos.

Este novo método pode ser sintetizado com dois termos – ‘observar’ e ‘trabalhar’ [...]. Observar significa progredir da percepção para a idéia, do concreto para o abstrato, dos sentidos para a inteligência, dos dados para o julgamento. Trabalhar [...] consiste em fazer do ensino e da educação na infância uma oportunidade para a realização de atividades concretas, similares àquelas da vida adulta. Aliando observação e trabalho numa mesma atividade, o método intuitivo pretende direcionar o desenvolvimento da criança de modo que a observação gere o raciocínio e o trabalho prepare o futuro produtor, tornando indissociáveis pensar e construir. (VALDEMARIN, 2006, p. 92-93)

Dessa forma, o uso dos sentidos durante o ensino era visto como algo imprescindível. Por esse motivo, as salas de aula deveriam ser equipadas com globos terrestres, sólidos geométricos e diversos outros materiais que serviriam de apoio didático. Caso o professor não dispusesse de materiais concretos ou fatos originais que pudessem ser observados diretamente em seu entorno, deveria fazer uso de gravuras, de desenhos ou de outros meios alternativos para que os alunos tivessem “contato” com o que estava sendo estudado.

Nesse período, também a Reforma Benjamin Constant, resgatando a tradição iluminista, incluiu disciplinas científicas no currículo das escolas.

É importante reforçar que, como o Ensino Primário e o Profissional estavam a cargo dos estados, as condições sociais e econômicas de cada um determinavam seu funcionamento, apesar de o conhecimento pedagógico e as formas administrativas para o ensino serem semelhantes, o que tornava a formação docente diferente nos vários estados da nação. O que havia em comum era o tempo que compreendia cada etapa de ensino. O Ensino Primário acontecia em quatro anos e era seguido pelo Curso Primário Complementar, também com quatro anos de duração. A partir de 1895, devido à falta de Escolas Normais que atendessem à demanda por professores em várias províncias, o Curso Primário Complementar tornou-se,

também, um curso de formação de professores. Para poder assumir essa tarefa, conforme Vicentini e Lugli (2009), “no último ano, os alunos tinham um ano de prática de ensino em escola modelo anexa à Escola Normal”. (p. 39)

Em muitos aspectos, as formações obtidas na Escola Normal e no Curso Primário Complementar eram diferentes. O curso oferecido nas Escolas Normais tinha dois anos a mais de duração e um número maior de disciplinas no currículo, ministradas por diferentes professores.

Dessa forma, no final da Primeira República, o professorado distribuía-se em três categorias diferentes: os professores sem formação específica, denominados leigos (que haviam sido professores adjuntos dos mestres-escolas); os professores normalistas; e os professores complementaristas.

Em 1904, segundo Silva (2008), no estado de Santa Catarina, foi proposta a Reforma da Instrução Pública do Estado, cujo projeto de escolarização previa a substituição gradual das Escolas Isoladas pelos Grupos Escolares. Em 1910, no governo de Vidal Ramos (1910-1914), foi contratado o professor paulista Orestes Guimarães, ao qual foi atribuída a tarefa de assessorar a reforma educacional do estado de Santa Catarina a partir das inovações realizadas na Escola Normal de São Paulo. Um ano após, em 1911, foi criado o primeiro Grupo Escolar do estado, na cidade de Joinville, e, em dois anos, já estavam em funcionamento outros seis, distribuídos nas cidades de Laguna, Florianópolis, Lages, Itajaí e Blumenau. (SILVA, 2008)

As Escolas Isoladas, ou Multisseriadas, começaram a ser substituídas nos centros das cidades, onde a densidade populacional era maior, mas continuaram existindo no interior, no meio campesino, nas zonas rurais e em cidades pequenas nas quais a agricultura e a pecuária, não o comércio e a indústria então nascentes, eram os motores da economia.

Esse retrospecto histórico tem um sentido especial neste nosso trabalho, qual seja, o de compreender as tramas educacionais de um passado que não são, de modo algum, desvinculadas das tramas do presente. Como pudemos perceber, ao conversar com nossas depoentes, a precariedade da formação, as Escolas Multisseriadas, os métodos de ensino específicos mobilizados para salas de aula diferenciadas daquelas do sistema “usual” de escolarização, as Escolas do Campo, afastadas das cidades e voltadas para atender mais a uma comunidade campesina, entre outros aspectos que se destacaram no retrospecto que fizemos

até aqui, se revelam, também, no presente. Há, é certo, algumas alterações – já que não existe estrutura histórica fincada apenas em permanências absolutas.

Um ponto que chamou nossa atenção nas narrativas que coletamos para este trabalho foi que as professoras, nossas colaboradoras, mesmo tendo começado seus estudos nas décadas de 1960 e 1970, iniciaram o Magistério atuando em classes multisseriadas, algumas delas tendo, também, frequentado escolas dessa natureza como alunas. Uma delas, inclusive, ainda atua em escola desse tipo, em espaço escolar aparentado àqueles do sistema campesino do passado. A realidade das escolas dos níveis iniciais de ensino, no estado de Santa Catarina, inclui, ainda, um grande número de escolas no campo, o que torna necessário e muito atual o debate sobre a educação campesina catarinense, havendo, inclusive, cursos universitários específicos para essa discussão.

Diferente das Escolas Rurais estudadas por Martins (2003), por exemplo, nas quais eram oferecidas apenas as três Séries Iniciais, sendo que a quarta série e os estudos posteriores deveriam ser feitos em unidade escolar urbana, todas as Escolas Multisseriadas nas quais atuaram ou estudaram as nossas depoentes operavam com as quatro séries iniciais. Essas escolas geralmente possuíam uma infraestrutura básica adequada (se comparada às escolas campesinas do passado): uma sala, cozinha e banheiro. O professor, entretanto, exatamente como no passado, além de assumir, nessas escolas, seu papel profissional específico, tinha que cuidar da merenda (quando havia), da limpeza e da burocracia escolar.

Eu sempre estudei em Escola Multisseriada, até a quarta série, ou o quinto ano que era na época. [...] A rotina da escola era normal. A gente chegava de manhã, tinha as aulas, daí tinha o recreio, depois então a aula novamente, e terminava. Não era como hoje que tem assim merenda servida. Não tinha nada disso. Quando era muito frio, muito gelado mesmo, eu lembro que uma vez o professor, tava muito frio, com geada, a gente ia de chinelo para a escola, todo mundo com aquele frio. Eu tinha, não sei se eu tenho ainda, eu tinha tirado num dia desses, sabe aquele binóculo que tinha aquela foto, e eu tava roxa, por causa do frio. Aí o professor, um dia que estava muito frio, fez fogueira, esperou a gente com fogueira. Fez a gente correr e aquecer bem para aí poder ir ter as aulas. Era bem precário o negócio, não era fácil. [...] Eu me lembro de todos os professores dessa Escola Multisseriada; todos foram bem marcantes; eu lembro de todos. De alguns, da maioria deles, eu sei o nome ainda também. (Professora Mirian Vivan de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 14/12/2011)

A escola onde eu estudava era uma Escola Isolada e tinha uma sala única, uma cozinha, dois banheiros, uma professora para as quatro turmas... (Luiza Maria Felippi Antônio, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 13/03/2012)

Iniciei no Magistério no dia vinte do dois de 1984, como ACT<sup>66</sup>. Em doze do dois de 86 eu me efetivei no estado de Santa Catarina, numa Escola Isolada, chamada Rio Jansen<sup>67</sup>, que dá, mais ou menos, 24 quilômetros daqui, no interior do nosso município. Foi um período muito difícil, pessoalmente. Eu estava grávida do segundo filho e levava essa filha mais velha com três anos junto comigo. Na escola, eram quatro séries, com 26 alunos, além dos conteúdos com poucos livros e praticamente sem materiais didáticos. Tinha que dar conta, também, da merenda e da limpeza. Então essa era a realidade lá no início, quando eu me efetivei no estado. (Professora Lúcia Margarida Braun Guckert, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 27/03/2012)

A precariedade das Escolas do Campo devia-se ao fato de, até a metade do século XX, para o Governo Federal, o meio rural se caracterizar pelo latifúndio e pela monocultura, não necessitando de educação, nem mesmo de alfabetização (BRASIL, 2006). Maior preocupação dos órgãos governamentais ocorreu apenas a partir da década de 1990, quando a educação no campo passou a ser vista como uma questão de interesse nacional, tendo, então, a Constituição de 1988, segundo as Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo (BRASIL, 2001), induzido, na LDB, o tratamento dessa modalidade educacional no âmbito do direito à igualdade e do respeito às diferenças.

Mesmo apresentando estruturas físicas semelhantes, as escolas campestres catarinenses possuíam um sistema diferenciado de ensino. Havia, por exemplo, escolas nas quais a multisseriação não ocorria com as quatro séries, mas em salas que comportavam crianças de duas séries distintas, apenas, mas nem sempre séries sequenciais ocupavam o mesmo espaço.

A minha escola foi a Escola Isolada Arapongas 2. Era uma Escola Multisseriada, mas já era dividida em turmas. Então estudavam o primeiro e o quarto; segundo e terceiro eram outra sala. Já tinha merendeira na época. A gente só ajudava a lavar a louça de vez em quando, quando a professora deixava; senão, não. Quando eu entrei na escola, isso eu me lembro muito bem, eu ainda falava só o alemão, eu não sabia nem uma palavra em

---

<sup>66</sup> ACT: Admissão em Caráter Temporário, sistema de contratação de professores para substituir um professor efetivo que esteja em licença ou preencher uma vaga não ocupada por professor efetivo.

<sup>67</sup> Rio Jansen, localidade na cidade de Leoberto Leal.

português. Foi a minha professora da primeira série que me ensinou a falar o português. (Professora Elner Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Muitas depoentes ressaltaram as dificuldades enfrentadas para chegar à escola, exatamente como nos relatos de outras regiões e relativos a outra época, por exemplo, aqueles apresentados por Martins (2003). Em algumas situações, era necessário utilizar vários meios de transporte (ônibus ou bicicleta ou ir a pé) para chegar à escola todos os dias; em outras, nem sempre havia transporte, o que obrigava a professora a dormir em casa de alguma família durante a semana.

Eu iniciei como professora em 1980. Iniciei na Escola Básica Lídia Leal Gomes, em Tigipió<sup>68</sup>, interior de São João Batista. É distrito. Fui trabalhar também com a segunda série lá, como professora ACT. Depois, em 1985, passei no concurso de ingresso, fui trabalhar numa Escola Multisseriada, com as quatro séries, bem interior de São João Batista, também na localidade de Vargem Pequena<sup>69</sup>. Eu saía às 9 da manhã, de ônibus, ia até Fernandes<sup>70</sup>, ali eu pegava uma bicicleta e ainda tinha dois quilômetros de morro. Ali ficava a bicicleta e eu ia a pé. Deixava a bicicleta e subia dois quilômetros de morro. (Professora Sandra Terezinha Sartori Martini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 03/04/2012)

Eu ingressei no Magistério em 1986, numa escola também do interior de Indaial, Escola Neise Central. Eu tive que sair da casa de meus pais e morar no local porque só tinha ônibus que ia às segundas-feiras de manhã e voltava nas sextas, no final da tarde. Eu morava na casa de uma senhora perto da escola, que cedeu um quarto. Era uma Escola Isolada, duas turmas de manhã, duas turmas à tarde, onde eu era tudo: professora, faxineira, merendeira... (Professora Luiza Maria Felippi Antônio, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 13/03/2012)

De acordo com as depoentes, a experiência nessas escolas, como alunas, foi positiva, o que nos permite afirmar que essa vivência talvez tenha tornado mais suave a passagem de alunas a professoras de escolas dessa mesma natureza. A dedicação do professor e o companheirismo dos colegas fizeram com que elas, em suas narrativas, se lembrassem dessas

---

<sup>68</sup> Tigipió, cidade situada no Vale do Rio Tijucas, em Santa Catarina, a 125 km de Florianópolis, capital do estado.

<sup>69</sup> Vargem Pequena, localidade de São João Batista.

<sup>70</sup> Fernandes, localidade de São João Batista.

situações com certa ternura, segundo a perspectiva da entrevistadora. As marcas positivas se devem, principalmente, ao apoio da comunidade e ao que lembram como sendo um espírito de cooperação entre os alunos. Como as turmas eram pequenas e envolviam estudantes de vários níveis de aprendizagem, havia a possibilidade de os mais adiantados orientarem os mais novos, como que numa reedição do Método Lancaster, o que (embora possa desagradar à literatura que defende a ultrapassagem desse método por abordagens posteriores) era, segundo as depoentes, algo bastante positivo, pois contribuía para a união e o convívio harmonioso das turmas.

Nas Séries Iniciais, eu tive uma professora só, que deu aula da primeira à quarta série, a Zilma Sansão Benvenuti. Eu gostava muito da escola, sempre gostei muito. Gostava de ler, de escrever... foi bem tranquilo, eu tinha bastante amigos... Na Escola Multisseriada, por ter menos crianças, a gente é mais amigo, mais companheiro, existe cooperação um com o outro. (Professora Sandra Maria Buchmann, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Eu comecei a estudar numa escolinha multisseriada. Uma professora para as quatro turmas. Ela era uma professora muito carinhosa. [...] O ensino era difícil, porque havia apenas uma professora trabalhando com todas as turmas juntas. Na época, não tinha muito material didático. Então, professoras dessa época tinham que ser heroínas mesmo para trabalhar. Mas valeu a pena, foi uma coisa que marcou, né? (Professora Gisela Bononomi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 09/04/2012)

Eu trabalhei treze anos só com Escolas Multisseriadas. Treze anos onde eu era professora, merendeira, faxineira, fazia de tudo. O dia a dia na sala de aula era complicado, porque eu tinha primeira, segunda, terceira e quarta séries, tinha merenda e toda papelada da escola para fazer. Esse dia a dia era complicado, só que, no entanto, tinha uma vantagem, porque todos ficavam numa mesma sala; então, geralmente, os maiores ajudavam os menores. Quando os maiores terminavam as atividades deles, eles já sabiam que poderiam ajudar os menores. Era uma brecha que eu dava. Então ali funcionava muito trabalho de grupo. E esse trabalho de grupo acontecia, mesmo porque eles tinham a liberdade de sentar lá, de explicar um para o outro o que acontecia. E às vezes, se eu não alcançava aquela criança, o amigo conseguia ajudar e obter o resultado que eu não conseguia. Teve esse lado também. (Professora Elner Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Eu iniciei no Magistério já faz vinte e sete anos. Quando comecei a lecionar, comecei no interior, numa Escola Multisseriada. Então lá tinha de 1ª a 4ª

série, todos os alunos iguais. Como a gente morava no interior, tinha que planejar uma aula para o primeiro ano, uma para o segundo, uma para o terceiro e uma para o quarto, era bem mais difícil. Mas a gente trabalhando lá no interior (por outro lado) é mais fácil, porque tem muito mais apoio da comunidade. (Professora Salete de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

As dificuldades encontradas por essas professoras, principalmente na questão de locomoção, entretanto, faziam com que procurassem mudar de escola assim que possível, ou seja, no momento em que houvesse vagas em escola mais próxima às suas residências. Essa situação é similar ao que foi detectado por Martins-Salandim (2012a) e que permite a essa autora afirmar que as professoras “permaneciam por pouco tempo em cada escola, buscando sempre por escolas de mais fácil acesso e urbanas, o que tornava as escolas da zona rural uma ‘terra de passagem’” (p. 137).

Fiquei lá três meses e daí surgiu uma vaga aqui em Timbó, perto da minha casa. Os meus pais já moravam aqui em Timbó, e era uma Escola Básica. (Professora Luiza Maria Felippi Antônio, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 13/03/2012)

Lá eu fiquei um ano. No final do ano, eu consegui remoção para o Rio Veado<sup>71</sup> e, depois, eu vim para a antiga CRE, que se chamava Coordenadoria Regional de Educação do município, do dia treze do sete de 1988 a quinze do cinco de 1991. (Professora Lúcia Margarida Braun Guckert, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 27/03/2012)

Lá, eu fiquei seis meses. Depois, eu vim trabalhar, vim como auxiliar de direção para o Colégio Estadual, aqui pertinho. (Professora Sandra Terezinha Sartori Martini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 03/04/2012)

Depois de quatro anos, eu vim para Escola Rotary<sup>72</sup>. (Professora Salete de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 05/08/2012)

---

<sup>71</sup> Rio Veado, localidade na cidade de Leoberto Leal.

<sup>72</sup> Escola Municipal Rotary Fritz Lucht, situada em Joaçaba, SC.



De todas as depoentes que iniciaram em Escolas Multisseriadas, a professora Elnor Jennrich Teske mudou de escola, pois a escola em que lecionava fechou, e a professora Sandra Maria Buchmann trabalha até hoje na mesma escola. Uma característica que diferencia essas duas professoras das demais é o fato de morarem no bairro onde trabalham, o que lhes facilita o acesso à instituição escolar em que atuam.

Eu sempre trabalhei aqui, sempre numa Escola Multisseriada. Essa também é a escola onde eu estudei quando eu era pequena. Não esse prédio aqui, um outro, que é esse de madeira ali, que está no quadro da parede. Nesse ali, eu estudei e comecei a dar aula, em 1990. (Professora Sandra Maria Buchmann, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Ainda em relação às Escolas Multisseriadas, podemos afirmar que, atualmente, existem em várias localidades de Santa Catarina, hoje denominadas como Escolas do Campo, mas usualmente tratadas como Escolas Rurais em muitas das legislações brasileiras relativas à Educação. Conforme as Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo do Governo Federal, instituídas pelo Parecer nº 36/2001, o termo “campo”

tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo, neste sentido, mais do que um perímetro não-urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção, das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana. (2001, p. 1)

Em pesquisa realizada com as Secretarias de Educação municipais (responsáveis pelo Ensino Fundamental) das cidades onde vivem nossas depoentes, verificamos que, no município de Gaspar, há três Escolas Multisseriadas e, em Indaial, uma (como atualmente são cinco os anos letivos que integram esse nível de escolarização, os alunos são agrupados em duas ou três, e a escolha de quais turmas ficam juntas depende do número de crianças em cada ano). Em Leoberto Leal, há duas escolas que optaram por sempre deixar a turma das crianças do primeiro ano sozinha e agrupar o segundo e o terceiro, o quarto e o quinto. Em Blumenau, há onze Escolas Multisseriadas: em dez delas, as turmas são divididas alocando, numa mesma sala, duas ou três séries; em uma, os cinco anos ocupam a mesma sala. Joinville possui oito

dessas escolas, metade das quais trabalha com salas de duas ou três turmas, e metade com as cinco turmas na mesma sala, em período integral.

Entende-se, por meio desse retrospecto histórico atualizado a partir das informações provenientes das narrativas coletadas para esta pesquisa e de outras informações da literatura e documentação das agências voltadas à Educação catarinense e nacional, um pouco do movimento pendular entre alterações e permanências que caracteriza o ensino e, em particular, das histórias de nossas depoentes nesse cenário. Mas continuemos, agora, o retrospecto, de modo a tentar compreender, mais particularmente, aspectos da formação específica para o Magistério em cursos superiores.

Orestes Guimarães, já o dissemos, foi convidado por Vidal Ramos, em 1910, para assessorar a reforma educacional em Santa Catarina. Atuava, portanto, como um colonizador/interventor educacional, posto que tratava de implantar, entre os catarinenses, o modelo escolar paulista (e nisso – que serve de exemplo – vamos entendendo, também, a dinâmica de criação de um sistema nacional de ensino baseado em parâmetros propostos por estados, centros e instituições tidos como modelares e, portanto, “propulsores”). Orestes Guimarães permaneceu no estado durante 10 anos e organizou a reestruturação do ensino catarinense, inclusive dos Cursos Normais. Em relação às Escolas Normais, Santa Catarina possuía um sistema dual de ensino, com Escolas Normais Regionais, de 4 anos de duração, e Escolas Normais de nível colegial, de três anos, no mínimo. De acordo com Scheib e Daros (2002), o “Currículo da Escola Normal Catarinense, vigente à época, contemplava praticamente as mesmas disciplinas das Escolas Normais das outras províncias, com o acréscimo da língua alemã, visando habilitar os professores para lecionarem nas escolas teutônicas” (p.121)

Orestes Guimarães implementou, em Santa Catarina, o novo método de ensino que já era utilizado em São Paulo, o Método de Ensino Intuitivo ou Lições de Coisas e, para que essa implementação fosse possível, organizou um grupo de professores que

Peregrinou pelo Estado organizando e dirigindo os primeiros grupos escolares, além de demonstrar aos professores e professoras os pressupostos do método de ensino intuitivo ou lições de coisas, fazendo circular em terras catarinenses as idéias pedagógicas da época, alicerçado no ensino renovado e secularizado. (TEIVE, 2008, p. 80)

Nesse período, o governo brasileiro estava também empenhado em promover a “nacionalização do ensino público”, com o objetivo de criar um sentimento de brasilidade em todos os indivíduos. Em Santa Catarina, um estado com muitos imigrantes vindos, principalmente, da Alemanha e da Itália, havia muitas escolas em que, praticamente, só eram usadas a língua desses países. A partir dessa campanha de nacionalização, passou a ser obrigatório o uso da língua portuguesa, podendo valer a língua estrangeira apenas esporadicamente e em algumas disciplinas, mesmo que o professor tivesse nacionalidade estrangeira (nesse caso, deveria comprovar a idoneidade profissional e o domínio da língua portuguesa).

Segundo Gaertner (2004), em 1916, o município de Blumenau possuía 116 estabelecimentos de ensino. Com a declaração de guerra entre o Brasil e a Alemanha, em 1917, todas as escolas particulares foram proibidas de funcionar, restando apenas as públicas, num total de 9 (oito escolas e um Grupo Escolar). No final da década de 1930, as línguas estrangeiras foram proibidas em todas as escolas que permaneceram em funcionamento. A medida para esse processo de nacionalização do ensino, em Santa Catarina, nas regiões de colonização alemã, foi extremamente mais violenta que em outros estados brasileiros, mesmo considerando o estado do Rio Grande do Sul, que abrigava uma comunidade alemã numericamente tão significativa quanto a de Santa Catarina.<sup>73</sup>

Novas reformulações no Ensino Primário e no Ensino Normal do Brasil ocorreram somente em 1946, com a promulgação de duas Leis Orgânicas que tiveram, como objetivo, centralizar as diretrizes destes dois níveis de ensino, apesar de a administração dos cursos ainda ficar a cargo dos estados. Em relação ao Ensino Normal, o Decreto-Lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946, fixou normas para a implantação desse ramo de ensino. Isso se fez necessário em virtude de a variedade de formações docentes e de currículos no Brasil estar inviabilizando a validade nacional dos diplomas dos normalistas ou complementaristas.

---

<sup>73</sup> Maiores informações sobre como ocorreu este processo no Vale do Itajaí/SC, ler GAERTNER, R. **A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968**: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau. 2004. 248f. Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004. Note-se, entretanto, que essa afirmação não pode ser generalizada para todo o estado, posto que a colonização de Santa Catarina é diversificada e, além dos teutos e italianos, teve a participação de portugueses, que se fixaram na costa, nas imediações da antiga Vila de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, em meados do século XVIII.

Após essa lei de 1946, os Cursos Normais ficaram organizados em dois ciclos de ensino. O primeiro, com duração de 4 anos (três anos de disciplinas de cultura geral e o último de formação específica), poderia ser cursado após o Ensino Primário, em instituições denominadas Escolas Normais Regionais, que deveriam possuir Escolas Isoladas anexas, para realização da prática profissional. Era um curso de formação de professores de Ensino Primário para Escolas Isoladas. No segundo ciclo, que durava três anos, o curso passava a ter ênfase nas disciplinas específicas, conferindo um caráter mais profissional à formação. Esse ciclo funcionava nas Escolas Normais. Dessa forma, o Curso Normal assemelhou-se ao Curso Secundário oferecido na época, que também possuía um primeiro ciclo, de 4 anos, denominado Ginásio, e um segundo, de três anos, nas modalidades Clássico e Científico. Essa etapa poderia ser cursada por alunos oriundos do primeiro ciclo, alunos do Ginásio ou professores leigos que tivessem menos de 25 anos, idade limite para a matrícula.

Na década de 1960, foram criados os Cursos Normais noturnos para atender à demanda por formação de alunos que já atuavam como professores durante o dia<sup>74</sup>. Havia, ainda, outro nível de formação docente desenvolvido em Institutos de Educação, o qual oferecia aos docentes cursos de especialização e habilitação em administração escolar. O Curso Normal também possibilitava ao egresso cursar disciplinas de Ensino Superior oferecidas pelas Faculdades de Filosofia.

O Curso Normal sofreu, ao longo de sua existência, inúmeras críticas. Segundo Vicentini e Lugli (2009), a mais forte, e um tanto quanto recente, dizia da aproximação entre o seu currículo e o desenvolvido nos Ginásios e Cursos Colegiais, que descaracterizou suas funções de preparação profissional. Após a Lei Orgânica de 1946, o Curso Normal passou a ser uma formação em nível secundário geral, com apenas algumas disciplinas específicas, o que parece ter resultado no despreparo mais flagrante dos recém-formados para atuar nas escolas.

---

<sup>74</sup> Na década de 1950, devido ao aumento das matrículas, iniciou-se, no Brasil, um movimento de “campanhas” para a formação de professores em todo o país, para que o desenvolvimento acontecesse em ritmo acelerado. Foi criada “a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), a de Aperfeiçoamento e Expansão do Ensino Comercial (CAEC), a de Erradicação do Analfabetismo, a de Educação de Adultos [...] e diversas outras”. (CHAGAS, 1980, p. 59). Dessas, a que mais se desenvolveu – e que desempenha um papel fundamental para entendermos historicamente o movimento de formação docente no Brasil – foi a CADES. Entretanto, posto que, em nosso trabalho, estamos voltados mais especificamente aos professores que atuam/atuarão nas instâncias iniciais da escolarização, não tratamos dessa Campanha, cujo objetivo precípuo era atender à demanda de professores para o Ensino Secundário.

Em 1971, a Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, implantou novas mudanças no ensino de modo geral. Em relação às escolas, essa lei fez a junção dos Cursos Primário e Ginásial em um único Curso Fundamental de oito anos que passou a ser denominado de Ensino de 1º Grau, extinguindo-se a prova de proficiência que os alunos tinham que prestar para passar do último ano do Primário para o primeiro ano do Primário Complementar.<sup>75</sup> Tal prova de proficiência, denominada Exame de Admissão, cujo objetivo era avaliar os conhecimentos dos alunos que almejavam uma vaga no Ensino Secundário, havia sido instituída nacionalmente pelo Art. 18, do Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, da Reforma Francisco Campos. Valente (s/d) elucida que o referido exame era composto por provas escritas de Português e Aritmética e provas orais sobre elementos dessas disciplinas e de Geografia, História do Brasil e Ciências Naturais. Valente relata, também, que, durante o período de vigência (1931-1969) da “admissão”, esse exame passou por várias regulamentações, mas que foi mantido seu caráter fundamental “da seleção, da restrição do acesso à continuidade dos estudos rumo ao ensino superior”. (p.08)

Com a Lei nº 5.692, o Ensino Secundário passou a ser chamado de Ensino de 2º Grau, com 3 ou 4 anos, dependendo da modalidade. A Escola Normal, então, passou a ser denominada de Habilitação Específica para o Magistério (HEM), com 3 anos de duração, a ser cursada após o 1º Grau, e se tornou o nível mínimo de escolarização exigido para lecionar da 1ª a 4ª séries do 1º Grau. Os cursos de 2º Grau tinham o primeiro ano comum e, no segundo ano, o estudante optava pelo seu curso de formação. Isso diminuiu ainda mais o tempo de formação do futuro docente que passou a ser de apenas dois anos. “A formação de especialista e professores para atuarem no Curso Normal passou a ser oferecida com exclusividade nos cursos de Pedagogia” (PEREIRA, 2012, p. 28)

Em 1982, com o objetivo de fortalecer as condições das escolas de formação de professores, revitalizando e adequando a formação de professores em nível de 2º Grau às novas realidades educacionais, o Ministério da Educação e Cultura propôs um projeto que criava Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM) (VICENTINI; LUGLI, 2009; CURI, 2005). Nesses centros, o curso era oferecido em período

---

<sup>75</sup> Santa Catarina iniciou sua reestruturação do Ensino do Primeiro Grau em 1969. Neste estado, o Exame de Admissão foi extinto nesse ano e, dessa forma, os alunos que terminavam o 4º ano do Ensino Primário passavam automaticamente para o 1º ano do Ginásio. Em 1971, o sistema de ensino deste estado adaptou-se à Lei Federal 5.692/71, e os anos escolares passaram a ser denominados “séries”.

integral, com 30 horas-aula semanais de disciplinas específicas para habilitação ao Magistério e 18 horas-aula de atividades de enriquecimento curricular. O projeto ainda previa o pagamento de uma bolsa no valor de um salário mínimo para que os estudantes da escola pública pudessem se manter. Apesar dos resultados positivos, por motivos políticos, os CEFAMs foram extintos a partir de 2003.

Após a LDB de 1996 (Lei 9.394/96), os Cursos Secundários de formação de professores voltaram a ser chamados Cursos Normais.

Ainda em relação à formação superior dos docentes para o início da escolarização, deve-se pontuar que, em 1939, foi criado, na Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras, na Universidade do Brasil, um curso em que um dos objetivos era formar professores para os Cursos Secundário e Normal. O Curso de Pedagogia foi criado como um bacharelado, com o objetivo de formar técnicos em educação, não habilitando para o ensino. Para poder lecionar, o técnico deveria passar pela Licenciatura, na Faculdade de Educação, curso que, com duração de um ano, oferecia as disciplinas Didática Geral e Didática da Pedagogia.

Em 1962, o Curso de Pedagogia foi modificado e, com o acréscimo de disciplinas pedagógicas, passou, também, a formar licenciados. Em 1968, foi criada a Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, que normatizava o Ensino Superior e, por meio dela, em 1969, foi eliminada, nesse curso, a distinção entre Bacharelado e Licenciatura, e foram criadas várias habilitações “que permitiam a variação do perfil profissional dos ‘especialistas em educação’: supervisor escolar, orientador escolar, inspetor escolar, bem como a habilitação para lecionar no curso normal” (VICENTINI; LUGLI, 2009, p. 58). Tais especialidades, ou habilitações, foram oficialmente extintas em 1996, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Em Santa Catarina, a primeira Faculdade de Filosofia, a Faculdade Catarinense de Filosofia, foi implantada em Florianópolis, em 1955, e obteve autorização federal para funcionamento dos cursos de Pedagogia e Didática a partir de 1960. De acordo com Scheib e Daros (2002), com a criação, nesse mesmo ano, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Faculdade Catarinense de Filosofia transformou-se em Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFSC. O Curso de Pedagogia da Universidade Regional de Blumenau,

primeiro do interior do estado, foi criado em 1968. Em 1971, os cursos de Pedagogia assumiram a formação superior dos professores primários.

A partir da década de 80 [...] houve progressiva remodelação do Curso de Pedagogia, de forma a adequar-se melhor este curso também à preparação do professor para a educação infantil e séries iniciais, tarefa que já vinha desempenhando, sem adequada instrumentação. (SHEIB; DAROS, 2002, p. 20)

Após dez anos da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), promulgada em 1996, segundo Pereira (2012), o Curso de Pedagogia tornou-se responsável pela formação de docentes da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Esse profissional, denominado professor polivalente, é responsável pelo ensino de todas as disciplinas do currículo desses níveis de ensino.

No que diz respeito à cultura matemática escolar dos professores que atuam nos Anos Iniciais da escolarização – grupo do qual fazem parte as professoras colaboradoras desta nossa pesquisa – é possível afirmar que a configuração das instâncias formadoras, nesse aspecto, pouco se alterou com o passar dos anos. As Escolas Normais do final do século XIX e início do século XX – fundadas no modelo da “segunda” Escola Normal francesa, que se diferenciava da “primeira” Escola Normal, criada pela Revolução e à luz, portanto, do Iluminismo, que defendia a importância da formação científica, ao contrário das práticas dos antigos colégios, pautados numa extensa formação humanista voltada às letras –, continuavam com pouca Matemática em seu currículo. De acordo com Curi (2005), em suas grades curriculares, havia apenas Aritmética e algumas considerações sobre o Sistema Métrico, além de uma grande influência positivista, notada nos livros adotados, que priorizavam o treino de habilidades técnicas, com vários exercícios. Com a promulgação da Lei 5.692/71, o Curso Normal passou a ter apenas a disciplina Didática da Matemática no 3º ano, o que diminuiu ainda mais o estudo de disciplinas específicas.

Além de haver uma carga horária insuficiente para o ensino da disciplina, muitos cursos ainda sofriam com a falta de professor habilitado para lecioná-la. Como afirmam Nacarato, Mengali e Passos (2009), referindo-se às Propostas Curriculares estaduais, elaboradas na década de 1980, “se por um lado, alguns desses cursos tinham uma proposta pedagógica

bastante interessante, por outro, na maioria deles não havia educadores matemáticos que trabalhassem com as disciplinas voltadas à metodologia de ensino de matemática” (p. 17). Isso implicava que os tópicos relativos à Matemática fossem ensinados por pedagogos, que os desenvolviam baseados apenas em metodologias apartadas de um conhecimento mais aprofundado dos objetos matemáticos – por mais elementares que fossem – ou, ainda, por pessoas sem formação específica, que assumiam a disciplina e, muitas vezes, a ensinavam sem qualquer relação com as questões voltadas ao ensino e à aprendizagem.

Os depoimentos das professoras que colaboraram com esta pesquisa e que cursaram o Magistério podem ser, no que diz respeito a essa temática, dividido em dois blocos: o daquelas que tiveram professores que ensinavam a matéria tentando estabelecer conexões com o ensino e o daquelas cujos professores, mesmo trabalhando em um curso preparatório para a docência, lecionavam a Matemática do 2º Grau.

As narrativas que compõem o primeiro bloco ressaltam que, mesmo tendo dificuldade em trabalhar com temas de Matemática, a experiência de formação com professores que enfatizavam aspectos do conteúdo junto às questões próprias do ensino foi bastante positiva, permitindo que as depoentes começassem a entender Matemática e a gostar dessa disciplina quando confeccionando materiais de apoio didático e explorando o uso de material concreto. Para as professoras que já tinham facilidade em Matemática e gosto pela disciplina, a experiência com esse tipo de aula foi ainda mais motivadora.

A Matemática sempre estava em primeiro plano quando eu ia fazer alguma coisa, algum trabalho de Magistério: a Matemática era primeiro. Era onde eu me identificava melhor, os trabalhos eram sempre de Matemática. Parece que puxava. (Professora Íris Tuty Dalcanale Araújo, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 26/03/2012)

No Segundo Grau, eu fiz o Magistério, em Timbó. Deixa eu me lembrar quem era a minha professora de Matemática. Eu tive duas: no segundo Magistério, foi uma e, no terceiro, foi outra. A do segundo Magistério, eu lembro muito bem, trabalhava muito com o material concreto. Ela trabalhava com tudo o que a gente podia aproveitar. [...] No terceiro Magistério, a gente teve uma outra professora que trabalhou muito com Material Dourado. Esse Material Dourado trouxe uma abrangência muito grande para gente. Então eu digo assim, foi mesmo no Magistério que eu comecei a gostar um pouquinho de Matemática, porque até a oitava série eu não suportava Matemática. No Magistério, foi trabalhada bastante, então, a parte lúdica.



(Professora Elnor Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

O ensino da Matemática foi tranquilo no Magistério. Assim, o primeiro ano era o núcleo, na Matemática. Sabes que eu nem lembro da professora? Eu não tive assim tanta dificuldade. Eu me lembro mais da Química e da Física. A Física não sei nem como é que foi, mas, assim, não tenho lembrança de ter tanta dificuldade não. Depois, no Magistério, foi fácil, também. No Magistério, a gente já fazia material para dar aula, mas ali, no primeiro ano mesmo, não. (Professora Sandra Terezinha Sartori Martini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 03/04/2012)

Então eu sempre fui uma aluna seis, sete, no máximo oito em Matemática, mas eu me descabelava para aprender, porque era aquela coisa ali, só com o símbolo, e a gente tinha que decorar, por exemplo, que de cinco não podia tirar seis, que emprestava um e que virava quinze, mas eu não sabia por que virava quinze. Na realidade, eu só fui saber (Matemática) quando eu comecei o Magistério, quando começamos a trabalhar muito com material concreto, que a gente levava para o estágio. (Professora Guilhermina Campos Mattedi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

No Magistério, eu tive muita relação com a professora Maria Regina Spengler. Eu me lembro que ela era de Gaspar. Até tentei procurá-la, mas não achei. Foi uma pessoa que me marcou bastante na questão de metodologias aplicáveis da primeira à quarta série ou primeiro ao quinto ano. Coisas bem práticas, possíveis de fazer, o porquê da Matemática, onde se aplica, foi muito importante na minha vida. (Professora Clatleen May Gumz Fink, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 18/05/2012)

Os depoimentos das professoras Íris Tuty Dalcanale Araújo, Elnor Jennrich Teske, Sandra Terezinha Sartori Martini, Guilhermina Campos Mattedi e Clatleen May Gumz Fink apresentam sincronia com o que afirmam Passos e Romanatto (2010):

Os estudantes adquirem pela experiência, cultura e senso comum, um conjunto de conhecimentos intuitivos relacionados a conceitos, princípios e procedimentos que serão ensinados na escola. [...] Entretanto, a intervenção do professor é fundamental. É ele quem tem a função de organizar a caminhada dos estudantes, criando situações conflitantes, fornecendo informações que permitam a reelaboração dos conhecimentos intuitivos, propondo articulações entre os conteúdos para organizá-los em um corpo de conhecimentos sistematizados. (p. 31)

Para nossas depoentes, até onde pudemos perceber, a atuação do professor que participou de suas formações, nessa etapa do ensino, foi essencial para que pudessem começar a mudar a sua visão no que se refere à Matemática. O ensino das metodologias, aliado aos materiais e ao conhecimento matemático envolvido, “o porquê da Matemática, onde se aplica”, conforme mencionou a professora Catleen May Gumz Fink, formam a base do conhecimento que um professor que ensina Matemática deve ter.

Há, ainda, relatos – e esses integram o segundo bloco ao qual nos referimos anteriormente – sobre professores que, tendo formação matemática, não trabalhavam com as questões metodológicas e próprias à formação de futuros docentes e de profissionais de outras áreas que, embora tivessem algum conhecimento matemático, não aliavam conteúdo e formas de tratamento a esse conteúdo de um modo que seria desejável à formação no Magistério. Nesse bloco, estão os depoimentos de professoras que integram o grande grupo de alunos que passam/passaram pela formação à docência sem manter relação alguma com o conhecimento mais aprofundado da Matemática que deveriam ensinar nem com as várias metodologias para o seu ensino.

No Magistério [...] Tinha um professor chamado José. Foi uma época maravilhosa da minha vida, porque a gente tinha um grupo muito unido. A gente se dava muito bem. Era como se fôssemos uma família. Esse professor José era calmo. Eu acho que ele gostava tanto da disciplina que procurava passar isso para a gente. Não quer dizer que eu perdi o medo, o pavor. Não, ainda sentia isso pela Matemática. Mas ele tentava passar para a gente aquela coisa: *‘Não, tu tens que saber, eu estou aqui, eu estou aqui.’* Fui perdendo o medo e pegando um pouco de gosto ali, no Magistério. Estudamos por três anos com esse professor e assim fui perdendo aquele pavor da Matemática. [...] Ele tinha uns *flashes* de como trabalhar a Matemática, porém o conteúdo que ele mais ministrava era mesmo o de 2º Grau. Mas não era uma cobrança: *‘Eu estou aqui, se não der certo vocês sabem...’* Não era aquele bicho-papão. (Professora Gisela Bononomi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 09/04/2012)

Ali, nós tivemos um professor que era bancário e, como bancário, não tinha aquela didática que um professor teria. Ele era mais um técnico. Explicava como bancário e era o que ele passava pra nós. Quem já tinha dificuldade na Matemática continuava tendo, né? Então não nos ajudou muito. Eu não tive uma professora de Matemática no Magistério que eu dissesse: *‘Eu realmente aprendi’*. (Professora Salette de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

Em muitas universidades, o Curso de Pedagogia, no qual ocorre a formação da maioria dos professores que atua nas Séries Iniciais da escolaridade, promove uma formação generalista, de forma que o ensino de Matemática se restringe a um ou dois semestres, o que não é julgado suficiente para preparar o futuro professor, devido à quantidade e diversidade de conteúdos e metodologias que devem (ou podem) ser explorados. Em pesquisa realizada em instituições de Ensino Superior, Curi (2005) verificou que há predomínio dos métodos e procedimentos em detrimento do estudo do conteúdo:

A disciplina que apareceu com maior frequência nas grades curriculares dos cursos analisados foi Metodologia de Ensino da Matemática, presente em cerca de 66% das grades. Se considerarmos que outros 25% dos cursos têm na grade curricular a disciplina Conteúdos e Metodologia de Ensino da Matemática, é possível afirmar que cerca de 90% dos cursos de Pedagogia elegem as questões metodológicas como essenciais à formação de professores polivalentes. (p. 61)

A autora complementa afirmando que, como consequência desse estado de coisas, muitos dos futuros professores concluem o curso sem conhecer os conteúdos matemáticos com que trabalharão. “Parece haver uma concepção dominante de que o professor polivalente não precisa ‘saber Matemática’ e que basta saber como ensiná-la.” (CURI, 2005, p. 70)

Em Santa Catarina, verificamos que ocorre o mesmo que no Brasil como um todo. Segundo o *site* e-MEC, das Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados no Ministério da Educação (MEC), 51 instituições de Ensino Superior oferecem o Curso de Pedagogia. Dessas, 16 oferecem essa graduação somente na modalidade de ensino a distância, 31 são desenvolvidas presencialmente e 04 dispõem do curso nas duas formas de ensino (presencial e a distância). Analisamos as grades dos cursos disponibilizadas no *site*<sup>76</sup> e verificamos que, tanto na modalidade presencial quanto na modalidade a distância, cerca de 65% dos cursos oferece somente uma disciplina explorando fundamentos e metodologia do ensino de Matemática. Apesar das inúmeras mudanças no decorrer dos anos, os cursos de formação dos professores das Séries Iniciais ainda enfrentam sérios problemas em relação ao ensino de Matemática, dadas a amplitude de seus programas e a generalidade que caracteriza

---

<sup>76</sup> Dos 51 cursos em funcionamento, 46 (30 presenciais e 16 a distância) têm seus *sites* disponíveis.

suas propostas. O fato de haver poucos momentos específicos para tratar de conteúdos e abordagens do ensino de Matemática implica uma séria deficiência para os professores em seus cotidianos docentes.

Entre nossas depoentes, apenas uma cursou Licenciatura em Matemática e uma está cursando no momento. As demais têm formação em Pedagogia. Dessas, a grande maioria faz críticas relacionadas à presença da Matemática em seus programas de graduação: algumas não tiveram aulas de Matemática e as que tiveram relataram que foram insuficientes para que aprofundassem seus conhecimentos e ultrapassassem suas dificuldades quanto a esses conteúdos.

Grande parte das professoras fez seu curso superior entre os anos de 1969 e 1996. Nesse período, estava em vigência a Lei nº 5.540, sancionada em 28 de novembro de 1968, que permitia ao licenciando do Curso de Pedagogia optar entre várias habilitações disponíveis: Supervisão Escolar, Orientação Escolar e Inspeção Escolar, bem como a habilitação para lecionar no Curso Normal. Das entrevistadas, duas optaram por Supervisão Escolar, e uma delas, por Administração Escolar.

Eu sou formada em Supervisão Escolar. Depois fiz complemento em Pedagogia para Séries Iniciais e tenho também Filosofia para o Ensino Médio. [...] No Ensino Superior, não fiz Matemática. Não tinha. Na complementação para Anos Iniciais, tinha, mas não tivemos que trabalhar. A gente teve que estudar, fazer uns jogos ou coisas assim, porque tivemos que trabalhar com professores de um curso. Acho que três semanas, se não me engano. Só para isso. Não tivemos uma “cadeira” de Matemática. (Professora Gisela Bononomi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 09/04/2012)

A minha formação acadêmica é em Pedagogia. [...] No Ensino Superior, a gente não teve Matemática, porque a Pedagogia não foi de Séries Iniciais, foi em Supervisão Escolar, porque [o curso] estava iniciando ainda. Eu acho que eu peguei a segunda turma daqui e aí, então, nós não tínhamos Matemática. Eram mais as matérias afins da orientação. (Professora Guilhermina Campos Mattedi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

Fiz quatro anos de Pedagogia, licenciatura plena em Administração Escolar. (Professora Mirian Vivan de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 14/12/2010)

As especialidades mencionadas não tinham como objetivo final formar professores para atuar em sala de aula (apesar de darem aos licenciandos essa possibilidade) e, por esse motivo, concentravam-se em disciplinas específicas relativas à habilitação, não fazendo parte de sua grade de disciplinas qualquer curso, de natureza pedagógica, voltado à Matemática. Desse modo, muitos professores, como o caso das três entrevistadas cujos recortes da entrevista citamos anteriormente, foram para a sala de aula sem formação específica para o ensino dessa disciplina. Esse fato pode ter sido, por um lado, um problema para muitos docentes que não tinham o conhecimento necessário para lecionar e, por outro, para muitos alunos que, diante de professores mal preparados, corriam o risco de aprender conceitos equivocados.

Tão sério quanto o fato de os cursos não ofertarem disciplinas relacionadas à Matemática escolar é o oferecimento da disciplina para meramente cumprir uma formalidade, sem desenvolver seus tópicos de forma minimamente adequada com vistas a preparar o licenciando para atuar em salas de aula reais. Algumas das professoras colaboradoras deste trabalho viveram situações dessa natureza e relatam não terem levado, dos seus cursos de graduação, experiência significativa – ou alguma experiência – em relação à Matemática. Uma das professoras lembrou que cursou a disciplina Matemática, mas que não tinha disso muitas lembranças. Outras, em suas narrativas, descrevem com detalhes a disciplina Estatística e sequer mencionam se tiveram ou não outra disciplina relacionada à Matemática. A Estatística, por sua vez, foi ressaltada em dois depoimentos por motivos opostos. Em um, a professora fala das dificuldades que teve na disciplina e, no outro, a colaboradora relata que foi cursando essa disciplina que conseguiu superar seus medos e traumas em relação à Matemática, tornando-se uma excelente aluna.

No Ensino Superior, eu não me lembro de alguém que tenha marcado. Eu lembro que eu tive Matemática, mas uma coisa mais Segundo Grau, assim, mas não tenho muitas lembranças dessa época. (Professora Clatleen May Gumz Fink, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 18/05/2012)

Quanto à formação acadêmica, eu fiz Pedagogia de pré, primeira à quarta série e Psicopedagogia, na antiga FEDAVI<sup>77</sup>, hoje a UNIDAVI<sup>78</sup>. Depois, eu fiz uma complementação de Educação Especial. [...] E a Matemática sempre teve. Tive dificuldades? Tive, mais no Ensino Superior, quando tinha Estatística, aonde que tive algumas complicações. (Professora Íris Tuty Dalcanale Araujo, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 26/03/2012)

No curso superior, em Matemática, eu fui muito bem. Estatística, muito bem. Inclusive, eu dava aula particular para todas essas amigas, pois elas tinham dificuldades. Então eu penso assim, Viviane, como é que eu aprendi? Como é que eu desenvolvi um raciocínio tão bom em Estatística e Matemática? Eu era uma das melhores alunas do curso superior! Inclusive, meu pai colocou um quadro negro dentro de casa e, todo sábado à tarde, vinham umas seis ou sete alunas da graduação e eu dava aula pra elas. Eu não tinha nenhuma dificuldade, mas, quando eu chegava em casa, o que que eu fazia, com todas as dificuldades que eu tive lá na sétima e oitava série? Eu ia buscar naqueles livros e tentava entender aquilo pra eu poder entender outras coisas. Talvez isso ajudou, talvez não, eu tenho certeza, porque lá na Educação Básica eu não tive um ensinamento melhor. (Professora Alciris de Oliveira Zabel, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 26/03/2012)

A professora Loriane Furrbringer Dalcastagne, por sua vez, falou, em seu depoimento, que, no seu entender, a disciplina poderia ter sido um pouco mais aprofundada. Segundo ela, muito tempo foi gasto na produção de material didático, na parte pedagógica, faltando aprofundar um pouco mais o conhecimento (do conteúdo) matemático:

No Ensino Superior, eu fiz Pedagogia, e tinha uma disciplina chamada Fundamentos e Metodologia da Matemática, e a gente também fazia muitas coisas no papel. São coisas assim, eu até acho que poderia ter sido um pouquinho melhor; a gente ficou muito nessa assim de, eu acho importante também, né? Relembrar todas as coisinhas, como é que se fazia, a gente trocava algumas experiências, mas eu acho que poderia ter ido um pouco além. Não tive dificuldade. (Professora Loriane Furrbringer Dalcastagne depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/12/2011)

O problema salientado pela professora Loriane Furrbringer Dalcastagne tem sido tratado por Nacarato, Mengali e Passos (2009) como um dos problemas centrais de alguns cursos de

<sup>77</sup> FEDAVI: Fundação Educacional do Alto Vale do Itajaí, situada na cidade de Rio do Sul, que, em 2011, transformou-se em UNIDAVI.

<sup>78</sup> UNIDAVI: Centro Universitário par o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, tem unidades em Rio do Sul (*campus* principal), Ituporanga, Presidente Getúlio e Taió.

formação inicial de professores polivalentes. Segundo as autoras, esses professores “têm tido poucas oportunidades para uma formação matemática que possa fazer frente às atuais exigências da sociedade e, quando ela ocorre na formação inicial, vem se pautando nos aspectos metodológicos” (p.22).

Vários depoimentos também nos mostraram cursos superiores que auxiliaram na formação matemática das professoras. Muitas delas narraram sua formação e declararam que essa etapa do ensino contribuiu para mudar sua relação com a Matemática e suas práticas de sala de aula.

No Ensino Superior, eu me formei em Normal Superior e Educação Infantil em 2002, aqui na UNIASSELVI<sup>79</sup>. A professora de Matemática era a dona Eleide Mônica<sup>80</sup>, e ela trabalhava muito o concreto. No Normal Superior, e Educação Infantil, foi trabalhado bastante o lúdico porque era para os pequenos mesmo. (Professora Elnor Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Me formei em Pedagogia do pré à quarta série, na primeira turma do Magister<sup>81</sup> na Universidade Regional de Blumenau, com extensão na UNIDAVI em Ituporanga. Em sete do cinco de 1999. [...] No Magister, as aulas de Matemática eram bem legais, bastante inspiradoras. Eu lembro que tinha um professor, ele era de Vidal Ramos<sup>82</sup>, eu acho que era João Boing, não lembro bem. Ele trazia tanto material para a sala de aula que a gente ficava olhando e tirando modelinhos. Coisas de fração, material para confeccionar com aluno. Isso me ajudou a sair um pouco do tradicional e mexer um pouco com o aluno, não ficar só com aquela coisa, só no livro e sim estar produzindo, montando, manipulando. Isso fez com que eu tivesse mais segurança para arriscar. Arriscar e fazer coisas diferentes. (Professora Lúcia Margarida Braun Guckert, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 27/03/2012)

O depoimento da professora Elnor Jennrich Teske e o da professora Lúcia Margarida Braun Guckert se referem, basicamente, à questão metodológica desenvolvida em sala de aula, pouco a abordando e, portanto, nos dando poucos subsídios para análise do

<sup>79</sup> UNIASSELVI: Centro Universitário Leonardo da Vinci. Centro Universitário Privado de Santa Catarina.

<sup>80</sup> Eleide Monica Jacques. Professora de Matemática da UNIASSELVI, Indaial (SC).

<sup>81</sup> Programa desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação e do Desporto de Santa Catarina, com o objetivo de oferecer cursos de Licenciatura Plena e complementação de Licenciatura, em várias áreas, aos professores que já atuavam na rede pública de ensino, estadual e municipal, sem formação específica.

<sup>82</sup> Vidal Ramos, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 192 km de Florianópolis, capital do estado.

desenvolvimento do conhecimento matemático. Elas apenas afirmaram que ter trabalhado com materiais concretos as fez entender melhor a Matemática. Esse fato reforça o quanto a aprendizagem da Matemática na Educação Básica foi traumática para muitas delas, pois as únicas recordações são experiências<sup>83</sup> com o trabalho mais prático, envolvendo métodos e procedimentos, e conteúdos bastante elementares.

A professora Sandra Maria Buchmann e a professora Sandra Terezinha Sartori Martini ressaltaram, em suas narrativas, que, além do trabalho com a metodologia, tiveram leituras e estudo teórico durante o curso e que que isso contribuiu muito para a formação.

Quanto ao Ensino Superior, eu fui da primeira turma de Pedagogia daqui de Gaspar. Era um *campus* da FURB que teve aqui em Gaspar. Tiveram duas turmas. A primeira turma era de 50 alunos, e a gente tinha a Maria Adélia<sup>84</sup> como professora de Matemática. Muito boa! Foi muito bom! Ali eu já estava trabalhando há 15, 16 anos, então era uma troca, sabe? Quase como, de igual para igual: dentro da teoria, onde é que a tua prática se encaixa? Então, ter feito a Pedagogia, depois, foi bem legal porque eu via: *‘Poxa, eu trabalho assim e tal autor defende aquilo que eu trabalho.’* Então foi bem gostoso. (Professora Sandra Maria Buchmann, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

No Ensino Superior, eu fiz Pedagogia na FEBE<sup>85</sup>. Mas era pelo sistema Magister. A gente era aluno da FURB, mas frequentava a FEBE. As aulas de Matemática, naquela época, eram com a Luciane Gamba. Muito legal. Com material, eram jogos... era muito boa. Gostei muito. [...] Eu lembro que, na faculdade, a gente teve que criar jogos, dentro da Matemática... Então nós tínhamos que inventar e apresentar lá, cada um tinha. As leituras também que antes a gente não tinha. A faculdade abre muito a cabeça da gente. (Professora Sandra Terezinha Sartori Martini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 03/04/2012)

A professora Salete de Oliveira salienta, em seu depoimento, o que Curi (2005) pontua em relação ao Brasil e o que já ressaltamos neste texto, quando da discussão sobre o Curso de

---

<sup>83</sup> Quando falamos em “experiência”, estamos nos baseando em Larossa (2002). Experiência, segundo essa abordagem, é aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece e, assim, ao nos atravessar, nos forma e nos transforma.

<sup>84</sup> Professora Maria Adélia Bento Schmitt. Professora do Departamento de Educação da FURB, Blumenau (SC). Uma das professoras entrevistadas nesta pesquisa.

<sup>85</sup> FEBE: Centro Universitário de Brusque (SC).



Pedagogia no estado de Santa Catarina, ou seja, que apenas uma disciplina da área de Matemática em um curso de formação de professores não é suficiente.

Fiz Pedagogia [...] aqui em Joaçaba, na UNOESC<sup>86</sup> de Joaçaba. No Superior, eu tive um semestre de Matemática. Nesse semestre, a gente aprendia a fazer jogos para trabalhar em sala de aula. Então tive um semestre, e um semestre é pouco tempo para você aprender muita coisa. Eu me lembro que a professora trazia os jogos, nós confeccionávamos e jogávamos, para saber como se jogava, para daí poder trazer para a sala de aula. Eu não tive dificuldades, porque era mais no concreto, nas noites que você ia à faculdade (uma noite por semana), e tudo que é vivenciado é mais fácil de entender. Se a gente tivesse, quem sabe dois, teria sido bem mais... eu teria aprendido bem mais do que no Magistério que eu fiz três anos, que, pra mim, não ajudou muito. (Professora Salete de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

Concordamos com Cyrino (2008), quando a autora afirma que a formação do professor não se limita ao curso de licenciatura, mas, sim, que perpassa toda sua vida educacional. Isso se torna muito preocupante no que tange à Matemática, uma vez que muitos professores trazem da Educação Básica cicatrizes de uma relação de muitas dificuldades, pensamentos negativos e traumas. Essas marcas, geradas no processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica, podem, como afirmam Nacarato, Mengali e Passos (2009), gerar “bloqueios para aprender e para ensinar” (p. 23). Por outro lado, também podem criar o efeito reverso, isto é, levar o professor a procurar formas de fazer com que a sua atuação não seja uma reprodução dos exemplos que teve, para que seus alunos não enfrentem os mesmos problemas que ele.

Muitas depoentes desta pesquisa não trazem boas recordações da aprendizagem da Matemática na Educação Básica. Os problemas enfrentados por elas, enquanto alunas, as fizeram buscar metodologias diferenciadas (como veremos mais adiante) para que os seus alunos tivessem prazer em aprender e entendessem essa disciplina.

Quanto à Matemática, no Ensino Básico, da primeira à quarta série, eu lembro que tinha muitas dificuldades. Muitas dificuldades de aprender a dividir. Mas a mãe e o pai, da forma grosseira deles, tentavam explicar. A tabuada eles queriam que eu decorasse, mas sem entender. Assim eu tive as

---

<sup>86</sup> UNOESC: Universidade do Oeste de Santa Catarina.

minhas dificuldades em aprender a dividir e na tabuada. A tabuada eu só entendi depois que eu comecei a dar aula. Eu não fui aquela aluna expert, não. (Professora Alcírís de Oliveira Zabel, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 26/03/2012)

Eu nuunca fui muito boa em Matemática, nunca. Eu gosto muito da Matemática que vai até ali pelo quinto, sexto, sétimo ano. Depois, já começa a ficar bem abstrata, no meu ponto de vista. Então eu já não gosto muito. Talvez porque os professores não passaram aquele entusiasmo para a gente. Não sei [...]. (Professora Mirian Vivian de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 14/12/2011)

[...] foi um desafio pra mim amar a Matemática quando eu entrei no Magistério, porque, até então, eu tinha muito trauma de Matemática. Os professores, eu tive alguns que me marcaram, mas não para o lado bom, para o lado negativo. (Professora Guilhermina Campos Mattedi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

No Ginásio, eu não gostava muito de Matemática, porque era aquela coisa tradicional. Passava no quadro, a gente tinha que aprender, fazer, e se não conseguia captar naquela hora a mensagem do professor... eu lembro que tirava muitas vezes notas baixas. (Professora Elner Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

As dificuldades enfrentadas no período em que cursaram o Ensino Básico ou o Magistério as fizeram repensar, tentar superar seus medos e fragilidades e estruturar suas práticas de forma que seus alunos não tivessem a mesma experiência negativa que elas tiveram na aprendizagem dessa disciplina.

Matemática, para mim, nas Séries Iniciais, como estudante, foi sofrida [...] para os meus alunos não passarem a mesma situação, eu comecei a envolver a Matemática em tudo. Então, foi a Matemática na natureza, a Matemática na construção de uma casa, Matemática... até no crescimento de planta, Matemática na Educação Física. E foi, foi indo, foi dessa forma que eu ensinei Matemática para os meus alunos, até hoje. (Professora Rose Mary do Nascimento Agostini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 15/12/2011)

Dos Anos Iniciais, eu lembro que eu custei muito a entender a multiplicação. [...] e, hoje em dia, eu tenho muito cuidado com os meus alunos com isso –

era jogada aquela tabuada. Tu tinhas que saber, e, na hora que a gente ia dividir ou multiplicar, não sabia de onde vinha o resultado. (Professora Sandra Terezinha Sartori Martini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 03/04/2012)

Pra mim, a Matemática não foi muito marcante, porque a minha dificuldade maior sempre foi nessa disciplina. Eu não era uma aluna ruim, mas não era uma aluna boa. Por isso, hoje, eu acho que me apeguei muito na Matemática quando eu iniciei no Magistério, porque, como eu sempre tive problema e eu acreditava que, se ela tivesse sido trabalhada comigo da forma como nós trabalhamos depois que entrei no Magistério, eu não teria tido tantos problemas como tive. (Professora Guilhermina Campos Mattedi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

Acreditamos que o depoimento, a seguir, da professora Gisela Bononomi sintetiza alguns dos enfrentamentos dessas professoras, enquanto alunas, em relação ao ensino da Matemática e ao processo de mudança de concepção, no que diz respeito à Matemática, pelo qual passaram para se tornarem as professoras que são hoje. Esse depoimento retrata a busca por um entendimento dessa disciplina e de metodologias para que não transparecesse, para seus alunos, algum sentimento negativo delas, as professoras, que pudesse contaminar a possibilidade de eles, os alunos, compreenderem a Matemática e dela gostarem.

Eu sempre tive muita rejeição à Matemática. Tinha muita dificuldade, muito medo da Matemática. Até porque professor bom de Matemática, naquela época, era aquele que reprovava o aluno. Eu nunca reprovei, mas, para mim, professor de Matemática era para ser temido. [...] A Matemática era um bicho de sete cabeças. Eu tinha muita dificuldade. Às vezes, eu ficava pensando que a Matemática era uma disciplina que não precisava estudar muito. O importante era entender. Só que eu não conseguia alcançar esse entendimento. Eu pensava muito sobre isso. [...] Nunca reprovei em Matemática, porque eu estudava para passar. Mas era uma disciplina da qual tinha muito medo e que não entendia. Não era uma matéria prazerosa. Acho que eu não entendia pela forma como era passada a matéria, o conteúdo e, também, de tanto pavor que sentia. [...] tudo que falassem da Matemática e que fosse bom eu queria. Eu queria como que apagar um sentimento de culpa que não era meu, mas que eu podia estar passando isso para as crianças e não era bom. Como foi passado pra mim, eu tinha medo de passar isso para o aluno, entendeste? (Professora Gisela Bononomi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 09/04/2012)

Uma solução encontrada por muitos dos professores que registram, em seus depoimentos, dificuldades em relação à Matemática, foi a de buscar, por iniciativa própria, cursos ou estratégias de formação continuada em programas de pós-graduação ou, mesmo, de formar grupos informais, que atuam/atuaram, apartados ou em rede, para suprir suas deficiências, permitindo-lhes desenvolver seu trabalho da melhor forma possível. A maioria das depoentes desta pesquisa fez, também, um curso de pós-graduação na sua área de atuação. Muitas apenas o mencionaram, não salientando a importância que esse teve (ou não) para o seu desenvolvimento profissional.

Acreditamos que, além de ter como objetivo um conhecimento mais aprofundado e amplo, a perspectiva de avanço na carreira, com o conseqüente aumento salarial também pode ter servido como potente motivador para a realização desses cursos. Nesse sentido, buscamos analisar os Planos de Carreira do Magistério dos municípios onde moram as colaboradoras, assim como o Plano de Carreira do estado de Santa Catarina, uma vez que algumas trabalham/trabalhavam na Rede Estadual de Ensino. Apesar de não ter acesso aos planos de carreira antigos, analisamos os atuais (quase todos feitos após o ano de 2000). Verificamos que apresentam valorização tanto do aprimoramento vertical (pós-graduação, mestrado e/ou doutorado), quanto do horizontal (cursos afins desenvolvidos ao longo da carreira).

Ainda sobre as pós-graduações, dois depoimentos nos chamaram a atenção. O primeiro é o da professora Lúcia Margarida Braun Guckert. Nele, ressaltamos o esforço da depoente para participar dessa instância de formação. A professora fez o curso superior (Magister) paralelamente à pós-graduação. A licenciatura foi cursada na cidade de Leoberto Leal (onde ela vive) e o outro, em Jaboticabal<sup>87</sup> (SP), a mais de mil quilômetros de distância. Segundo essa depoente, um grupo de professores fretava um ônibus e se deslocava periodicamente para o interior de São Paulo. Argumentou que essa era a única possibilidade, além de ser a mais rápida e econômica. Importante reforçar que, nesse período, todos ainda cursavam a graduação e trabalhavam.

Concluí a pós-graduação (*lato sensu*) em Didática, Fundamentos Teóricos e de Prática Pedagógica, na Faculdade de Educação São Luiz, em Jaboticabal, São Paulo, em vinte e sete do sete de 1999. No mesmo ano da formatura, a gente já começou antes a ir para São Paulo para conseguir terminar também

---

<sup>87</sup> Jaboticabal, cidade do Estado de São Paulo, situada a 153 km da capital desse estado.

a pós-graduação. [...] Na época, fazer a pós nesta faculdade era a única abertura que tinha. Ela era, vamos dizer assim, mais rápida para gente fazer e de menor custo. Assim, a turma que estava fazendo a Pedagogia aqui se juntou, fretamos um ônibus, e a gente ia, sempre com o ônibus lotado. (Professora Lúcia Margarida Braun Guckert, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 27/03/2012)

O segundo depoimento é o da professora Sandra Terezinha Sartori Martini que, diferente de outras depoentes, explicou o porquê da escolha do curso de pós-graduação. A professora relatou que o curso foi ao encontro da sua prática, uma vez que, em sala de aula, já trabalhava com projetos e que, como muito se falava em ensino interdisciplinar, queria entender melhor o significado disso e verificar se o seu trabalho estava ou não seguindo essa tendência.

A minha pós-graduação? Ai [procurando nos papéis], o nome é grande e eu esqueço. Em Práticas Pedagógicas e Interdisciplinaridade na Educação Infantil, Séries Iniciais, Ensino Fundamental e Médio. Justamente porque eu fazia esses projetos de Matemática e eu envolvia todas as disciplinas. Até a minha monografia é Interdisciplinaridade na Sala de Aula, porque eu queria saber até onde isso era interdisciplinar. Porque se falava tanto, tanto... (Professora Sandra Terezinha Sartori Martini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 03/04/2012)

Além da pós-graduação, as depoentes afirmam sempre terem buscado, por iniciativa própria, desde o início de suas carreiras, novas metodologias, maiores conhecimentos, ou seja, tudo o que pudesse auxiliá-las na prática de sala de aula, uma vez que muitas declararam ter “medo”, “pavor” de Matemática, e que, enquanto alunas, trabalhavam tecnicamente, uma vez que pouco entendiam “daquilo tudo” (que, futuramente, deveriam ensinar). Como estratégias de superação, pesquisavam, em livros didáticos e paradidáticos, alternativas diferenciadas para ensinar determinado conteúdo, materiais didáticos que facilitassem o entendimento dos alunos e experiências bem-sucedidas de professores mais experientes e faziam cursos relacionados à educação matemática. Tudo isso buscando ou melhorar sua prática, que, segundo elas, ainda deixava a desejar, ou mudá-la, quando notavam que estavam repetindo os procedimentos de seus professores.

Segundo Paiva (2008), “os primeiros anos de vida profissional são extremamente importantes para a formação do professor, envolvendo novas aprendizagens que vão além da simples aplicação dos conteúdos vistos nas licenciaturas e nos cursos de Pedagogia ou Normal Superior” (p. 94). Com base nos depoimentos das professoras colaboradoras, acreditamos que a busca, nesse período, impulsionada por uma inquietude interna por melhorias na prática, leva o professor não só a aprimorá-la, mas também a formar sua identidade profissional.

Quando eu comecei a dar aula, tinha. Eu lembro que tinha livro. Para a quarta série, tinha livro. Então, eu, como iniciante que já tinha terminado a faculdade uns três anos antes e tinha feito Magistério anos antes, então eu, no começo, fui seguindo os livros. Eu procurava sempre pesquisar. Nunca fiquei sempre dentro só de um livro, procurava exercícios em outros livros e coisas, e, com o decorrer do tempo, a gente vai amadurecendo e a gente mesmo vai criando alguns exercícios também. Aí eu comecei a fazer cursinhos. [...] E tudo que era cursinho que tinha a diretora me enviava. Eu tinha um tempinho, eu ia. E eu fui crescendo, fui crescendo e fui tendo uma nova visão sobre o ensino da Matemática. Depois, até que então começaram a surgir essas ideias de projetos e então eu gostei mais ainda. (Professora Mirian Vivan de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 14/12/2011)

Quando eu comecei na educação, eu acho que, para os meus alunos não passarem a mesma situação, eu comecei a envolver a Matemática em tudo. Então foi a Matemática na natureza, a Matemática na construção de uma casa, Matemática... até no crescimento de planta, Matemática na Educação Física. E foi, foi indo, foi dessa forma que eu ensinei Matemática para os meus alunos, até hoje. [...] Também nunca deixei de fazer curso. Sempre estar a par das novidades, das coisas que estão aparecendo. Não podemos deixar de nos aperfeiçoar. Professor não pode... hoje em dia, nenhuma profissão pode deixar de se aperfeiçoar. Tem que saber das novidades... e mudar... inovar... não ficar na mesmice, porque o nosso aluno, com a tecnologia, ele não aceita, ele não vai aceitar... (Professora Rose Mary do Nascimento Agostini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 15/12/2011)

Da prática em relação à Matemática. Quando eu iniciei, não tinha nada a ver com aquilo que eu faço hoje. Tinha uma coisa que era até meio absurda porque eu acho que houve uma cópia daquilo que eu tinha visto com o professor, que era só passar conta pela conta, o problema pelo problema, sem questionamento nenhum. Então, no início, eu fui essa professora, cópia fiel dos meus professores. Mas, com muita capacitação, com muitos cursos, eu acabei aprendendo com os outros. Então foi buscando, lendo e vendo os

outros que eu aprendi que, na Matemática, não poderia ser a conta pela conta. [...] Eu ainda acredito muito que tu tens que fazer para aprender, várias vezes e com significado. (Professora Alcírís de Oliveira Zabel, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 26/03/2012)

No início, as minhas aulas de Matemática eram muito formais, sem a preocupação com o que o aluno aprendeu. [...] Depois, com as experiências na secretaria, na direção, cursos oferecidos pela Secretaria de Educação, fui percebendo que deveria e poderia trabalhar de forma diferente, tendo mais abertura para recuperação, trabalhos diversificados, diálogo aberto, ouvir os desejos dos alunos e para que realmente pudéssemos ter momentos prazerosos de aprendizagem. (Professora Lúcia Margaria Braun Guckert, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 27/03/2012)

Eu lembro assim que, quando eu peguei essa turma em Tigipió, de segunda série, aí a gente deixa muito a desejar, né? Em tudo. A gente peca muito com a criança. [...] E assim, eram menos recursos também. Agora, a gente tem tantos recursos, jogos, é tudo. Antes, não tinha nada disso. E se a gente fosse jogar, Deus o livre, era malandra. Não era visto como um material pedagógico. [...] A prática me levou a mudar. Eu acho assim que, com o passar do tempo, as coisas também vão aparecendo, a gente também vai tendo acesso a mais livros, à internet, e a gente também vai criando. (Professora Sandra Terezinha Sartori Martini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 03/04/2012)

Como eu trabalhava a Matemática quando comecei a dar aula? Como eu tinha essa coisa da Matemática, esse medo, eu sentia que não precisava ter todo aquele medo. Eu comecei e pensei: eu vou ter que despertar na criança o gosto, de passar pra eles isso aí, fazer eles gostarem da Matemática. Eu lembro que eu fiz um cursinho de trabalhos manuais, de jogos, essas coisas assim. Não jogos de Matemática. [...] aí eu comecei a aproveitar para fazer jogos de Matemática, dominó de Matemática... para a criança gostar de Matemática, trabalhar bastante com o concreto. Daquilo ali eu comecei a trabalhar a Matemática. (Professora Gisela Bononomi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 09/04/2012)

Em algumas situações, o professor, no início da sua carreira, encontra alguém mais experiente (um antigo professor, um colega da escola, um coordenador de área, um técnico da Secretaria de Educação) que o oriente, que indique caminhos, que dê subsídios para que possa fundamentar ou, se necessário, mudar a sua prática. Esse apoio é muito importante, pois gera segurança no iniciante. Os depoimentos da professora Maria Adélia Bento Schmidt e da

professora Elnor Jennrich Teske deixam claro o quanto foi importante para elas o apoio recebido.

O depoimento da professora Maria Adélia Bento Schmidt relata dois momentos diferentes da sua vida. O início da sua carreira como professora, quando estava em vigor o ensino segundo a Matemática Moderna. Ela teve cursos para aprender a trabalhar em sala de aula, mas, neles, apenas foi desenvolvido o conteúdo. Mais tarde, por volta dos anos de 1980, quando o movimento de Educação Matemática começava a se desenvolver na região, a professora teve contato e trabalhou com dois professores que iniciaram esse movimento no estado de Santa Catarina: professor José Valdir Floriani<sup>88</sup> e professora Luiza Gobbi<sup>89</sup>. O depoimento dessa entrevistada expressa a importância desses professores em sua vida profissional:

Quando eu comecei a trabalhar, lá com 16 ou 17 anos, nós éramos chamados para cursos, como nos cursos de formação continuada, e eles vinham ensinar como era pra trabalhar com essa Matemática Moderna. Mas nada prático. Era tudo só o conteúdo que a gente tinha que trabalhar. [...] E depois que eu terminei Ciências do Primeiro Grau, aí começaram os projetos na FURB, com o professor Floriani, e ele me chamou. Quando eu fiz Ciências do Primeiro Grau, já começou o movimento de Educação Matemática aqui. Então eu comecei a participar com o professor Floriani. Do primeiro projeto de melhoria do ensino da Matemática, eu me lembro bem: eu estava nesse grupo de 1980 a 1986, eu acho. [...] Nessa época, também na prefeitura, veio a professora Luiza Gobbi, que era de Joaçaba. Ela também tinha um movimento para melhoria então das Séries Iniciais. Eu aprendi um monte de coisas com ela também. Então Luiza Gobbi foi uma pessoa que movimentou também bastante coisa aqui, no município de Blumenau. [...] Com o professor Floriani, as coisas sempre estavam mudando, sempre estavam se aperfeiçoando. Fazendo curso e fazendo leituras... A professora Luiza Gobbi também foi fantástica em relação à minha mudança. Depois eu fui coordenadora também da Secretaria e aí tinha que ajudar esse pessoal a também fazer esta mudança. (Professora Maria Adélia Bento Schmidt, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 07/10/2010)

---

<sup>88</sup> José Valdir Floriani. Hoje aposentado, foi professor do Departamento de Matemática da Universidade Regional de Blumenau, e um dos precursores do Movimento de Educação Matemática em Santa Catarina.

<sup>89</sup> Luiza Gobbi. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Joaçaba (SC). Uma das precursoras do Movimento de Educação Matemática no Estado de Santa Catarina.



A professora Elnor Jennrich Teske, no início da década de 1990, começou a trabalhar com a professora Ondina Poffo<sup>90</sup>, coordenadora da área da Matemática da Secretaria de Educação do município de Indaial. Essa coordenadora desenvolveu várias estratégias de formação, na área da Educação Matemática, com as professoras desse município, explorando a importância da utilização de materiais didáticos na sala de aula e também trabalhando a questão das Feiras de Matemática. O trabalho dela foi essencial como incentivo para essa entrevistada mudar sua prática:

Quando eu estava trabalhando na Escola Isolada Alto Warnow, a dona Ondina Poffo, que dava formação para a gente, trabalhou sobre as Feiras de Matemática e eu me apaixonei, por causa do material concreto. Desde então, a minha prática de ensinar Matemática mudou. Quando eu comecei a trabalhar como professora, eu era muito rígida, muito rígida, trabalhava muito assim só no papel, e tinham que entender no papel. Foi a partir daquela época, 93, 94, já em 92 também, que eu comecei a trabalhar de outra forma, e ver que as crianças aprendiam muito melhor da outra forma. Mas eu tive que aprender primeiro para, depois, passar isso para as crianças. E graças a Deus eu consegui. Essa parte realmente eu consegui fazer e fazia com gosto. [...] eu, professora, tenho que gostar. Se eu gostar, eu vou conseguir ensinar. Agora, se eu não gostar, não vou conseguir ensinar. (Professora Elnor Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Acreditamos ser relevante abrir parênteses, nesse momento, para salientar a importância de um trabalho atuante de formação e acompanhamento dos coordenadores de área das Secretarias de Educação junto aos professores, principalmente junto aos professores iniciantes. O trabalho da professora Ondina Poffo como coordenadora no município de Indaial, assim como o da professora Luiza Gobbi, que trabalhava na Secretaria de Educação do município de Joaçaba, foi elogiado pelas professoras que atuam nesses municípios. Segundo as depoentes, o papel dessas profissionais foi decisivo para a mudança das suas práticas, de um ensino tradicional para um mais contextualizado e preocupado com a aprendizagem dos alunos.

A dedicação de muitos professores – nisso incluídas as professoras que colaboraram com este nosso trabalho e algumas professoras específicas, como as coordenadoras de área às

---

<sup>90</sup> Ondina Poffo. Professora Coordenadora da Área de Matemática da Secretaria de Educação de Indaial (SC), no período citado pela depoente.

quais nos referimos anteriormente – parece gerar, ao menos em suas comunidades locais e/ou regionais, certo reconhecimento ou destaque. Esse destaque se dá por meio do desempenho de seus alunos, do reconhecimento dos pais e da comunidade ou pelo modo como alguns esforços “circulam” em espaços públicos, como as exposições ou Feiras de Ciências e/ou Matemática (um dos focos deste nosso trabalho, a ser tratado em momento oportuno). A importância dessas iniciativas sempre vem à tona quando conversamos com alunos e administradores escolares, ainda que nem todo destaque a um ou a outro profissional, a uma ou a outra prática, possa ser creditado à iniciativa unicamente do professor que busca se engajar em estratégias de formação continuada.

Esta pesquisa tem, nesses professores (no nosso caso, professoras), seu centro de interesse. São professoras que, apesar da formação deficitária (principalmente no que diz respeito à Matemática), transformaram suas salas de aula em ambientes nos quais criaram práticas, alternativas ou não, mas suficientemente satisfatórias (segundo os critérios de certa comunidade), de modo a serem tornadas públicas, em eventos locais, regionais e/ou estaduais de divulgação de estratégias diferenciadas de ensino de Matemática. As experiências vividas e narradas por essas professoras são o pano de fundo de nossa investigação.

Consideramos ser importante, nesse momento, analisarmos a atuação das depoentes a partir do que elas próprias nos dizem dessas suas atuações. Concentrar-nos-emos, então, nas práticas narradas, buscando detectar resíduos de possíveis concepções, em relação à Matemática e ao seu ensino, que sustentam essas práticas e, de um modo ou outro, são por elas manifestadas.

Percebemos, nos depoimentos das professoras, uma forte tendência para o uso do material didático “concreto”. Todas concordam que a manipulação de materiais ajuda na aprendizagem do aluno dos Anos Iniciais, auxiliando-o a compreender os processos e conceitos.

A ideia dessas professoras converge para a afirmação de Passos e Romanatto (2010) de que “o processo de aprendizagem de uma ideia matemática mostra que essa aprendizagem deve evoluir a partir de um envolvimento ativo com objetos concretos (reais ou imagináveis) até as análises, as sínteses, as sistematizações, as generalizações, as abstrações e as formalizações” (p. 33).

[...] hoje em dia, eu trabalho muito com material concreto. A parte lúdica eu não deixei mais de trabalhar a partir dali. Sempre estou voltada pro lúdico, trabalhando com as coisas concretas, fazendo eles entenderem primeiro para, depois, ir para o papel, para, depois, eles internalizarem, senão eles não conseguem internalizar. [...] E eles fazendo com o concreto era bem mais rápido pra eles entenderem, muito mais prático. (Professora Elnor Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

[...] eu sempre trabalhei na linha de, antes de dar para o aluno aquela parte dos símbolos, sempre procurei mostrar pra eles no concreto, por eu ter sofrido com isso. E acho que a minha prática sempre foi muito boa porque os alunos [...] tiveram sempre um aproveitamento muito bom. Em todas as minhas aulas, eu procurava sempre trabalhar a questão mais lúdica, pra eles entenderem os conceitos, diferenciar uma adição de uma subtração, uma multiplicação de uma divisão, entender o porquê dos resultados, sempre com situações-problema envolvendo as quatro operações, mas de uma maneira que eles entendessem, porque aquela história de: ‘*É de mais ou é de menos?*’, se o aluno **entende** o que ele tá fazendo, ele não vai te perguntar se é de mais ou é de menos. O raciocínio o faz entender se é de mais ou de menos. Então, a minha prática, todos os vinte anos que eu fiquei (em sala), acho que a relação da minha prática com a Matemática foi sempre muito boa por eu ter trabalhado sempre com material concreto. (Professora Guilhermina Campos Mattedi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

Eu fiquei quatro anos dando aula no interior e já comecei a ter esse gosto pela Matemática, porque você, tendo o material, você faz milagre dentro da Matemática. Foi nessa experiência que eu tive, no interior, que comecei a ter aquele gosto e a trabalhar com materiais concretos na Matemática, para saber que é através disso que a criança vai tendo conhecimento. [...] Depois de quatro anos, eu vim para Escola Rotary. Eu sempre trabalhei com primeira série. Eu comecei lá na escola com trinta e seis alunos e terminei com trinta e seis alunos no segundo ano. Era ciclo básico e, como era bastante aluno, era difícil trabalhar, mas eu sempre procurava trabalhar no concreto. Eu trazia sementes para a escola, trabalhava com tampas e, quando não tinha, a escola sempre foi carente, a gente não tinha aquele material sofisticado, mas o que era sucata a gente trazia para a escola para trabalhar com esses alunos. [...] além das tampas, a gente tinha aquele Material Dourado, que é riquíssimo, o Ábaco também. Eu nunca ensinei nada sem que, primeiro, a criança praticasse ali no concreto para, depois, passar para o caderno. Então, a gente vê que é mais fácil para ensinar também. (Professora Salete de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

Ao buscar entender qual a concepção de “concreto” dessas professoras, percebemos que a maioria mobiliza o termo para se referir a materiais didáticos (Quadro de Pregas<sup>91</sup>, Ábacos<sup>92</sup>, Material Dourado<sup>93</sup>, Blocos Lógicos<sup>94</sup>, jogos, etc.) e objetos de manipulação (pedrinhas, palitinhos de picolé, tampinhas, grãos, sucata, etc.), pensando ambos como estratégias que podem ser fisicamente operacionalizadas para que a criança compreenda conceitos, seguindo bem de perto a linha construtivista piagetiana (ou uma versão “popular”, bastante divulgada, desse construtivismo). Outras procuram associar esses materiais a objetos encontrados no dia a dia do aluno, que tenham para ele um significado real, ou seja, não são meros objetos de manipulação, mas estão relacionados com o que está sendo ensinado. Entre os exemplos, aparecem estratégias para o ensino das unidades de medida e os folders (para trabalhar operações via problematizações).

Trabalhar simultaneamente o material concreto e o que elas próprias chamam de “contextualização” e/ou “interdisciplinaridade” foi o que outras depoentes afirmaram fazer ao narrarem suas práticas. Esse tipo de atividade vai ao encontro do que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Matemática (BRASIL, 1997) apresentam sobre a relação que o aluno deve estabelecer com o saber matemático, ou seja, “O significado da atividade matemática para o aluno também resulta das conexões que ele estabelece entre ela e as demais disciplinas, entre ela e seu cotidiano e das conexões que ele percebe entre os diferentes temas matemáticos” (p. 29). Nossa experiência, como formadoras de formadores, tem mostrado que o desenvolvimento de trabalhos desse tipo tem sido muito incentivado pelas Secretarias de Educação, estando explícito esse incentivo, inclusive, de muitas das formulações e

---

<sup>91</sup> O Quadro de Pregas consiste em uma superfície retangular, com medidas variadas. As pregas devem ser regulares e podem ser feitas de tecido ou papel forte, fixado em madeira ou isopor. Esse quadro é utilizado como material de apoio didático em várias disciplinas nos Anos Iniciais.

<sup>92</sup> Ábaco é um antigo instrumento utilizado para realizar cálculos, formado por uma moldura com bastões ou arames paralelos, dispostos no sentido vertical, correspondentes cada um a uma posição de um algarismo no sistema de numeração decimal (unidade, dezena...) e nos quais estão os elementos de contagem (fichas, bolas, contas...) que podem se fazer deslizar livremente.

<sup>93</sup> O Material Dourado foi idealizado por Maria Montessori para representar os números sob a forma geométrica. As unidades são representadas por pequenas contas amarelas; a dezena (ou número 10) é formada por uma barra de dez contas enfiadas num arame bem duro. Essa barra é repetida 10 vezes em dez outras barras ligadas entre si, formando um quadrado, “o quadrado de dez”, somando o total de cem. Finalmente, dez quadrados sobrepostos e ligados formando um cubo, “o cubo de 10”, isto é, 1000. Esse material também é muito utilizado na forma que cubinhos de madeira no lugar das “contas amarelas”. Esse material destina-se a atividades que auxiliam o ensino e a aprendizagem do sistema de numeração decimal-posicional e as operações fundamentais.

<sup>94</sup> Blocos Lógicos consiste em um conjunto de pequenas peças geométricas, desenvolvidas na década de 1950 pelo matemático húngaro Zoltan Paul Dienes, com o objetivo de desenvolver a lógica e o raciocínio abstrato nas crianças.

reformulações de políticas públicas voltadas à Educação, como é o caso das Propostas Curriculares.

Os depoimentos a seguir mostram como as professoras têm incorporado essa tendência em seus trabalhos:

[...] eu queria passar para os alunos essa coisa boa da Matemática, entendesse? Porque a Matemática, pra mim, sempre foi aquele bicho-papão. [...] Eu usava jogos, tudo que era novidade que eu via de Matemática, que eu pudesse aplicar, eu aplicava com os alunos. Concreto, saía, usava eles, o próprio aluno, qualquer coisa que eu visse num livro ou alguém falando. Eu trabalhei muito. [...] Eu também procurava envolver ela em outras disciplinas. [...] os meus alunos devem de ter saído com uma boa impressão da Matemática, porque eu trabalhava com prazer, pra eles sentirem prazer pela Matemática. Porque eu acho que é uma disciplina prazerosa, mas tu tens que entender e tu tens que gostar, né? E eu tinha muito prazer em trabalhar com a Matemática, tinha muito prazer. (Professora Gisela Bononomi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 09/04/2012)

Em Matemática, na minha opinião, para haver uma aprendizagem, para poder dizer *'Eu aprendi a Matemática'*, tem que relacionar a Matemática com o todo. Relacione a Matemática com tudo de forma interdisciplinar: Matemática na Língua Portuguesa, Matemática na Geografia, Matemática na História (é a linha do tempo, são os séculos), tudo envolva. Teve uma época em que eu não chegava a falar em Matemática pra eles, mas os cálculos estavam todos ali, todo conteúdo, tudo, tudo ali dentro. E eles entendem bem melhor. Bem melhor que: *'Ah, agora vamos fazer uma conta, vamos calcular esta conta aqui no quadro'*. E bota lá a continha, a sentença matemática. Não funcionava. Tem que pegar, vamos lá no supermercado, vamos aqui, vamos fazer uma viagem de estudos (nós fizemos muita viagem de estudos), vamos numa loja, num supermercado, né? Vamos lá ver o valor da compra daquela pessoa. Então, tem que pedir o que estava sendo somado; é ali que os cálculos entram. Na minha opinião, o segredo para lecionar Matemática está aí. Eu comecei a lecionar dessa forma e me aposentei com a tecnologia. (Professora Rose Mary do Nascimento Agostini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 15/12/2011)

Em relação à Matemática, eu sempre trabalhei material concreto, sempre. Tudo, tudo que eu começo, começo com material concreto. O que eu puder aproveitar, eu aproveito para Matemática. Desde uma pedrinha até um livro. [...] Sempre busco do cotidiano. Outra coisa que eu trabalho sempre, com todas as turmas, é a interdisciplinaridade. Eu não consigo trabalhar as coisas soltas. (Professora Sandra Maria Buchmann, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Eu utilizo o Material Dourado e o Quadro de Pregas, que eu acho fundamental. [...] Eu não abandono de jeito nenhum os dois, o Cartaz de Pregas e o Material Dourado. Fazendo a relação desses dois ali, o meu aluno consegue entender número e numeral. Ele consegue entender tudo dentro desse material, que eu não dispense e que fica até o final do ano comigo. Então eu trabalho todas as outras operações matemáticas junto com material didático. [...] que eu faço, também, é muito gráfico, interpretação, mostrando quanta Matemática tem nesse gráfico. Eu também trabalho interdisciplinarmente para poder chegar no meu objetivo. Se botar um gráfico ali, o aluno tá percebendo quanta Matemática está envolvida. Então eu vejo que é uma Matemática mais prazerosa. Trabalho muito com panfletos, os números decimais, que são o dia a dia deles, contas... Levo isso para a sala de aula. [...] Tudo eu levo, tudo que eu posso enxergar que tem a Matemática, que vai ajudar eles, que está no cotidiano deles, eu faço. [...] Em relação a material didático, a gente vai criando. De jogos, que eu tenho uma coletânea muito grande. (Professora Alcírís de Oliveira Zabel, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 26/03/2012)

Nas aulas de Matemática, passando para os alunos, eu sempre tentei puxar mais, puxar para o cotidiano, o material concreto, eu usei muito material concreto na sala de aula, diversificado, não sempre o mesmo. E sempre me colocava na situação do aluno, como eu queria ver aquilo, como eu gostaria de trabalhar, como eu iria sentir aquilo se eu fosse aluno. [...] Material de apoio didático? Eu utilizava bastante, mas eu utilizava mais material sucata, muita sucata, porque, na época, eu lembro, o que tinha de material pronto eram os Blocos Lógicos. [...] tentava trabalhar com meus alunos, essas noções básicas, os fatos básicos, que eu achava importante as crianças terem essa noção do porquê, como, de onde é que vem... (Professora Catleen May Gums Fink, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 18/05/2012)

Nos depoimentos apresentados, podemos perceber que, quando falam em interdisciplinaridade, as professoras declaram que os trabalhos/projetos desenvolvidos com a disposição de implementá-la envolvem as várias disciplinas de forma que elas se complementam nas atividades dos alunos: “Relacione a Matemática na Geografia, Matemática na História [...], tudo envolva. Teve uma época em que eu não chegava a falar em Matemática pra eles, mas os cálculos estavam todos ali, todo conteúdo, tudo, tudo ali dentro”. (Professora Rose Mary do Nascimento Agostini); “[...] eu trabalho sempre, com todas as turmas, é a interdisciplinaridade. Eu não consigo trabalhar as coisas soltas. [...] eu vou buscar, dentro da Ciência, da Geografia, da História, o que eu estou trabalhando, ou dentro da realidade deles, o que eles estão vivenciando naquele momento”. (Professora Sandra Maria Buchmann); “Uma aula interessante não era só a Matemática, eram as outras disciplinas também e de repente entrava na Matemática porque tem que entrar numa disciplina sem que

as crianças percebam”. (Professora Gisela Bononomi). Em várias partes de seus depoimentos, as professoras descrevem como os alunos se envolveram nas atividades, mostrando que eles questionavam, pesquisavam, construíam e resolviam os problemas que surgiam durante todo o processo de aprendizagem. Por meio desses depoimentos, é perceptível que as professoras entendem interdisciplinaridade de modo semelhante ao tratado por pesquisadores em Educação Matemática, como Tomaz e David (2012):

[...] uma possibilidade de, a partir da investigação de um objeto, conteúdo, tema de estudo ou projeto, promover atividades escolares que mobilizem aprendizagens vistas como relacionadas, entre as práticas sociais das quais alunos e professores estão participando, incluindo as práticas disciplinares. A interdisciplinaridade se configura, portanto, pela participação dos alunos e dos professores nas práticas escolares no momento em que elas são desenvolvidas, e não pelo que foi proposto *a priori*. Dentro dessa concepção, pressupõe-se uma busca por novas informações e combinações que ampliam e transformam os conhecimentos anteriores de cada disciplina. (p. 26-27)

Para essas professoras, o estudo da Matemática relacionado a aplicações, dando um sentido a ele e relacionando com outras disciplinas, é a forma de se trabalhar interdisciplinarmente em sala de aula.

A Resolução de Problemas também é uma tendência na Educação Matemática que, segundo as depoentes, tem sido explorada e que, segundo a professora Maria Adélia Bento Schmidt, por exemplo, traz excelentes resultados, uma vez que faz o aluno pensar. Da mesma forma, a professora Mirian Vivan de Oliveira relata que explorava, em suas aulas, situações-problema:

Mas eu acho que o material que a professora Luiza Gobbi veio trazer pra nós não teve coisa melhor até agora. O livro dela, os materiais que ela fazia, as fichas, os objetos físicos, as figuras móveis, para fazer, para montar a multiplicação, a divisão: que era o material didático, o Material Instrucional que a gente usava.[...] Quando voltei para sala de aula, em 1994, lá no Santo Antônio<sup>95</sup>, como professora de 1ª a 4ª séries<sup>96</sup>, botando em prática as coisas que eu fazia quando eu estava na Pedagogia, vi realmente que não tem outra maneira de trabalhar Matemática a não ser construindo, desafiando a criança,

<sup>95</sup> Colégio Santo Antônio. Colégio particular pertencente à Congregação de Padres Franciscanos, situado em Blumenau (SC).

<sup>96</sup> A professora, por alguns anos, atuou na Secretaria de Educação do município de Blumenau e como docente da FURB.

a fazendo pensar, não deixando só copiar, deixando tempo pra ela fazer os problemas, não explicando e, sim, a fazendo ler e aí fazer. (Professora Maria Adélia Bento Schmidt, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 07/10/2010)

[...] utilizava muita pesquisa com os alunos, de eles mesmos formularem situações-problema e resolverem. Fazia dos dois jeitos: às vezes, eu colocava a situação, e eles tinham que resolver; às vezes, eu colocava números, e eles tinham que criar a situação e resolver. (Professora Mirian Vivan de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 14/12/2011)

O trabalho dessas professoras – esse é o discurso que defendem de modo muito claro – busca fazer com que os alunos criem estratégias para resolver problemas e que, como resultado, se tornem críticos, criativos e questionadores. Os PCNs de Matemática (BRASIL, 1997) afirmam que

o fato de o aluno ser estimulado a questionar sua própria resposta, a questionar o problema, a transformar um dado problema numa fonte de novos problemas, evidencia uma concepção de ensino e aprendizagem não pela mera reprodução de conhecimentos, mas pela via da ação refletida que constrói conhecimentos (p. 33).

Seguem, portanto, as nossas depoentes, segundo seus discursos, tendências enunciadas claramente nas diretrizes educacionais em vigência.

Outro elemento relevante para o trabalho em sala de aula, que podemos detectar nas narrativas de nossas colaboradoras, é a importância do diálogo para as práticas pedagógicas. Para a professora Íris Tuty Dalcanale Araújo e a professora Lúcia Margarida Braun Guckert, por exemplo, é importante conversar com os alunos, ver o que eles já sabem (ou pensam que sabem) sobre o assunto, fazê-los pesquisar e apresentar os resultados para, então, discutir e trabalhar o conteúdo em questão. Esse tipo de trabalho valoriza o conhecimento intuitivo do aluno. Nesse sentido, segundo Passos e Romanatto (2010), as crianças

chegam às salas de aula com muitas ideias sobre a realidade que as cerca e cabe ao professor, por meio de atividades didáticas, reconhecer a validade desse conhecimento mais intuitivo, para refutar aquilo que não serve assim como a partir daquilo que é válido caminhar em direção ao conhecimento (p. 31).



Tanto quanto nos demais itens até agora discutidos, o discurso das professoras, ao relatarem suas práticas, tem sincronia com os discursos acadêmicos que tratam, em pesquisas específicas, dessas (e/ou sobre essas) práticas:

[...] sempre quando falo na Matemática, eu sempre coloco pra eles o que é, o conteúdo, sempre no diálogo. Eu parto do que eles sabem, para que eles percebam o que estão fazendo e qual é a ligação que tem com o seu cotidiano. A sua praticidade. Eu acredito que tem dado certo, eu vejo que eles gostam. [...] No dia a dia da escola, eu sempre tenho um material didático, de apoio, material concreto. Tento sempre fazer com que eles tirem as dúvidas, mas também fazer com que eles percebam a importância de ir à busca das suas dúvidas, pesquisar. Não dando tudo pronto. Antes de dar a resposta é importante questionar: *‘Então, primeiro vocês vão fazer como pesquisa.’* Depois, a gente volta para a sala, faz um resumo daquilo que eles trouxeram, e eu apresento o que acho que poderia ser o certo, mas sempre dando um espaço para eles questionarem. Isso faz com que eles também enriqueçam o conteúdo. É onde aparecerá o conceito de cada questão dentro da Matemática e ver que o conceito é muito importante. Para que serve? Aonde nós vamos usar? [...] Fazer a relação com o dia a dia eu acho que é muito importante, porque eles vão aprender com vontade, com apropriação do conteúdo. Essa resolução de problemas acho que é muito importante. [...] O material que fui descobrindo ao longo da carreira e estou aprendendo ainda, porque, muitas vezes, a gente passa o conteúdo e não sabe de onde veio. [...] eu acho que a gente passa pra eles que gosta da Matemática. Isso influenciava bastante. Até hoje influencia. (Professora Íris Tuty Dalcanale Araújo, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 26/03/2012)

[...] passei a refletir com os alunos sobre os fatos, como as coisas acontecem e, dentro dessas realidades, contextualizar os assuntos, tornando assim as aulas mais prazerosas, divertidas e significativas. O que eu usava para essas aulas melhores? Ábaco, Material Dourado, confecção do metro, jogos, palitos, folder de mercado, receitas, embalagens, vendinha com dinheirinho para simular compras, saídas para pesquisas, viagens, observações, registros, maquetes, entre outros. Usava para que os alunos compreendessem, através da manipulação e observação do concreto, as formas de registrar os processos de resolver as operações que se tornavam mais significativas. [...] Parte desse material vinha da Secretaria, outros a gente conseguia em troca de experiências com outros professores, nos cursos, outros nós confeccionávamos. Na Matemática, muita coisa a gente confeccionava, principalmente aquela montagem de maquetes, por exemplo, fazer o metro... a gente confeccionava para cada um ter o seu metro e daí, com aquele material, a gente ia fazendo as atividades. [...] Hoje, me sinto feliz por ter arriscado e tentado. Posso dizer que o que fiz de diferente é o que me marcou e também marcou a vida de cada aluno. (Professora Lúcia Margarida Braun Guckert, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 27/03/2012)

Em suas falas, essas professoras deixam clara a importância, para elas, do diálogo para a criação de um “ambiente propício à aprendizagem” (NACARATO; MENGALI; PASSOS, 2009, p. 41). A professora Íris Tuty Dalcanale Araújo inicia sua fala afirmando que “sempre quando falo na Matemática eu coloco pra eles o que é, o conteúdo, sempre no diálogo. Eu parto do que eles sabem, para que eles percebam o que estão fazendo e qual é a ligação que tem com o seu cotidiano”, já a professora Lúcia Margarida Braun Gucker afirma relata que “passei a refletir com os alunos sobre os fatos, como as coisas acontecem e dentro destas realidades contextualizar os assuntos”. Nesses trechos das narrativas, podemos notar que, para elas é importante conhecer a experiência dos alunos, o que eles sabem (ou não) previamente sobre o conteúdo e estabelecer uma relação dialógica com eles, buscando “dar voz e ouvido aos alunos, analisar o que eles têm a dizer e estabelecer uma comunicação pautada no respeito e no (com)partilhamento de ideias e saberes”. (NACARATO; MENGALI; PASSOS, 2009, p. 42)

Outra estratégia de ensino também muito utilizada por essas professoras, segundo os depoimentos, são os projetos. Algumas começaram a desenvolvê-los logo no início de suas práticas, e outras quando tiveram contato com as Feiras de Matemática, que é um evento que incentiva práticas dessa natureza:

Teve um projeto que me marcou muito. Até pra eu te falar de uma aula boa, esse projeto ficou muito marcado na minha vida, porque a gente fez “O Banco e a Escola”. Nós trabalhamos tudo relacionado ao banco. Fomos ao banco, abrimos uma conta e, na minha época, eu cuidava do Grêmio Estudantil; então foi o presidente do Grêmio quem abriu a conta. Nós fizemos “o bancário por um dia”, e a gente foi na Caixa Econômica<sup>97</sup> e deixaram eles participarem assim, né? Atuar como caixa, lá na mesa do gerente. Daí a gente viu lá dentro, quem trabalha lá nos “envelopinhos”, a moça abriu também os caixas eletrônicos para gente olhar. Nossa, aquilo ali pra eles foi muito marcante. Aí a gente trabalhou dentro da parte da documentação: “*Para abrir uma conta, o que é que precisa?*” Precisa de identidade. Aí fui levar eles para fazer carteira de identidade. (Professora Loriane Furrbringer Dalcastagne, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/12/2011)

---

<sup>97</sup> Caixa Econômica Federal.

O segundo ano tinha uma dificuldade muito grande de adição e subtração. Optei pelo dinheiro. Fiz um trabalho bem específico, interdisciplinar, um projeto com o sistema monetário. [...] as crianças contando, fazendo dinheirinho, o mercadinho que eu tinha dentro da sala de aula, eles compravam e subtraíam... Eu tinha caixa, foi o ano inteiro trabalhando com o mercadinho. (Professora Alciris de Oliveira Zabel, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 26/03/2012)

[...] o trabalho “Escola ‘versus’ Correio” [...] entra um pouquinho a história da minha vida pessoal. [...] Eu namorei dois anos e meio com o meu atual marido, e ele morava lá em São Leopoldo (RS). [...] Leoberto Leal era um município assim... na época, a gente não tinha o asfalto (em 95, eu voltei para sala de aula), aí eu lembrei das correspondências. [...] aí eu comecei a questionar os alunos, para eles terem curiosidade de como eram os outros municípios: a história do município, a localização geográfica... Surgiu a ideia de estarmos escrevendo para os Secretários Municipais de Educação. [...] Esse trabalho foi o primeiro que eu levei para Feira de Matemática. Porque aqui, dá a impressão, pela parte que eu contei, que foi só História e Geografia. Só que eu trabalhava também gráficos, por exemplo, os municípios com o número de população, quantos tinham mais que Leoberto Leal, quantos menos, a idade do município. (Professora Lúcia Margarida Braun Guckert, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 27/03/2012)

Eu tenho dois projetos que me marcaram muito. Um é sobre doação de órgãos, porque o meu marido (é um pouco da história pessoal junto), o meu marido teve hepatite e cirrose. [...] O outro foi sobre a vacinação infantil, o “Zé Gotinha na Matemática”. (Professora Sandra Terezinha Sartori Martini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 03/04/2012)

Eu comecei com a Feira de Matemática, com as tampas. Eu fiz um projeto com elas. Eu tinha vinte e cinco alunos no primeiro ano e, como tinha tampa de todos os tamanhos – pequena, grande, média –, de várias cores, eu fiz um trabalho maravilhoso com toda a turma. Eu planejei o meu plano de curso, que era um projeto que fiz e que durou trinta dias. Trabalhei todo conteúdo de Matemática daquele mês com as tampas: classificação, ordenação, divisão, multiplicação, situações-problema. Tudo o que eu podia envolver com aquelas tampas eu trabalhei. Foi um projeto maravilhoso, porque foi a turma que melhor entendeu todo o processo da Matemática. Foram para a segunda série prontos para continuar aquele conteúdo. E foi uma aula assim, que até hoje eu lembro. Foi uma experiência maravilhosa que tive. Eu trabalhava tudo interdisciplinarmente. Até as provas eu procurava um texto que envolvia aquela disciplina e, dentro do texto, a gente introduzia outros conteúdos. (Professora Salete de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 08/05/2012)

Eu gosto muito de Matemática, então sempre procurei trabalhar com meus alunos. As crianças vêm com o estigma de medo, de não entender, de não saber Matemática. Então o que eu procurava fazer em sala de aula era trazer sempre para a realidade, para o cotidiano da criança, Os projetos que eu desenvolvia dentro da área, não especificamente para as Feiras, mas para desenvolver os conceitos matemáticos, eu buscava sempre o que a criança já sabia. Relacionava com o dia a dia dela e aí buscando os conceitos que têm que ser trabalhados em cada série. Eu trabalhei sempre com quarta série, quinto ano, maiores, que já estavam alfabetizados. [...] Dos projetos que eu desenvolvia e que depois culminavam em ir para a Feira, muitos eram com relação à qualidade de vida, até porque aqui, nesta escola, a gente trabalha muito com esta questão de qualidade de vida, com projetos interdisciplinares. [...] Dos projetos que a gente fez, um me chama bastante a atenção. Eu fiz um trabalho sobre qualidade de vida, alimentos, e trabalhei rótulos. [...] Outro projeto eu fiz, em parceria com a professora de Educação Física: ela trabalhou a questão da pedalada da bicicleta e eu, a tipagem sanguínea. (Professora Luiza Maria Felippi Antônio, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 13/03/2012)

Nos recortes dos depoimentos apresentados, notamos que os projetos desenvolvidos pelas professoras junto aos seus alunos, em sua maioria, envolviam assuntos que, segundo elas, era de interesse da turma ou da professora (que “mostrava” aos alunos a importância do tema). No nosso entender, trabalhos desse tipo, que exploram temas que fazem parte do centro de interesse dos alunos ou situações relacionadas à realidade tendem a motivar os educandos e fazê-los se envolver no estudo, uma vez que eles se veem incluídos em certas práticas, fazendo parte de certo contexto. Dessa forma, entendemos que essas professoras procuravam fazer uma “contextualização” da Matemática, ou seja, levar os alunos a compreendê-la “tal como resultado de uma construção humana, inserida em um processo histórico e social” (TOMAZ; DAVID, 2012, p. 19), não se restringindo a “meras aplicações do conhecimento escolar em situações cotidianas nem somente às aplicações da Matemática em outros campos científicos”. (TOMAZ; DAVID, 2012, p. 19). A professora Lúcia Margarida Braun Gucker afirma, em seu depoimento, ao se referir a esse tipo de aula declara que “Passei a refletir com os alunos sobre os fatos, como as coisas acontecem e, dentro destas realidades, a contextualizar os assuntos, tornando assim as aulas mais prazerosas, divertidas e significativas”, salientando o envolvimento dos alunos.

Os projetos, segundo os depoimentos, não eram pontuais, desenvolvidos em um curto espaço de tempo, mas tinham a duração de alguns meses ou, até mesmo, de um ano letivo,

explorando conceitos que deveriam ser estudados naquela determinada série em várias disciplinas:

Começamos a fazer projetos, e todos os projetos a gente fazia, mesmo que ele tivesse um tema, mais assim, porque projeto é interdisciplinar, mas tem uma matéria, vamos dizer, uma disciplina, que move o projeto, né? E aí, mesmo ela sendo Ciências, como o caso de alguns, a maioria que eu fiz, eu sempre puxava a Matemática. Porque eu gostava. Gostava muito de fazer assim. E fiz enquanto estive na sala de aula. [...] Eu sempre gosto de coisas práticas, do dia a dia mesmo. Então, utilizava muita pesquisa com os alunos, de eles mesmos formularem situações-problema e resolverem. Fazia dos dois jeitos: às vezes, eu colocava a situação, e eles tinham que resolver; às vezes, eu colocava números, e eles tinham que criar a situação e resolver. Utilizava, também, muitos dados estatísticos, no caso dos projetos; e gráficos e toda essa coisa aí. Mas também utilizava muito panfletos, coisas da propaganda de mercados, para fazer operações, criar problemas, tudo assim do prático, do dia a dia. Receitas... eles traziam receitas... então, em cima daquilo... Principalmente em relação a frações e, mesmo no projeto que a gente fez naquela vez de doações de órgãos e tecidos, a gente conseguiu colocar medidas, a gente conseguiu colocar toda Matemática do 5º ano no projeto. [...] Eu trabalhava o ano todo um projeto só. (Professora Mirian Vivan de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 14/12/2011)

Observamos, em alguns depoimentos, que as Feiras de Matemática foram um elemento motivador (mesmo que de forma indireta) para que algumas professoras começassem a trabalhar com os projetos (ou com aquilo que chamam, como o fazem também alguns autores, de metodologia de projetos). Contudo, o fato de elas verificarem que esse tipo de atividade leva os alunos a se interessarem pelos estudos e com eles se envolverem as motivou a continuar a trabalhar dessa forma, mesmo quando não mais participando do evento. Isso se encontra, por exemplo, nos depoimentos da professora Sandra Maria Buchmann e da professora Elnor Jennrich Teske:

Todo ano, um ou dois projetos eu trabalho com os alunos. [...] Esse ano eu estou trabalhando com o primeiro e com o terceiro ano (Escola Multisseriada) e estou fazendo um projeto em cima do bairro. (Professora Sandra Maria Buchmann, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Eu fiz uma sondagem com as crianças para, a partir de uma curiosidade que eles tinham, de alguma coisa que eles queriam aprender, chegar a um

projeto. (Professora Elnor Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

Nas narrativas das professoras, verificamos que as estratégias de ensino por elas desenvolvidas são bastante diversificadas, convergindo, porém, para um ponto comum. Todas enfatizam, em seus depoimentos, uma busca por trazer, para o dia a dia da sala de aula, a “realidade” em que o aluno vive. Utilizam folders, passeios de estudos, visitas a mercados e bancos, fazem simulações de “situações reais” em sala de aula, além de utilizar materiais concretos e jogos e realizar estudos sobre temas que envolvem os alunos ou pelos quais eles se interessam. As narrativas tendem a afirmar que isso implica uma metodologia diferenciada e inovadora.

Essa ênfase em aproximar o ensino das situações reais em que vivem os aprendizes não é nova, mas ainda é bastante presente no ideário educacional e se manifesta claramente nas políticas públicas atuais. Em vários momentos da educação nacional, percebemos diretrizes que indicam ao professor a necessidade de “contextualizar”, “trazer a realidade do aluno para a escola”, defendendo a importância de realizar projetos. Um dos ideários mais significativos e duradouros no quadro dessas propostas foi, sem dúvida, a Escola Nova.

O movimento da Nova Escola ou Escola Ativa surgiu nas primeiras décadas do século XX e procurou mudar o eixo da educação, do ensino para a aprendizagem, voltando o centro das atenções para o aluno. Os defensores dessa metodologia pregavam que, para o aluno aprender, deveria se envolver e experimentar. As ideias que relacionavam os trabalhos de sala de aula com os chamados Centros de Interesse da criança (segundo os quais um tema global, que envolvesse a criança, deveria ser trabalhado para, a partir dele, serem mobilizados conteúdos e conceitos específicos) e o Método de Projetos ganharam força e, com isso, o uso de materiais didáticos, os passeios de estudo, as visitas a museus, excursões, experimentações e jogos educativos começaram a ser cada vez mais incentivados. A escola que operasse segundo essas diretrizes deveria criar situações que buscassem levar o ensino a associar “‘ver’ e ‘fazer’” (VIDAL, 2003, p. 498), buscando assim, levar o aluno a aprender.

As práticas relatadas são desenvolvidas com base em como essas professoras acreditam que se desenvolve a aprendizagem das crianças, ou seja, são retratos que permitem perceber aspectos das concepções que cada uma defende e usa como guia para suas práticas cotidianas,

sejam efetivas ou desejadas essas práticas. Não se trata, aqui, de evidenciar se as práticas relatadas são ou não “realmente” as práticas realizadas ou se o discurso tem sincronia com o que ocorre no cotidiano das escolas em que as depoentes atuam. Trata-se de, a partir do que afirmam, entender o que e como elas elaboram suas práticas para narrá-las e como, nessas narrativas, defendem certas diretrizes, concepções, modos de ver e modos de fazer considerados adequados e, até mesmo, ideais.

Os depoimentos das professoras permitem afirmar que seus discursos têm sincronia com o que atualmente tem sido defendido e proposto nas searas das políticas públicas ou no campo da pesquisa em Educação Matemática. As justificativas e as considerações fundamentam-se em perspectivas mais gerais, mais disseminadas e, quando muito, associadas aos documentos oficiais que transitam pelas escolas. Os PCNs, que mobilizamos várias vezes como lastro para apoiar as afirmações feitas pelas depoentes, afirmam, também, que

[...] o mundo do trabalho requer pessoas preparadas para utilizar diferentes tecnologias e linguagens (que vão além da comunicação oral e escrita), instalando novos ritmos de produção, de assimilação rápida de informações, resolvendo e propondo problemas em equipe. Para tanto, o ensino de Matemática prestará sua contribuição à medida que forem exploradas metodologias que priorizem a criação de estratégias, a comprovação, a justificativa, a argumentação, o espírito crítico, e favoreçam a criatividade, o trabalho coletivo, a iniciativa pessoal e a autonomia advinda do desenvolvimento da confiança na própria capacidade de conhecer e enfrentar desafios. (BRASIL, 1997, p. 25)

Igualmente, os PCNs (1997, p. 25) afirmam que a Matemática “é um **instrumental** importante para diferentes áreas do conhecimento, por ser utilizada em estudos tanto ligados às ciências da natureza como às ciências sociais e por estar presente na composição musical, na coreografia, na arte e nos esportes” (Grifo nosso). A palavra instrumental, nesse documento, pode levar muitos professores a entenderem a Matemática como uma simples ferramenta, que valida e legitima a tendência utilitarista da Matemática Escolar:

E uma coisa que eu sempre tentei mostrar pra eles foi a utilidade da Matemática, porque, às vezes, eles perguntavam: *‘Mas para que aqueles exercícios de escreva por extenso? Aquela coisa de escreva como se lê?’ Mas, gente, vai preencher um cheque. Se o cheque estiver preenchido muito*

*errado, corre o risco do banco nem aceitar*'. Então, aí eu percebia que isso era muito bom porque daí eles diziam: *'Ah, mas tem isso, né?'* Porque a Matemática a gente usa para tudo, né? (Professora Loriane Furrbringer Dalcastagne, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/12/2011)

Sem Matemática, tu não vives hoje. Tudo vai Matemática, tudo. Tudo, tudo tu usas Matemática, para tudo: na cozinha, na sala de aula, no caminho, no carro. Tudo tu usas Matemática. (Professora Gisela Bononomi, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 09/04/2012)

Sou apaixonada por essa Matemática, porque é essa Matemática do dia a dia, da vivência da gente; a gente vive esta Matemática. Tudo o que você faz, né? Agora mesmo a gente tá aqui contando o tempo, e é Matemática. É da vida, né? (Professora Mirian Vivan de Oliveira, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 14/12/2011)

[...] a Matemática que, hoje, é um todo: tudo é Matemática. (Professora Rose Mary do Nascimento Agostini, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 15/12/2011)

A Matemática, ela não está isolada, não é um assunto isolado do resto, não tem como tu deixares de trabalhar um assunto, o Corpo Humano, a História, a Evolução... Tu estás trabalhando aquele assunto, mas a Matemática está ali junto. Não tem como separar. (Professora Lúcia Margarida Braun Guckert, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 27/03/2012)

Segundo Nacarato, Mengali e Passos (2009), a visão que o professor tem da Matemática fundamenta a sua prática. Dessa forma, aquele que tem a visão utilitária da Matemática, que a vê como uma ferramenta, tende a trabalhar enfatizando regras e procedimentos. Não é isso, entretanto, que os depoimentos das professoras nos permitem perceber: ao mesmo tempo em que mobilizam o discurso da utilidade da Matemática, de que a Matemática está em tudo, elas narram esforços para dar sentido à Matemática que, em meio a tantas dificuldades, ensinam, tentando fugir de regras e procedimentos visando a um significado que transforme o aluno e a sala de aula. São traços de um discurso, portanto, que alia a técnica, a utilidade e a aplicação num horizonte que propõe – ao menos discursivamente – intervenções significativas.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentar captar concepções de professores sobre o ensino e a aprendizagem de Matemática – ou qualquer concepção que seja, de quem quer que seja – é um projeto fugidio, tênue, não objetivo. É impossível, ao final de um movimento de pesquisa, por mais aprofundado que seja e por mais que o pesquisador tenha se comprometido com ele, dizer “a concepção é”. Ainda assim, é preciso alinhar algo sobre as compreensões que fomos juntando ao longo desta nossa investigação.

Iniciamos esta pesquisa pensando em analisar as Concepções e Práticas sobre Ensino e Aprendizagem da Matemática de Professores dos Anos Iniciais do Estado de Santa Catarina. Desde o início, também, pensamos em ter, como colaboradores, professores que tivessem uma prática destacada ou diferenciada em relação ao ensino dessa disciplina, por mais complexa que fosse a intenção de caracterizar o que seria uma boa prática ou uma prática destacada, diferenciada. A opção pelas Feiras de Matemática respondia a esse quesito sem, necessariamente, estabelecer um significado “padrão” do que fossem essas práticas que buscávamos. Sob algum critério, uma certa comunidade, organizadamente, atribuía a marca da diferenciação a algumas experiências vividas por professores e alunos em suas salas de aula.

O fato de acreditarmos que o que faz o professor ser o profissional que é hoje não se limita a sua formação profissional, mas ao acumulado de experiências vividas por ele ao longo de sua vida, nos levou a buscar apoio na Metodologia de Pesquisa conhecida por História Oral, posto que ela tem se mostrado um modo adequado, legítimo e eficaz de auscultar as nuances subjetivas de certas situações, vividas e comunicadas por aqueles que as experienciaram. A História Oral não é, certamente, a única metodologia possível para um trabalho como o que nos propúnhamos a realizar, mas ter, como apoio, nessa nossa trajetória, o conjunto das investigações realizadas pelos membros do GHOEM e seus resultados reforçou significativamente nossas intenções e subsidiou, de modo definitivo, essa nossa opção pelo método, por seus procedimentos e seus fundantes.

As Feiras Catarinenses de Matemática formam como que um “pano de fundo” para nossa pesquisa. Em primeira instância, essas Feiras seriam “o lugar” onde procuraríamos

nossos colaboradores. Essa escolha foi baseada no fato de “esse lugar” ser um evento educacional de grande porte no estado com o qual a própria pesquisadora já havia se envolvido. Definidos os critérios de seleção, fomos à busca dos possíveis colaboradores entre os professores que participaram das vinte e cinco primeiras edições do evento. Esse “longo período”, na verdade, já insinuava um desejo de, ao mesmo tempo em que buscávamos compreender as concepções que seriam nosso objeto de estudo, traçar um panorama dessas Feiras, inscrevendo mais explicitamente nossa investigação no panorama dos estudos sobre a História da Educação Matemática Brasileira.

A primeira alteração aconteceu exatamente quando procurávamos professores que tivessem vivenciado a atividade das Feiras em várias de suas realizações. De todos os professores selecionados, apenas “professoras” atendiam aos critérios. Isso já nos indicava algo bastante conhecido na literatura: a questão do gênero feminino como um determinante na docência dos Anos Iniciais da escolarização. Das vinte e cinco professoras convidadas, quinze – espalhadas pelo estado de Santa Catarina, em diferentes cidades, nem sempre próximas do nosso ponto focal, o município de Blumenau – aceitaram nosso convite.

As narrativas das professoras Maria Adélia Bento Schmidt, Mirian Vivan de Oliveira, Rose Mary do Nascimento Agostini, Loriane Furrbringer Dalcastagne, Luiza Maria Felippi Antônio, Sandra Maria Buchmann, Elnor Jennrich Teske, Íris Tuty Dalcanle Araújo, Alciris de Oliveira Zabel, Lúcia Margarida Braun Guckert, Sandra Terezinha Sartori Martini, Gisela Bononomi, Guilhermina Campos Mattedi, Salete de Oliveira e Catleen May Gumz Fink tratam de seus cotidianos em sala de aula, suas perspectivas em relação à Matemática e seu ensino, seus desejos, dificuldades, sucessos e fracassos na docência e, como docentes, de suas perspectivas, sucessos e fracassos em relação à Matemática, sendo elas professoras que também ensinam essa disciplina, entre os tantos objetos de que cuidam, em suas salas de aula, como professoras dos Anos Iniciais da escolaridade formal. As narrativas dessas quinze professoras passaram a se tornar, como já pressupúnhamos, dada a metodologia que havíamos escolhido, peças-chave do quebra-cabeça que pretendíamos esboçar. “Esboçar”, aqui, é um verbo mais pertinente que “montar”, pois, segundo nossa perspectiva, nem nossa questão – sobre as concepções – nem nossa metodologia – a História Oral – se prestariam a resultados objetivos, como as paisagens completas que surgem aos nossos olhos quando as inúmeras peças de um jogo estão dispostas sobre a mesa. Cada uma de nossas peças são singulares e

mutáveis, que só se dão ao pesquisador à luz dos significados que ele – pesquisador – atribui a elas, e é nessas singularidades atribuídas que cada uma dessas peças deveria ser compreendida, fazendo algum sentido na totalidade do jogo que nos propúnhamos jogar, no conjunto das peças que nos propúnhamos montar.

Entre essas peças, cada vez mais, na trajetória da pesquisa, as Feiras de Matemática se mostravam como peça importante, bem mais importante e presente, digamos, do que havíamos pensado ser no início do trabalho. As Feiras não seriam, portanto, mero “pano de fundo” da investigação, mas “pano de frente”, cenário centralizado, tamanha a importância que, segundo nossos olhos, percebíamos terem elas tido na formação das professoras colaboradoras. Assim, às quinze narrativas coletadas juntamos uma outra: uma narrativa – na qual predomina o caráter historiográfico – sobre as Feiras Catarinenses de Matemática, nas quais estão mesclados recortes de várias narrativas, com destaque àquelas coletadas com nossas colaboradoras. Não se trata, portanto, apenas de enumerar datas e situações relativas às Feiras, mas, segundo nossa perspectiva, enumerar datas, situações e parâmetros relativos a esses eventos de forma conjugada à perspectiva daqueles/daquelas que efetivamente participaram de sua construção e desenvolvimento. Isso significa dizer que a historiografia das Feiras que tentamos apresentar está plantada numa concepção mais ampla de Historiografia, haja vista que inclui as subjetividades e as perspectivas singulares dos que viveram a experiência das Feiras concebendo tais subjetividades e singularidades num mesmo patamar de importância que aqueles dos documentos formais disponíveis.

Cada entrevista mostrou-se como um momento de aprendizado e poder revivê-los por meio de leituras atentas foi tão prazeroso quanto vital para nossas intenções. As professoras nos mostraram facetas da profissão que desconhecíamos e fizeram por terra um (pré)conceito que sempre nos acompanhou, aquele de que o professor que gosta de ensinar Matemática e tem uma prática reconhecida pelos seus pares como destacada e diferenciada é aquele professor que sempre teve afinidade com essa disciplina, que sempre mostrou facilidade para aprendê-la. A maioria das professoras colaboradoras, ao contrário do que supúnhamos, teve dificuldades significativas para aprender Matemática enquanto estudantes. As atividades diferenciadas que elas nos relatam são, portanto, fruto de uma busca – muitas vezes solitária e angustiante – por alternativas que facilitem a aprendizagem dos alunos de modo que eles não enfrentem, em relação à Matemática, os mesmos dramas e dificuldades que elas próprias, suas

professoras, enfrentaram. A professora Elnor Jennrich Teske, em seu depoimento, ressalta um elemento que, de modo algum, é singular no conjunto das narrativas que coletamos:

[...] eu tive que aprender primeiro, para depois passar isso para as crianças. E, graças a Deus, eu consegui, essa parte realmente eu consegui fazer e fazia com gosto. E ainda faço hoje em dia. [...] eu, professora, tenho que gostar. Se eu gostar, eu vou conseguir ensinar. Agora, se eu não gostar, não vou conseguir ensinar. (Professora Elnor Jennrich Teske, depoente desta nossa pesquisa, entrevistada em 19/03/2012)

As possibilidades de analisar cada uma das narrativas – para, em seguida, tentar uma análise em bloco das narrativas – se mostraram vastas: cada elemento percebido, cada significado por nós atribuído modificava o formato das peças, alterando perspectivas que tínhamos do jogo e da ação de jogar. Devido ao tempo de que dispúnhamos, fizemos nossas opções, e o panorama esboçado é o que pode ser lido neste trabalho. Se não há um modo de caracterizar as concepções das professoras de Matemática sobre o ensino e a aprendizagem dessa disciplina, mas podemos aventar que essas perspectivas passam pelas dificuldades e sucessos vivenciados durante suas formações; pela lacunaridade das disciplinas específicas sobre o tema em cursos de Magistério e de Pedagogia; pelos lugares comuns que se manifestam nas tentativas de comunicar o que, segundo cada uma delas, a Matemática é; pelos esforços implementados por cada uma dessas professoras para ultrapassar suas lacunas de aprendizado e suas deficiências em relação à Matemática; pela reedição de discursos – como aquele frequentemente atribuído à Escola Nova – há muito em voga na literatura educacional; e à tentação de caracterizar o ensino de Matemática adequado meramente como aquele plasmado em preocupações relativas ao “contexto do aluno” e aos materiais manipulativos e jogos didáticos. Essas e muitas outras características se insinuam – às vezes mais, às vezes menos claramente – no conjunto de narrativas que estudamos. Ressalta-se, também, a perspectiva das Feiras como uma tentativa de vencer alguns obstáculos relativos ao ensino e à aprendizagem de Matemática, mas uma tentativa que também tropeça ao criar e eliminar regras que claramente apontam a dificuldade em avaliar comprometer e práticas alternativas de ensino, mas que, ao mesmo tempo, se mostra como um lugar praticado fundamental – e visto como fundamental – pela comunidade à qual as Feiras se dirigem.

Ainda há, entretanto, muito a ser feito. As propostas curriculares dos municípios catarinenses – em especial dos municípios aos quais pertencem às escolas em que atuam nossas depoentes – merecem estudo aprofundado visando a entender seus objetivos à luz da realidade das salas de aula e dos discursos daqueles/daquelas que efetivamente materializam essas propostas curriculares em situações de ensino. Aprofundando nossas investigações sobre os cursos de Pedagogia e Magistério, é ainda possível e necessário (re)estudar os cursos dessa modalidade em vigência no estado de Santa Catarina para compreender como tem se dado, neles, o ensino de Matemática, a problematização das questões relativas aos conteúdos, ao ensino e à aprendizagem de Matemática. Pretendemos, ainda, continuar acompanhando as Feiras de Matemática, buscando trabalhar com os professores nelas envolvidos de forma a conhecer suas práticas, desenvolver com eles grupos de discussão sobre o ensino de Matemática e, assim, atribuir outros significados, sejam eles complementares ou rivais dos significados que até agora atribuímos. Essa é, pois, nossa carta de intenção para que nossos esforços não se encerrem aqui, com a finalização deste relatório de Doutorado.

## 6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. Vestígios para uma Reinterpretação do Magistério Feminino em Portugal e no Brasil a partir do século XIX. In: SAVIANI, Demerval. et al. **O Legado Educacional do Século XIX**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006a. p. 133-215.
- ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na Educação: missão, vocação e destino? In: SAVIANI, Demerval; et al. **O Legado Educacional do Século XX**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006b. p. 59-107.
- BARALDI, Ivete Maria. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção**. 2003. 240 f. Tese (Doutorado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253 p.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II: rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987. 277 p.
- BOLIVAR BOTÍA, António. “De Nobis Ipsi Silemus?”: Epistemologia de la Investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Eletrónica de Investigación Educativa**. Ensenada (México), v. 40, n. 1, p.40-65, 2002. Disponível em: <<http://redie.ens.uabc.mx/vol40no1/contenido-bolivar.html>>. Acesso em: 11 nov. 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo do Governo Federal**. Parecer nº 36/2001; Conselho Nacional de Educação, aprovado em 04/12/2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/EducCampo01.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2013>. Acesso em 25 mai. 2013.
- BRASIL, Ministério da Educação. <http://emec.mec.gov.br>. Acesso em 10/01/2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 142 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Escolar e a Educação do Campo**. Brasília:, Secretaria de Educação Básica, 2006. 91 p. Disponível em: <<http://www.educacao.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/cad9.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2014.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999. 701 p.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994. 351 p.

CHAGAS, Valmir. **O ensino de 1º e 2º Graus: antes, agora, depois?** 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

CURI, Eda. **A Matemática e os Professores dos Anos Iniciais.** São Paulo: Musa, 2005. 175 p.

CURY, Fernando Guedes. Análise Narrativa em Trabalhos de História da Educação Matemática: algumas considerações. **Bolema**, Rio Claro, v. 23, n. 35, p.59-73, 2010.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/3732/3142>>.

Acesso em: 21 out. 2011.

CURY, Fernando Guedes. **Uma História de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins.** 2011. 290 f. Tese (Doutorado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

CYRINO, Marcia Cristina de Costa Trindade. Preparação e Emancipação Profissional da Formação Inicial do Professor de Matemática. In: NACARATO, Adair Mendes; PAIVA, Maria Auxiliadora Vilela (Org.). **A Formação do Professor que Ensina Matemática: perspectivas e pesquisas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 77-88.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DURKHEIM, Emile. **A Evolução Pedagógica. Porto Alegre: Artes Médicas,** 1995. 325 p.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução Elementar no Século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 Anos de Educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 135-150.

FERNANDES, Déa Nunes; SOUZA, Luzia Aparecida; MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia. História Oral: uma metodologia de pesquisa para Educação Matemática e intervenção na formação de professores. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 10, 2010, Salvador. **Anais...** Salvador, 2010.

FLORIANI, José Valdir; ZERMIANI, Vilmar José. Feira de Matemática. **Revista de Divulgação Cultural,** Blumenau, p.1-16, dez. 1985.

FLORIANI, José Valdir; ZERMIANI, Vilmar José. Trajetória da Rede de Feiras de Matemática. In: IV SEMINÁRIO SOBRE FEIRAS DE MATEMÁTICA, 4, 2009, Blumenau. **Anais...** Blumenau: Nova Letra, 2009. v. 1, p. 37 - 44.

GAERTNER, Rosinéte. **A Matemática Escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau.** 2004. 248 f. Tese (Doutorado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

GAERTNER, Rosinéte; BARALDI, Ivete Maria. Um ensaio sobre História Oral e Educação Matemática: pontuando princípio e procedimentos. **Bolema**, Rio Claro, v. 21, n. 30, p.47-61, 2008. Disponível em:

<<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/1787/1573>>. Acesso em: 15 out. 2011.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. **Zetetiké**, Campinas, v. 11, n. 19, p.9-56, jan./jun. 2003. Disponível em:

<<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/zetetike/article/view/2489/2249>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, Marcelo de Carvalho; ARAÚJO, Jussara de Loiola. (Org). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 77-98.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. **Um Tema, Dois Ensaios**: método, história oral, concepções, Educação Matemática. 2005. 205 f. Tese (Livre-Docência) - Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005. Disponível em: <[http://www2.fc.unesp.br/ghoem/trabalhos/30\\_4\\_livredocencia\\_garnica.pdf](http://www2.fc.unesp.br/ghoem/trabalhos/30_4_livredocencia_garnica.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2011.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. **Manual de História Oral em Educação Matemática**: outros usos, outros abusos. Guarapuava: SBHMat, 2007a. 83 p.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. Um Ensaio sobre História Oral: considerações teórico-metodológicas e possibilidades de pesquisa em Educação Matemática. **Quadrante**, Lisboa, v. 16, n. 2, p.27-50, 2007b.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. Um Ensaio sobre as Concepções de Professores de Matemática: possibilidades metodológicas e um exercício de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 3, p.495-510, 2008.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. Estacas em Paisagens Móveis: um ensaio a partir da narrativa de três professores de Matemática. In: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. et al (Org.). **Viver e Contar**: experiências e práticas de professores de Matemática. São Paulo: Livraria da Física, 2012. p. 331-347.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. Cartografias Contemporâneas: mapa e mapeamento como metáforas para a pesquisa sobre a formação de professores de Matemática. In: ZYLBERSZTAJN, Arden; FLORES, Cláudia Regina. **Alexandria**. v. 6. Florianópolis: UFSC, abr. p. 35-60. 2013. Disponível em: <<http://alexandria.ppgect.ufsc.br/files/2013/04/Antonio.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti.; FERNANDES, Déa Nunes. Concepções de Professores: explicação e análise de seu sentido doutrinário. **Quadrante**, Lisboa, v. 11, n. 2, p.75-98, dez. 2002.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti.; GOMES, Maria Laura Magalhães. Lacroix, sua Obra e a Instrução Pública na França Revolucionária. (Posfácio) In: LACROIX, Sylvestre-François.



**Ensaio sobre o Ensino em Geral e o de Matemática em Particular.** São Paulo: Unesp, 2013. p. 291-326.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti.; GOMES, Maria Laura Magalhães; ANDRADE, Mirian Maria. A Instrução Pública na França Revolucionária: considerações a partir do *Essais sur L'Enseignement en general et sur celui des Mathématiques em Particulier, de Sylvestre-François Lacroix - The public instruction in revolutionary France: some remarks accord.* **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 17, n. 39, p.129-151, abr. 2013. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/26073/23395>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

GOMES, Maria Laura Magalhães. **Quatro Visões Iluministas sobre a Educação Matemática:** Diderot, D'Alembert, Condillac e Condorcet. Campinas: UNICAMP, 2008. 344 p.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p.20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

LINS, Rômulo Campos. Porque Discutir Teoria do Conhecimento é Relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Pesquisa em Educação Matemática: concepções & perspectivas.** São Paulo: Unesp, 1999. p. 75-94.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e Estilos de Pesquisa na História Oral Contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). **Usos e abusos da História Oral.** 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 15-25.

MARTINS, Maria Ednéia. **Resgate Histórico da Formação e Atuação de Professores da Escola Rural: um estudo no oeste paulista.** Relatório Final pesquisa Iniciação Científica financiada pela FAPESP - Fundação de amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Bauru: UNESP, 2003. 261 p.

MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia. Uma Cartografia da Formação de Professores que ensinam Matemática: o interior do Estado de São Paulo na década de 1960. In: FERREIRA, Ana Cristina; BRITO, Arlete de Jesus; MIORIM, Maria Ângela (Org.). **Histórias de Formação de Professores que Ensinaram Matemática no Brasil.** Campinas: Ílion, 2012a. p. 137-154.

MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia. **A Interiorização dos Cursos de Matemática no Estado de São Paulo:** um exame da década de 1960. 2012. 374 f. Tese (Doutorado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012b.

MIGUEL, Antônio. Formas de Ver e Conceber o Campo de Interações entre Filosofia e Educação Matemática. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Filosofia da Educação Matemática: concepções & movimento.** Brasília: Plano, 2003. p. 25-44.

NACARATO, Adair Mendes; MENGALI, Brenda Leme da Silva; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglioni. **A Matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 158 p.

PAIVA, José Maria de. Educação Jesuítica no Brasil Colonial. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 Anos de Educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 43-59.

PAIVA, Maria Auxiliadora Vilela. O Professor de Matemática e sua Formação: a busca da identidade profissional. In: NACARATO, Adair Mendes; PAIVA, Maria Auxiliadora Vilela. **A Formação do Professor que Ensina Matemática: perspectivas e pesquisas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 89-111.

PASSOS, Carmen Lúcia Brancaglioni; ROMANATTO, Mauro Carlos. **A Matemática na formação de Professores dos Anos Iniciais: aspectos teóricos e metodológicos**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. 107 p.

PEREIRA, Cristiane Cardoso Maia. **A Formação Matemática de Professores Polivalentes em Início de Carreira nos anos Iniciais do Ensino Fundamental**. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação, Universidade de São Francisco, Itatiba, 2012. Disponível em: <[www.usf.edu.br/galeria/getImage/385/425341360750764.pdf](http://www.usf.edu.br/galeria/getImage/385/425341360750764.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2014.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930-1973)**. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 267 p.

SAVIANI, Demerval. O Legado Educacional do "Longo século XX" Brasileiro. In: SAVIANI, Demerval. **O Legado Educacional do Século XX**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 9-57.

SAVIANI, Demerval. Formação de Professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p.143-155, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2013.

SCHEIB, Leda; DAROS, Maria Dolores. **Formação de Professores em Santa Catarina**. Florianópolis: NUP/CED, 2002. 205 p.

SILVA, Vera Lúcia Gaspar da. Vitrines da República: os grupos escolares em Santa Catarina (1889-1930). In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil, (1893-1971)**. Campinas: Mercado das Letras, 2008. p. 341-376.

SOUZA, Luzia Aparecida. **Trilhas na Construção de Versões Históricas sobre um Grupo Escolar**. 2011. 422 f. Tese (Doutorado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. **Uma Vez Normalista, Sempre Normalista**. Florianópolis: Insular, 2008. 216 p.

- TOMAZ, Vanessa Sena; DAVID, Maria Manuela M. S. **Interdisciplinaridade e Aprendizagem da Matemática em Sala de Aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 144 p.
- VALDEMARIN, Vera Teresa. O Método Intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: SAVIANI, Demerval; et al. **O Legado Educacional do Século XIX**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 85-132.
- VALENTE, Wagner Rodrigues. **Os Exames de Admissão ao Ginásio 1931-1969**. **Arquivos da Escola Estadual de São Paulo**. São Paulo: PUC-SP, FAPESP. (s/d)
- VIANNA, Carlos Roberto. **Vidas e Circunstâncias na Educação Matemática**. 2000. 572f. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e Processo Educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 Anos de Educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 497-517.
- VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes. **As Lentes da História**: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2005. 138 p.
- VILLELA, Heloisa de. O. S. O Mestre-Escola e a Professora. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 Anos de Educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 95-134.
- VINCENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosario Genta. **História da Profissão Docente no Brasil**: representação em disputa. São Paulo: Cortez, 2009. 234 p.
- ZERMIANI, Vilmar José (Org.). In: SEMINÁRIO DE AVALIAÇÃO DAS FEIRAS CATARINENSES DE MATEMÁTICA, 2, 2002, Blumenau. **Anais...** Blumenau: Edifurb, 2002. 156p.
- ZERMIANI, Vilmar José. **Feiras de Matemática de Santa Catarina**: relevância para a educação. Blumenau: Edifurb, 2003. 141 p.
- ZERMIANI, Vilmar José (Org.). In: SEMINÁRIO SOBRE FEIRAS DE MATEMÁTICA, 4, 2009, Blumenau. **Anais...** Blumenau: Nova Letra, 2009. 253p.
- ZERMIANI, Vilmar José (Org.). In: REGIMENTO DA XXIX FEIRA CATARINENSE DE MATEMÁTICA, 2013. 18p. Disponível em:  
<[http://www.furb.br/\\_upl/files/especiais/lmf/feira\\_catarinense/regimento.pdf?20140514180750](http://www.furb.br/_upl/files/especiais/lmf/feira_catarinense/regimento.pdf?20140514180750)> Acesso em 02 mai 2014.

## 8. APÊNDICES

### 8.1. APÊNDICE 1: Roteiro das Entrevistas

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

*Campus* de Bauru/SP

Doutorado em Educação para Ciência

Doutoranda: Viviane Clotilde da Silva

Pesquisa para Tese de Doutorado: **Concepções e Práticas sobre Ensino e Aprendizagem de Matemática dos Professores dos Anos Iniciais do Estado de Santa Catarina.**<sup>98</sup>

#### ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- 1) Qual seu nome idade e quando iniciou no Magistério?
- 2) Fale sobre sua família, o cotidiano da sua infância, a educação familiar e a cidade onde cresceu.
- 3) Como era a escola e a sua rotina na Educação Básica? Fale sobre professores de Matemática que foram marcantes para você.
- 4) Qual a sua formação acadêmica? Qual a sua relação com a Matemática enquanto aluna da Educação Básica? E Superior? Teve dificuldades?

---

<sup>98</sup> O título da tese foi alterado após o exame de Qualificação para Narrativas de Professora que Ensinam Matemática na Região de Blumenau (SC): sobre as Feiras Catarinenses de Matemática e as Práticas e Concepções sobre Ensino e Aprendizagem de Matemática.

- 5) Sempre quis ser professor(a) ou tinha outra intenção profissional? Se tinha outra intenção, o que te fez te tornar professor(a)?
- 6) Como foi seu ingresso no Magistério?
- 7) Fale sobre sua prática de sala de aula, em relação à Matemática quando começou a lecionar e hoje. Ou: “Fale sobre a sua prática, em relação à matemática, quando começou a lecionar e quando se aposentou”.
- 8) Você, no seu dia a dia em sala de aula, utiliza (ou utilizava) materiais de apoio didático? Quais? De que forma os utiliza (ou utilizava): para preparar aulas, tirar dúvidas, introdução a um conteúdo, desenvolver um conceito...?
- 9) Como você foi descobrindo este material ao longo de sua carreira?
- 10) Descreva uma aula de matemática que você lecionou e que considerou uma boa aula.
- 11) Quando você participou pela primeira vez de uma Feira de Matemática? De quantas edições participou?
- 12) O que o(a) levou a participar das Feiras de Matemática?
- 13) Relação entre o seu ensino de Matemática e as Feiras de Matemática.
- 14) Qual avaliação geral das Feiras de Matemática?

## 8.2. APÊNDICE 2: Carta de Apresentação.

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

*Campus* de Bauru/SP

Doutorado em Educação para Ciência

Doutoranda: Viviane Clotilde da Silva

Telefones: (47) 3234-2524 e 9958-2332

e-mail: [vivianeclotildesilva@gmail.com](mailto:vivianeclotildesilva@gmail.com)

[vcs@furb.br](mailto:vcs@furb.br)

Pesquisa para Tese de Doutorado: **Concepções e Práticas sobre Ensino e Aprendizagem de Matemática dos Professores dos Anos Iniciais do Estado de Santa Catarina.**

### APRESENTAÇÃO DA ENTREVISTA

Esta entrevista é parte da tese de doutorado que pretende investigar Aspectos das Concepções sobre Ensino e Aprendizagem de Matemática e das Práticas dos Professores dos Anos Iniciais que participam/participaram das Feiras Catarinenses de Matemática.

Os protagonistas serão professores de matemática que participaram de pelo menos uma das Feiras Catarinenses de Matemática, em seus 25 anos de existência. Os encontros serão realizados, de preferência, no lugar e no tempo sugerido pelo entrevistado a fim de deixá-lo à vontade no momento da entrevista.

Tendo como base a metodologia da História Oral, pretendemos que o depoente nos dê o testemunho da sua experiência de vida acadêmica e docente.

O que for gerado a partir das entrevistas (fotografias e gravações de áudio e/ou vídeo), será tratado adequadamente, com ética, e ficará registrado no trabalho de doutoramento acima citado, **caso seja autorizado pelo depoente.**

A transcrição dos relatos será feita na íntegra, de acordo com a metodologia da História Oral, sem recortes na fala. Na sequência será feita uma textualização, que é um texto onde o pesquisador toma liberdade de reestruturar a transcrição, excluir as falas que, para ele, não precisam, necessariamente, ser mencionadas; elaborar, ao seu modo, algumas frases, mudando a ordem das falas, segundo o que pensa ser coerente com o que disse o entrevistado. **Todo esse processo será feito em negociação com os depoentes.**

O entrevistado-colaborador, com total direito às suas memórias, estará livre para interferir, no sentido de vetar a audição de passagens, bem como da transcrição, textualização e/ou publicação de trechos que julgar inconvenientes. Poderá vetar, alterar, complementar, suprimir ou refazer as frases que julgar passíveis de veto, alteração e/ou complementação.

Qualquer publicação do depoimento só será feita depois de autorizado seu uso com a assinatura de um termo de cessão de direitos. Nesse termo, deverão constar possibilidades e restrições à consulta, definidas pelo depoente, quando for o caso.

### 8.3. APÊNDICE 3: Cartas de Cessão das Professoras Colaboradoras.

#### CARTA DE CESSÃO

Eu, *Maria Adélia Bento Schmitt*, RG: 132373-3, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 07/10/2010 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.



Maria Adélia Bento Schmitt

Blumenau, 04 de julho de 2012.



**CARTA DE CESSÃO**

Eu, *Mirian Vivan de Oliveira*, RG: 6.816.115, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 14/12/2011 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

  
Mirian Vivan de Oliveira

Joinville, 05 de julho de 2012.

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, *Rose Mary do Nascimento Agostini*, RG: 336 283 \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 15/12/2011 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.




Rose Mary do Nascimento Agostini

Timbó, 06 de julho de 2012.

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, *Loriane FÜRrbringer Dalcastagne*, RG: 171R 3.285.397, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 19/12/2011 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

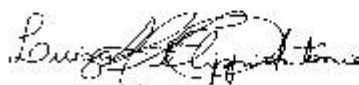
  
\_\_\_\_\_  
Loriane FÜRrbringer Dalcastagne

Brusque, 28 de novembro de 2012.

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, *Luiza Maria Felippi Antônio*, RG: 1.726.972-5, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 13/03/2012 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.



---

Luiza Maria Felippi Antônio

Timbó, 06 de julho de 2012.

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, *Sandra Maria Buchmann*, RG: 2.281.412, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 19/03/2012 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

*Sandra M<sup>a</sup> Buchmann*  
Sandra Maria Buchmann

Gaspar, 05 de julho de 2012

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, *Elnor Jennrich Teske*, RG: 3R/2.170.721, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 19/03/2012 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

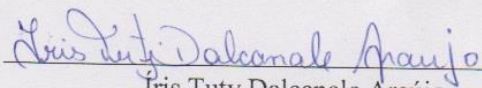
*Elnor Jennrich Teske*  
Elnor Jennrich Teske

Indaial, 06 de julho de 2012.

### CARTA DE CESSÃO

Eu, *Iris Tuty Dalcanale Araújo*, RG: \_1.032 649 , declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 26/03/2012 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

  
Iris Tuty Dalcanale Araújo

Rio do Sul, 02 de outubro de 2012.

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, *Alciris de Oliveira Zabel*, RG: 1.222.4219 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 26/03/2012 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

  
Alciris de Oliveira Zabel

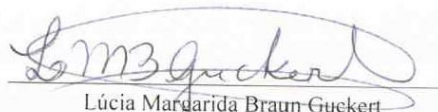
Rio do Sul, 16 de julho de 2012.



### CARTA DE CESSÃO

Eu, *Lúcia Margarida Braun Guckert*, RG: nº 20/R. 3.533.794-0, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 27/03/2012 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.



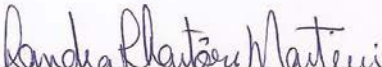
Lúcia Margarida Braun Guckert

Leoberto Leal, 11 de julho de 2012.

### CARTA DE CESSÃO

Eu, *Sandra Terezinha Sartori Martini*, RG: 1.251.661-9, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 03/04/2012 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

  
Sandra Terezinha Sartori Martini

São João Batista, 12 de julho de 2012.

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, *Gisela Bononomi*, RG: 694368, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 09/04/2012 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

  
Gisela Bononomi

Brusque, 16 de julho de 2012.

---

### CARTA DE CESSÃO

Eu, **Guilhermina Campos Mattevi**, RG 1512693, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 08/05/2012 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

  
Guilhermina Campos Mattevi

Joaçaba, 01 de outubro de 2012.

---

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, **Salete de Oliveira**, RG nº 1.513.671, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 08/05/2012 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.



Salete de Oliveira

Joaçaba, 01 de outubro de 2012.

---

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, *Catleen Mary Gums Fink*, RG: 1847.113, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 14/05/2012 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

*Catleen Mary Gums Fink*  
Catleen Mary Gums Fink

Indaial, 6 de julho de 2012.

#### 8.4. APÊNDICE 4: Entrevista do Professor Vilmar José Zermiani.

##### Vilmar José Zermiani

Entrevista realizada em 05 de março de 2013, no Laboratório de Matemática da Universidade Regional de Blumenau onde trabalha o depoente, na cidade de Blumenau<sup>99</sup>, (SC). Duração da gravação: aproximadamente, 24min.

O professor Vilmar José Zermiani leciona na Universidade Regional de Blumenau, foi um dos criadores das Feiras de Matemática de Santa Catarina e, atualmente, é o coordenador da Rede de Feiras de Matemática Catarinense. Após o Exame de Qualificação, optamos por inserir, neste trabalho, uma Historiografia das Feiras de Matemática, baseada nos documentos escritos disponíveis (relatórios, atas de reuniões, anais dos eventos e livros) e nos depoimentos das professoras colaboradoras. Durante a pesquisa, porém, verificamos que, apesar das várias fontes disponíveis, alguns fatos ainda estavam vagos e algumas lacunas precisavam ser preenchidas. Optamos, então, por entrevistar o professor Vilmar Zermiani, uma vez que ele é a única pessoa que participou diretamente de todas as edições do evento. A entrevista foi marcada para o dia cinco de março de 2013, às 16h, no Laboratório de Matemática da FURB, seu local de trabalho.

**Viviane:** Olá, Vilmar. Gostaria de informações sobre alguns assuntos que eu fiquei em dúvida quando li os relatórios.

Primeiro. Houve uma época em que havia Feiras Regionais em apenas algumas localidades. Como era feita a seleção dos trabalhos que deveriam participar da Feira Catarinense nesse período?

---

<sup>99</sup> Blumenau, cidade situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a 129 km de Florianópolis, capital do estado.

**Vilmar:** A nossa região é a única que sempre teve Regional. Nas demais, nós estabelecíamos vagas e, com base nos relatórios, nós decidíamos com as GEREDs<sup>100</sup>.

**Viviane:** Vocês estabeleciam vagas para cada Regional, e eles mandavam um projeto ou mandavam já o relatório?

**Vilmar:** Não. Mandavam a ficha de inscrição com o resumo. Alguns casos mandavam o projeto. Quando era projeto, a gente dava prioridade. Nós fazíamos a pré-seleção.

**Viviane:** Quando começaram a ser aceitos somente trabalhos vindos de Regionais?

**Vilmar:** Destaque de Regional, né? Começou a partir do 2º Seminário (2001). Houve uma votação, e foi decidido que os trabalhos que iriam para Catarinense seriam apenas os Destaques de Regionais.

**Viviane:** Eu vi, em alguns relatórios ou atas de reuniões do CCO<sup>101</sup>, algo sobre taxa de inscrição. Houve alguma Feira em que foi cobrada taxa de inscrição?

**Vilmar:** Teve. Teve a de Pomerode (2004)... Pomerode é que pediu para que fosse instituída uma taxa de inscrição. Depois, em Videira (2005), também foi cobrada taxa e, depois, parou. Depois, teve outra, a de Curitiba (2006).

**Viviane:** E quem pagava as taxas. As APPs<sup>102</sup>?

---

<sup>100</sup> GERED: Gerência Regional de Educação.

<sup>101</sup> CCO: Comissão Central Organizadora.



**Vilmar:** As APPs de escolas ou os próprios professores.

**Viviane:** E esse dinheiro era para a organização?

**Vilmar:** A gente tinha mais para os Anais ou como uma reserva técnica. Se tivesse algum problema para resolver, havia esse dinheiro. Começou com a Vigésima Feira Estadual em Pomerode (2004), mas ficou pouco tempo. Aí, depois, teve a Vigésima Primeira em Videira (2005), a Vigésima Segunda em Curitiba (2006), a Vigésima Terceira foi aqui (em Blumenau) (2007). Não sei se foi aqui ou na Vigésima Quarta que parou.

**Viviane:** E a partir do segundo seminário não foram aceitos trabalhos que não vinham de Regional? Por exemplo, Indaial não participa de Regional...

**Vilmar:** Não. Aí não aceitava. A partir de 2000.

**Viviane:** Quando eu olhei, no 1º Seminário, antes havia uma modalidade chamada Informática. Depois, eles mudaram o nome para Informática voltada à Matemática. Qual a diferença das duas?

**Vilmar:** É porque havia trabalhos que vinham na área de Informática, mas nem todos apresentavam o conteúdo matemático envolvido. Os caras só vinham com o *software* e só apresentavam os aplicativos, sem envolver a Matemática. Aí, nós colocamos Informática voltada à Matemática.

---

<sup>102</sup> APP: Associação de Pais e Professores.

**Viviane:** No 2º Seminário, deliberaram sobre a participação de alunos na avaliação de trabalhos. Em quais Feiras isso aconteceu?

**Vilmar:** Foram poucas. Aconteceu na nossa Regional, uma ou outra Catarinense, mas já foi abolido. Foi uma decisão que não vingou.

**Viviane:** Em que nível estudavam esses alunos?

**Vilmar:** Aluno Destaque do Ensino Médio para cima avaliava Séries Finais.

**Viviane:** Algo que eu li também é que, para avaliar para Séries Iniciais, um dos três avaliadores tinha que ser da área de Pedagogia. Continua sendo assim?

**Vilmar:** Não. Agora, todos os avaliadores têm que ser da área de Pedagogia.

**Viviane:** Todos na área de Pedagogia?

**Vilmar:** Nas Séries Iniciais e Educação Infantil, eles não querem o pessoal formado em Matemática. Eles não aceitam; tem que ser pedagogo. Eles acham que os professores de Matemática são muito conteudistas.

**Viviane:** A partir de quando isso foi instituído?

**Vilmar:** Sempre foi assim...

**Vilmar:** O ideal, na avaliação, é você ter um aluno da licenciatura acompanhando um professor experiente que o auxilie, explicando o significado de cada um dos critérios e como se dá o processo avaliativo de um trabalho na lógica das Feiras de Matemática.

**Viviane:** A partir de que ano começaram a ser publicados os Anais das Feiras?

**Vilmar:** 1999. Na Décima Quinta Feira Catarinense.

**Viviane:** E, a partir dali, todas as edições tiveram Anais?

**Vilmar:** Não.

**Viviane:** Quais que não tiveram?

**Vilmar:** A Décima Sexta não foi, a Décima Sétima não foi, e das demais Feiras Estaduais foram publicados os Anais.

**Viviane:** A questão de não haver publicação dos Anais era a falta de verba?

**Vilmar:** A de Tubarão, nós fizemos em um CD. CD não, em um disquete. Mas a bolsista deletou tudo e perdeu. Simplesmente sumiu, inclusive os arquivos que estavam no computador. E a de Itajaí, não fizeram.

**Viviane:** E quais foram feitos em CD?

**Vilmar:** A de Rio do Sul (2009), a de Campos Novos (2010)... essas estão em CD.

**Viviane:** Quem financia esses Anais?

**Vilmar:** Olha, são várias instituições. A ACAFE<sup>103</sup>, a Secretaria Estadual de Educação financiou um ano, o governo do estado, CNPq<sup>104</sup>, FAPESC<sup>105</sup>. São diferentes instituições. E outra coisa que é importante: já estão salvos em PDF, para serem publicados pelo Portal da Biblioteca (denominado SOAC<sup>106</sup>) os Anais da Primeira Feira Nacional e as Catarinenses a partir de Campos Novos.

**Viviane:** Aí todos terão acesso via *internet*?

**Vilmar:** Sim.

**Viviane:** Eu estava olhando os objetivos... Os objetivos da Primeira Feira, de 1985, eram: expor material instrucional para o ensino da Matemática; motivar o desenvolvimento de habilidades para confecção e manipulação de materiais instrucionais; tornar clara a

---

<sup>103</sup> ACAFE: Associação Catarinense das Fundações Educacionais.

<sup>104</sup> CNPq: Conselho Nacional de Pesquisa.

<sup>105</sup> FAPESC: Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina.

<sup>106</sup> SOAC: Sistema on line de Acompanhamento de Conferências

importância do uso e as limitações do material instrucional; despertar para o ensino integrado da Matemática com outras áreas do saber; promover a divulgação e popularização dos conhecimentos matemáticos; facilitar o intercâmbio de experiências e conhecimento. Uma boa parte desses objetivos está voltada para o material instrucional. Isso era questão da época?

**Vilmar:** Era da época, era. Porque foi em 85. Foi na década de 80 que surgiu o Movimento para o uso do material didático, que era o material concreto, né? Para o ensino de vários conteúdos. Havia bastante na área de geometria. Eram vários autores, o Imenes... Eu e o Floriani<sup>107</sup> nos dedicamos para a álgebra. No desenvolvimento de conceitos algébricos. E tava na moda, na época.

**Viviane:** E, depois, as Feiras começaram a ter um objetivo específico, digo, um grupo de objetivos? Pergunto isso porque existem alguns Anais com algumas mudanças na relação de objetivos. Um ou dois objetivos diferentes. Isso fica a critério de quem?

**Vilmar:** Isso é discutido pela Comissão Permanente e nos Seminários.

**Viviane:** E a Feira Baiana? Como ela surgiu?

**Vilmar:** Ela surgiu porque a Alayde<sup>108</sup> veio trabalhar na Escola Agrotécnica Federal de Rio do Sul<sup>109</sup>. Aí a Fátima<sup>110</sup> a convidou para participar da Comissão Permanente das Feiras de Matemática. Ela começou a se envolver na organização de Feiras Regionais. Quando ela voltou para a Bahia, levou toda a experiência.

---

<sup>107</sup> Professor José Valdir Floriani. Hoje aposentado, foi professor do Departamento de Matemática da Universidade Regional de Blumenau e um dos precursores do Movimento de Educação Matemática em Santa Catarina.

<sup>108</sup> Professora Alaíde Ferreira dos Santos.

<sup>109</sup> Hoje Instituto Federal de Educação.

<sup>110</sup> Professora Fátima Peres Zago de Oliveira.

**Viviane:** Tu estás há 28 anos na organização das Feiras. Tens alguns fatos curiosos que aconteceram nas Feiras para contar?

**Vilmar:** Meu Deus!! Em que sentido?

**Viviane:** Coisas boas, ruins, engraçadas...

**Vilmar:** Ruim como o fato de chegarmos perto do dia e verificarmos que a Feira tinha tudo para não acontecer naquele ano?

**Viviane:** Por falta de verba?

**Vilmar:** Por causa da verba... Uma, por exemplo, foi a organizada pela Ingrid. Foi a primeira em Joinville. Ela só recebeu o dinheiro no dia da abertura. O Paulo Bauer levou para ela. Era a época do Pedro Ivo Campos como governador. Ela tinha pago toda a alimentação com dinheiro dela. Ela estava muito preocupada, rezando para que o homem aparecesse com o cheque.

**Viviane:** E qual foi a Feira em que vocês tiveram que arrumar tudo?

**Vilmar:** Foi a Feira Catarinense de 2000.

**Viviane:** Chegaram lá, e não tinha nada pronto?

**Vilmar:** Não. Nenhum estande. Não haviam biombos, mesas, nem cadeiras... O pessoal da CCO trabalhou de madrugada. Eles tiveram que transportar todo o material de escola, de madrugada, e os professores que faziam parte da CCO tiveram que montar todas as fichas de avaliação, porque a mulher responsável pela organização simplesmente não fez. Teve professor que ficou até 3 ou 4 horas da madrugada trabalhando. Eu fui para a abertura na UNISUL<sup>111</sup>, que estava marcada para aquela noite, mas ela não aconteceu porque caiu um toró de água. Ela foi transferida para o outro dia de manhã.

**Viviane:** E quem estava responsável por arrumar o local?

**Vilmar:** Não lembro o nome da professora.

**Viviane:** Mais algum fato?

**Vilmar:** Em relação à avaliação. Em 1986, em assembleia, os alunos pediram para não ter mais avaliação e, quando chegou em Joaçaba (1993), eles foram para assembleia e pediram para voltar a avaliação, mesmo discordando da forma como ela acontecia. Não, em 1996. A partir do 1º Seminário (1996) foi alterado todo o processo de avaliação de trabalhos.

**Viviane:** Vilmar, muito obrigada pela sua disponibilidade em responder às minhas perguntas.

---

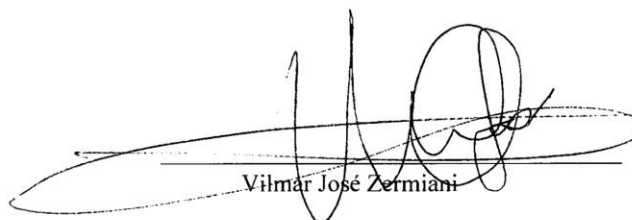
<sup>111</sup> UNISUL: Universidade do Sul de Santa Catarina.

## 8.5. APÊNDICE 5: Cartas de Cessão do Professor Vilmar José Zermiani.

### CARTA DE CESSÃO

Eu, *Vilmar José Zermiani*, RG: 981.249, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 05/03/2013 por Viviane Clotilde da Silva, RG. 2.027.578, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.



Vilmar José Zermiani

Blumenau, 26 de maio de 2014.



## 8.6. APÊNDICE 6: Quadro com os Números das Feiras Nacionais.

Abaixo apresentamos um quadro que mostra as Feiras Catarinenses de Matemática em relação ao número de trabalhos inscritos, de expositores e uma estimativa do número de visitantes.

### QUADRO COM OS NÚMEROS DAS FEIRAS CATARINENSES.

Ano	Feira Catarinense	Cidade	Nº de trabalhos de matemática	Nº de expositores	Nº de visitantes
1985	I	Blumenau	30	110	500
1986	II	Criciúma	100	300	1.300
1987	III	Joaçaba	106	370	1.600
1988	IV	Itajaí	270	100	3.000
1989	V	Indaial	120	378	2.000
1990	VI	Canoinhas	150	450	3.000
1991	VII	Joinville	150	450	2.000
1992	VIII	Caçador	130	390	2.800
1993	IX	São Bento do Sul	170	510	2.100
1994	X	Criciúma	142	400	2.600
1995	XI	Joaçaba	126	370	2.300
1996	XII	Concórdia	187	570	4.000
1997	XIII	Brusque	167	530	9.000
1998	XIV	Rio do Sul	173	600	8.000
1999	XV	Blumenau	206	800	12.000
2000	XVI	Itajaí	214	800	10.000
2001	XVII	Tubarão	200	800	5.000

2002	XVIII	Ituporanga	200	800	6.000
2003	XIX	Joinville	230	690	14.000
2004	XX	Pomerode	227	680	9.000
2005	XXI	Videira	234	702	5.000
2006	XXII	Curitibanos	237	702	4.500
2007	XXIII	Blumenau	232	696	10.000
2008	XXIV	São José	150	450	4.000
2009	XXV	Rio do Sul	156	468	6.000
2010	XXVI	Campos Novos	162	486	4.000
2011	XXVII	Piratuba	162	324	4.000
2012	XXVIII	Ibirama	160	320	4.000
2013	XXIX	Ituporanga	167	334	4.000

Fonte: Editado por Viviane C. da Silva com base no quadro apresentado no Relatório da XXIX Feira Catarinense de Matemática.